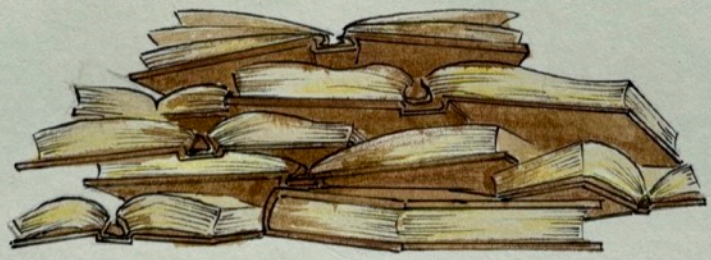
A Saga Magister-Auctor



Tempos de chumbo

Birth Pham

Babitha Chakma

Sayeri Quispe

Zairabu Chebai

Versão 2.04

Título: *A Saga do Magister Auctor. 07. Tempos de Chumbo*

Coautores: Binh Pham, Babitha Chakma, Sayen Quispe e Zainabu Cheboi

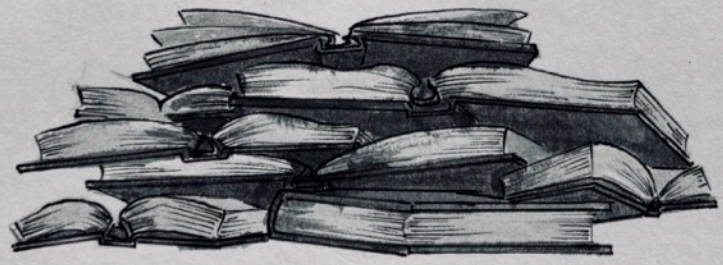
Título Original: *De Magister-Auctor Sage. 07 Loden tijden*

E-book em páginas com *fonte Charter 14*

Versão de 122.25 de Maria Liber

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

A Saga Magister-Auctor



Tempos de chumba

Birth Pham

Babitha Chakma

Sayeri Quispe

Zainabu Chebol

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

Prefácio

A saga entrou no centésimo décimo nono hectano (século XX na era cristã) e chegamos assim à geração dos bisavós e dos avós de Joana e Catarina Demeester. Quem tenha lido a saga cronologicamente, de *Uma ideia perigosa* até *A Escola dos burgueses iluminados* poderá notar daqui adiante ligeiras diferenças na abordagem do contexto histórico. Há menos diálogos sobre os acontecimentos que não envolvem diretamente a família embora continuamos a traçar um quadro mais amplo. Contudo pode não ser discutido pelos próprios familiares sobretudo depois de *1914 DC* (ano 119.14). Enquanto cronistas fizemos esta escolha por parte devido às fontes de que dispomos. Baseamo-nos sobretudo na biblioteca de Paulo Demeester. As suas anotações dizem mais respeito à família e aos amigos, incluindo avós, pais, a sua própria geração e a geração das filhas. Os documentos foram recuperados da escavação em Megalissipo e poucos documentos escritos pela família ou acerca da família foram encontrados na região da Megabelgium. A cidade de Oostende onde viveram várias gerações ainda não é acessível. Sabemos naturalmente onde se localizava e como se parecia devido aos mapas e outros documentos descobertas, muitas vezes em outras bibliotecas em cidades do centro da antiga Bélgica. Temos descrições parciais de quem viveu e trabalhou lá, mas a cidade em si continua coberta por uma espessa camada de cinzas vulcânicas e gelo.

Podemos hoje também fazer outra afirmação. A comunicação à distância não escrita, característica para os três hectanos que

agora se seguem, oralizou novamente muitas informações contextuais. Estamos a falar do telefone, da informação via rádio e, a partir de meados do centésimo décimo nono hectano, da televisão. O modo de comunicar alterou o conteúdo das cartas pessoais, importante fonte de informação na primeira parte da saga. Graças a essas cartas pudemos até o período agora iniciado encontrar outras fontes de informação relevantes, constituídas por livros e relatórios guardados nas bibliotecas centrais de bibliopolis, culturopolis, perolapolis e arqueopolis. Muita informação oral entre o centésimo décimo nono hectano e a Reconstrução, mesmo se armazenada em dispositivos analógicos ou digitais foi irrevogavelmente destruída pelas sucessivas tempestades eletromagnéticas há cerca de cem anos.

As cartas das gerações mais recentes e de que dispomos costumam ter um caráter mais pessoal e falam menos de acontecimentos gerais. É, portanto, mais difícil vincular concretamente à família a informação disponível sobre esse período. Ou seja, é-nos mais difícil compreendermos quais eram os acontecimentos contemporâneos conhecidos da família na própria altura. Contudo, a biblioteca recuperada de Paulo Demeester dá uma ideia de seus interesses fora da esfera da educação. Em menor grau também é o caso com as suas filhas.

A história de Lucien Souris deriva dos documentos recuperados na biblioteca de Paulo. É uma espécie de desvio na saga familiar, porque foi mais fácil situá-lo na sua época do que o legado de Louis Demeester. Sabemos relativamente pouco dele depois da morte da sua mãe, Jeanne Teacher. Achamos importante

explicitar os períodos de guerra que ocuparam meio hectano para compreender a família Magister-Auctor. Assim utilizamos os documentos de e sobre Lucien Souris.

Naturalmente, é sempre possível ajustar o conteúdo deste livro caso apareçam novos dados do período imediatamente anterior ao das irmãs Demeester, sobre as quais muito se escreveu depois da incorporação da análise ignarométrica nas ciências sociais. Como referido no *Pequeno Guia*, Maria Liber garante as correções necessárias com base em fontes recém-analisadas.

Aproveite a leitura das novas aventuras das gerações Teacher - Demeester da dinastia Magister-Auctor.

Bibliopolis, Ektowomehns 122.25
Binh Pham, Babitha Chakma,
Sayen Quispe, Zainabu Cheboi

Para bellum si vis bellum

Esperanto sem esperança

Johanna fecha a porta do Celeiro depois de folhear com Frederick os cadernos deixados para trás. Ambos deram uma olhada nostálgica nas poucas placas de parede. Frederick lembra-se dos momentos no Celeiro com Annie. Johanna segue-o lentamente até o edifício principal da quinta onde Annie prepara o almoço. Em breve Annie vai apanhar o comboio e voltar para Liège enquanto Frederick, já aposentado, ira ficar com a mãe. Johanna tem desde algum tempo perdas de memória e Annie e Frederick concordaram com as suas irmãs Lut e Monique de se revezar para haver sempre alguém com Johanna na quinta.

Frederick gosta de passar mais tempo em Moresnet Neutro. Não por a saúde da mãe ser o motivo claro, mas ele não esconde o facto de ser bom ver regularmente os amigos locais do seu pai ainda vivos e alguns de seus próprios amigos que ficaram por aqui. Encontra-se com eles na quinta ou na taberna naqueles dias quando a mãe vai cedo para a cama. Ocasionalmente conversa com Wilhelm Molly e outros três ou quatro entusiastas do Esperanto. Ele já fala muito bem o idioma e assina *Lingvo Internacia.* Às vezes falam da aparente estagnação em relação ao estatuto jurídico do pequeno condomínio neutro. Isto é tanto mais importante para Frederico porque ele não se sente bem na Bélgica governada por católicos conservadores. Além disso caminha-se para um mal-estar internacional. Existem cada vez mais indicações de como aquele *Estado Livre do Congo* foi uma

dolorosa farsa, uma estratégia de Rei Leopold II para enriquecer pessoalmente. E não é muito claro até que ponto está envolvido a elite belga e o próprio governo em todo o enredo.

"O teu rei é cada vez mais mal visto," observa Julien, um dos filhos da Carine amiga e ex-cooperante de Johanna.

Frederico ri. "Em primeiro lugar, meu querido amigo, tal como tu, nasci em Kelmis e por isso, tal como para ti, ele não é meu rei. Mesmo tendo eu vivido a maior parte da minha vida em Liège. Em segundo lugar, concordo contigo. A maré está a mudar e ele está a receber muitas críticas nos espaços internacionais. Não sou monárquico, mas não posso deixar de notar a hipocrisia dos ataques às suas políticas. São feitas por quem não difere muito dele sejam eles monarcas ou republicanos coloniais."

"Isso mesmo", diz um freguês ocasional num francês com forte sotaque inglês. "Na Grã-Bretanha, foi aprovada uma resolução na *Câmara dos Comuns* no ano passado condenando o *Estado Livre*. E há muitos razões para o fazer. Surgem novos relatórios segundo os quais a população congolesa está a diminuir drasticamente. Os primeiros relatórios foram um bom pretexto para enviar a investigação do cônsul Casement."

"Ah!" diz Frederick: "Aquele famoso relatório sobre o qual os amigos de Annie estavam a falar na semana passada veio daí. Esse relatório Casement terá sido enviado às 'autoridades' do *Estado Livre* em fevereiro. De acordo com Annie é um assunto difícil, porque 'as autoridades' são na prática o próprio Leopold."

"Sim", diz o freguês, "Iso sabe-se há muito tempo. Trabalho para a *Escola de Medicina Tropical de Liverpool*. Recebemos um

pedido para ajudar a travar as doenças tropicais. Segundo 'as autoridades' o declínio da população deve-se à doença do sono e à varíola. Ora, a infecção pela varíola não é bem uma doença tropical. Além disso, continuam os rumores apontando o trabalho forçados e os abusos exercidos sobre a população como principais responsáveis pelo seu declínio. Por um lado, muitas pessoas morrem por exaustão e, por outro, as mulheres organizam-se para não dar à luz. Isso aconteceu também com frequência em outras regiões colonizadas."

"Mas qual é a solução?" pergunta Frederico.

"Olhem, faço parte da *Associação para a Reforma do Congo*. Para já o melhor seria o governo belga reconhecer a colónia como sua. Tornará mais fácil a monitorização dos acontecimentos. Propomos esta medida porque não vemos de imediato alternativa. Forçar Leopold II a desistir do *Estado Livre* irá quase de certeza reacender as guerras coloniais para conquistar aquela área envolvendo certamente a França e a Grã-Bretanha mas talvez também o Império Alemão sob a liderança dos vossos vizinhos prussianos."

"Aparentemente o amigo está bem informado", observa Julien.

"Ouço rumores aqui e ali, sim."

Frederick e Julien piscam olhos um para o outro. Pode não ser coincidência o britânico ser muito evasivo quando questionado sobre seu nome. Ele parece estar hospedado já alguns dias no Hotel Bergerhoff. Pode muito estar registado com um nome falso. Não é a primeira vez. Figuras com discretas atribuições diplomáticas ou simplesmente com atividades não oficiais utilizam Moresnet como base para trocar informações com os

seus contactos na Bélgica, na França e no Império Germânico.

Pouco depois desta conversa com o britânico, Annie informa Frederick de outro comité de investigação pressionando o governo belga para investigar as atrocidades. Cada vez mais as pessoas falam de um regime de terror e surgem cada vez mais histórias acerca de mãos cortadas aos rebeldes.

Estamos duas semanas mais tarde. Annie juntou-se a Frederick para o fim de semana e agora voltam os dois para Liège, deixando Johanna aos cuidados da irmã de Frederick a Monique. Ele volta de aqui um mês e meio. No comboio, Annie fala da visita de um jovem pacifista de Albi para discursar acerca da evolução da organização da *Verrerie de Carmaux* numa reunião sindical mas sobretudo par falar de Jean Jaurès. Ele contou ter ficado muito impressionado com as palavras do líder socialista na cerimónia de formatura de alunos finalistas do Liceu local. Deixou marca a apaixonado chamada de atenção para pensar acerca do significado da palavra coragem. Na sua intervenção Jaurès terá dito entre outras coisas: "*Acima de tudo, que ninguém nos acuse de coragem deprimente ou irritante. A humanidade é amaldiçoada se, para mostrar coragem, for condenada à morte eterna. A coragem hoje não consiste em manter a nuvem negra da guerra sobre o mundo, uma nuvem terrível mas adormecida da qual nem sempre podemos esperar que irrompa sobre os outros. Coragem não significa deixar à violência a resolução dos conflitos que a razão pode resolver; pois a coragem é a glória da humanidade e isso é o distanciamento da humanidade. Para todos vocês, a cada hora do dia, coragem*

significa enfrentar as provações físicas e morais às quais todos que se aproveitam da nossa vida e perseveram sem hesitação em nos submeter. Coragem é ser empreendedor e filósofo ao mesmo tempo, independentemente da nossa profissão. Coragem é compreender, esclarecer, aprofundar, estabelecer e sintonizar a própria vida com a vida em geral. Coragem é procurar a verdade e contá-la; não é submeter-se à lei da mentira passageira e triunfante. A coragem não está nas nossas almas, nossas bocas e nossas mãos quando deixamos ouvir aplausos imbecis e deixamos ressoar vaias fanáticas."

"Jaurès teme que vem aí outra guerra, parece-me."

"Ele não é o único. Jeanne contou-me a atenção dada por ela e pelos seus amigos da *escola activa* de diferentes países europeus à forma como por exemplo as aulas de geografia e história estão localmente postas ao serviço da formação de mitos. As pessoas clamam por heróis a defender a pátria, como é o caso na Bélgica. Lembras-te das obras de Hendrik Conscience? Na França, o discurso bélico é abertamente usada na escola quando se aborda a Prússia e o Império Alemão. E seria bom se os nossos amigos alemães pudessem ampliar as suas ideias sobre a co-educação. Não só é importante reunir rapazes e raparigas, mas seria muito bom de reunir crianças de diferentes regiões."

"Hmm", responde Frederick. "Lembro-me do relato de Jeanne quando voltou de Abbotsholme. Ai não era difícil reunir jovens de lugares diferentes. Mas eram jovens de pais ricos, de líderes locais, de notáveis do Império Britânico. Não me parece o suficiente. E se bem entendi, esses amigos alemães são em parte inspirados pelas iniciativas das escolas ativas britânicas. Em

última análise, os contactos internacionais limitam-se às iniciativas com crianças das classes mais altas."
Annie e Frederick ainda estão a falar do ensino e da influência da escola no despertar de sentimentos nacionais se não nacionalistas, quando chegam à casa de Jeanne e Lodewijk. O pequeno Louis interrompe a conversa quando rasteja sorrindo na sua direção e estende os bracinhos para ser apanhado, o que Annie imediatamente faz.
Um pouco mais tarde, quando Louis adormeceu e os quatro se sentam, Lodewijk diz: "Ouvi-vos falar há pouco dos sentimentos nacionais despertados na escola. Lembrou-me o texto de Frans Van Cauwelaert em *Ons Leven*. Ele acusa os bispos exigindo a punição dos estudantes que durante as férias participam nos protestos organizados pelo Movimento Flamengo. Ele pergunta-se por exemplo até que ponto se estende a autoridade dos responsáveis eclesiásticas pelo ensino secundário privado. Concordo com Van Cauwelaert. Punir estudantes por causa de um protesto fora da escola sem ser assunto da escola ou da igreja equivale a abuso de poder."
"Nem os protestos nem a reação irá alterar porventura algum sentimento nacional entre os jovens", diz Jeanne. "Mas será que fortalecem a coesão humana ou fragmentam a sociedade local em grupos e facções odiando-se ainda mais entre si?"

Durante os meses de junho e julho de 1905, Jeanne e o pequeno Louis passam algumas semanas com o Frederick na quinta de Johanna. Hoje em dia Johanna dorme quase o tempo todo. Durante os curtos períodos em que ela está um pouco mais lúcida, ela gosta de ter Louis por perto e às vezes começa a

contar-lhe uma história. Jeanne costuma entender rapidamente do que se trata e ajuda-a quando se torna confusa. O Louis gosta das histórias da bisavó Johanna. O rapazito de dois anos olha seriamente para ela quando se senta ao seu colo e muitas vezes segura-lhe o queixo enquanto ela fala.
Mas todos sabem como a saúde de Johanna com oitenta e oito anos se está a deteriorar rapidamente. No dia 19 de julho Frederick envia um telegrama para Annie com as palavras: '*Maman ne va pas bien. Rejoingnez-nous vite*'. No dia seguinte, Annie e Lodewijk chegam a Kelmis. A família faz vigília perto de Johanna durante toda a noite. De manhã ela acorda e com um olhar bastante claro diz: "Henri e eu tivemos uma vida maravilhosa, apesar de toda a Ignorância arrogante que afasta as pessoas umas das outras. Ajudar as pessoas a pensar, existe uma tarefa melhor?" Ela adormece novamente para abrir os olhos duas horas depois e dizer: "Meu querido menino, não te esqueces de trancar o Celeiro logo. Amanhã não há aulas," fechando novamente os olhos. A sua respiração para quase imperceptivelmente alguns momentos depois.

Após a morte de Joana, Frederick decide fazer algumas remodelações na quinta. Os anexos são transformados em casas separadas e colocadas à disposição de alguns jovens casais. A horta é cooperativamente mantida pela comunidade e os produtos são distribuídos entre todos. O pátio rapidamente se torna um novo ponto de encontro onde não só os moradores da quinta, mas também vizinhos e alguns amigos de Kelmis vêm frequentemente passar a noite a conversar. Brincando, Julien alerta Frederick para não arranjar problemas com os donos das

tabernas e dos cafés locais. Mas as coisas não chegam até esse ponto. Durante as reuniões de pátio fala-se muitas vezes da cooperação global sem prévia ocupação armada.

"Sobretudo," diz um dos moradores da quinta, "é difícil conseguir cooperação com quem primeiro obriga a obedecer."

"Ainda assim é precisa começar algures", diz Frederick. "Deve haver um ponto de ruptura em algum lugar, mas só havendo consenso sobre isso."

"O oportunismo dos industriais, proprietários de *Vieille-Montagne,* foi um destes pontos de ruptura há noventa anos?" pergunta Julien.

Jeanne ri. "Se bem me lembro do meu pai e, anteriormente da minha avó, Kelmis beneficiou mais vezes da inexistência de um consenso do que da sua existência."

Um dos jovens protegidos de Molly, pacifista e Esperantista, exclama surpreendido: "Mas o povo de Kelmis não lutou sempre pelo seu próprio lugar sem necessidade de um exército e de um governo central?"

É a vez de Lodewijk parecer surpreendido: "Não me parece correto dizer não existir um governo central em Moresnet Neutro. Existe até uma espécie de governo central imposto. Pelo que eu saiba, o burgomestre nunca foi eleito, o Código Napoleão continua a ser a lei mas foi introduzido por comissários que vivem longe daqui e sem qualquer consenso entre ou com a população local."

Frederick diz então: "A população local naquela época era principalmente uma força de trabalho analfabeta para as minas ou para a fábrica. Não sabiam nada acerca do contrato social e

Rousseau era lhes desconhecido."
"Talvez tivessem a necessidade de aparecer alguém como Jaurès", sugere outro morador. "Ou precisamos de um agora, não sei."
O jovem Esperantista repara: "Jaurès falou recentemente sobre a sociedade das classes capitalistas. Ele então disse: *'Votre societé, violente, caotique, porte en elle la guerre, comme la nuée porte l'orage.'* Mas ele falou também da indústria bélica ou o que chama de *'Internacional das bombas e dos canhões*'. E depois declarou: *'Preocupo-me a intoxicação nacionalista e chauvinista que está a adoecer o povo. Queremos que a pátria francesa e republicana seja forte e livre, mas não queremos, sob o pretexto do patriotismo, atirar uns contra os outros povos em pânico."*
Julien acena com a cabeça e diz: "Os belicistas gostam de citar um ditado da Roma antiga, 'quem quer a paz deve se preparar para a guerra'. Parece-me a mim uma falsa afirmação. Para mais porque acho que o lhes vai na cabeça deles é o oposto. Eles querem a guerra e, portanto, falam muito da paz. Quem quer mesmo a paz, certifica-se em como educar as pessoas para o diálogo. A paz revive quando as pessoas se tornam menos arrogantes e menos ignorantes, os nossos amigos Lemaître-Teacher melhor do ninguém sabem isso, penso."
Frederick também acena com a cabeça. "Mas dinheiro e posse trazem poder e o poder traz arrogância. Já temos quase trezentos anos de história a mostrar como a escola que pode levar a partilhar o Conhecimento entre todos serviu exatamente para os governantes arrogantes <u>não</u> o fazer. Quem está no poder mostra não raras vezes como tenta usar a escola para os seus

próprios interesses e não para o bem da humanidade em geral."
Jeanne diz então: "Na Bélgica tivemos recentemente outro exemplo disso que acabas de dizer temo eu pai. Já ouviram falar do *Congresso Internacional de Mons para a Expansão Mundial*? Nesse evento organizado pelo governo belga, foi discutida a expansão económica no mundo. Também explicou-se o que se espera da escola. Pede-se aos inspetores de educação que encorajem os professores a preparar os alunos para a expansão mundial."
Lodewijk continua: "Não se enganam. Os estudantes devem ser incentivados a trabalhar longe de casa também em África. A geografia aproxima a África, a língua materna serve para dominar a correspondência comercial. É claro que as aulas de história atendem bem a esse tipo de objetivo. *Os grandes e valiosos belgas* são retratados como homens duros que conquistaram o mundo. So entusiasmam os jovens com a ideia de partir para o Congo."
"Mas fazem-no com base em informações incompletas ou incorretas, servidas com uma espécie de molho de herói", diz Jeanne. "Ouvi recentemente que até existe uma canção apropriada para ser ensinada na escola."
Ela então canta um verso:

> "*"Em margem distante, onde o sol brilha diretamente sobre as cabeças,*
> *Onde o rio Congo flui amplo e grandioso atravessando virgens florestas,*
> *Onde entre a relva exuberante, o leão com o elefante,*
> *O tigre com o leopardo habitam, lá reside o país do Congo!*

Ide! Belgas! Ide! Levantem a cabeça!
Lembrem-se da vossa ancestralidade,
Oh, lá te chamam do campo infinito,
onde a atividade espera por ti.'

Não querem já sair de viagem?"

Irrompe uma gargalhada embora Julien conclui: "Nós rimos, mas, em última análise, uma canção desse género não é apenas algo de doloroso, é perigoso. Parecem cada vez mais distantes os sonhos de uma humanidade livre e unida, sonho de cada novo movimento de idealistas. Onde estão aqueles que ainda apoiam os ideais do *Movimento Internacional dos Trabalhadores*? Muitos dos nossos próprios líderes de facção não o fazem. Entre eles há quem simplesmente anseia pelo seu próprio poder e enriquecimento."

Frederick olha para Julien e diz: "Lembras-te das conversas dos nossos pais la no café, quando falavam do zoológico humano no *Spui* em Antuérpia e de Frans Boas [Ver Livro 06: *A escola dos burgueses iluminados*]? Quem se revoltou também de alta voz contra essa prática degradante foi Félicien Cattier. Atualmente é professor da Faculdade de Direito da Universidade Livre de Bruxelas. Enviou recentemente um panfleto de Mark Twain a um colega nosso em Liège. O texto intitula-se *O Monólogo do Rei Leopoldo: Uma Defesa do Governo do Congo*. No prefácio da tradução, Félicien Cattier escreve: *'Leopold II é o Dirigente Absoluto de toda a actividade interna e externa do Estado Independente do Congo. A organização da justiça, o exército, os regimes industrial e comercial são estabelecidos por ele mesmo sem nenhuma outra interferência. Ele pode dizer, e com maior justeza*

do que Luís XIV: 'O Estado sou eu'.' Esse Cattier mesmo movimentando-se em altos círculos aparentemente não mede as palavras."

Julien olha para o amigo e diz: "Veremos". Depois volta-se novamente para Lodewijk e continua: "O teu sogro sempre acredita no lado bom das pessoas. Muitas vezes ele está certo, mas pessoas com muito dinheiro e/ou muito poder têm sua própria interpretação acerca daquilo que é bom para a humanidade…"

Lodewijk e Jeanne riem.

"Podem rir", diz Frederick. "Mas ouçam este trecho do alegado monólogo do Rei: *'Eles observam que se o sangue inocente derramado pelo Rei Leopold no Estado do Congo fosse colocado em baldes e os baldes fossem colocados lado a lado, a linha estender-se-ia por 3.000 quilómetros; se os esqueletos dos dez milhões de mortos famintos e massacrados pudessem levantar-se e marchar em fila única, a fila levaria sete meses e quatro dias a passar um certo ponto; Se fosse um grupo compacto, ocupariam uma área maior do que St. Louis inteiro incluindo a Feira Mundial; se todos batessem palmas ao mesmo tempo com suas mãos ossudas, aquela batida estranha seria ouvido a uma distância de' — Droga, cansa! E contam histórias semelhantes sobre o dinheiro que destilei daquele sangue e coloquei no bolso. Eles empilham-no nas pirâmides egípcias; eles cobrem o Saara com moedas; eles espalham-no pelos céus e a terra permanece no crepúsculo da sombra lançada. E as lágrimas que causei, os corações que quebrei, ah, nada os leva a me deixarem em paz!* [Pausa meditativa] *Bem... não importa, seja como for, os Yankees já os venci os! Haja*

conforto nisso." [Lê com um sorriso zombeteiro a *Ordem de Reconhecimento do Presidente de* 22 de abril de 1884] *'...o Governo dos Estados Unidos declara a sua simpatia e aprovação pelos propósitos humanos e benevolentes do* (meu plano para o Congo) *e ordenará aos oficiais dos Estados Unidos, tanto terrestres como marítimos, que hasteiem a sua bandeira para o reconhecer como a bandeira de um governo amigo'."*

Jeanne pergunta: "Mas o panfleto de Twain é uma coleção de declarações efectivas de Leopold ou é só uma história baseada nas publicações das comissões internacionais sobre o *Estado Livre do Congo*?"

"É dito que Twain se documentou de várias maneiras. Por exemplo, ele cita a seguinte passagem de um debate efetivamente realizado no Parlamento belga há mais de dois anos: *'Este trabalho de 'civilização' é um massacre vasto e contínuo. Todos os factos que apresentámos nesta Assembleia foram inicialmente veementemente negados; mas depois foram comprovados aos poucos por documentos e textos oficiais.'* E também: *'Diz-se que a prática de cortar as mãos é contrária às instruções; mas a sua majestade fica satisfeito em dizer que se deva mostrar indulgência e que este mau hábito deve ser corrigido 'pouco a pouco', e, além disso, argumente que apenas as mãos dos inimigos caídos são cortadas, e que se as mãos forem cortadas a "inimigos" ainda não estão totalmente mortos e estes, depois de recuperados, tiveram o mau gosto de ir ter com os missionários e mostrar-lhes os seus tocos, isto se deveu a um erro original de pensar que estavam mortos"*. Esses tipos de observações e declarações dão a entender que o texto efetivamente retoma

declarações do Rei. Segundo Twain, este debate ocorreu em julho de 1903."
Um dos moradores da quinta repara que há também quem ainda defende o Rei. Incluindo Stanley. Este terá declarado pouco depois do tal debate que o Rei dos Belgas não é mais responsável pelos crimes no Congo como pelos ocorridos na Bélgica. Segundo Stanley, trata-se apenas de invenções, das quais nunca recebeu confirmação *in loco* e, além disso, diz ele, o Rei dos Belgas pôs fim ao comércio de escravos impulsionado pelos Árabes, algo que nenhum outro monarca vivo fez.
Há vaias.
"Stanley tem que dizer coisas assim, é claro", diz Julien. "Ele serviu Leopold quase toda a sua vida."

Uma noite, Jeanne e Lodewijk conversam com Frederick acerca do *Instituto Solvay de Sociologia*. Jeanne lembra-se das anotações da avó referindo um jovem português, Vasconcelos, que ali apresentou a sua tese *La psychologie des foules infantiles*. Jeanne pesquisou um pouco mais sobre este instituto recém-criado. Apenas três anos após a sua fundação, é um dos locais mais acolhedores da Bélgica: quando um estrangeiro pede admissão as ideias religiosas ou políticas nunca são questionadas; os investigadores de renome como os iniciantes são bem-vindos. Muito tem a ver com o diretor do instituto, Max Waxweiler, apurou Jeanne. Um clima de liberdade aliado a uma biblioteca bem desenvolvida são por si só fonte de inspiração, acredita ela. Lodewijk pergunta se Max Waxweiler é maçom. Frederick sorri. É difícil, disse ele, alguém saber exatamente quem é maçom se o próprio não pertence a uma

loja.
"Mas a Universidade de Bruxelas tem laços com os maçons, certo?" pergunta Luís.
"Na sua origem provavelmente sim", responde Frederick. "A universidade foi acima de tudo uma resposta liberal ao lado dogmático das universidades católicas, pouco depois da Bélgica ter sido criada nas mesas de conferência a seguir à batalha de Waterloo. Por quê o teu interesse pelos maçons?"
"Jeanne e eu ouvimos há pouco algo de Edward Peeters, lembras-te, o nosso amigo de Oostende. Ele escreveu-nos acerca dum grupo de jovens em Gent. Iniciaram uma sociedade de Reforma de Vida *Reiner Leven* após uma viagem de estudos à Holanda tomando como exemplos Lodewijk van Mierop e Felix Ortt, que também são referências para o próprio Edward. Segundo Edward, trata-se de um grupo de maçons. Recentemente estávamos a conversar com dois amigos professores acerca das primeiras mulheres nas universidades Belgas. Aparentemente existe em Gent também há um grupo de jovens de diferentes origens autodenominado-se *De Flinken* ou *Les Courageuses*. O grupo está em contacto com *Reiner Leven* e inclui Vera Tondeur, sabes, a estudante de matemática e física da Universidade de Gent."
Frederick então observa: "Não creio importar muito de saber se os maçons estão envolvidos ou não. Para mim o importante é o interesse existindo nos círculos intelectuais para uma maior abertura do ensino superior e uma mais generalizada co-educação no ensino inferior ou primário. E, já agora, como estavas a falar daquele português, Jeanne, não queres repetir o

que me contaste recentemente sobre aquela *escola ativa* a iniciar-se em Lisboa."
"Sim, é outra notícia vindo do Edward. Tanto quanto sei, António Vasconcelos não teve nada a ver diretamente com isso. Mas essa sim, seria uma iniciativa que interessava aos maçons liberais. A escola chama-se *Escola Oficina*. Mas parece-me tratar-se de uma iniciativa muito local."
"Sim", diz Lodewijk. "Graças à *Liga* e ao sindicato dos professores, os professores portugueses como classe estão de momento sobretudo a tentar de se organizar para dispor de um fundo mutual próprio, isto sei. Algo do género já existia entre os professores do ensino primário desde 1897 e os professores do liceu terão agora também a sua associação com o nome de *Associação do Magistério Secundário Oficial.* Mas nas associações mútuas encontramos quem quer evoluir para um sindicalismo de classe mais conflituoso, como acontece em outros locais da Europa onde diferentes facções da *Internacional dos Trabalhadores* entraram em conflito umas com as outras."

Enquanto os amigos e moradores da antiga quinta de Henri e Johanna especulam sobre os maçons, em breve, graças a eles, o Esperanto será cada vez mais assunto falado em Moresnet.
No decorrer de 1906, Gustave Roy, entusiasta francês do Esperanto, instala-se em Aachen. Sendo ele próprio maçom, ele visita a loja mas próxima, onde encontra Wilhelm Molly. Os dois homens vêem na difusão do Esperanto o seu objetivo comum. Mas enquanto juntos começam a fazer alguns loucos planos para a criação de Moresnet Independente tendo como língua nacional o Esperanto, o governo alemão tenta mais uma

vez encostar o governo belga em relação ao condomínio com uma proposta de aceitar as fronteiras de 1880. O governo belga tem as suas objecções. A maioria das pessoas a viver na área neutra tornar-se-iam alemãs. Além disso, uma das ruas principais em Kelmis seria belga de um lado e alemã do outro. Isso deixa a porta plenamente aberta para mais práticas de contrabando entre vizinhos vivendo uns frente aos outros de cada lado da rua e da fronteira. O prefeito Smetz é solidário com o governo alemão mas sabe bem o que vai na cabeça dos habitantes de Moresnet. Adoptaram como uma espécie de slogan: *Neutro sempre, Belga talvez, Alemão nunca*. Talvez melhor seria de adiar as reivindicações alemãs por enquanto, fazendo algumas promessas e fechar as empresas de destilação produzindo álcool mais barato em comparação com ambas os lados das fronteiras, reduzir o contrabando e mostrar investimento na região neutra com algumas obras públicas.

Durante todo o resto da primeira década do século vinte (hectano 119), Jeanne e Lodewijk passam quase todo o seu tempo livre na quinta onde Frederick fixou residência permanente. Jeanne tem mais contato com as tias Lut e Monique do que alguma vez teve durante a vida dos avós. E na quinta, Louis pode brincar sem restrições, sob o olhar atento dos adultos da pequena comunidade de moradores do quintal. Para Jeanne é uma grande vantagem agora que veio o segundo bebé. A ligação ferroviária de Liège para Tienen é mais direta é verdade, mas Lodewijk deixa claro ter mais parceiros de conversa em Kelmis do que na quinta senhorial da sua família em Tienen.

Durante uma dessas muitas conversas, Frederick aborda uma interrogação em relação à primeira língua falada de alguém. Em que medida a língua materna influencia como uma pessoa olha para outra. As línguas germânicas, observa, têm uma palavra neutra para se referir aos dois sexos da espécie humana, *mens* ou *Mensch.* As línguas latinas têm que se contentar com a palavra *Homme* ou *Homem* com minúscula quando identifica o sexo masculino, maiúscula se está subentendido referir-se à espécie, aos homens e às mulheres juntos. Lodewijk pensa um pouco sobre esta interrogação e uma noite faz o seguinte comentário: "Em diferentes línguas, inclusive as línguas latinas, existem diferentes palavras para falar de pessoas e não tanto de homens ou mulheres em particular. Basta pensar em *les gens*, *as pessoas*, *a gente*, *las personas*."

Frederico teima: "Sim, mas ao referir-se à espécie humana, encontras palavras tendo a raiz para *homem:* l'Homme, o Homem, Uomo, homme".

Lodewijk sorri e diz: "Pensa em humanidade, humanité, humanity, os seres (homens) da terra em oposição aos seres divinos. E isso nas línguas europeias. Um seminarista falou-me de outros línguas nas quais os conceitos de homem, humano e humanidade estão claramente separados. Em suaíli são *mwanamume*, *mtu* e *ubinadamu* respectivamente. A palavra mulher é *mwanamke*."

Frederico mostra-se pensativo e diz a seguir: "Mas não achas que as palavras usadas por alguém o influenciam na formação dos conceitos? Em francês diz-se *parents* quando se fala dos pais, em português *parentes é* mais sobre a família em geral. E

se usares a palavra *pais* para as crianças dum núcleo familiar, então não está mais subentendido o chef masculino?"
Lodewijk responde: "As palavras certamente desempenham um papel, mas as palavras são feitas por pessoas e evoluem no seu significado. E se alargamos teu raciocínio para outras esferas? Aparentemente estamos a pensar na posição dos homens e das mulheres na sociedade. Então a co-educação ou os estudos gerais para mulheres e homens deveriam ter sido algo normal mesmo antes de Comenius, certamente na Europa com línguas germânicas. Mas não tem o tratamento desigual entre pessoas mais a ver com a moralidade normativa dos líderes religiosos? O uso das palavras é só um aspecto. Prefiro claro ouvir falar de *antropos* em vez de *paidos* quando falamos de orientação educativa. Todas as pessoas precisam de orientação ou apoio na sua aprendizagem, não só as crianças. Mas acho estranho falar-se em abordagem pedagógica com adultos."
"Portanto, neste caso, não aceitas simplesmente a evolução da palavra," graceja Frederick, fazendo rir o Lodewijk. "Talvez alguns conceitos precisam mesmo de novas palavras enquanto para outros chega a evolução de palavras existentes?"
Lodewijk responde: "E não deve haver uma regra precisa… Não sei o que os nossos amigos Esperantistas pensam acerca disso. Eles devem sentir frequentemente a necessidade de aumentar o vocabulário inicialmente proposto por Zamenhof. 'Traduzem' simplesmente uma palavra de alguma língua local ou alargam uma existente a um novo conceito? Quantas vezes não usamos palavras de outras esferas para explicitar um conceito ou um pensamento?"

“É engraçado dizeres isso”, responde Frederick. Recentemente estava a folhear uma biografia de Condorcet e encontrei algumas de suas reflexões acerca da diferença entre *aritmética* e *aritmética política*. D’Alembert descreve a palavra *aritmética* em termos matemáticos na primeira edição da Enciclopédia, e Condorcet terá afirmado que a aritmética política é *‘no seu sentido mais amplo a aplicação de cálculos à ciência política’*. Mas as ciências políticas não são ciências naturais e determinar causa e efeito não é matematicamente evidente aqui. Segundo Condorcet, é difícil progredir na *aritmética política* se estivermos mais preocupados com a análise matemática e não tanto com a ciência política. Além disso, Condorcet é referido por ter dito que a ciência política estava no berço na época em que viveu e pouco se desenvolveria enquanto aqueles com conhecimento profundo da ciência política ligassem o seu talento matemático a ela.”

Lodewijk pensa: “Uma espécie de ‘*Sapateiro não queiras tocar rabecão’?*”

“Eu prefiro dizer: “Sapateiro, pense em como apropriar-te do instrumento se quiseres fazer algo que não são sapatos”, responde Frederico.

Durante o verão de 1906, a família está reunida quando Jeanne diz de repente: “Francisco Ferrer está na prisão e as suas *Escolas Modernas* estão fechadas por tempo indeterminado”.

Lut pergunta: “O que aconteceu? O vosso anarquista colocou bombas?”

Jeanne responde: “Ele não é *o nosso* anarquista, mas estamos muito interessados na visão dele sobre a educação.

Não, de facto lançou-se uma bomba contra o rei Alfonso e a Vitória de Battenberg no dia do casamento deles. O casal saiu ileso, mas alguns espectadores morreram. Os católicos conservadores atiraram logo as suspeitos para cima de Ferrer. Repara que o círculo conservador não está nada entusiasmado com aquele casamento do rei com uma aristocrata de baixa nobreza, para mais de proveniência protestante, mas aqui o anarquista bombista cai bem. Imagina, este lançador de bombas é amigo dum funcionário da editora de *Ferrer*. Logo a imprensa descreve este tipo de actos como sendo o resultado da formação laica e socialista-anarquista proposta por *Ferrer*. Mas a maioria das revistas pedagógicas pedem apoio internacional em defesa do pedagogo que é conhecido pelo seu pacifismo."

"E então", ri-se Monique, "já estás a organizar esse apoio. Se eu puder ajudar com alguns dos nossos contatos sindicais, ficarei feliz em fazê-lo."

"Obrigado. E falando de publicações pedagógicas", continua Jeanne. "Edward voltou a escrever. Ele traduziu para o francês o pequeno livro de Felix Ortt, *Carta à minha irmã*. É a sua intenção de distribuir aquele texto muito original para tratar da educação sexual. Mas na Flandres inteira não conseguiu uma única editora para o livro. Todos consideram o conteúdo obsceno. Edward pensa em fundar ele próprio uma editora, como fez o movimento neerlandês *Rein Leven*."

"La vai a nossa biblioteca voltar a crescer", brinca Lodewijk.

"Já agora, incluis o trabalho de Cattier", diz Lut. "Falaram acerca dele, disse-me o meu irmão, por causa das suas críticas em

relação ao jardim zoológico humano e ao Rei Leopold II e a sua política para o Congo. No estudo com o título *Étude sur la situação de l'État indépendant du Congo*, ele escreve: *'O Estado do Congo não é um Estado colonizado, até dificilmente pode ser considerado um Estado; é antes uma empresa financeira'*. Ele continua e diz: *'A colónia não é governada no interesse dos nativos nem mesmo nos interesses económicos da Bélgica; fornecer ao Rei Soberano o máximo de recursos é a força motora*.' Está a ser feito trabalho nos bastidores eu sei para encontrar uma solução envolvendo mais o governo belga. A empresa financeira poderá muito em breve receber novos gestores. "
"Achas?" pergunta Lodewijk.
Lut responde: "Cattier não é o único com grandes críticas. Há mais figuras proeminentes belgas querendo tirar o Congo das notícias internacionais, não só devido ao interesse económico pessoal. Envolver o estado Belga acabaria por beneficiar a população Congolesa, pensem alguns políticos, incluindo o antigo primeiro-ministro Auguste Beernaert."
"Beernaert não está de momento só interessado em tratar a arbitragem internacional?" pergunta Monique.
"Certo", responde a irmã, "mas ele foi ou ainda é diretor de empresas relacionadas com o Congo, não te esqueces, e ele está em desacordo com o Rei dos Belgas há mais de dez anos".

Alguns meses mais tarde, Gustave Roy visita Wilhelm Molly em Kelmis. O médico agora aposentado organiza uma visita guiada a Moresnet Neutro para o seu novo amigo. A visita inclui o Hotel Bergerhoff. Aí conversam com outros Esperantistas a viver em Moresnet. Lodewijk e Frederick estão entusiasmados

com a ideia de promover o Esperanto, mas mesmo assim duvidam da viabilidade de passar a ser a língua oficial de Moresnet. Beneficiaria a neutralidade, claro, e daria uma força extra no plano internacional para reconhecer o mini-estado livre de tutelas vindo da Bélgica e do Império Alemão. Gustave Roy está convencido que consegue algumas coisas ao nível internacional. Em primeiro lugar, ele quer apresentar e defender o projeto num próximo congresso internacional de Esperantistas. E Wilhelm Molly conta entre jovens locais com os seus protegidos para ajudá-lo a tornar o Esperanto mais popular em Moresnet. Fala-se até do país independente *Amikejo*. Este é o nome com o qual se quer propor o projeto Moresnet ao mundo do Esperanto. Em primeiro lugar, seria interessante transferir a sede do movimento Esperantista para Kelmis.

Quando Jeanne toma conhecimento dos planos malucos de Gustave Roy e Wilhelm Molly, ela intui logo como Frederick e Lodewijk irão trabalhar para a difusão da língua. A filosofia do Esperanto é uma bela ideia de paz e Jeanne sabe de muitos pacifistas europeus a gostar da língua. De Molly a *Ferrer*, de Jaurès aos residentes de Kelmis, de congresso em congresso, os Esperantistas querem mostrar que estão activamente empenhados na solidariedade internacional como barreira contra todas as ameaças de guerra. Os apoiantes socialistas e anarquistas vêem esta linguagem comum sem um Estado-Nação dominante por trás como um bom instrumento para a resistência internacional e irrestrita contra as estratégias dos líderes governamentais das grandes potências.
Mas Jeanne não se sente eufórica. Encontram-se entre não-

esperantistas também pessoas empenhadas para manter a paz a todo custo. Advogados como Auguste Beernaert defendem a arbitragem internacional e veem Haia como um local para uma instituição assim. A segunda *Conferência de Paz de Haia* foi realizada recentemente. Bertha Von Suttner foi a única mulher presente. Ela e Tobias Asser receberam o Prémio Nobel da Paz em 1905 pelos seus esforços para fazer do diálogo e não da violência a base das relações internacionais. Jeanne conhece a novela *Die Waffen nieder!* escrita por Bertha e lê com atenção o seu discurso de agradecimento quando recebeu o Prémio Nobel em Abril passado. Ela recorda especialmente a passagem na qual Bertha Von Suttner fala de acordos internacionais para depois dizer: *'ou a nossa Europa tornar-se-á um palco de ruínas e de fracasso, ou conseguiremos evitar este perigo para podermos entrar numa era vindoura de paz e justiça seguras, na qual se desenvolverá uma civilização de glória inimaginável.'* A seguir ela criticou a forma como a segunda *Conferência de Haia* foi preparada, com os tópicos errados na agenda: *'Há muitos aspectos desta questão para discutir, em vez dos tópicos propostos relacionados com as leis e práticas da guerra no mar, o bombardeamento de portos, cidades e aldeias, a colocação de minas, e assim por diante*.'

Jeanne concorda plenamente. Também constata como quem comparece nessas conferências de paz não só aceita a guerra, mas além disso apenas finge querer mudar a sua natureza. Serão necessários muitos pacifistas, Esperantistas, advogados e, em geral, pessoas preferindo a não-violência à violência quando se aproximam de outros indivíduos ou grupos, para manter a

perversidade e o cinismo fora dessas conferências pensa Jeanne. Enquanto Frederick e Lodewijk acompanham o progresso de Wilhelm Molly e Gustave Roy e Jeanne e Annie seguem a atualidade internacional nas associações de trabalhadores, outra ação internacional chega a bom porto. O apoio a *Francisco Ferrer* de personalidades como Anatole France e Ernst Haeckel, exerceu a pressão necessária sobre o governo espanhol. O pedagogo é liberto e as suas escolas são reabertas. Francisco Ferrer esteve preso treze meses sem existir nenhum motivo legal.

O prefeito Smetz sabe do sonho esperantista de Wilhelm Molly, mas mantém distância. No entanto, concluíra os planos para a nova escola pública. Ordenou reunir todos os regulamentos policiais da área num só documento. Poder-se-ia considerar o tal documento como uma espécie de livro de direito privado, sugerindo o empenho do burgomestre também ele em defesa da independência.
O Hotel Bergerhoff entretanto parece encaminhar para um novo destino após o curto episódio em que hospedara um casino. Lodewijk e Frederick trocam hoje frequentemente a sua taberna habitual desde o tempo de Henri pelo bar do Hotel Bergerhoff, onde se realizam os encontros de Esperanto. Esses encontros servem sobretudo para praticarem o idioma e para fazer aderir mais pessoas à causa. As reuniões levam Gustave Roy a apresentar Moresnet no congresso mundial de Dresden, como se o Estado tendo o Esperanto como língua oficial já fosse um facto. Um congresso é sempre um bom lugar para se entusiasmar com tudo e qualquer coisa e, no calor das reuniões,

Kelmis já está designado como anfitrião para o próximo congresso mundial. Mas o Secretariado Central é um pouco mais cauteloso e à seguir ao congresso constata-se rapidamente que somente 3% da população fala Esperanto. Verdade seja dito, nenhum outro país chega a 3% da população, mas neste caso 3% são poucas pessoas o que dificilmente fará de Moresnet o Estado Esperantista num futuro próximo.

Não só pacifistas e esperantistas pressionam por mais acção internacional. Há sinais de interesse para uma cooperação internacional e mais intercâmbio por parte do mundo industrial, embora sempre com conotações capitalistas. Pressiona-se a comercialização de invenções, mas as patentes industriais estão bem protegidas e apenas as empresas e os empresários ricos conseguem fazer dinheiro com novas invenções. Jeanne e Lodewijk falaram já muitas vezes acerca dos prémios que Alfred Nobel estabeleceu com o seu nome legando a sua fortuna pessoal para o fundo associado. O engenheiro e inventor estava especialmente interessado em premiar a pesquisa científica e a literatura. Mas amigos parisienses contaram-nos como muito provavelmente terá sido Bertha von Suttner a convencer o seu antigo empregador e correspondente de incluir um prémio da paz: manter a paz é o cerne das relações internacionais, não é?
O industrial belga de renome Solvay por sua parte continua a financiar investigadores. Jeanne considera ser um sinal dos tempos que o industrial tenha fundado simultaneamente o Instituto Solvay de Sociologia e o Instituto de Física e Química com os lucros obtidos das suas patentes. Aparentemente esse empreendedor bem sucedido está interessado em compreender

o mundo.

Svante Arrhenius faz parte dos cientistas financiados pelo Instituto Solvay. Jeanne ouviu falar ao seu respeito pela primeira vez quando o pai dela mencionara Walthère Spring e as suas alertas acerca dos perigos do dióxido de carbono para a atmosfera. Circule o boato em como Arrhenius na qualidade de membro do Comité Nobel seria bastante brando com os critérios científicos rígidos favorecendo assim amigos. Contudo as suas observações recentemente publicadas no *Worlds in the making. The evolution of the universe* são para levar a sério.

Jeanne e Lodewijk mostram tanto interesse pela *escola activa* de Edward Peeters e a *Escuela Moderna* racionalista de Ferrer, em primeiro lugar devido à sua abordagem experimental do conhecimento, mesmo com crianças pequenas. Essa abordagem também acontece nas *Escolas Oficina*, como aquela de Lisboa. O movimento *Rein Leven* e os contributos filosóficos dos pedagogos da *Éducation Nouvelle* são, claro, importantes. Mas se o objectivo é proporcionar às novas gerações uma base científica sólida, como então introduzir na sala de aula o conhecimento dos vencedores do Prémio Nobel e de outros investigadores de alta qualidade?

Lodewijk já leu grande parte de *Worlds in the making*. Ele acha certas observações de Svante Arrhenius fáceis de estudar na escola secundária e dá um exemplo: "Svante Arrhenius diz: '*Que os envoltórios atmosféricos limitam as perdas de calor dos planetas foi sugerido por volta de 1800 pelo grande físico francês Fourier. As suas ideias foram posteriormente desenvolvidas por Pouillet e Tyndall. A teoria deles recebeu o nome de teoria de estufa porque*

eles pensavam que a atmosfera se comportava de maneira semelhante às janelas das estufas.' Não deve ser muito difícil imitar o princípio em sala de aula. Só é preciso construir uma estufa. Depois deve ser possível fazer algumas experiências baseando-se na seguinte afirmação: '*Se a quantidade de ácido carbónico [CO2 + H2O → H2CO3 (ácido carbónico)] no ar cair para metade da percentagem atual, a temperatura cairá cerca de 4 °; uma redução para um quarto do valor actual irá baixar a temperatura em 8°. Por outro lado, cada duplicação da percentagem de dióxido de carbono no ar aumentará a temperatura da superfície da Terra em 4°; e se a quantidade de dióxido de carbono fosse quadruplicada, a temperatura subirá 8°*'."

"É possível fazer experiências do género?" pergunta Jeanne.

"Não sou especialista em química, mas podemos naturalmente perguntar a colegas se conseguem imaginar uma experiência simples mostrando a influência do ácido carbónico e o dióxido de carbono sobre a temperatura numa estufa. E se conseguem imaginar uma demonstração para a situação de uma solução saturada. Experiências em sala podem então servir de base para a compreensão da seguinte afirmação: '*Embora o mar, ao absorver dióxido de carbono, actue como um regulador de enorme capacidade, absorvendo cerca de cinco sextos do dióxido de carbono produzido, ainda reconhecemos representar apenas uma pequena percentagem de dióxido de carbono na atmosfera mudado visivelmente ao longo de vários séculos devido ao progresso da indústria*.' Lemos a seguir o optimismo de Svante Arrhenius e convém perceber se esse optimismo não representa perigos para o futuro. Afinal de contas, diz ele: '*Uma vez que as*

eras quentes se alternam com os períodos de gelo, mesmo depois do aparecimento do homem na Terra, devemos perguntar-nos: será provável que nas próximas épocas geológicas seremos visitados por um novo período de gelo que nos afastará da nossa fronteiras? Não parece haver muito fundamento para tais receios. A queima massiva de carvão pelos nossos estabelecimentos industriais é suficiente para aumentar visivelmente a percentagem de dióxido de carbono no ar.' De certa forma, ele tranquiliza aquelas pessoas temendo a consequência das enormes quantidades de carvão queimadas quando o equivalem às consequências de uma erupção vulcânica afectando a vida de todos. Arrhenius assume implicitamente que o aquecimento gradual beneficia as regiões frias da Terra, não tendo influência nas áreas já mais quentes do globo. Ele diz: *'Considerando a influência da percentagem crescente de dióxido de carbono na atmosfera, podemos esperar desfrutar de séculos de climas mais equitativos e melhores, especialmente no que diz respeito às regiões mais frias da Terra, períodos em que a Terra produzirá colheitas muito mais abundantes, para o benefício da rápida reprodução da humanidade.'* Não sei como provar o efeito meramente local com uma experiência. Mas tranquilizava-me se o conseguir."

Jeanne parece surpreendida: "Eu posso acompanhar-te até a tua última observação. Mas Svante Arrhenius está tão entusiasmado com a evolução física da Terra como tu e o meu pai estão em relação a evolução linguística da humanidade, bem receio. O que o Esperanto é para vocês, é o dióxido de carbono para Arrhenius. Talvez a realidade seja um pouco mais complexa. Arrhenius só usa óculos químicos quando olha para a Terra,

parece me. O planeta pode mesmo ser aquecido de forma desigual? E se as regiões frias aquecer, o que acontece com o gelo do Pólo Norte e do Pólo Sul? Derrete? E se derreter, a água do mar aumenta ou diminui? E isso não tem um impacto nos locais onde as pessoas vivem? Em Oostende já se sabe como é difícil manter os *polders* secos por meio de diques, basta imaginar por um momento uma subida do mar. Mas esse tipo de discussão se deve fazer com os jovens na escola, nisso estou totalmente de acordo contigo."

"Já ouviste falar de Karl May?" pergunta Julien quando entra em casa de Frederick e Annie. Annie e Lodewijk fazem logo um sinal negativo com a cabeça, mas Frederick e Jeanne entreolham-se. "Não te lembras a avó falar dele?" pergunta Frederick com alguma hesitação. Jeanne acena lentamente a cabeça e diz: "Recordo-me vagamente haver um livro dele na biblioteca dos últimos anos do Celeiro com o título '*Winnetou der Rote Gentleman*', mas não tenho certeza. Também pode ser que o tenha visto em casa de Edward."
Julien então continua: "Sim, esse é o homem, o do Winnetou. Ele escreveu muitas histórias de viagens e algumas delas se passam-se na América. E agora recebi uma carta de um primo que emigrou para Albany. Ele conta que Karl May foi aí recebido com grande honra pela população imigrante de língua alemã. Aparentemente, ele fez uma viagem de várias semanas pelo leste da América do Norte. E admitiu nunca ter visitado o Velho Oeste."
"Se bem me lembro", diz Jeanne depois de uma pequena pausa, "ele descreve o declínio da população nativa e aponta

principalmente o dedo ao desejo de propriedade dos europeus que emigraram para a América em busca de terras e ouro, sobretudo depois do chamado *corrida do ouro* da geração de 1849."

"É mais ou menos isso", diz Julien, "mas ele assume principalmente uma postura evangélica na relação entre Europeus e as *pessoas naturais,* como ele identifica os nativos. Ele atribui-lhes grandes capacidades, mas refere vezes sem conta pouco fazerem pelas suas almas, apesar de toda a sua espiritualidade. Uma figura estranha aquele homem."

"Poderíamos sugerir que faça uma viagem pelo rio Congo", brinca Lodewijk. "Como provavelmente já ouviram, o *Estado Livre do Congo* foi anexado pela Bélgica e o nome do território mudara para *o Congo Belga*. Não sei o que isto significará para a população local e se ela será libertada do trabalho forçado. Mas sei de quem tem familiares a viver no Congo que estes continuarão a trabalhar lá, agora como servidores do Estado Belga. Os Congoleses parecem ter sido 'aconselhados' a trabalhar para as empresas coloniais. Talvez Karl May possa escrever um bom livro relativo à 'moralidade' em tudo isso."

Cerca de um ano passou e os adeptos locais do Esperanto discutem o congresso cancelado de Moresnet, no Hotel Bergerhoff. Barcelona tornara-se o local do congresso internacional, apesar de trágicos acontecimentos em primeiro lugar na consequência da atitude de colonos arrogantes por sua vez originando distúrbios provocados por desordeiros durante os meses de verão. A razão dos tumultos em Barcelona fora a mobilização de reservistas catalães pelo governo espanhol em

preparação de uma guerra colonial contra Marrocos. Anarquistas e socialistas apelaram à solidariedade internacional entre os trabalhadores provocando por sua vez uma greve geral à qual seguiram motins.

Entre os Esperantistas de Moresnet há discussões acerca da neutralidade do movimento esperantista. Poderá essa neutralidade ir tão longe para aceitar que a presidência honorário do congresso seja feito pelo rei espanhol, cujo governo prendeu pessoas, incluindo Esperantistas, sob acusações vagas após as revoltas? Discute-se o velho problema ético até onde uma pessoa pacifista se envolve numa guerra. Há quem observa ser diferente responder a um apelo à defesa contra perigo vindo do exterior, como fez Jaurès, ou de tomar posição contra ofensivas colonialistas arrogantes por parte do próprio governo. É sempre difícil contrastar a solidariedade humana geral com a procura do lucro individual claro, especialmente quando a ignorância de muitos resulta na rápida ascensão de líderes por regra não imunes ao feitiço do dinheiro e do poder, criando por isso rapidamente posições excepcionais.

Seja como for o congresso mundial teve lugar em Barcelona. Continua a discussão mais discreta sobre o papel do movimento esperantista nos conflitos nacionais nos quais os esperantistas possam se sentir envolvidos. Mas fica a sensação ser difícil optar pela neutralidade e ao mesmo tempo defender um Estado tendo Esperanto como língua oficial. Como preservar então o caráter transnacional neutro pretendido da língua?

Não, quase não se fala acerca de *Amikejo* em *La Revuo* ou em *Lingvo Internacia*, as duas revistas que Frederick e Lodewijk

lêem regularmente. O congresso em Barcelona foi em setembro, o de Moresnet estava previsto para novembro, mas poucas pessoas comparecem. Vieram curiosos dos países vizinhos interessados em saber mais sobre o Esperanto mas certamente não foi um encontro internacional de esperantistas.

Durante o mesmo período, surgem informações acerca da morte de anarquistas no Castelo de Montjuic, em Barcelona.
"*Ferrer* foi simplesmente executado por ordem do governo espanhol", observa Jeanne.
"É detestável. Os conservadores usaram os tumultos em Barcelona a que chamam *Semana Trágica*, para acusar Ferrer de ter participado neles. Ele nem sequer estava em Espanha na altura," observa Lodewijk. "Para mim é a essência da arrogância do poder. O governo simplesmente abusou do poder para acusar alguém de actos impossíveis de ter sido cometidos por ele. Não significa que Ferrer não tenha assumido posições divergentes das posições de outros. Mas aqueles no poder dizendo-se democráticos dificilmente o podem condenar à morte por isso. Então recorreram a argumentos mais persuasivos para procurar apaziguar as reações contra a execução."
"Mas isso não aconteceu", observa Jeanne. "Mesmo antes da sua execução surgiram protestos de muitos sítios contra a sentença de morte. Até tentou-se convencer Alfonso XIII pessoalmente de não a assinar. Não valeu de nada. Ferrer afirmou perante o pelotão de fuzilamento ser inocente e *Viva la Escuela Moderna* terão sido as suas últimas palavras, conta-se."
"Como pode ser perigosa a nossa profissão", observa Lodewijk. "Aparentemente os teus ancestrais nunca estiveram em grande

perigo, mas…”
“…não, em perigo, não… excepto talvez Dieudonné Lemaître e Mathilde Larouge. Eles fugiram de Paris para evitar a captura, ou pior... Eram os pais de Jan. Juntamente com Madeleine administrava aquela escola em Oostende da qual Edward uma vez nos falou.”
Lodewijk continua: “Eu estava mais a pensar nos julgamentos da Inquisição contra professores destituídos, presos e eventualmente mortos. Estava a pensar em escolas obrigadas a fechar, pessoas a ser amaldiçoadas ou excomungadas pela igreja, professores silenciados ou banidos com obras confiscadas. E agora Ferrer foi morto a tiro em última análise porque propõe uma escola abominada pelos líderes católicos ultraconservadores. A ‘democracia’ deles continua limitada apenas a fazer concordar com aquilo com que eles próprios concordam.”
Julien acompanha a conversa e diz: “Auguste Beernaert ganhou o Prémio Nobel da Paz pelas suas propostas de arbitragem em situações de conflito. Anteriormente, Bertha von Suttner já o tinha recebido por defender o diálogo em vez da violência nas relações internacionais. Talvez tenha chegado o momento de demonstrar como este tipo de diálogo e arbitragem também faz falta ao nível nacional integrando as formas democráticas de governo? Aliás, com a generalização da escola, talvez seja melhor de também proporcionar arbitragem entre os professores, caso contrário poderemos vê-los um dia a lutar uns com os outros.”
Jeanne concorda tristemente: “O que estás a dizer agora, Julien,

infelizmente não é tão improvável. Mesmo nos ambientes universitários a fronteira entre a discussão livre e o insulto é muito vaga. A arrogância do poder repele muitas vezes novas ideias inclusive no campo das ciências naturais, mesmo quando essas ideias verificadas experimentalmente descreverem melhor a natureza quando comparadas com hipóteses anteriores. Há um rastro de arrogância, perseguição e até homicídio criminoso ao longo da história da elaboração do conhecimento. Imagine agora nos estudos sociológicos e no estudo da psique que ganhou hoje o estatuto de ciência psicológica. A arbitragem pode ser necessária, o diálogo sempre o é, penso."

Poucas semanas depois os amigos de Moresnet recebem a notícia da morte do Rei Leopoldo II. Ele tratou do seu casamento civil com sua jovem companheira Blanche Delacroix pouco antes de sua morte, conta-se nas ruas. O sobrinho Alberto assume o trono com o nome de Alberto I. Rapidamente fica claro o interesse e atenção do novo rei e da rainha Elisabeth pela arte e a ciência. Os flamengos por sua vez constatam como Alberto I, rei dos Belgas, presta pela primeira vez o juramento real tanto em neerlandês como em francês.

Jeanne tem notícias acerca de Paul Geheeb. Ele divorciou-se de sua primeira esposa e casou com Edith de Cassirer. Em abril de 1910, abrem juntos a *Odenwaldschule* em Oberhambach. Paul é bem conhecido no movimento *Rein Leven* e referiu já anteriormente Abbotsholme como modelo. A instituição agora aberta pelo casal desperta imediatamente o interesse dos educadores. A escola caracteriza-se pela co-educação, por um

percurso de aprendizagem muito flexível e pela co-gestão dada aos alunos. Aos poucos a co-gestão parece ser uma proposta introduzida por mais educadores. Jeanne ouvira falar da prática de Ligthart há alguns anos. Decroly e Dewey propuseram-na e hoje Paul Geheeb também inclui a co-gestão na organização de sua escola.

As pessoas da *escola ativa* questionam de várias modos a educação e a instrução simultânea na *Escola-Senta-te-E-Ouve* e desenvolvem outras modelos concretas para a escola em geral. Pelo menos isso, pensa Jeanne.

Em Portugal, por exemplo, os republicanos vão ganhando mais mais espaço. Nasce a *Associação de Estudos Pedagógicos* olhando para a educação necessária em Portugal sob ângulo sociológico e pedagógico, esboçando grandes planos. Adolfo Lima, António Sérgio, Delfim Santos e Faria de Vasconcelos, de quem falava a avó de Jeanne, estão envolvidos. O objetivo dos debates em curso é trazer ideias inovadoras.

Como resultado da sua correspondência com Edward Peeters, Jeanne vai tendo gradualmente a sua própria opinião sobre o movimento *Rein Leven*, mais especificamente sobre o modo como o grupo da *Lebensreform* em Gent tenta criar a ligação entre trabalhadores e intelectuais. A aproximação conseguida por Vera Tordeur entre *Rein Leven* e *os Flinken* originou vários casamentos entre membros de ambas as associações sabe Jeanne. Alguns membros masculinos do *Rein Leven* dizem-se claramente socialistas, mas Jeanne vê as mulheres das *De Flinken* mais ativas e a comprometer-se com a coeducação e a defesa dos direitos das mulheres, além do vegetarianismo.

Segundo Jeanne, as mulheres das *De Flinken* veem a educação e o ensino como um meio para atingir os seus objetivos. Jeanne não sabe se *De Flinken* contribuíram para a abertura da primeira biblioteca infantil do país em Gent, mas aprecia muito esta iniciativa da *Associação de Mulheres de Gent*.

Uma mensagem vindo da Inglaterra lembra Jeanne da conversa com Julien sobre a arbitragem de conflitos entre professores. Aparentemente alguns professores e também o Ministro da Instrução continuam a se referir positivamente à necessidade de pontualmente bater as crianças na escola como forma de coerção... para quê? Para aprender? Ou para esquecer? Jeanne continua a desconfiar aos valores morais de quem afirma ser possível educar as crianças batendo nelas. Pode uma criança depois de espancada ser convencida que o castigo físico não é um meio de persuadir alguém numa discussão? Seja como for o Ministro da Instrução inglês, questionado acerca da abordagem por vezes dura dos alunos na escola primária, terá dito não ser necessário nem conveniente recomendar a abolição dos castigos corporais. Ele mesmo parece ter usado a palavra *flagelação*. Os diretores escolares devem ter a necessária liberdade de avaliação afirmou, estando ele convencido de que, no geral, não se abusa dessa liberdade. Por isso o Ministro não é a favor de uma proibição absoluta, nem mesmo com crianças muito pequenas. Segundo o Ministro, o seu papel consiste em fazer recomendações. Esse tipo de punições ficam apenas registrada *ad hoc*.

Jeanne pensa muito sobre essas afirmações. É positivo, claro, que o ministro não imponha qualquer ordem ou

proibição. Mas terá ele a mesma atitude quando se discute a coeducação ou a educação religiosa? Quando se trata de outros modelos de trabalho em que as crianças são convidadas à co-gestão por parte dos professores? Ele promove a discussão acerca de atitudes polémicas? Ele prevê a arbitragem nesse tipo de discussão? Seriam bons passos, segundo Jeanne. E, claro, permanece a questão de saber se, uma autoridade numa democracia pode ou deve proibir. Uma prática desumana como a flagelação de crianças não é o resultado da ignorância (pedagógica)? O que fazer como responsável para o ministério enquanto essa ignorância persistir entre os principais protagonistas? Mesmo com os simples *Dez Mandamentos* não deixam de haver arrogantes abusos de poder. '*Não baterás numa criança*' é também um mandamento simples, mas colocá-lo em prática certamente não é fácil. E provavelmente não se traz ao diálogo um professor que chicoteia, chicoteando-o...

Os contactos entre o casal real belga e Ernest Solvay, patrono da *Universidade Livre de Bruxelas*, proporcionam um impulso adicional para um mundo científico dialogante. Em finais de outubro de 1911, um grande grupo de cientistas reúne-se em Bruxelas a convite de Ernest Solvay e Hendrik Lorenz para aprofundar uma das mais apaixonantes discussões atuais do mundo científico: '*a teoria da radiação e dos quanta*'. Um ex-colega de Frederick tenta explicar: a luz e a radiação em geral são aparentemente fenómenos naturais cheios de surpresas. A conferência configura-se, portanto, como local de encontro e discussão para grandes

nomes da física e da química. Frederick sabe quem são Max Planck, Ernest Rutherford, Marie Skłodowska-Curie, Henri Poincaré e Albert Einstein, mas não consegue situar os nomes dos outros participantes. A conferência tem um momento protocolar com o Rei Albert e a Rainha Elisabeth. Mas o mais importante são obviamente as discussões e a posterior publicação das actas. Segundo o mesmo ex-colega de Frederick, aquela conferência é considerada um acontecimento marcante. Desperta enorme interesse de diversas universidades e todos estão ansiosas para ler as tais actas. A sua organização está completamente de acordo com a convicção de Ernest Solvay de que a felicidade da humanidade vem da difusão do Conhecimento.

Os supostos detentores de especificamente este Conhecimento são hoje principalmente originários do noroeste da Europa. Jeanne não deixa de o constatar. Ela pergunta-se qual é nisso o papel da forma como se desenvolve a escola e a faculdade. Na conferência encontram-se principalmente nomes alemães, alguns franceses, e estão presentes cientistas da Áustria, Dinamarca, Holanda, Grã-Bretanha e Bélgica. Do continente americano, africano ou asiático ninguém está envolvido. Também não está presente ninguém dos países do sul da Europa. Foram centros de poder durante séculos mas investiram pouco na escolarização em geral. Ainda hoje, em Espanha, os conservadores controlam a escola e há muita relutância em relação a novas ideias científicas. Em Portugal, os governos republicanos sucedem-se com rapidez, muitas vezes sem coerência entre eles relativo à criação de uma rede educativa.

Entretanto, um desses governos provisórios elogiou a iniciativa maçónica chamada *Escola Oficina*. Segundo a escola, os elementos estruturais são numerosos. As salas de aula tradicionais transformam-se em oficinas, laboratórios, espaços de trabalho e cozinhas. Não há estrados ou locais elevados para os professores. Os bancos escolares foram substituídos por mesas e cadeiras normais. O trabalho manual apoia todas as disciplinas. Todos os rituais escolares, como notas, exames, prémios, punições e cerimónias de formatura, são evitados. Não há verão nem feriados. O ano letivo vai de janeiro a dezembro. As excursões de aula são integradas como um elemento educacional. Há exposições de trabalhos escolares no final do ano letivo. Os estudantes unem-se em *solidárias*. Jeanne pensa na sua avó. Ela teria achado essa abordagem interessante. Seja como for, mesmo elogiando tal iniciativa, o governo não dispõe de recursos para utilizá-la como modelo para a rede de ensino primário que precisa ser ampliada.

No final de novembro do mesmo ano, Frederick lê no *l'Humanité* que Paul Lafargue e a sua esposa Laura Marx [Ver livro 06 - *A Escola dos Burgueses Iluminadas - A batalha pela escola*] se suicidaram na propriedade deles em Draveil. Diz-se ele ter deixado uma breve mensagem: *'São de corpo e mente, suicido-me diante da velhice impiedosa que me tira um a um os prazeres e as alegrias da existência e que rouba do meu corpo a força física e intelectual, e me retira a minha energia para assim quebrar a minha vontade e me tornará um fardo para mim mesmo e para os outros.'* Só podemos adivinhar se Laura sentia o mesmo, observa Frederick.

A Europa está claramente agitada. Tanto os belicistas como os pacifistas estão em constante movimento. Algumas iniciativas são até um pouco inesperadas. A *Sociedade Académica de Música e Literatura* de Viena, por exemplo, convida Karl May a proferir uma palestra com o título um tanto pomposo *Empor ins Reich der Edelmenschen (Rumo ao reino do povo nobre)*, após o qual o orador se encontra com Bertha Von Suttner.

Em Basileia, os socialistas e social-democratas da Europa procuram mobilizar a classe trabalhadora para formar uma barreira internacional contra as guerras dos Balcãs e os planos de guerra das elites e dos governos, decorrentes das tensões naquela região e que pouco a pouco atingem a Europa Central. São guerras entre monarcas cristãos divididos, resultantes da dissolução do Império Otomano. Uma confusa rede de alianças devido a acordos e relações familiares aumenta ainda mais as tensões. Em março e abril de 1912, os protagonistas são obrigados a moderar um pouco os conflitos entre eles após o avanço dos imperadores da Áustria-Hungria nos Bálcãs. Um campo, composto pela Sérvia, Bulgária, Rússia, Montenegro e Grécia, posiciona-se contra o Império Otomano e o Império Austro-Húngaro.

No imediato os líderes da organização socialista internacional parecem respondem ao apelo dos socialistas suíços para dedicar uma conferência em Basileia às ameaças de guerra. No final de novembro, Frederick e seus amigos lêem os resultados daquela conferência. Uma resolução elaborada por Victor Adler (Áustria), August Bebel (Alemanha), Jean Jaurès (França), James Keir-Hardie (Inglaterra) e Gheorghi Plekhanoff (Rússia),

aprovada por unanimidade, afirma: *'O Congresso apela aos partidos socialistas para continuar a sua acção vigorosa e por todos os meios que considerem apropriados',* Jean Jaurès explicita-as no seu apelo *'La guerre à la guerre'*. A resolução parece mostrar uma reafirmada unidade entre correntes reformistas e revolucionárias na Internacional Socialista contra a ameaça das guerras imperialistas. De súbito, em Dezembro de 1912 o apelo de Basileia parece ter sido bem sucedido. Organizam-se grandes manifestações em quase toda a Europa.
Mas Frederick e Lodewijk não se sentem muito confiantes.
O *Tratado de Bucareste* só põe fim aos conflitos abertos em Julho de 1913 mas terá vida curta. Entretanto, também se torna bastante claro que, mesmo na frente socialista, as opiniões diferem de país para país. A glorificação nacional atrai o povo. Os social-democratas alemães, por exemplo, estão cada vez mais relutantes em participar em protestos internacionais contra a ameaça de guerra quando envolvem franceses. Ao mesmo tempo, os nacionalistas franceses lançam dúvidas sobre Jaurès, insinuando poder trabalhar para o imperador alemão.
Frederico diz ao seu genro parecer-lhe que ambos os governos estão a recordar habilmente a guerra franco-alemã anterior para manter sentimentos hostis entre as duas nações. Ficar o mais neutro que possível talvez seja a melhor atitude neste momento diz ele ainda. Por isso continua a defender com entusiasmo o projecto *Amikejo* para Moresnet. É bom, pensa, ver a família real e o governo belga a pressionar para manter uma rigorosa neutralidade, tal como aconteceu na anterior guerra franco-alemã e como também fazem os dirigentes dos Países Baixos.

Hoje fala-se abertamente de preparar o festejo do centenário de Moresnet Neutro. Só Jeanne estranha: tantas pessoas com bom raciocínio vêem motivo para festejar um condomínio que não é gerido democraticamente. Mas Lodewijk fica do lado do sogro. Ambos afirmam essa vontade ser mais uma prova depois de um século de dúvidas, de que as pessoas querem finalmente a independência. Jeanne fala da sua verdadeira dúvida; os administradores de *Vieille-Montagne* realmente querem tal independência? Como vai sobreviver um eventual mini-estado, sem fontes de rendimento? Do turismo Esperanto? Teimoso, Lodewijk passa cada vez mais tempo em Moresnet. O ano passado obteve uma colocação em Welkenraedt mas Jeanne e os filhos continuam a morar em Liège. Durante fins de semana e feriados, eles costumam viajar de comboio para Welkenraedt, onde apanham Lodewijk para seguir no comboio local para Kelmis.

E assim chegamos ao fatídico verão de 1914 inclusive para a família Demeester. Durante a primavera, as conversas abordam cada vez mais a situação internacional. A transição do *Estado Livre do Congo* para *o Congo Belga* não foi tão tão benéfica para a população Congolesa como as pessoas gostam de afirmar, sabe Frederick. Embora a atitude do rei Alberto I em relação ao território africano difere da do seu tio e como diz Cattier em última análise o Congo continua a ser em primeira instância uma empresa económica, eventualmente uma província. Os Congoleses já eram requisitados para grandes obras de infra-estruturas nos últimos meses do *Estado Livre* e continuam pressionados pelos os interesses económicos belgas. A alerta

para o grave declínio populacional não eram histórias de fantasia como agora é evidente, observa Frederick severamente. Para haver trabalhadores suficientes, atraem-se pessoas de outras regiões. Se isto decorre sempre de forma adequada respeitando as regras dos tratados contra o tráfico de seres humanos está longe de ser claro, diz ele.
Julien segue através do jornal *Humanité* as iniciativas de Jean Jaurès contra a militarização cada vez mais acentuada da França. O líder socialista mobiliza-se contra os gastos militares e contra a lei obrigando para o serviço militar durante três anos. Ele propõe uma reorganização militar. Deveria haver um exército popular apenas defensivo composto por milícias bem treinadas e instruídas. Muitas vezes ele é olhado com desconfiança. Mas provoca realmente raiva quando propõe conversar com o Império Alemão em relação a Alsácia para chegar a uma solução regional com um acordo de autonomia. Mesmo os pacifistas mais convictos temem que os esforços de organizações neutras como a dos Esperantistas ou as conferências de Solvay, ou os mais políticos com tratados, congressos e conferências internacionais como a de Haia, não conseguem travar a indústria de guerra que tudo consome. A produção de aço abastece sobretudo a indústria de armamento pesado, e isso não passou despercebido a ninguém.
Si vis bellum para bellum.

No início de junho Jeanne recebe uma carta de Edward Peeters. Pela primeira vez não fala do movimento *Rein Leven* ou

da escola ativa, nem do jornal Minerva [Ver a seguir: *o que Jeanne disse ao Louis*]. Fala sobre a família do seu ex-aluno Lucien Souris. Lucien está a estudar em Gent ou talvez já foi chamado para serviço militar. O pai dele é maquinista e faz parte da tripulação de uma traineira a vapor da Sociedade *Pêcheries aux Vapeurs*, sob o comando de Arseen Blondé, algures no rio Congo. E agora o desastre atingiu a parte feminina da família. Os jornais locais trazem os pormenores: a irmã mais nova de Lucien havia deixado a casa dos pais alguns meses antes para viver com o amante, que se revelou ser um homem muito ciumento. Pouco depois do nascimento da filha, ela não aguentou mais e voltou para Oostende com o bebé, onde foi morar com a mãe. E isso seria-lhe fatal. O amante seguiu-a e após uma breve altercação ele deu-lhe dois tiros. De seguido matou-se com um tiro na cabeça. A família Souris é bastante conhecida tanto na comunidade piscatória como na pequena burguesia da cidade. Edward mora ao virar da esquina e ouviu falar da tragédia antes de ser relatada nos jornais. Junto com um colega também ele antigo professor de Lucien encarregou-se de informá-lo antes que os jornais noticiassem. O pai foi informado por radiotelegrafia pouco depois. Entretanto Edward também sabe o nome do bebé. Chama-se Lucienne. Ela ficou com a avó e Lucien é padrinho.

No final do mesmo mês de junho, outro assassinato tem consequências ainda mais dramáticas. Desta vez não se trata de um acto de amante ciumento, mas sim de um acto político contra o arquiduque Francisco Ferdinando e a sua esposa de visita à Sarajevo. Um jovem mata os dois a tiros. Seguem-se

alguns motins na Áustria e lojas sérvias são saqueadas, mas o Imperador não demonstra grande emoção pela morte do seu sucessor. Os homens não morriam de amores um pelo outro. O Imperador achava Francisco Fernando demasiado moderno. Ele persistiu no desejo de se casar com alguém de baixa nobreza, pelo qual é altamente responsabilizado nos círculos aristocráticos. Primeiro parece que tudo não passa de uma tempestade num copo de água.

Mas Frederick e Lodewijk estão apreensivos. Os belicistas vão usar o ataque como pretexto para novas guerras nos Balcãs pensam eles. É será ainda muito pior do que eles suspeitam. O primeiro sinal surge no dia 20 de julho, ali mesmo, em Moresnet. O burgomestre Smetz conta ter sido contatado por um jornal francês para saber dos preparativos do aniversário centenário. O burgomestre transmite ao conselho municipal a opinião do comissário Prussiano. Este não vê razão para nenhuma comemoração. Jeanne parece estar certa. Por quê celebrar um condomínio para o qual depois de um século nenhuma solução foi encontrada? Frederick aborda a situação com Wilhelm Molly. Este minimiza. Os líderes prussianos estão apenas a pedir alguma cautela ao burgomestre, diz, mas Frederico vê o anúncio como indicação de que a Prússia se prepare para anexar o território neutro ao Império Alemão. Interesses industriais podem estar em jogo, acrescenta. O Rei dos Belgas refere novamente a neutralidade a qual a Bélgica está obrigada desde 1831. O governo alemão esta interessado na produção de zinco. *Vieille-Montagne* pode obter mais lucro produzindo em território alemão do que em território neutro.

Mas Wilhelm continua optimista. Quanto mais pessoas falarem Esperanto na região mais forte será a sua posição.
O Imperador Francisco José não levanta grandes ondas após a morte do primo. Mas o comando do exército austríaco mexe-se e emite uma espécie de ultimato à Sérvia. O assassinato deve ser esclarecido e para o conseguir a Sérvia deve dar livre acesso às autoridades austríacas. O governo sérvio está disposto a fazê-lo contudo comenta que o ultimato pode conter um aspecto com dúvidas técnicas. Parece pôr em causa a soberania do território. Os oficiais austríacos mais belicistas usam este comentário para provocar mais. Quando Frederick se informa acerca dos problemas que rodearam o ultimato de 25 de Julho, ele tem quase a certeza haver no Império Alemão forças ocultos para persuadir a Áustria a declarar guerra à Sérvia. Chegado a esse ponto, a França e a Rússia serão forçados a declarar o seu apoio à Sérvia. Isto dará então ao Imperador Alemão uma justificação para declarar a guerra a estes dois países, devido à sua aliança com a Áustria. Segundo Frederick, tudo tem a ver com o desejo do Imperador Alemão em expandir o seu império colonial de momento muito pequeno.

Quem continua a não perder a esperança de conseguir evitar a guerra é Jean Jaurès, apesar do bastante morno entusiasmo do movimento operário francês em relação ao pacifismo internacional. Jaurès continua a fazer esforços para convencer o governo. A França tem pouco a ganhar com uma interferência na guerra dos Balcãs com base em tratados com a Rússia e a Sérvia sendo melhor continuar a encorajar o diálogo. Mas a propaganda nacionalista é mais forte e suplanta os apelos

internacionais à solidariedade entre trabalhadores. A propaganda influencia Raoul Villain. Na noite de 31 de julho ele alveja mortalmente Jaurès pela janela do *Café du Croissant*.
Frederick fica chocado quando ouve a notícia da morte de Jaurès e da seguinte mobilização generalizada na França. Lodewijk e Frederick perguntam-se se não será melhor aconselhar conhecidos e amigos de deixar a região e se estabelecer na Bélgica ou nos Países Baixos. Existe muita incerteza relativamente à neutralidade de Moresnet mas a neutralidade belga e holandesa está enquadrada por tratados, assim pensam.
Mas não têm tempo para organizar mais nada. No dia 4 de agosto, a Prússia declara guerra à Bélgica neutra. No início da manhã, em meia hora o exército alemão ocupa Moresnet. O exército segue para Liège, onde estão Jeanne e as crianças. Em pouco tempo todas as possibilidades de comunicação desapareceram. Os comboios não circulam e não há ligação telegráfica ou telefónica possível. Jeanne não sabe nada dos seus pais ou do marido e eles, por sua vez, não têm notícias dela.
O Império Alemão simplesmente toma posse de Moresnet e aos habitantes é-lhes imediatamente dado a nacionalidade alemã. Quem não aceita é considerado inimigo potencial. Como Wilhelm Molly serviu duas vezes na qualidade de médico militar no exército prussiano deixam-no em paz, mas os jovens agora com a nacionalidade alemã são alistados no exército. Frederick e Lodewijk passam da idade. Mas como preferem ficar neutros, tornam-se potenciais inimigos. Os gestores da *Vieille-*

Vieille-Montagne obtêm um estatuto especial. Recebem a garantia do fornecimento de carvão alemão não sendo posto em perigo a produção do zinco. A produção vai inteiramente para o ocupante alemão. Logo, as linhas ferroviárias existentes devem ser mantidas em boas condições. Todos os aldeões que recusaram a nacionalidade alemã são postos em trabalhos forçados. Surgem planos para uma nova linha ferroviária, assegurando assim melhor o abastecimento do exército ocupante. Este entrincheira-se em apenas alguns meses numa espécie de impasse ao longo de uma longa linha de frente. O outro lado é ocupado por soldados belgas, franceses e britânicos. Nos primeiros momentos de ocupação, os neutros de Kelmis parecem ter uma situação mesmo assim ligeiramente melhor em comparação com os cidadãos belgas nas aldeias vizinhas e na estrada para Verviers e Liège. Muitas deles são simplesmente fuzilados sob suspeita de espionagem ou sabotagem ou por retaliação.

Contudo rapidamente o ambiente fica tenso também em Moresnet. A neutralidade não aceitando o ocupante é má neutralidade. Qualquer esperantista é facilmente suspeito de atos de sabotagem. Na manhã de 26 de outubro 1914, um problema numa agulha da linha ferroviária para Kelmis é imediatamente considerado um ataque ao ocupante. Em retaliação trabalhadores são baleados. Entre eles estão Frederick de 70 anos, e Lodewijk de 38 anos. No mesmo dia o jovem professor Célestin Freinet inicia o seu primeiro emprego provisório em Saint-Césaire na França para substituir o professor local obrigado a alistar-se.

Jeanne continua com os filhos em Liège e escapou à morte. Em meados de novembro chegara a filha de Julien. Ela fugira de Kelmis e chegara a Liège com a notícia que o pai e o marido da Jeanne foram baleados. Julien também morreu. Os moradores da quinta não existem mais. Alguns foram colocados sob armas alemãs, alguns estão mortos, outros talvez conseguiram fugir para a França ou para os Países Baixos. Ninguém sabe de Annie. Jeanne decide fugir em direção à costa acompanhando um grupo de mulheres e crianças. Diz-se que as tropas belgas conseguiram deter os alemães e parece ser possível chegar a Oostende através da Zelândia neerlandesa. Outros contradizem. Jeanne decide arriscar e pensa em fugir para os Países Baixos. No entanto, quando o grupo chega a Tienen, ela fica a saber que as tropas alemãs electrificaram a fronteira entre os Países Baixos e a Bélgica. A família de Lodewijk acolha todo o grupo de mulheres com quem ela iniciou a caminhada desde Liège. Ela ira ficar na herdade com os filhos durante toda a ocupação e guerra. Nunca mais tem notícias da mãe. Muitos anos depois, Louis descobrirá o nome de Annie Dehaan entre os registro dos falecidos em dezembro de 1918 em Welkenraedt.

Apenas alguns anos após o armistício vai ficar claro quantos civis foram mortos durante o avanço do exército alemão em desrespeito total de todos os tratados e acordos. Nada foi levado em conta. Numa espécie de brutal onda de desejo de poder, arrogância e ignorância, todos os sentimentos de ligação de classe ou de ligação meramente humana, foram varridos. Graças à manipulação nacionalista, as elites conseguem que centenas de milhares de filhos de trabalhadores e agricultores se

mataram uns aos outros em ataques muitas vezes sem sentido por causa de uns meros metros de terreno no meio de planícies lamacentas durante uma guerra de desgaste.

O que Jeanne disse a Louis

Quatro anos depois a guerra termina. Fazem-se preparativos em Paris para discutir durante os próximos meses o pagamento de danos de guerra. À Jeanne muito lhe passa ao lado. Em julho, no seu quadragésimo terceiro aniversário fica mais uma vez claro como ela não consegue superar a morte de Lodewijk. Entretanto o filho mais velho Louis já percebera como a mãe sofre com a ausência do pai. Permanecer na herdade da família do pai é manter permanentemente a ferida aberta, sabe Louis. Por isso ele avisara a mãe de entrar em contato com Edward Peeters assim que guerra terminar e procurar em conjunto como mudar a família para Oostende. E em julho acreditara-se num rápido desfecho, ouvindo os rumores vindos de França. Louis ganhara grande esperança quando o fim da guerra é oficialmente anunciado às 11 horas da manhã de 11 de novembro de 1918, embora em Tienen ainda se tropeçasse em soldados alemães, por assim dizer. Somente no dia 23 de novembro aqui também considerara-se a guerra por terminada.

Mas apenas alguns meses depois, a desgraça bate outra vez à porta. Começara quando Jeanne teve repentinamente alta febre e dores musculares por todo o corpo. Pensava ela ter-se

esforçada demais em cuidar e apoiar refugiados e rapazes alemães feridos a tentar de dormir no terreiro da quinta. Mas agora desde há vários dias ela está tão fraca que mal consegue falar. Ela ainda tenta beber e comer algo, mas é preciso tanto esforço que ela desiste. Louis vê a mãe murchar e está cheio de medo. Isso não tem nada a ver com fadiga. Segundo os franceses que por aqui passam os soldados britânicos falam da *Gripe des Flandres*. Mais tarde ele ouvirá os neerlandeses falar da *gripe espanhola*. Esse gripe apanhou a mãe.

Louis tem quase dezesseis anos e pode-se dizer que devido à morte do pai ele quase assumiu o papel de pai dos irmãos. Pode-se chamá-lo de adulto precoce. E nesses dias ele fica sentado o tempo tudo ao pé da cama da mãe. Ela dorme muito e ele passa o tempo a reler os diários dela. Mal chegaram a Tienen pouco antes do natal de 1914, ela utilizara a escrita para não enlouquecer. Foi o mais triste Natal de sempre. Só tem vagas lembranças de Natais divertidos em Kelmis, a última vez em 1913, quando tinha dez anos. Parece ter sido há uma eternidade.

Às vezes é difícil encontrar uma linha cronológica na escrita de Jeanne. Louis já entendeu como ela costuma escrever voltando para trás no tempo a partir de uma determinada notícia ou lembrança. Contudo Jeanne inicia a maioria das notas com uma data. Desde meados de agosto e até a febre manter Jeanne na cama, tudo foi emocionante. Às vezes até se tornou divertido sobretudo depois de Luís informar a mãe querer ser professor de escola primária. Jeanne contara-lhe muitas histórias da avó, falara das suas próprias viagens a Inglaterra e Oostende, de

Edward, de Adolphe Ferrière, de Francisco Ferrer e Ovide Decroly. Naquela altura ela deu-lhe os cadernos que agora está a ler pela segunda vez. Até anteontem ainda interrompia frequentemente a leitura para fazer perguntas à mãe acompanhando as leituras, como se tornou hábito nos últimos dois meses. Mas agora tornou-se difícil. Ele lê e relê erguendo ansiosamente os olhos à cada mudança na respiração de Jeanne…

Recentemente li acerca da inauguração do Ateneu Real de Oostende no meio de alguns relatos acerca do Rei Leopoldo II e Oostende. Os edifícios desse Ateneu estão localizados na Rua São Petersburgo, no local onde ficava a igreja estival do Rei. Chamou-me à atenção a data da inauguração de 8 de outubro de 1901. Lembro-me de Edward ter me contado uma vez ter trabalhado por algum tempo como supervisor no Ateneu em Oostende, antes de se tornar professor aí. Estava num prédio diferente? Tenho que lhe perguntar.

Estranho. Não me lembro de nada daquela inauguração. Deve ter sido pouco depois daquela vez de Lodewijk e eu estar em Oostende, pouco antes de nos casarmos. 1901. Passámos quatorze anos juntos. Um pouco mais, se contarmos os momentos que estivemos juntos antes de nos casarmos. A avó Johanna e o avô Henri estiveram juntos 56 anos e já se conheciam antes... A vida pode ser cruel. Mas ainda me lembro da viagem de barco com Lodewijk quando voltei de Abbotsholme e Bedales. Não foi em Bedales que me aconselharam a ler John Dewey? E olha, aqui encontro a transcrição de uma das suas observações. Louis era bebé e estava ao meu colo quando li: 'Muitas vezes me perguntam como alguns professores que nunca estudaram a arte de

ensinar são professores excepcionalmente bons. A explicação é simples. Eles têm uma imediata, segura e inalterada simpatia pelas operações e os processos dos espíritos com os quais entram em contacto. As suas próprias mentes movem-se em harmonia com as dos outros, apreciando as suas dificuldades, enfrentando os seus problemas, partilhando as suas vitórias intelectuais.'

Como isso é verdade quando penso no trabalho da avó Johanna. Realmente, ela nunca teve estudos formais como eu tive, e quanto não aprendi com ela! Ela preocupava se muito com a interação intelectual entre adultos e crianças no Celeiro.

E depois ouvimos falar do trabalho de Ovide Decroly. Foi Edward, penso, quem me falou dele pela primeira vez, mas a avó Johanna também me deu apontamentos acerca dele. O que ele fará de momento, nesta guerra louca que estamos enfrentando? Eu pergunto-me se as coisas tivessem acontecido de forma diferente, não o teria visitado para saber mais.

Quando Louis leu esta passagem pela primeira vez, perguntou à mãe por que ela achava interessante o trabalho daquele Decroly.

Jeanne respondeu: "Como a avó Johanna já me tinha feito compreender, Ovide Decroly tem quatro princípios básicos: uma criança aprende globalmente, de forma abrangente. Precisamos deixar a criança abordar algo como um todo, depois disso já podemos analisar o objecto. Isto leva ao segundo princípio. Deve se tomar como diretriz os interesses da criança. Tudo o que ocorre no seu ambiente natural pode levar a descobertas.

Vem o terceiro princípio. A sala de aula ou escola deverá ser uma oficina, um laboratório onde a criança possa agir em vez de ficar a ouvir sentada e quieta. Tanto Dewey como Edward falam nesse sentido da classe ou *escola ativa*. E para Ovide Decroly surge assim o quarto princípio: a escola está realmente em todo o lado. A escola é local de trabalho das crianças mas também o é a cozinha, a loja, a rua, a oficina. A sala de aula é aquela oficina pode levar o trabalho concreto para o raciocínio abstrato."

"Mas isso é possível, mãe?" Louis sabe exatamente ter sido essa a sua pergunta.

"Isso é possível", respondeu Jeanne, "logo quando está definido o significado de ser professor e o lugar por ele ocupado".

Louis relê o que Jeanne escreveu sobre isso:

Não conheço nenhum livro de Ovide Decroly no qual fala sobre a função e o lugar do professor, mas lembro-me daquela palestra dele à qual assisti alguns anos depois da fundação da École de l'Hermitage. Quão zangado o mundo educacional estava com ele! Muito mais zangado do que com Edward, ali quietinho no seu lugar em Oostende. Mas Ovide, com os quatro princípios básicos, com a coeducação, com o apoio dos cidadãos progressistas, ainda por cima maçom, não, este devia ser criticado pelo professor-instrutor. No entanto, a mensagem fora clara: uma criança não aprende sozinha. Emile é de Rousseau, não de Ovide. O educador deve procurar entender em que direção a criança está a pensar após uma descoberta ou observação. Enquanto adulto consegue então direcionar essa observação rumo ao conhecimento existente acerca do assunto. Um verdadeiro

professor conhece e dirige, não transfere o seu conhecimento limitado.
Muitas vezes penso nos dez anos anteriores ao início da guerra. Que rica biblioteca de jornais e revistas tínhamos Lodewijk e eu! Edward era uma grande fonte de informação claro, mas havia várias revistas para nos informar da ação da associação Tot 't Nut van 't Algemeen *nos Países Baixos. Tínhamos as publicações do movimento Rein Leven, liamos muito do trabalho de Ferrer, muitas vezes também das terríveis invenções daquele grupo conservador não permitindo alguém pensar e agir de modo diferente do que deseja. São os conservadores empenhando em manter os pobres pobres. Recebemos textos daquela figura peculiar Rudolf Steiner parecendo elogiar por um lado o pensamento livre com o seu* Wahrheit und Wissenschaft *mas ao mesmo tempo a ficar preso a uma estrutura teosófica da alma. Pouco antes da guerra recebi um texto interessante explicando como Rudolf Steiner renunciou à teosofia e adotou uma nova direção de pensamento ao qual deu o nome de antroposofia. Espero conseguir ler mais sobre isso quando a carnificina frenética terminar. Gostaria de o discutir com Edward. Qual é a conexão entre Rein Leven, Lebensreform e Antroposofia? Talvez não há. Steiner tem muitas críticas em relação a Darwin, isto sei, e ele adota uma visão criacionista, mas isso pode ter a ver com o seu anterior quadro de referência com base na teosofia, não sei.*

Louis pára de reler por um momento. Ele olha para a mãe adormecida e lembra-se da pergunta que fizera: "Por que queres conversar com Edward sobre isso?"
Foi numa noite em finais de agosto. Eles estavam sentados

juntos no pátio em frente à porta da escada de acesso aos seus quartos, não muito antes de aparecer aquela interminável procissão de refugiados flamengos e franceses precedendo tropas alemãs em retirada.

"O teu pai e eu sempre nos mantivemos fora da esfera da igreja. Como sabes, tu, o teu irmão e as tuas irmãs não foram batizados. Foi uma decisão consciente nossa pela qual fomos frequentemente criticados. Mas temos muitos amigos cristãos. E Edward é um deles. Edward tem uma visão clara em relação a sua própria fé e não gosta de pensamento dogmático, foi sempre claro para nós. A maioria das pessoas integrando o movimento *Rein Leven* são muito rigorosas consigo próprios no cumprimento dos seus preceitos, mas não são dogmáticas quanto aos outros. Edward às vezes falava em como Jan Ligthart teve de suportar fortes críticas de Theo Thijssen, por exemplo. E, ao seu ver, nem tinha ideias esotéricas, diz Edward. Na correspondência acerca de Steiner, em 1913, penso, ou talvez no início de 1914, ele tinha algumas dúvidas acerca das ideias teosóficas e antroposóficas do pedagogo alemão. Mas tínhamos poucas informações. Oxalá Edward e Steiner terem sobrevivido à guerra e talvez possamos falar novamente disso tudo no próximo ano."

O rapaz retoma a leitura após outro olhar para a mãe e sorri quando lê as próximas linhas.

Fiquei realmente irritado com o facto de todos na Bélgica falarem de ensino quando nem sequer temos um ministério de ensino ou de instrução. Ora, isto está relacionado com a formação de um Conseil Superieur de l'enseignement

Technique*, vindo do Ministério do Trabalho e Indústria. Para isso há interesse, mas ninguém fala em conseguir uma boa escola primária pública. Mas, disse eu, fiquei irritado. Depois fui surpreendido por uma mensagem de Edward informando estar de viagem nos Países Baixos. Eu sabia, claro, que ele não estava a dar aulas, mas não escreveu alguns anos atrás não ser grande viajante e preferir o silêncio do seu escritório. Na altura até escreveu considerar como uma lacuna na formação dele, mas que quem não tiver lacunas deva atirar a primeira pedra. E então, de repente, escreveu-me, no outono de 1907 de estar já mais de um mês no país vizinho. Foi Lodewijk van Mierop quem lhe preparou a viagem, disse. Ele ficou em Haia. Lá conheceu pessoalmente Jan Ligthart. Na última carta antes da invasão tornar impossível toda a correspondência, ele escreveu sentir como Ligthart e Van Mierop se tornaram amigos para o resto da vida. Aparentemente, Edward está entusiasmado. Não desde hoje mas desde que encontrou outros colegas seguindo os passos de Comenius a pensar numa escola para todas as crianças. Edward fala com entusiasmo da Escola Pública para Necessitados em Schilderswijk. No pátio da escola, as abelhas enxameiam em volta das colmeias. Plantas aquáticas, peixes e sapos crescem em valas especialmente cavadas. As crianças da cidade cultivam trigo e vegetais, plantam árvores. Eles até batem manteiga. Fazem criação de pombos e galinhas. Assim elas conhecem 'a vida plena', diz. Ele encontra conexões com a sua escola ativa na escola mostrada e contada por Jan Ligthart. Além disso, é claro, ele está muito interessado no movimento* Rein Leven *na Holanda. Maria e Edward encontraram apoio adicional para o seu vegetarianismo,*

acredito.

Edward fala de Wijbrandus Haanstra depois de o visitar na sua escola de pós-graduação em Leiden. A metodologia utilizada e descrita por ele como a aprendizagem pela auto-descoberta, tanto entre estudantes como entre as crianças com quem os estudantes trabalharão mais tarde, parece-me enquadrar-se bem nas reformas por nós defendidos desde Fröbel. Haanstra inclui-se no grupo definindo um professor não como demonstrador, mas sim como supervisor. Teria agradado a avó Johanna. Estranho, nunca a ouvi falar da Revista de Educação, embora essa revista exista desde 1884. Com alguma vergonha devo admitir. Também não demonstrei muito interesse por aquela revista mensal.

Edward descreve com muito entusiasmo o seu encontro com Nellie van Kol, claro. Eu já sabia da sua frequente correspondência com a educadora socialista. Em tempos, quando nos conhecemos, falou-me da revista De Vrouw (A Mulher). *Naturalmente, a revista foi rapidamente colocada no índice de publicações proibidas da Igreja Católica Belga. Graças a ela Lodewijk e eu pudemos pela primeira vez conversar sem pudor sobre controle de natalidade e como evitar a gravidez sem nos abster de contato físico. Mas a revista deixou de ser editada antes do nosso casamento. Não sabia que a socialista Nellie se convertera à fé cristã. Na época, ela ainda era editora-chefe de* Ons Blaadje*, aquela outra revista visando levar boa literatura às crianças da classe trabalhadora a um preço razoável. Engraçado como as palavras significam pouco. Embora os conservadores católicos e a burguesia falem sempre de boas leituras,* Ons Blaadje *não é suficientemente edificante aos seus olhos. É identificada como sedicioso e socialista. Pobre Nellie! Não é*

suficientemente socialista para os socialistas, não é suficientemente cristã para muitos cristãos … Não é de estranhar que a sua inspiração cristã a tenha levado ao Exército de Salvação Metodista.

Lembro-me também dos comentários de Edward acerca da União Neerlandesa de Crianças, onde conheceu a Sra. Caroline Van der Hucht pessoalmente. Esta associação infantil é uma espécie de ponto de encontro de crianças e não tem vínculo com a escola. Edward diz ter tido a impressão de se tratar de uma associação muito aberta. Não quer inspirar para o pensamento cristão per se, mas quer orientar as crianças a serem boas pessoas em intimidar ou prejudicar os outros.

Durante a sua viagem aos Países Baixos, Edward visitou também Frederik van Eeden e Ferdinand Nieuwenhuis. Lodewijk riu quando soube daquela visita. Afinal, era um tanto improvável saber o Edward a frequentar círculos socialistas e até anarquistas. Mas ele tem a mente aberta. Oh Deus, o que ele dirá quando souber da execução de Lodewijk pelos fanáticos guerreiros alemães? E como falar sobre isso com os colegas e os amigos alemães depois da guerra? Mas estou a desviar.

De Ferdinand Nieuwenhuis, Edward ouviu a afirmação de Geert Zwaag 'operários que pensam não bebem, operários que bebem não pensam'. *Pareceu-lhe estar completamente alinhado com o movimento* Rein Leven. *Edward refere Ferdinand como um dos fundadores da* Associação Internacional Antimilitarista. *E escreve admirar Nieuwenhuis mesmo se não podendo concordar com a sua atitude muito ateísta. Ele preferiria uma atitude agnóstica? Terei de conversar com ele sobre isso quando nos encontrarmos ou*

escrevermos novamente. Há alguns anos li a palestra de Nieuwenhuis proferida em Paris, creio, sobre a sua visão acerca da educação libertária. Como outros antes dele, ele volta às raízes da palavra quando diz: 'Educação, mas o que isso significa? A palavra latina *educatio* di-lo bem. É composto por duas palavras, a saber: *e* (de) e *ducere* (tirar, extrair). Então significa *tirar de*, portanto retirar do interior do ser humano. No vocabulário alemão encontramos a mesma palavra: *Erziehung*, composta por *er* e *zeehen*. Portanto, educação é extrair algo de dentro para fora e não, inversamente, levar algo de fora para dentro.' *Também achei interessante como abordou os obstáculos ao estudo livre citando Multatuli:* 'o estudo livre é a busca desimpedida da verdade ou a ausência de impedimentos na busca da verdade'. *Multatuli, diz Nieuwenhuis, aponta três obstáculos obstruindo o sucesso: (1) impor um pré-julgamento; (2) impedir a investigação; e (3) a inaptidão do investigador. Traduzido para o trabalho do professor, eu diria que a maioria dos obstáculos não reside na pessoa fazendo a pesquisa, mas na pessoa orientando as crianças na pesquisa. Edward deve apreciar tudo isso. Mas entendi em relação à viagem dele aos Países Baixos como sobressai a sua admiração por Felix Ortt, da* Igreja Reformada Neerlandesa. *Ortt considera Tolstoi o seu mestre, pois este afirmou o Sermão da Montanha a ser o núcleo dos Evangelhos. Sob o título* O Princípio do Amor, Ortt *publicou as suas ideias sobre o anarquismo cristão há cerca de dez anos, nas quais, além da influência de Tolstoi, é claramente perceptível a influência do socialista Frederik van Eeden. Eu sei que a mãe estava interessada na* Vereniging Gemeenschappelijk Grondbezit (Associação de Propriedade Conjunta de Terrenos) *por ele*

dirigida. Com essa associação pretendia incentivar a cooperação dos trabalhadores na gestão de empresas.
Por volta dessa altura, penso, Edward decidiu criar a sua própria editora para publicar certas obras recusadas para publicação pelas editoras existentes na Flandres. Incluiu aquela tradução francesa da brochura de Ortt tratando da educação sexual para crianças.
Durante os anos de implementação gradual da educação primária, escreveu-se bastante sobre o acto de aprender a escrever. Fala-se pouco sobre o conteúdo da escrita, e muito mais como a técnica da escrita deve ser ensinada. E cada um tem a sua opinião. Primeiro iniciar com caligrafia era bom depois estava fora de questão. Precisa-se praticar a escrita de forma rápida e suave, logo, viva os cadernos de exemplos de Callewaert. Os exercícios de desenho de letras por cima de um modelo tanto são importantes, como não o são. Invoca-se Locke. E hoje, claro a autoridade é a doutora Montessori. Ela enfatiza o tacto e os sentidos musculares. Letras em papel rugoso são tocadas e hachura-se figuras para simular o exercício de escrita. Os defensores da Educação Nova falam pouco acerca disso, tenho a impressão. Querem assim mostrar o seu desdém pelo debate técnico ou simplesmente não têm tempo para o fazer? As crianças aprendem a usar o lápis de ardósia naturalmente, assim como aprendem a usar uma colher? Esses pequenos músculos das mãos precisam de ser treinados ou desenvolvem-se naturalmente quando as crianças descobrem a utilidade da escrita? Não contou a avó como colonizadores neerlandeses viram crianças em Malabar aprender a desenhar e escrever na areia com paus? A história terá vindo do avô dela.

Edward está muito entusiasmado com a sua própria editora à qual deu o nome de Nouvelle Bibliothèque Pédagogique – Nieuwe Opvoedingsboekerij. *Publica pequenas obras e brochuras da sua própria autoria, mas também traduções ou adaptações de obras dos seus novos amigos neerlandeses e de alguns textos que Adolphe Ferrière lhe enviou de Genebra. Adolphe enviou capítulos de texto a Edward, percebi hoje, mais tarde reunido por ele próprio no* Projet d'École Nouvelle.

Louis interrompe a sua leitura novamente. No fim de verão também conversou com a mãe acerca de Ferrière.
"Iremos receber muitas notícias da Suíça depois da guerra?" foi sua pergunta.
"Suíça e Países Baixos. Não sei exatamente o que aconteceu nos Países Baixos durante a guerra. Correm rumores acerca da morte de Jan Ligthart. Espero ter notícias de Edward em breve. Sei ele se ter instalado perto de Sluis, mas também não recebo nenhuma carta dele há vários anos. A Suíça permaneceu neutra na guerra, sabemo-lo por outra via, ou seja pelas informações dos refugiados franceses que passaram por cá. Portanto, pessoas como Ferrière devem ter conseguido continuar a trabalhar no *Projet d'École Nouvelle*."

Louis olha para a mãe e passa pela cabeça suada com um pano. Ele suspira ansiosamente. Muito do que concordaram fazer até o próximo verão vai ficar adiado, assim teme ele. Se pelo menos ela melhorasse primeiro, pensa e continua a ler.

É agora muito claro. O nosso amigo de Oostende liga o avanço cultural dos neerlandeses em relação a nós ao

movimento Rein Leven e à associação vegetariana. Ele escreve acerca da Lebensreform e mostra como tem a pedagogia reformadora no coração. Mas quando perguntei se ele havia aderido ao movimento da Lebensreform, não recebi resposta. Também pode ser discreto quando lhe convém o nosso amigo Peeters. Foi por exemplo uma surpresa para mim tende recebido uma mensagem no final de março em como Edward foi nomeado Oficial da Academia Francesa pelo Ministro francês da Educação e Belas Artes, Gaston Doumergue.

Aproveitei da carta que lhe escrevi para o felicitar para obter a sua opinião sobre os Flinken de Gent. Ele apenas me disse que a Associação não duraria muito. E estava certo. No entanto, gostei de ouvir das aventuras dos Flinken e da família Dangotte através da mãe. O grupo passou muito tempo nas reservas naturais de Drongen perto de Gent. Céline Dangotte iniciou uma escola ao ar livre em Assels, quando os Flinken compreenderam como a pobreza na região também influenciava a pobreza intelectual. Eu até tinha planeado visitar a escola em Assels. Segundo a mãe e o pai, Céline inspirou-se de Paul Robin, de Ovide Decroly e de Friedrich Fröbel! A aplicação do modelo de Fröbel na pré-escola e no ensino primário garante uma rápida socialização das crianças graças à leitura, escrita e observação guiada da natureza. Céline chegou a dizer ter procurado conseguir o 'enseignement global de la lecture', como diz Decroly. A constituição das turmas baseia-se nas habilidades das crianças, não na idade. Ainda assim, não tão livre quanto o Celeiro da avó Johanna ! Acho que a avó estava muito à frente do tempo, sem falar dos bisavós! Mas até eu não previ a toxicidade do pastor conservador local.

*Eu estava quase de saída para Gent quando ouvi que o homem descrevia a escola como uma tenda de dança ao ar livre dirigida por prostitutas. A arrogância com a qual se ilude os ignorantes! Muitos falsos rumores podem ser espalhados em nome de Deus neste país e Adeus escola. Depois recebi uma cópia do journal Asselsch Blad. Os Flinken seguiram a dica de Raymond Limbosch que, segundo mãe Annie me contou, disse: '*Se as crianças não puderem mais vir até você, você irá até elas. Publiquem um jornal'. *Tenho a impressão de que a publicação do jornal inspirou Edward a iniciar a sua própria revista* Minerva. *Os Flinken e a Celine Dangotte escrevem (escreveram? Não sei se nestes tempos de guerra conseguem arranjar tinta e papel para continuar a revista — desde o início da guerra não tenho notícias de nada, nem da Céline, nem de Edward, como já disse) principalmente para os pais, mais especificamente para as mães, e também para os filhos. Num dos artigos li '*o teu amor criará amor no coração da criança, amor por ti, amor pelas tuas irmãs e irmãos, amor pelas pessoas, por tudo o que vive, por tudo o que sente …'. *Achei um pouco ingénuo pensar que o jornal pudesse ajudar os pais a auxiliar o trabalho dos professores, de acordo com as regras da Lebensreform, em escolas controladas pela igreja! Anotei a seguinte passagem: '*Quantas vezes vemos o trabalho dos professores é destruído pela ignorância dos pais; O Asselch Blad pretende instruir os pais nesta área da parentalidade e pode, portanto, ser uma verdadeira ajuda para a educação. É por isso que nos dirigimos especialmente a todos os pais e as mães.' *Infelizmente, muitas vezes tenho visto os professores dogmáticos destruírem o trabalho de*

colegas… e de pais. Claro que se tem que começar em algum lado. Edward escreve para colegas e intelectuais interessados em pedagogia, mas não está ele a falar principalmente para amigos e conhecidos que basicamente já pensam de modo parecido acerca da educação?
Talvez as palavras de felicitações do então príncipe, agora rei Alberto I, sejam de alguma utilidade. Aquele início da revista Minerva! Com que entusiasmo Edward partilhou os seus grandes planos. E sim, no início de outubro de 1909 recebi um exemplar de Het internationale pedagogische tijdschrift Minerva, revue d'éducation internationale et polyglotte. *Imediatamente subscrevi uma assinatura, claro. Edward queria fazer da revista a primeira revista internacional de pedagogia reformadora. Não há grandes surpresas no corpo editorial: o francês Ernest Contou, o suíço Adolphe Ferrière, o húngaro Ferenc Kemény, o belga Paul van Oye, com Edward como diretor. Segundo Edward, foi Ernest Contou, diretor da* École Nouvelle de l'Aquitaine*, quem insistiu em lançar a revista. E claro, sorri quando vi logo por baixo do cabeçalho '*Minerva est lá intelligent et studieux, et déjà S. A. R. le Prince Albert de Belgique, qui s'intéresse tant aux questions d'éducation, a daigné nous adresser ses meilleurs vœux pour la prospérité de Minerva' (*Minerva está entre nos, inteligente e estudiosa, e já Sua Alteza Real o Príncipe Alberto da Bélgica, tão interessado nas questões da educação, dignou-se enviar-nos os seus melhores votos de prosperidade para Minerva*).

Louis interrompe novamente a leitura e tenta lembrar-se o que a mãe contou acerca dos outros editores: "Já me ouviste

falar muitas vezes de Adolphe Ferrière, claro. Ele mora e trabalha na Suíça e gosta muito da *classe ativa* de Edward. Sabes, foi durante a viagem na qual conheci o pai também conheci Adolphe, em Oostende. Ele estava em casa de Edward e falamos da visita dele à Demolins, comparando-a a minha visita a Abbotsholme. Ferenc Kemény é húngaro e viveu muito tempo em Paris. Ele faz parte do comité dos Jogos Olímpicos, pelo menos tanto quanto sei, ainda em 1912. Edward aprecia a sua visão sobre o desporto no contexto do movimento *Rein Leven* e, além disso, é um convicto pacifista."
"E quem é Paul van Oye?"
"Paul pode ter sido aluno de Edward na altura que o conheci. Mas nunca lhe perguntei. Paul faz parte daquele grupo de estudantes de *'t Zal wel gaan, e* esteve na origem da escola ao ar livre com *os Flinken*. Ele deve estar interessado em trabalhar com Edward por causa do movimento *Rein Leven*. Pouco antes do início da guerra, corria um boato. Ele teria ido para as Índias Orientais Neerlandesas enquanto doutor em zoologia. Talvez tenhamos notícias dele no futuro…"

Um ataque de tosse da Jeanne tira Louis de seus pensamentos. Ele procura a irmã mais nova. Pergunta se ela pode ficar atenta à chegada do médico e pedir-lhe de subir até o quarto dela. Ao mesmo tempo sabe como será difícil. A equipa de enfermagem está sobrecarregada, não só com todas as pessoas como a mãe, sofrendo de febre alta, mas também com os muitos feridos instalados no terreiro da fazenda. Mas talvez ele possa aproveitar de uma suas rondas diárias para dar um salto.

Louis volta ao caderno de sua mãe.

Chamou-me imediatamente a atenção como Edward tenta envolver todos, mesmo aqueles com ideias diferentes das suas. Ele mesmo afirma pensar nos pais. Quer fornecer o máximo de informações internacionais possível. Ele considera ser muito importante de estar bem informado sobre o que acontece na educação em outras partes do mundo. Ele quer incentivar o auto-estudo e o auto-desenvolvimento, mas sem assumir posições elitistas, diz ele. E está disposto em deixar ouvir vozes dissonantes, com a máxima 'Seul la tolérance peut faire jaillir la lumière' .

Também quer saber, claro, como os países ricos do passado utilizaram a riqueza das colónias. Como na história recente da Bélgica ou talvez ainda mais, percebe-se como as famílias reais e da nobreza da Península Ibérica fizeram pouco pela escola. Em Espanha ela está claramente nas mãos da Igreja conservadora, agora sabemo-lo com certeza, depois do poder ter prendido e assassinado Francisco Ferrer sob falsos acusações. Em Portugal as coisas não parecem estar muito melhor. Certo, hoje já ouvimos falar de António de Vasconcelos e o Edward também nos contou a história acerca dos métodos de leitura. Mas não se trata apenas de método. Apesar das promessas, há pouco interesse do governo público em divulgar conhecimento às pessoas. Vejamos. A universidade portuguesa diz que 80% da população portuguesa não teve qualquer tipo de ensino, informa a Associação de Escolas Móveis *à Minerva. É a razão pela qual os professores dessas escolas itinerantes tentam ensinar as crianças a ler rapidamente. A* Liga Nacional de Instrução *parece ser outra associação propondo-se de defender a classe trabalhadora. Não*

consegui saber se a associação, tal como Ferrer, segue uma linha anarquista, ou se apoia sociedades mútuas como a Voz do Operário em Lisboa. A Liga ocupa-se principalmente de organizar palestras públicas e bibliotecas itinerantes, e essa é também uma das actividades daquela Associação dos Trabalhadores do Tabaco de Lisboa.

Minerva fala da Escola Livre*, uma escola gratuita parcialmente apoiada pelos trabalhadores. Aquela escola tem na sua agenda a co-educação, tanto quanto sei, isso não acontece nas outras iniciativas mútuas. Segundo Edward, é um movimento geral e cresce rapidamente. A* Escola Livre *quer dar ensino aos filhos dos trabalhadores e proporcionar-lhes alimentação, habitação e vestuário. Mais um internato para poucos escolhidos? Outra coisa para perguntar a Edward.*

Na época aconselhei a mãe a comprar dois livros constando da revisão bibliográfica de Minerva: Auto-motivação dos alunos da escola *escrito por Mouton e um livro intitulado* Priester Daens, a sua Vida, as suas Lutas, a sua Morte e Glorificação *da mão de seu irmão Pieter.*

Contive-me para não fazer logo assinaturas adicionais nas revistas Cuba Pedagógica, Documenten des Fortschritts, l'Education, Escuela Moderna e *La Infância Anormal.*

Soube pela revista Minerva que Edward realizou outro sonho no decorrer de 1910. Ele Fundou o Bureau International de Documentation Éducative (B.I.D.E) em Oostende. Não tenho conhecimento, claro, do que aconteceu depois da catástrofe iniciada por imperadores, reis, generais e altos oficiais em 1914. Numa das últimas cartas, Edward dizia ter agora a estrutura básica para propagar os ideias da reforma pedagógica. Ele disse

querer comprometer-se também com a edificação de uma verdadeira pedagogia flamenga. Para ele esta pedagogia deverá provavelmente incluir ideias da sala de aula activa e do movimento Rein Leven.

Louis lembra-se de começar a rir quando leu pela primeira vez essa parte das notas de Jeanne. Agora sorri. A mãe é ela própria uma apoiante muito convicta de Fröbel, mas certamente teve outras influências. Quando ele lhe perguntou o que pensava acerca daquela pedagogia flamenga, ela respondeu que Edward geralmente tem uma mente bastante aberta relativamente à interpretação dado ao trabalho do professor por outros, sem alterar o facto de ele saber exactamente o que ele próprio quer fazer como professor."

"Deve ser muito difícil consegui-lo numa escola do estado", observou Louis.

"Sim", respondeu Jeanne. "Felix Ortt falou do seu amigo há alguns anos na revista *Noord en Zuid*. Se não me engano, foi logo após a fundação do B.I.D.E. Edward só pode ficar triste, escreveu então Ortt, com as regulamentações, os currículos fechados e as turmas superlotadas impostas de cima, porque isso o impede de realizar o seu trabalho prático como professor. Mas não é o caso apenas de alguém como Edward, claro. Dever-se-ia trabalhar para criar uma espécie de diretriz geral. Professores competentes poderiam depois interpretá-la conforme o que consideram ser o melhor para a sua sala de aula. Mas isso requer uma abertura por parte das elites governantes certamente inexistente antes do início da guerra, e, claro, agora ainda menos."

*Sempre li John Dewey com grande interesse, desde que me foi referido durante a minha visita à Grã-Bretanha. Acho importante lê-lo. Ele diz por exemplo estar alarmado com os excessos dos educadores 'orientados para as crianças' afirmando ser seguidores seus. Quando o adulto fica muito dependente da criança, alerta Dewey, ele pode até prejudicar o processo de aprendizagem. Talvez ele refere-se a uma interpretação incorreta ou exagerada de algo que li dele em 1902. Ele escreveu então que é um erro potencial pensar ser a criança, e não o sujeito em estudo, a determinar tanto a qualidade quanto a quantidade da aprendizagem. O papel do professor nunca deve ser ignorado. Penso ser no mesmo texto que Dewey observa: '*a criança e o currículo são simplesmente dois extremos abrangendo um único processo. Tal como dois pontos determinam uma linha recta, também o ponto de vista real da criança e os factos e verdades em estudo determinam o ensino.' *A maioria das pessoas de Rein Leven lê isso como uma diretriz, acho. Dificilmente se pode esperar que as crianças adquiram espontaneamente um estilo de vida sem haver alguma tensão e até algum estresse.*

Mas o que li de Ovide Decroly num dos números de Minerva *pareceu-me ainda mais interessante. Ele não tece considerações sobre a criança, os estudos e as verdades da educação ou do ensino, mas fala da criança como indivíduo, no seu ambiente. Vai além de apenas a criança e o estudo. Copio aqui parte de uma carta dele publicado por Edward em* Minerva *e que achei muito interessante: '*Penso ser útil dizer-lhe algumas palavras acerca da escolinha para normais, a fim de justificar certas disposições aparentemente contrárias aos princípios fundamentais do

Land-Erziehungsheime (*Escolas Rurais - literalmente Casas de educação no campo*). De facto, nós não estamos no campo e só temos um jardim e um pátio, embora o número de alunos é mais reduzido e as crianças são todas externas. Isto traz vantagens porque elas permanecem em contacto com os pais e há tanta necessidade de convidar os pais para novos métodos educativos como os próprios educadores. Isto é mais difícil quando a criança não está com a família. Por outro lado, podemos começar a trabalhar com crianças mais novas, precisamente porque é difícil fazer distinções, a não ser por razões muito específicas, em crianças com menos de 10 a 12 anos.

Na grande cidade temos mil e um recursos como museus, jardins botânicos, exposições, salas de cinemas, etc. etc., complementos importantes para estimular o interesse das crianças.

No que diz respeito ao programa e aos métodos, levaria muito tempo para lhe explicar os princípios orientadores. Levamos principalmente em consideração dois elementos, um relacionado com o indivíduo — nomeadamente o interesse — e outro relativo às necessidades de adaptação ao meio ambiente — nomeadamente a utilidade dos objectos, seres e factos para a vida humana. No fundo, não propomos nada que não tenha sido já proclamado pelos grandes pedagogos: a aplicação talvez esteja um pouco mais sintonizada com o que a psicologia genética nos ensina...

No entanto, só uma visita e a observação com os próprios olhos podem dar uma ideia do método a quem quer confiar apenas nas suas próprias averiguações, imagino. Por isso tenho a certeza que um dia me dará a honra de

nos visitar e que terei o prazer de lhe dar uma ideia do que estou a tentar alcançar.'

Depois de ler estas palavras de Ovide Decroly em Minerva*, lembrei-me de uma conversa com Molly acerca dum médico austríaco, o neurologista Sigmund Freud. Terá ligado a psicologia e a neurologia, tal como fizeram Pierre Janet e Jean-Martin Charcot, se entendi bem a explicação de Molly. A psicologia e a pedagogia parecem estar mais intimamente relacionadas do que eu pensava. Aparentemente está associado um valor terapêutico ao diálogo e à projeção de si mesmo em outra pessoa. Pode ser o caso quando as crianças se projectam no professor.*

Gostei de ler o artigo de Paul van Oye acerca da Obra Real IBIS iniciada por John Bauwens e para a qual recebeu o apoio do então Príncipe Albert. E já percebi, claro, como aparece a referência ao Príncipe na página de rosto de Minerva*. Edward não perdeu a oportunidade. Resta saber se ele conseguirá influenciar os seus próprios inspectores. Sobre o trabalho do IBIS em si, Paul van Oye escreve em francês. Trata-se de uma escola especializada para filhos órfãos de pescadores. Presume-se que filhos de pescadores se devem tornar automaticamente pescadores, mesmo que sejam órfãos de um pai falecido num acidente no mar. Contudo, e não retirando mérito à escola IBIS, ela reflectiria uma visão social mais ampla se existissem outras formações sem ser para a pesca. Talvez até a oferta existe, não sei, mas Paul van Oye apenas fala de formação para a profissão de pescador no próprio navio-escola e em navios com saídas efectivas para o mar. O artigo termino dizendo que desta forma estas crianças pobres recebem formação e são treinadas para se tornarem corajosos pescadores. Por essa*

razão, a instituição goza a grande admiração de visitantes vindo de diversos países para estudar o modelo.
Olha, é quando fico preocupado. Reaparece regularmente o que passei a chamar de síndrome de Pestalozzi: é preciso transformar crianças pobres em pobres felizes. E, além disso, neste caso são colocados numa camisa de força social da qual é difícil sair. Mas só encontrei aquela passagem de Paul van Oye sobre a escola. Talvez o trabalho da IBIS seja mais amplo em termos educacionais. Quem sabe…
Depois, claro, há mais uma vez o capítulo acerca da Península Ibérica. Há poucas notícias sobre Espanha, desde o assassinato de Francisco Ferrer. As revistas de língua espanhola vêm sobretudo da América do Sul de língua espanhola. Mas em Portugal, em Outubro deste ano, está em curso uma espécie de reviravolta, parece-me. O rei foi deposto e os liberais e os maçons tomaram o poder. A grande prioridade dos novos administradores parece ser de tirar a igreja conservadora do ensino. Apenas algumas semanas após a instalação da República, o governo provisório decreta o fim das aulas de doutrina cristã em todas as escolas primárias e escolas normais inferiores. Do decreto, assim disseram-me, consta a vontade de 'satisfazer o espírito liberal e as aspirações dos sentimentos republicanos da nação portuguesa, considerando que o ensino dos dogmas é incompatível com a ideia pedagógica que deve orientar a educação e a instrução nas escolas primárias para dirigir'. *Segundo este decreto, a educação moral dispensa livros. Basta o exemplo da calma, da bondade, da tenacidade e do método de trabalho do professor para explicar os valores civis e morais. Parece-me uma fantasia de quem pertence à nova elite. Não posso*

acreditar que depois de tantos anos num ambiente controlado pela Igreja Católica, tantos analfabetos irradiem de repente um espírito liberal com aspirações republicanas da Nação Portuguesa. E talvez nem todos os professores irradiem repentinamente simpatia e calma. Contudo, a revista Federação Escolar *considera que acabar com o ensino da moral religiosa católica nas escolas não fere a consciência de ninguém pois os pais têm o direito de ensiná-la na igreja e na família. Os republicanos querem, portanto, um Estado laico de modelo francês, de preferência desde ontem. Posso imaginar como um artigo escrito por um certo Manuel José António irá causar indignação entre as autoridades eclesiásticas portuguesas. O autor escreve por exemplo: '*A gloriosa fundação da República Portuguesa implicou a expulsão do território nacional desta legião negra interna e externa, que durante séculos se organizou sob a assinatura sarcástica e temerária de Companhia de Jesus'.

Também existe polémica em torno das Cartilhas (métodos de leitura). Não acerca do uso em si, mas do modelo a ser utilizado. Segundo a Federação Escolar, *a Cartilha de João de Deus utilizada pela* Associação de Escolas Móveis *já não é a correta. A certa deverá agora ser* a Cartilha Moderna *de Manuel Antunes Amor. Numa carta aberta de 5 de novembro, o diretor de* Federação Escolar *dirige-se ao autor dessa* Cartilha Moderna. *Uma das afirmações diz: '*Vamos nos livrar da velha escola. Viva a nova escola. Meu ilustre colega realizou agora o trabalho com que sonhava desde que terminei a escola. Talvez, para representar o alfabeto, tenha utilizado inconscientemente o conceito de Castilho, o Froeber português que acabou no

esquecimento.' *É bom, claro, ter além de Fröbel um renomeado Froeber Português, mas o que me impressiona é uma certa euforia político-filosófica em relação à Nova Era relativamente vazia acrescentando pouco no ensino em si no final das contas pouco. Os editores de* Minerva *fazem notá-lo delicadamente:*

'Certes, le Portugal est rongé par de nombreux maux; mais le pire est certainement l'analphabétisme. Plusieurs particuliers, et aussi quelques sociétés, cherchent à remédier à ce mal; mais c'est le gouvernement qui devrait se mettre à la tête du mouvement et faire en sorte qu'un Portugais, ne sachant ni lire ni écrire, fut considéré comme une exception. Aujourd'hui c'est l'inverse! [É claro que Portugal está repleto de muitos males; mas o pior é certamente o analfabetismo. Diversos indivíduos, e também algumas empresas, procuram remediar este mal; mas é o governo quem deve colocar-se à frente do movimento e garantir que um português, que não sabe ler nem escrever, seja considerado uma excepção. Hoje é o contrário!]'

Pouco pouco antes do início da guerra, Edward escreveu-me dizendo que pouca coisa mudou. A substituição de uma cartilha por outra pode possivelmente deslocar um pouco a didática da aprendizagem de letras e sílabas para uma abordagem global da palavra, mas em essência a relação entre o professor e as crianças não muda. Ele cita um artigo de um certo F. M. Freire. Reclama do tempo perdido na preparação para o exame nacional no final da escola primária. Mais uma vez, o raciocínio subentende o currículo pobre: uma criança que não vai continuar a estudar não deve ser preenchida com coisas

de que nunca mais precisará. Ironicamente, o artigo não trata tanto do sentido ou do absurdo de obrigar uma criança seja qual for, a fazer testes sobre o que foi instruída. O artigo é sobre o sentido de manter a prova para a qual se deve preparar crianças, sabendo de antemão que não vão estudar mais. Assim dá-se a fazer trabalho inútil ao professor. O autor pergunta-se, escreve-me Edward, por que razão um professor deva ser sujeito a essa quantidade absurda de trabalho de colocar o mais rápido que possível a matéria para exame na cabeça de um aluno, matéria rapidamente esquecida. A crítica não vai no sentido de propor uma escola mais ensinante ou educativa. E mesmo se fosse, o professor querendo implementar a pedagogia mais moderna recomendada, devido à preparação para o exame, simplesmente não consegue fazê-lo. E Edward menciona um comentário final do mesmo F. Freire deixando-me confusa: um professor é avaliado pelo número de crianças que consegue inscrever para o exame e não pelas suas qualidades pedagógicas. E tinha eu uma certa esperança de que ocorresse uma evolução interessante em Portugal.
Escrevi Edward acerca disso logo após a criação da B.I.D.E.. Tudo depende de como o sistema funciona, respondeu ele. Sem abordar especificamente a situação portuguesa, escreveu já o ter dito muitas vezes. O ensino ideal deveria preparar os alunos para a vida quotidiana e torná-los seres humanos de pleno direito. E fica claro: o ensino escolar atira às vezes literalmente areia aos olhos dos alunos, disse-me com alguma ironia. Suspeito que sendo ele cristão convicto, ele tem dificuldades com a natureza dogmática mesmo nas nossa escolas do estado e dos municípios, devido ao controle

implícito da Igreja sobre essas escolas. Ele não quer falar abertamente de acontecimentos em outros países se não tiver informação suficiente. No entanto, ele não se opõe apenas a regras excessivamente rígidas, mas também ao número elevado de crianças por turma. E isso tem só uma origem: os recursos financeiros limitados disponibilizados pela maioria dos governos de muitos países para o ensino primário generalizado. Disso, Edward não deve ter dúvidas.
Entretanto li uma recensão na revista Minerva da Revue Belge des Sourds-Muets. Minerva *elogia o seu conteúdo e refere-se mais em pormenor ao nº. 1-2 com um estudo notável sobre Helen Keller. A jovem americana afetada pela surdez e cegueira terminou de forma bem-sucedida estudos universitários. Em última análise, tudo se resume à comunicação, à aprendizagem através do diálogo e, aparentemente, a comunicação tem muitas formas. Escrevi Edward mais uma carta. Gostaria de saber mais sobre como alguém como Helen Keller conceitua, quando ela não tem os sons das palavras, mas apenas uma representação tátil delas. Edward enviou-me alguns textos de e sobre Helen de pouco antes do início da maldita guerra. Ela tinha 24 anos quando recebeu o diploma de bacharel em artes pela escola superior de Radcliffe em 1904. Desenvolveu os seus talentos literários e iniciou uma correspondência com o filósofo australiano Wilhelm Jerusalem. Captou-me um episódio. Ela fala do seu processo de aprendizagem. A sua professora Ann Sullivan estava a ensinar a formar grupos simétricos de cordas de comprimentos diferentes e ela escreve*: 'Muitas vezes eu estava errado, e quando a Sra. Sullivan me apontou um padrão obviamente errado, concentrei-me

em corrigi-lo. Pensei em como reorganizar as cordas. Então a Sra. Sullivan tocou na minha testa e soletrou "PENSE" com convicção. De repente entendi que aquela palavra era o nome do processo no qual eu estava. Foi a primeira vez que conscientemente conceptualizei uma ideia abstrata."

Helen também fala das suas dificuldades para conversar enquanto criança surda e cega. Ela diz saber hoje que Ann Sullivan sempre falava com ela como com qualquer outra criança, simplesmente soletrando tudo em sua mão. Ainda assim, no início foi difícil para ela conversar deste modo. Ela explica como mais tarde percebeu que enquanto uma criança que ouve e vê aprende por observação e repetição, uma criança surda aprende não pelas entonações alteradas pela boca, mas pela descrição delas, assim como uma criança cega deve receber a descrição das expressões faciais. Ela explica de seguida como é difícil para uma criança cega e surda aprender e usar as subtilezas da conversa, porque ela não consegue ouvir o tom em como é dito uma palavra nem ver a expressão facial a acompanhá-la. Logo, o processo de aprendizagem leva muitos anos. Helen Keller dá um exemplo de como ela associou por muito tempo a palavra 'amor' ao calor dos raios do sol: num dia quente de verão, enquanto observava flores, ela rejeitou um beijo de Ann Sullivan. Esta soletrou então na sua mão 'Ann ama Helen' enquanto ela sentia o calor do sol.

Ela repete de vez em quando ter aprendido com a própria vida. Ann Sullivan fazia a sentir e experimentar constantemente coisas e sempre soletrava as palavras associadas na sua mão. Ela também conta da sua alegria quando começou a estudar na Instituição Perkins para

Cegos, onde pela primeira vez pôde falar diretamente com outras crianças que, como ela, dominavam a ortografia tátil. De repente, ela não precisava mais de uma tradutora o tempo todo, como acontecia até então. Não sei muito mais sobre Helen Keller...

Louis para de ler novamente por um momento. Ele faz uma anotação na margem ao lado da descrição que a mãe fez de Helen Keller: '*Agora que a guerra acabou, descobrir o que mais aconteceu com Helen*'. Depois continua a ler.

Pude ler nas revistas que assinava até a guerra começar, como em muitos países se introduziu-se cada vez mais a escolaridade obrigatória ou o ensino obrigatório a partir da viragem do século. Na Bélgica houve uma proposta do Ministro da Ciência e das Artes para um ensino obrigatório até aos 14 anos criando uma quarta fase do ensino primário para crianças dos 12 aos 14 anos. A proposta foi rejeitada no parlamento. Depois, em 1913, a opinião mudou: Prosper Poullet fez aprovar a lei regulamentando o ensino obrigatório por 8 anos, a partir das férias de verão em que a criança completa 6 anos. Para mim tem mais a ver com a necessidade de ter trabalhadores sabendo ler e escrever. Contudo também ajuda a travar o ainda existente trabalho infantil. Mais ainda não sabemos se irá ser posto mesmo em prática. A ocupação alemã tornou tudo impossível…

A partir de 1910 li mais sobre o ensino em Portugal depois do reino se tornar república. De vez em quando recebia a revista A Federação Escolar. *Não tenho mais nenhum exemplar comigo desde que a guerra nos fez fugir para Tienen em 1914. Lembro-me, penso que no início de Janeiro*

de 1911, ter lido como ficou claro os líderes da jovem república estar a passar por momentos difíceis devido à cúpula conservadora da Igreja. O jornal, contudo, continuava a adoptar um tom conciliatório: 'Deus não foi expulso da escola; ela apenas deixou de ser sectarista, para se transformar num Panteão em que se dará de Deus uma noção mais alta, mais sublime e tão geral que caiba em todos os sistemas e se adapte a todas as concepções. O dever do professor católico ou não católico, é de respeitar a crença dos seus alunos, combater os abusos que se cometam à sombra da religião, qualquer que seja, extirpar os preconceitos, o fanatismo e as superstições que a desvirtuam ou transformam numa seita vilmente explorada por entidades que põem acima da sua pureza ideal um sentimento de cobiça torpe e de predomínio absoluto, inadmissível e improgressivo'. *Aparentemente lá, como na Espanha e entre nós, existem bispos e cardeais arrogantes e sedentos de poder!*

Achei interessante o comentário de João de Barros para quem o Ensino Básico ou Primário não é, como muitos pensam, o primeiro ensino, sem o qual qualquer outro ensino é impossível. Segundo ele, trata-se do ensino fundamental, aquele que torna todas as pessoas cidadãs e que dá aos homens a oportunidade de participar na vida política da cidade e do país. Não é uma preparação para o próximo grau educacional, mesmo se torne mais fácil concluí-lo. Mas hoje ninguém deveria ser privado das três fases do ensino primário. Continua-se a adiar a proposta de Comenius, claro. A ideia dele de Ensino Primário e Secundário para todos, seguido de formação profissional, continua a despertar receios entre aqueles com poder e

riqueza. A República Portuguesa é favorável ao isolamento das crianças cegas e surdas, li. Escolas especiais são necessárias para crianças com atrasos mentais ou académicos, diz-se. Também defende-se um ensino mantendo um equilíbrio entre o desenvolvimento físico e mental. O ensino será acima de tudo útil e intuitivo. É melhor evitar livros a favor de excursões e muitas visitas e passeios educativos. Assim, pode-se estudar todos os fenómenos naturais no ensino secular. Escolas privadas são permitidas sob certas circunstâncias. Os professores não podem ensinar doutrinas contrárias às leis do Estado ou afectando a liberdade do cidadão e a moralidade social. Isso é ótimo, claro, parece que conhecem a Liga da Educação Nova, Decroly ou Ferrer. Mas será possível implementar uma política do género? Duvido… Ligthart, que Edward tanto admira, servirá também ai de modelo. Recentemente, explicou-me como a escola fundada por Ligthart em Haia em 1885 foi pioneira dentro da Liga da Educação Nova, assim como o foram as iniciativas de Tolstoi e Robin. Montessori só iniciou a Casa dei Bambini em 1907, Decroly também só começou nesse período, e Claparède seguiu em 1912. Ferrer seguiu numa direção ligeiramente diferente, mas também apenas no início deste século.

Nos Países Baixos existem agora regras claras para determinam o número de professores numa escola, com base no número de crianças. A loucura das escolas de Lancaster acabou. Uma turma com um professor nunca pode ter mais de 45 crianças. Está na lei desde 1912.

No mesmo período, surgiram declarações surpreendentes vindas da república portuguesa. Henrique Sant'Ana por exemplo observa como quase todos os bairros da cidade têm

*duas escolas privadas para manter as meninas e os meninos separados. Ele perguntava-se por que tanto cuidado em separar as meninas dos meninos na escola, se alguns anos mais tarde iriam trabalhar juntos na fábrica, no escritório ou no balcão. A observação despoletou imediatamente críticas ferozes por parte de certos pastores da Igreja citando um arcebispo francês: "*Vemos em vários lugares como, sem levar em conta as próprias leis escolares e especialmente a ordinário decência com que as crianças devem ser rodeadas, as escolas transformam-se em escolas mistas. Considere só como essa abordagem perigosa de sentar-los descaradamente um ao lado do outro, muitas vezes cara a cara, nas mesmas carteiras, pode provocar na imaginação.*' Eu pergunto-me se essa imaginação não está sobretudo nas mentes daqueles que escrevem sobre esses perigos.*

Quando abordei Edward relativo a esse assunto, ele enviou-me um estudo do escandinavo Rasmussen sobre coeducação. Um inquérito com perguntas feitas às crianças de uma escola mista mostram que três quartos delas consideram a coeducação algo de bom. Para os meninos a presença das meninas confere-lhes modos melhores e mais gentis, enquanto as meninas acham ganharem mais liberdade ao sentarem-se com os meninos. Os professores dizem ser mais fácil de manter a ordem na sala de aula porque meninos e meninas complementam-se e em geral a vida mental na sala de aula é mais saudável.

Edward escreveu-me durante o mesmo período acerca das suas propostas relativas à escola belga. Ele referia-se ao Mouvement de l'Education Nouvelle. Ele escreveu ainda ter dito no congresso do B.I.D.E em Haia não querer mudar

todo o sistema de ensino belga, mas apenas mostrar às partes interessadas e aos professores como incorporar os princípios desse movimento escolar nas suas próprias práticas. Ele está orgulhoso por o B.I.D.E. contar com membros particulares e organizações importantes, como por exemplo o rei belga Alberto I, o senador socialista, feminista, pacifista e maçom Henri La Fontaine e ministros de educação de outros países como Romênia, Bulgária, Tunísia, Haiti, entre outros.

É doloroso ver como mesmo as pessoas sensatas na Igreja continuam a opor-se a tudo o que é escola laica. O Cardeal Belga Mercier escreveu na sua Carta Pastoral que o ensino ateísta deve ser rejeitado, assim como deve ser a imprensa favorecendo tal ateísmo. Critica os maçons, claro, porque, segundo ele, eles mantêm a nação sob o seu jugo. Nenhuma escolha sem religião ou não religioso deve ser tolerado é o seu ponto de vista pessoal, continuando portanto a impor o dogma dos mais poderosos.

A guerra paralisou muito e colocou tudo em modo espera. No entanto, pouco antes do início da guerra, o governo católico fez passar a reforma geral de quatro fases no ensino primário: mais educação e educação gratuita para a população mais pobre foi o argumento. Na verdade, significa uma escola católica mais subsidiado pelo Estado, em troca da pequena cedência de aceitar a fiscalização do Estado. Socialistas e liberais estão furiosos porque isso leva muitas crianças de volta à escola católica. A igreja mostra o seu poder dogmático. Mas a obrigatoriedade continua a ser de ensino não de escolaridade. A burguesia rica e a aristocracia podem ficar tranquilas, o ensino doméstico continua possível. Veremos como depois da guerra terminar.

Louis interrompe a leitura pela enésima vez ao ouvir a mãe a mexer-se no sono febril. Ela está a delirar e fala de Lodewijk. Ela acorda brevemente e dirige-se ao filho como se fosse o marido. Louis tem lágrimas nos olhos. Eles superaram a guerra, mas continuam sem saber se Jeanne irá superar a doença. O médico deu pouca esperança hoje. Com a frase seguinte nas notas de Jeanne, Louis deixa correr as lágrimas livremente. Ele esfrega os olhos várias vezes para as letras pararem de dançar.

A guerra destruiu as nossas vidas. Ninguém consegue entender o golpe de marreta que despedaçou o meu ser interior quando tomei conhecimento como oficiais prussianos completamente insanos mandaram matar o meu pai e Lodewijk no dia 26 de outubro de 1914. Sim, eles mandaram assassiná-los. Foram covardes demais para eles próprios assumir um ato básico de vingança primitiva. Que diferença não vai entre aqueles arrogantes e inchados personagens pavoneando em fardas militares e os meus amigos e colegas alemães com quem tanto aprendi.

Lodewijk não está mais entre nós e nada me faz querer voltar para aquele maldito lugar onde ele foi morto. Queria então ir para Oostende com as crianças, mas foi-me desaconselhado fazê-lo. Oostende estava cheia de gente em fuga e foi logo ocupado pelo exército do imperador. Muitos moradores da cidade tentaram sair rapidamente do país, em direção ao Reino Unido ou aos Países Baixos. A este país o Kaiser não interessou violar a neutralidade. Edward fugiu para Sluis. E como estava ele ainda optimista naquele último número de Minerva *que recebi:* 'Haut les cœurs, et l'avenir est à nous, à cet internationalisme éducatif qui n'est qu'une forme, et non de moins importantes, de la

grande fraternité universelle [De coração aberto, e o futuro é nosso, deste internacionalismo educativo que é apenas um dos rostos, e não o menos importante, da grande fraternidade universal!]' *Ele estava então, tal como os colegas intelectuais dele, convencido que a cooperação internacional impediria os capitalistas arrogantes e a aristocracia proprietária de iniciar uma guerra em prol da expansão territorial na Europa e no mundo colonizado. Estava enganado.*

Parti para Tienen com os quatro filhos. Pobre Louis, tiveste que me ajudar tanto. Lembro-me como foi uma provação aquela caminhada de Liège até Tienen. Tinhas então 10 anos, meu filho, e obriguei te a ajudar a cuidar do teu irmão de 8 anos e das tuas irmãs de 4 e 2 anos. A guerra obrigou-te a crescer muito cedo, ainda agora os tempos obrigam-te a isso, pobre rapaz. Tens quinze anos e falas e pensas como um jovem de vinte ou mais. Não tiveste muito tempo para ser criança. Foi uma grande sorte encontrar um lugar para ficarmos juntos aqui na herdade, toda a miséria da guerra não incomodou demasiado a partir deste momento. Perdi a biblioteca, incluindo todas as Causeries Pédagogiques *de Edward. Na verdade perdi tudo, meu marido, muitas das minhas anotações, a minha vida. Apenas as memórias na cabeça permanecem. Lembro-me até dos títulos da primeira série de Causeries do Edward. Lodewijk e eu liamo-los juntos assim que recebíamos um novo volume. Era a escolha de Edward daquilo que um educador deveria sempre ler:* Emile ou de l'Éducation*, de JJ Rousseau;* Sophie ou la Femme*, de JJ Rousseau;* De l'Éducation*, de Herbert Spencer;* Psychologie de l'Éducation*, de Gustave le Bon;* De l'Éducation des Filles*,*

de Fénelon; Éducation et positivisme*, de R. Thamin;* Psychologie appliquée à l'Education*, de São Marion;* Psychologie de l'Enfant*, do Dr. Ed. Claparéde;* Comment Gertrude instruit*, de Pestalozzi; Lettre à ma petite Sœur, de Félix Ortt. Este último foi o motivo para inicia a sua própria linha editorial, quando não encontrou nenhuma editora que publicasse aquela tradução sobre a educação sexual no nosso país católico.*

Da sua segunda série lembro-me de Le Traité des Études*, de Rollin;* La Grande Didactique*, de Coménius;* L'Œuvre de Coménius*, de R. Menendez;* La Réforme de l'Enseignement*, de Van Overberg;* Pages de Psychologie*, por Jan Lighthart;* l'École de l'Avenir*, de Kleefstra ;* l'Enseignement régulier de la Langue*, de P. Girard;* Le Traité de Pédagogie*, de Kant;* Punition et Pardon, *de Mme van Kol e* Les Caractères et l'Education morale*, de F. Queyrat.*

Como Edward continuava entusiasmado nas vésperas da guerra com os acontecimentos na jovem república portuguesa. Ele escreveu-me o que tinha lido da Sociedade de Estudos Pedagógicos. Falou de Braga Paixão descrevendo as experiências do seu passeio semanal por Lisboa com as crianças da segunda classe. Todas as quintas-feiras ele desce à cidade com 12 a 18 meninos. Eles vêem como é feito o vidro e como o padeiro faz o pão. Visitam olarias, fabricantes de azulejos, gráficas, empresas de conservas e até um forno de cal.

Ao mesmo tempo, ouvi vozes críticas vindas de Portugal em relação a alguns pedagogos da Educação Nova. Um certo Elmino Moreira escreve que o método Montessori não é nada libertador, como alguns afirmam. Ele fala de algumas escolas anarquistas nos Países Baixos que aproximam

melhor o conceito de liberdade do espírito do nosso tempo. Acho se tratar dum anarquista a discutir a posição de Maria Montessori relativo a dicotomia entre liberdade e disciplina. Não sei de que escolas neerlandeses ele fala.
Li Silva Correia. Recusa a ver a escola como um lugar onde se criam crianças caladas, atentas e excessivamente ensinadas para se tornarem uma espécie de escravos disciplinados ou veteranos. Ele escreve que às vezes o professor deve ser capaz de tolerar alguma tirania de seus alunos. A educação e o ensino devem formar atores e não ouvintes passivos. O mestre deve obrigar o aluno a fazer o fazer.
No entanto, o nacionalismo mostra a sua cara feia. Devemos ter cautela ao permitir estrangeiros para educar crianças portuguesas, escreve-se: esses estrangeiros podem interpretar mal a psicologia e a alma portuguesa da população local e dos seus filhos.
Escrevi Edward acerca disso, quando fiz o comentário sobre Freire e a pressão dos exames. Foi a última carta de Edward antes de sermos atacados pelo exército do Imperador, e nele dá mais uma vez a sua opinião sobre o nosso ensino primária: este baseia-se demasiado no culto de heróis nacionais e na instrução. Isso impede as crianças a pensar adequadamente por si mesmas. Segundo Peeters, um ensino deste tipo apenas garante às crianças algum conhecimento declarativo. Ele cita Montaigne: 'savoir par coeur n'est pas savoir'. *Ele disse concordar comigo em relação às opiniões dos portugueses que li. A educação deve ser o mais visual que possível e os alunos deveriam aprender através da acção prática.*

Louis está a ler as últimas anotações da mãe. Foram escritos poucas semanas depois do fim da guerra, pouco antes de ela adoecer. Rapidamente receberam novas informações de fora dos territórios ocupados desde 1915. Ele tem novamente dificuldades em conter as lágrimas quando lê o optimismo mostrado pela Jeanne em relação ao pós-guerra. E agora ela está tão fraca.

Desde Novembro é como se a luz tivesse regressado, apesar de estarmos nos meses mais escuros do ano. As primeiras mensagens que recebi foram boas. Edward passou a maior parte da guerra em Oostburg, nos Países Baixos, onde abriu uma escola para filhos de refugiados flamengos ao pedido do governo belga. Ele considerou a escola como um laboratório educacional, também para a sua própria formação. Organizou a turma com trinta a quarenta alunos com idades entre 6 e 16 anos, de modo que os alunos pudessem trabalhar de forma independente em determinadas tarefas. Foi um elemento importante do seu trabalho. Desse modo, ele também conseguia lidar com subgrupos. Embora mantenha o pragmatismo de John Dewey em School and Education *publicado em 1916, ele disse rapidamente ter visto a diferença entre teoria e prática. Fortaleceu o seu vínculo com Ida Heijermans e deu mais contexto àquilo que aprendeu com Jan Ligthart, falecido em 16 de fevereiro de 1916. Como sempre o meu amigo esteve envolvido em outros projetos nesse período. Ele escrevia regularmente na revista* De Vrouw*, publicada pela Ida, na qual falava sobretudo da Escola Belga de Oostburg.*

Contaram-me como Ligthart nos últimos anos da sua vida ficou cada vez mais absorvido no amor Divino

através da figura de Cristo. As melhorias sociais por si raramente elevam as pessoas, disse ele. Essa elevação só ocorre quando o homem se renova internamente e o puro Amor Divino desperta nele. Agora compreendo as preocupações manifestadas pelos nossos amigos vermelhos Thijsen e Bol há mais de dez anos na revista De Nieuwe School. *Constataram então como Ligthart se permitiu ser facilmente enganado por todos os tipos de pregadores. Um refugiado que regressou há duas semanas deu-me um número da revista* De Nieuwe School*, de pouco depois da morte de Ligthart. Ai, Thijsen escreve sem rodeios:* "Houve uma miserável pilha de vivos e persistentes mal-entendidos entre Ligthart e nós, entre Ligthart e os professores neerlandeses; há muito tempo que esperávamos que num dia bom, num dia muito bom, Ligthart se aproximasse de nós com um gesto forte no meio de todos esses desejos inacabadas que o rodeavam. Mas isso nunca aconteceu. Vemos como toda a sua vida pública, apesar de todas as homenagens que lhe foram prestadas por todo tipo de bocas tolas, poucas consequências teve para a educação. Mas Ligthart por si deve ter sido uma pessoa linda e maravilhosa; quem o conhecia amava-o; quem o via trabalhar achava-o um professor maravilhoso.'

Eu por mim, Thijsen não está totalmente certo. Jan Ligthart tentou mesmo mudar o ensino ao meu ver. Sendo uma pessoa tão bonita, só prestava às vezes demasiada atenção a propostas de outras pessoas que talvez não merecessem toda essa atenção.

Mais triste foi de ouvir do falecimento de Waxweiler em Bruxelas. Não posso deixar de recordar o que ouvimos

acerca do jovem António Faria de Vasconcelos. Depois de terminar os seus estudos aqui em Bruxelas no instituto dirigido por Waxweiler, ele iniciou uma escola em Bièrges pouco antes do início da guerra. Pergunto-me se vai voltar para a Bélgica e continuar a sua experiência no âmbito da Education Nouvelle. Mas falando de Waxweiler. É notável como em relativamente pouco tempo ele fez do Instituto Solvay de Sociologia uma base para amplas pesquisas. Recordo não só as relações que estabeleceu entre a sociologia, a Energética e Biologia geral, mas também com a Etologia relativo a outras espécies animais que não a espécie humana. Ele conseguiu conectar sociologia, fisiologia e psicologia em estudos comparativos. Desde o início, o Instituto utilizou metodologias modernas. Claro que isso era possível graças à generosidade de Solvay, mas quem sempre sempre manteve o Instituto livre de uma ou outra corrente particular foi o visionário Waxweiler. Fez dele um verdadeiro 'laboratório' funcionando para pesquisas aprofundadas acerca da vida urbana, das organizações de trabalhadores, do desenvolvimento económico e até da etnografia do Congo Belga, muitas vezes recorrendo a estatísticas. Estou curioso para ver como este instituto se desenvolverá após a morte do seu diretor visionário e com o fim dessa guerra louca.

Recebi alguma informação vindo de Portugal. Nada acerca da iniciativa mutualista A Voz do Operário. *Mas li que Adolf Lima trabalha como professor de ciências no projeto* Escola Oficina nº 1, *criado por anarquistas. Precede as aulas de biologia nas quais estudam as aves com passeios pelos campos de Lisboa entre Algés e Linda-a-Pastora e pelas Dunas de Algés e Trafaria. Ele prefere induzir o conhecimento por meio da observação em vez de encher a memória dos alunos com*

palavras e fórmulas. Segundo ele, só o método socrático de organização de problemas e questões faz aos indivíduos descobrir esta ou aquela verdade.
E claro, tenho novamente informações sobre John Dewey. Para mim ele tornou-se um farol. A Escola e a Sociedade *já era um livro muito interessante quando foi lançado em 1899, mas durante a guerra foi lançado o livro* Democracia e Educação. *Em vez de educar as crianças para serem seres reflexivos, autónomos e éticos, capazes de chegar a verdades sociais por meio do discurso crítico e intersubjetivo, para Dewey as escolas preparam os alunos para serem dóceis cumpridores do trabalho, de ordens autoritários e das estruturas políticas. Nas escolas, a investigação individual e comunitária é desencorajada. As universidades de ciências aplicadas controlam a implementação dessa visão da instituição educacional. Disse isto em 1899 e repete-o com ainda mais convicção em* Escola e Democracia. *Sobre os sistemas educativos em geral, ele escreveu há quase vinte anos:* 'Necessitamos obter a melhoria da educação. Não se trata simplesmente de produzir professores fazendo melhor coisas que não são necessárias, mas sim de mudar a percepção sobre as implicações da educação.' *Dewey não deixa de definir claramente as qualificações de um professor. E fala da necessidade de ter um amor natural para o trabalho com crianças pequenas, uma inclinação natural para investigar tópicos, métodos e questões sociais relacionadas à profissão, um desejo de compartilhar conhecimentos adquiridos com outros. Segundo ele, essas qualificações devem ser princípios ou hábitos a 'funcionar automática e inconscientemente', sem serem simplesmente competências mecânicas.*

Penso que só o compreendemos se compreendermos também como Dewey vê a democracia. Em primeiro lugar, para ele a democracia é um ideal ético e não um arranjo puramente político. Em segundo lugar, vê a participação, e não a representação, como a essência da democracia. Terceiro, ele enfatiza a harmonia entre a democracia e o método científico: comunidades de investigação em constante expansão e autocríticas operam de acordo com princípios pragmáticos e revêem continuamente as suas crenças à luz de novas evidências. Se bem entendi, segundo Dewey é esse um modelo para a tomada de decisões democráticas. Eu considero que ele apela à expansão do conceito de democracia. O projeto ético estende-se além da política, chegando à indústria e à sociedade como um todo. Se conseguirmos fazê-lo crescer na escola mais democrática, na qual, como queria Ferrer, se reúnam crianças de diferentes classes sociais, então poderemos ter hoje a oportunidade de usar a educação e a cultura para ajudar a próxima geração a controlar líderes arrogantes e a tornar-se melhor a trazer mais perspectivas.

Jeanne não ira viver as tentativas para realizar esse sonho. Mas ela também não verá a nova loucura a ressurgir menos de vinte anos mais tarde. Ela sucumbe àquela gripe virulenta que atingiu grande parte do mundo durante dois anos no final da guerra. Falece no final da primavera de 1919 na herdade dos primos distantes de Lodewijk. Não soube nada da mãe. Mais tarde, Louis descobre a avó ter morrido pouco antes de ele também perder a mãe.

Oostende

Voltamos para trás no tempo e estamos de novo em 1904. Em Oostende, Lucien Souris, aluno de Edward Peeters, tem apenas 10 anos quando com o pai vai ver o Rei Leopoldo II na inauguração da estátua equestre do seu pai na praça da cidade, que mais tarde recebe o nome de Praça Rei Leopold I. Em breve a praça é simplesmente conhecida pelos residentes de Oostende como *'t Pèrd (o Cavalo)*.

O pai de Lucien é mecânico de máquinas de vapor na companhia de pescas de John Bauwens. O menino ouve as conversas com alguns colegas de trabalho acerca da situação na indústria pesqueira. Mais de 2.300 pessoas trabalham na pesca, mas todos os armadores queixam-se da falta de mão de obra. Os pescadores geralmente vêm de famílias de pescadores. Eles conhecem a atividade e os seus perigos desde cedo. E aí começa o problema. Os jovens pescadores preferem mudar para profissões menos perigosas e mais lucrativas. Eles procuram emprego nos barcos de ligação com a Grã-Bretanha ou tentem ingressar o corpo de pilotos portuários. Alguns até afastam-se do mar. A quem escolha o trabalho de pescador, falta-lhe muitas vezes a formação necessária.

Lucien, de dez anos, não se preocupa com educação e ensino. O pai controla rigorosamente se tudo vai bem na escola. Ele tem grandes planos para o filho. Se dependesse dele, não será apenas um mecânico, mas engenheiro. Sim, o mecânico de engenhos a vapor. Souris gosta de olhar para o futuro e tanto

John Bauwens como o capitão Arseen Blondé lembram-no constantemente manter Lucien na escola o mais que possível. O próprio menino não sabe nada disso. Ele brinca sempre que pode com os amigos à sombra das pontes *De Smet de Nayer* perto do porto ou então ao pé da nova grande igreja. Até recentemente, a *Comedieplein* fazia parte dos locais para brincadeiras. Mas hoje é um lugar perigoso com as obras de demolição do *Thêatre Royal*.

O Rei vendeu as residências reais e todos os edifícios anexos na *Langestraat* ao *Domaine de la Couronne de l'État Indépendant du Congo*. Dois anos depois, as casas passam para o *Estado Independente do Congo* com uma condição. A casa principal que serviu de casa de verão aos pais de Leopoldo II continua à disposição do monarca. Com o tratado legando a posse do Congo para o Estado Belga, o estado também se torna proprietário dos edifícios.

Lucien está agora com quatorze anos e sabe dessas histórias de vendas mantendo o Rei como usufrutuário das casas. Ele também segue o destino do *Royal Palace Hotel* com os seus 400 quartos, ícone de Oostende, *Rainha das Cidades do Litoral*. A *Compagnie des Wagons Lits* é o proprietário do hotel e quer alienar património. Um hotel tão grande em Oostende é uma loucura. Oito anos foram suficientes para o constatar. E nem as publicações do professor Jules Felix acerca das qualidades da água mineral disponível no *Trinkhall* de Oostende alteram a situação para a tornar mais conhecida. Segundo o professor, a água é benéfica para muitos problemas digestivos, obesidade e problemas renais. É dado o nome de *Eau Alcaline-Sulferée-*

Lithinée et Boratée et Sodique.

Alguns dos projectos do rei Leopoldo II parecem loucura. Um deles foi concluído no dique perto da *villa real* e do *Royal Palace*: as galerias venezianas e reais foram aí construídas. Ultimamente vê-se o velho rei a passear nelas com a amante e os filhos. Ele vive abertamente com a Miss Blanche Delacroix desde a morte da rainha Maria Antonieta, para grande aborrecimento da aristocracia e da nobreza e para deleite de muitos residentes de Oostende.

Em 1909 a família real frequenta Oostende menos vezes e no final do ano Leopoldo II morre sem deixar filho legítimo. A lei belga proíbe passar o trono para uma das suas filhas. Assim, o sobrinho sucede-lhe como rei Alberto I. É conhecido em Oostende o seu comprometimento com a escola IBIS desde 1906. Esse envolvimento advém da sua visão mais humanista da sociedade. O jovem príncipe, hoje rei, sempre mostrou um certo interesse pela vida e pelo bem-estar da população trabalhadora com a intenção de conseguir um caminho governativo sem influencias socialistas.

Oostende perde de repente algumas de suas salas de jogos de azar, concursos e os programas festivos a elas associados. Com a morte de Leopoldo II, cessa a proteção real do Kursaal. Seguem-se muitos incursões e fiscalizações com base nas leis existentes contra os jogos de azar. O público de jogadores desaparece para outros lugares. Mas há quem não se esqueceu da avaliação da agua mineral do *Trinkhall* e queira atrair um novo público: utentes de instituições termais. Entre eles estão os proprietários de hotéis mais

dinâmicos e boticários para dar a Oostende este caráter termal. Querem competir com algumas cidades termais da Valónia e da França. A Maison Bouchery por exemplo, ostenta no frontão '*Eau Mineral d'Ostende - Source du Parc*', uma referência ao pavilhão do jardim da cidade onde a água termal está disponível para venda e para banhos.

Lucien não pretende suceder ao pai como mecânico na indústria pesqueira mas interessa-se pelo setor. Oostende é o porto pesqueiro mais importante da Bélgica. Em 1910 há 26 barcos a vapor além de 159 grandes veleiros e 154 embarcações costeiras. Desde que os pais de Lucien chegaram a Oostende, ele era criança, o número de barcos com guincho a vapor e o número de barcos a vapor não param de aumentar. Os maiores entre eles conseguem armazenar carvão para viagens de até cinco semanas.

Seis empresas estão envolvidas na pesca a vapor. A maior continua a ser a *Pêcheries à vapeur* liderada por John Bauwens. Há também a *NV Pêcheries d'Islande*, a *Golder & Cie,* a *empresa IBIS*, *a HP Aspeslagh & Cie* e a *N.V. Delta*. É a principal razão pela qual futuros pescadores passam hoje mais tempo na escola e recebem melhor formação profissional. Este ano, a escola municipal de pesca de Oostende tem 49 alunos e os barcos escolares IBIS chegam a 75.

No entanto, o mundo da pesca ainda enfrenta grandes problemas relativamente ao bem-estar dos trabalhadores. Raramente os contratos são de um ano inteiro, a maioria dos recrutamentos referem a temporadas de 6 meses, iniciando geralmente por volta do Dia de Todos os Santos e da Páscoa.

Os pequenos barcos de pesca com apenas 1 ou 2 homens a bordo nem sequer são obrigados a manter listas de recrutamento. As leis de trabalho mais comuns na indústria não se aplicam à pesca. Os pescadores só podem contar com fundos e seguros privados. Existem dois em Oostende, dos quais a *Caisse de prévoyance des pêcheurs* funciona sob os auspícios do Estado. Todos os pescadores com 60 anos inscritos nessa caixa tendo trabalhado na pesca há pelo menos 30 recebem hoje uma anuidade de 120 francos. Uma viúva tem direito ao mesmo montante anual e os filhos têm direito a 24 francos per capita. O seguro cobre despesas médicas em caso de acidente de trabalho e paga 12 francos por mês durante o período de recuperação. Em suma, a vida dos pescadores é marcada pela pobreza. Nota-se bem, mal se entra no *bairro dos pescadores*. Na *Schippersstraat* encontram-se cerca de 18 pessoas por casa, na *Sint Franciscusstraat* são 16. Na *Cirkelstraat* frequentemente há mais de vinte pessoas por casa.

E o aumento da capacidade de pesca e do consumo de certas espécies de peixe, como o linguado, a solha e o eglefim, tem outras desvantagens. As áreas de pesca no Mar do Norte abordadas desde tempos imemoriais esgotam-se em 1913 e os pescadores procuram novos locais de pesca mais longe de casa. As traineiras equipados com motores a vapor estão em vantagem: de Oostende descem até as costas portuguesas e espanholas ou mesmo até às costas da África Ocidental. Mas aparecem novas dificuldades: do *Cabo Fisterra* até Lisboa, as leis espanholas e portuguesas reservam as águas territoriais para a

pesca local. Mais uma vez John Bauwens está um passo à frente dos demais armadores. Ele já havia experimentado sistemas de refrigeração a bordo do *O 87 Marcelle* em 1907. Rapidamente associa-se à *Companhia Nordiana,* que processa óleo de baleia e bacalhau. As traineiras vão para o Mar Branco desde 1907. A mais-valia permite-lhe investir na procura de novas zonas pesqueiras como ao largo da costa marroquina. Portanto, Bauwens já explorou terrenos alternativos disponíveis para momentos de maior escassez de peixe no Mar do Norte. Em 1910 inova a pesca do arenque. Contrata uma tripulação experiente no *Westhoek* flamengo para o *Pionnier II*. No ano de 1913 é o primeiro armador a equipar os navios que percorrem maiores distâncias com rádio e a empregar operadores de rádio treinados no uso desses equipamentos. É o caso do *O 130 Jacqueline*. Este barco prepara-se para seguir para o Congo Belga na Primavera do próximo ano. Vai explorar aí as possibilidades de pesca sob o comando de Arseen Blondé. O capitão dispõe há mais de dez anos do certificado de *Patron Pêcheur* da escola marítima. Depois de ter trabalhado algum tempo para o armador Cesar Degroote é desde vários anos capitão da companhia de Bauwens. Muito provavelmente, o pai de Lucien navegará para o Congo Belga como membro da tripulação.

Lucien fica ao par das novidades quando vem passar um fim de semana em Oostende. Ele iniciou estudos de engenheiro civil na Universidade de Gent. Ficou hospedado em casa de amigos um pouco mais velhos. Conheceu-os no verão passado em Oostende, quando eles estavam de férias durante a pausa

lectiva da universidade. Passaram muito tempo juntos no dique, na praia e em alguns cafés onde frequentemente se reunem jovens conhecidos pelas suas simpatias socialistas. São os cafés onde se juntam os membros da cooperativa SEO e outros mutualistas. Durante a sua estadia em Gent, Lucien Souris mantém contactos frequentes com o movimento socialista, encontrando-se principalmente nos círculos da Cooperativa *Vooruit*. Ele mostra grande interesse nas empresas do grupo *N.V. Vooruit* geridas por trabalhadores. Lucien imagina como poderá ser útil quando encabeçar enquanto engenheiro uma cooperativa ou uma empresa gerida por trabalhadores. Será tal negócio possível no mundo da pesca? É difícil conversar com o pai sobre isso, bem o sabe, mas nas poucas visitas a Oostende, passas algum tempo com Arseen Blondé. Para Lucien este capitão tão ligado aos pescadores de quem cuida é um exemplo.
Lucien volta a Oostende nos meses de verão de 1913. Alguns de seus amigos de Gent juntam-se se a ele. No início de agosto visitam a nova estação ferroviária nos Cais de embarque dos navios para Dover, inaugurada o primeiro dia daquele mês pelo rei Alberto 1 acompanhado pelos filhos Leopold e Karel. Lucien e os amigos observam criticamente as instalações da *Wagon-lits*. O visível luxo só beneficia quem viaja em grande estilo entre Londres e o continente. Essa recepção e tratamento logístico apenas são fornecidos a pessoas de sangue real e burgueses com grandes posses. Fica o contraste pungente com as condições de vida no bairro dos pescadores, a menos de cinco minutos a pé da estação. Contudo, mesmo revoltados, os engenheiros em formação ficam impressionados com o salão de embarque, uma

maravilhosa estrutura metálica envidraçada com três arcos articulados.

Então vem a notícia para Lucien e os seus amigos com vinte anos. Eles devem interromper os estudos e apresentar-se imediatamente no exército. Em 15 de setembro Lucien soldado. Obviamente, para ele pessoalmente, a nova lei sobre o recrutamento obrigando 1 filho por família a fazer serviço militar constitui um grande contratempo. Mas em geral é uma forma mais justa de recrutar jovens para o serviço obrigatório do que o sistema de lotaria até então existente, isso é verdade. A lei foi assinada pelo tio do rei atual no leito de morte. Para os pacifistas e internacionalistas, o que está errado é o próprio conceito do serviço obrigatório geral. Lucien sente como se estivesse a deixar para sempre a casa dos pais na *rua do Cairo*. Ele sabe como ultimamente têm aumentado as tensões entre os governantes do leste, oeste e sul da Bélgica. No entanto, pensa Lucien, o rei deverá continuar a defender a neutralidade do país e assim ele poderá retomar os estudos interrompidos logo depois de terminar o serviço obrigatório.

Soldado a pesar da sua vontade

Lucien já é soldado quando fica a saber da viagem do pai para a foz do rio Congo na traineira *O 130 Jacqueline*. Ele deverá ficar ausente por um bom tempo. Lucien não sabe ainda que não verá o pai nos próximos seis anos.
Algum tempo depois do pai iniciar viagem, dois ex-professores informam-no do trágico assassínio da irmã. Ele fica muito

abatido. Contacta a mãe e ela relata entre choros os acontecimentos. O bebé Lucienne será criada pelos avós e a mãe de Lucien insiste em ele ser o padrinho.

Algumas semanas depois as preocupações são outras. O ano de 1914 está a caminho de se tornar um *annus horribilis* para ele e muitos dos seus colegas de quartel. Os líderes da Europa parecem com toda a força querer redesenhar o mapa das colónias, pelo menos segundo os seus amigos socialistas em Gent com quem passa um fim de semana em licença militar em julho. Os amigos falam muito do ataque ao arquiduque Francisco Fernando em junho passado. A subsequente declaração de guerra da Áustria à Sérvia não é surpresa para ninguém. Para já, o envolvimento do exército belga em conflitos armados depende da posição do rei. Este continua lembrar a neutralidade da Bélgica em todo lado. Apesar dos laços familiares tanto com a Casa Imperial Alemã como com a Casa Francesa de Orléans, ele afirma ser antes de mais Rei dos Belgas.

No dia 2 de agosto, Lucien recebe a notícia da morte do internacionalista Jean Jaurès, assassinado a tiros em Paris dois dias antes. Ainda ninguém sabe se o acto tem a ver com as suas tentativas para evitar a guerra entre as grandes alianças com a França por um lado, e o Império Alemão por outro, mas no mesmo dia ele toma conhecimento da declaração de guerra do Imperador Alemão ao Czar da Rússia. Logo de seguida ouve como o exército alemão ocupou o Grão-Ducado do Luxemburgo. Há pânico no quartel. O comandante do exército alemão exige passagem pela Bélgica em direção à França mas o

Rei continua a defender a neutralidade do país, sabem Lucien e os seus camaradas. Então, as tropas alemãs cruzam a fronteira no mesmo momento em que a guerra é declarada à Bélgica.

Lucien é inserido no Regimento de 3ª linha da 1ª Divisão. A retaguarda da divisão entra em contato com a vanguarda do exército alemão no dia 18 de agosto. A Estação Ferroviária de Grimde torna-se local de resistência estratégica e fica ao cargo do regimento de 3ª linha. É o batismo de fogo para Lucien. Mas a superioridade alemã é grande. O seu regimento não só não consegue manter a posição como também perde quase metade dos seus efetivos.
A 1ª Divisão recebe então a ordem de desacelerar por todos os meios aos seu alcance o avanço do exército alemão através do vale do rio *Dijle*. Uma pequena retaguarda cria barreiras sem entrar em combate directo. Para o comando da 1ª Divisão não adianta oferecer resistência. Melhor é seguir o que resta do exército Belga, provocando pequenos atrasos às tropas alemãs. Lucien escapa à morte e o seu regimento é implantado entre *Willebroek* e o rio *Zenne*. Exausto depois de longos dias de marcha, chega ao local no dia 25 de agosto. Aí Lucien ouve que as tropas inglesas chegaram a Oostende. Talvez ainda se corta tudo pela raiz, espera. Só mais tarde ficará a saber como foi efémera a presença inglesa. Tenta obter informações acerca da mãe e a pequena Lucienne mas em vão. É virtualmente impossível conseguir informações pessoais. Então, o Rei e o governo belga retiram-se para Oostende em 9 de outubro e com o objetivo de reagrupar o exército na região. Lucien sente-se mal ter estado tão perto de Oostende com o seu regimento e

mesmo assim não ter ouvido nada acerca da família. Fala-se sim da companhia de pesca de John Bauwens. Esta começou a transferir os seus navios para Milford Haven no mês passado e continua a fazê-lo. O governo e os armadores querem assim evitar que a capacidade pesqueira passe para mãos alemãs se a cidade for ocupada pelo avanço do exército. Ja no dia 5 de setembro o *O 87 Emmanuel* saíra com ordens de pescar e descarregar em Milford Haven. No dia 6 de setembro fora a vez do *O 81 Isa,* com ordens de pescar e vender em Swansea. O *O 85 Presidente Stevens* seguira em 8 de setembro para Milford Haven, acompanhado pelo *O 83 Marcelle*. No dia 9 de setembro partiram o *O 82 Gaby* e o *O 131 John*. O *O 97 Marie Louise* deixara o porto no mesmo dia, recebendo ordens de pescar primeiro e vender na Inglaterra. No dia 23 de setembro, o *O 87 Emmanuel* regressara a *Oostende* para partir para Milford no dia seguinte. Desta vez a tripulação tinha os parentes a bordo.

Em 13 de outubro o governo muda-se para De Panne porque a cidade de Oostende é considerada perdida. E nesse dia chega o *O 130 Jacqueline* do Congo para sair logo novamente do porto de Oostende, mas não apenas com tripulação e parentes. No porão, o capitão Arseen Blondé leva 500 refugiados. Ele deixa 452 pessoas em Folkestone enquanto os outros, sobretudo parentes da tripulação, incluindo a mãe e a afilhada de Lucien, seguem para o novo porto de escala da companhia de Bauwens em Milford Haven. Arseen quer ainda regressar a Oostende para recolher mais refugiados, mas o capitão de um barco de dragagem da empresa *Cloet* desaconselha-o. Os alemães ocuparam Oostende entretanto e ele abandona o plano.

O resto do exército belga fica posicionado atrás do rio Ijzer. O soldado Lucien Souris, da segunda companhia do segundo batalhão do terceiro regimento de linha, não sabe nada do *O 130* nem da família fugida de Oostende. Hoje ele só quer descansar após mai uma marcha forçada até a curva do rio Ijzer entre *Schoorbakke* e *Tervate*. A noite está relativamente tranquila nas trincheiras cavadas às pressas, mas cada som assusta. Ele não foi colocado em guarda hoje e não sabe se isso é um bom ou mau presságio. Circulam rumores que as terras do outro lado do Ijzer foram inundadas. É uma defesa clássica na longa história de conflitos armados nessa região dos *polders*. Em criança ele ouviu muitas vezes falar do cerco à cidade de Oostende durante o qual as tropas sitiantes foram impedidas de chegar à cidade devido aos diques perfurados. Hoje e aqui fala-se da abertura das comportas. Mas entretanto não está de guarda. Ele pensa nos outros camaradas de companhia aqui deitados no chão húmido. Eles têm uma coisa em comum: são todos ótimos atiradores. Ele suspira. De repente lembra-se do pequeno retrato na sala de estar. Ele está em pé, um rapaz de quatro ou cinco anos, com uma arma na mão. A irmã dele está sentada ao seu lado numa cadeira de madeira. Mais tarde gostou da espingarda com a qual dava tiros. Sempre todos disserem que era um bom atirador. Mas agora não aponta para cartões, ratos e coelhos. Está a tornar-se um assassino? Já o é? Os seus pensamentos voltam para o pequeno retrato. Ele nunca perguntou aos pais se foi feita pelo fotógrafo de Flemalle, onde nasceu, ou se foi o primeiro retrato feito em Oostende. Enxuga uma lágrima ao pensar na irmã assassinada. Ele ainda não

percebeu exatamente o que aconteceu, mas amaldiçoa o dia no qual o seu pai trouxe para casa aquele homem que mais tarde se tornou amante de sua irmã. Assassino, assassinos... Terão os rapazes que descansam nas duas margens do rio Ijzer pensamentos semelhantes? Ou estão eles já tão embrutecidos que não pensam mais? Há ordens, e elas devem ser executadas. Nas últimas semanas ficou bem claro: é atirar ou levar um tiro. Quantas pessoas foram feridas ou mortas por balas perdidas, mesmo de fogo amigo, e quantas por balas apontadas deliberadamente?

Pouco antes do amanhecer, ele sabe que acertou. O seu grupo recebe a ordem: sair da trincheira, ir para o campo e atirar à vontade em direção ao inimigo. *Schoorbakke* deve ficar nas nossas mãos, os alemães não podem atravessar a ponte. Lucien e os camaradas atiram, carregam, atiram, carregam. De repente sente uma dor aguda na mão esquerda. Sangue. Muito sangue. Ele deixa-se cair. Um companheiro grita algo. Ele espera. Muito tempo. Com os olhos fechados. Depois ele sente como o levantam e carregam numa maca. Escapou, mais uma vez. Esta bala não só chegou perto mas também o atingiu.

Os combates frente à ponte de *Schoorbakke* são furiosos, tal como nalguns outros pontos de passagem. O perigo de o exército alemão ocupar o último pedaço do território Belga entre o rio Ijzer e o mar é grande. A linha ferroviária Nieuwpoort-Diksmuide torna-se a nova linha de fronteira entre os dois exércitos. O Rei Alberto não dúvida mais e autoriza a inundação total da planície do Rio Ijzer entre o aterro ferroviário e a margem esquerda do rio. Mas Lucien não

participa nas batalhas de *Ramskapelle* e *Pervijze*. Em 14 de novembro, quatro dias depois de o exército alemão ocupar Diksmuide e os homens de ambos os lados começar a cavar trincheiras, ele permanece em *Courseulles-sur-mer*. Anotou os acontecimentos para informação aos superiores: '*Fui ferido em Schoorbakke, durante a Batalha do Ijzer, em 24/10/1914, de madrugada. A nossa companhia ocupava as trincheiras na margem esquerda do Ijzer, imediatamente a jusante da frente de Schoorbakke, quando o comandante da Companhia W ordenou sairmos das trincheiras e de nos colocar como escaramuçadores nos campos atrás das trincheiras voltadas para o Sul. Foi durante a execução desta ordem que levei um tiro na mão esquerda. Fui evacuado para o hospital Courseulles no Calvados.*' Lucien sabe que teve muita sorte. A bala atravessou a mão e o ferimento não infeccionou antes de ser tratado. Na casa de convalescença onde permanece algumas semanas, há muitos jovens com membros total ou parcialmente amputados. A história é sempre a mesma. Quando finalmente puderam ser tratados ou chegaram ao hospital de campanha, os seus ferimentos estavam tão purulentos que, para evitar mais gangrena, aos médicos apenas sobrava recorrer à amputação.

A ocupação da Bélgica, cuja neutralidade tinha sido estabelecida por tratado internacional, está agora quase concluída. Mas os comandantes do exército alemão ficam furiosos porque a estratégia de atacar o exército francês pela retaguarda falhou. Devia ter sido um ataque rápido. Hoje corre-se um sério o risco de se transformar num cerco sem fim, como já muitas vezes aconteceu na história.

Apesar de todo o internacionalismo e de todos os ideais cooperativos dos socialistas, os apelos militares com conotações nacionalistas tiveram mais peso. Isso surpreende muitos dirigentes, incluindo o líder bolchevique Lénin. Ele não consegue compreender porque é que até os partidos socialistas apoiaram os esforços de guerra dos seus respectivos países. Pergunta-se por que motivo os trabalhadores e agricultores aceitam travar a guerra imperialista da burguesia em vez de assumir a luta de classes. Ele próprio foge da Áustria para a Suíça.

Em 10 de janeiro de 1915, Lucien Souris está de volta na sua companhia na frente. Os seus camaradas contam-lhe como se sentiram infeliz pouco antes do Natal e como se sentem ainda mais infeliz hoje. Dezembro foi frio e húmido e, tanto do lado belga como do lado alemão, as trincheiras estavam cheias de jovens com só um sonho: regressar à casa. Parecia tão irreal. Entre ataques e só separados por alguns metros de terra, dos dois lados os rapazes eram obrigados a se esconder. À medida que se aproximava o dia de Natal, era como se a violência armada tivesse cessado espontaneamente. À noite não era incomum ouvir canções de Natal de ambos os lados e no próprio dia de Natal um coro polifónico e multilíngue espontâneo cantava aqui e ali. Vários rapazes testemunharam como de repente rostos iam aparecendo. Até havia homens levantando-se das suas trincheiras para trocar cigarros, partilhar um *schnapps* ou um aguardente com os rapazes do outro lado. Embora alguns oficiais não tenham proibido a confraternização de

Natal e até tenham participado dela, os acontecimentos foram relatados. Logo no dia 26 foram emitidas ordens avisando que tais confraternizações não seriam mais toleradas. Lucien não fica realmente surpreendido. Como ele, provavelmente há mais pessoas com bom senso a perguntar-se qual é o sentido de se entrincheirar. No terreno ninguém sabe realmente como proceder e para fazer o quê, verdade seja dita. O internacionalismo entre a classe trabalhadora pode parecer destinado ao fracasso, mas aquela confraternização de Natal é apenas um pequeno episódio dando esperança. Nem tudo está perdido quando se trata de solidariedade entre pessoas do povo comum.

Contudo, a violência da guerra rapidamente faz desaparecer esses pensamentos. Como em todos os lugares ao longo da Linha do *Ijzer*, entra-se numa rotina interminável. Os dias na linha da frente das trincheiras alternam-se com dias nas linhas logísticas, seguidos de alguns dias de 'descanso' a uma distância maior da frente de combate.

Nos dias da frente geralmente fica-se em pé ou sentado na água ou no frio congelador. A comida chega fria e também há dias em que a comida nem chega porque as cozinhas de campo não conseguem fornecer nada às linhas de frente, devido à queda e explosão de granadas. De resto às vezes não vai parar à gamela senão uma papa nojenta não tendo o aspecto de ser comida. Frequentemente o terreno está molhado e pantanoso, sem água potável disponível. Na frente, não é raro cair sobre cadáveres semi-enterrados e ferir-se com arame farpado e fragmentos de metal. Cavar casas de banho é impossível.

Os dias nas trincheiras de retaguarda são principalmente ocupadas com o trabalho de reforço de paredes e de melhoria de valas de ligação. Todo é facilmente bombardeado e logo de seguido o mesmo trabalho de reforço recomeça.
Não, nessas condições os poucos dias de descanso até parecem quase um luxo. Mesmo havendo sustos com os ataques vindo do céu, ainda é possível conseguir um banho e eventualmente livrar-se de piolhos e pulgas. Alguns tentam encontrar companhia feminina em pousadas ou bares próximos, outros buscam a companhia de um cachorro. Um bom cão pode acompanhar o seu dono de volta às trincheiras para caçar ratazanas, se conseguir tornar o animal maluco o suficiente para ficar disposto a se juntar à loucura humana.
Durante a segunda batalha de Ypres, em abril de 1915, o exército alemão liberta uma grande quantidade de gás nitrogénio em direção das linhas de defesa belgas, francesas, canadenses e britânicas. Perto de *Steenstrate*, o 3º Regimento de Linha corre em auxílio dos granadeiros. Rapidamente o gás se torna tristemente famoso nas trincheiras. Mesmo assim há quem se recuse a colocar a máscara. Quando Lucien é promovido a cabo, no dia 18 de maio, uma de suas primeiras preocupações é de fazer com que a sua equipa siga à risco as orientações para o uso de máscaras. Contudo, pouco depois a ofensiva pára e nos meses seguintes os seus homens são deslocados para vários locais na frente do Rio *Ijzer*, principalmente com missões logísticas.
Com a primavera e o verão, a humidade e o frio desaparecem do quotidiano e além das pulgas e dos piolhos, agora há nuvens

de mosquitos também. E em dias quentes o fedor é difícil de suportar.

Durante um dos períodos de descanso atrás das linhas de frente, Lucien ouve falar da Rainha Elisabeth. *Uma Cortina de Ferro divide a Europa* terá ela dito quando falava de estar cortada dos locais e das pessoas da sua infância. Naturalmente, como esposa do rei, ela não pode ter qualquer contacto com seja quem for hoje declarado inimigo. No entanto, as más línguas afirmam que ela transmitiria informações ao ocupante alemão. Mas não é verdade.

Mais tarde durante outro período de descanso, Lucien conhece um jovem refugiado. Ele emigrou para Milford e voltou agora voluntariamente como maqueiro de guerra. Ele não sabe nada da família Souris, mas pela primeira vez Lucien ouve falar do *O 130 Jacqueline*. O barco realmente voltou do Congo e recebeu o nome de guerra *Raymond.* Continua a pescar em Milford sob o comando do Capitão Blondé. Durante uma das fainas, o capitão terá tido um encontro com o canadense *SS Morwenna* torpedeado por um submarino alemão. Blondé então supostamente rumou direto para o submarino com a intenção de o abalroar. O *Raymond* terá sido alvejado pelo submarino e um pescador foi morto. Embora Lucien não saiba se o pai ainda trabalha no mesmo barco, ele fica imediatamente preocupado. Mas é-lhe dado a certeza tratar-se dum tripulante de convés. Quando o submarino finalmente submergiu, o *Raymond* salvou ainda 30 tripulantes do *Morwenna* de afogamento levando-os para Milford.

Em 10 de dezembro de 1915, após quase um ano de presença

contínua na frente de batalha, Lucien está completamente esgotado. Não é o único. Mas quando ele fica gravemente doente com risco de pneumonia, ele é enviado em licença de recuperação por algumas semanas. Só surpreende-se pelo facto de, pelo segundo ano consecutivo nesta maldita guerra, passar Dezembro longe da frente de batalha, num ambiente relativamente sossegado. Ele certamente não é supersticioso, mas é como se algo estivesse a cuidar dele...

Durante a licença de recuperação, Lucien tem a oportunidade de descobrir mais acerca dos acontecimentos fora da linha de frente nas trincheiras. O ocupante alemão parece tomar por certo que terá uma presença permanente na Bélgica. Novas linhas ferroviárias surgem. Um soldado socialista francês empresta-lhe alguns jornais que traz consigo. Lucien lê acerca da linha ferroviária nova entre Aachen e Tongeren. E a imprensa socialista francesa fala dos prisioneiros russos postos a trabalhar na construção de um viaduto enorme de mais de 1 km em Moresnet. A informação vem de observadores na zona fronteiriça holandesa de Vaals. A mesma imprensa critica o recrutamento de soldados entre a população trabalhadora francesa. Um mostra homens com constituição atlética a serem rotulados com uma etiqueta '*carne para canhão',* enquanto um oficial observa um homem idoso aleijado dizendo: *'Este não mandamos, utilizamo-lo para criação*".

Mas a carne para canhão é também carne para trabalho forçado. O ocupante alemão coloca soldados prisioneiros deportados nos trabalhos forçados. O jornal francês fala de mais de 12 mil russos presos a trabalhar em Moresnet, muitos dos

quais morrem de exaustão ou mal-tratos. Mas em todo lado emerge novamente em força a escravatura, desde tempos imemoriais ligada à guerra. A Rússia está vinculada pelo Czar por tratados para lutar contra os imperadores da Alemanha e da Áustria-Hungria. Aumenta a insatisfação entre os agricultores e trabalhadores pobres, para os quais esta guerra apenas traz mais sofrimento. Os gestos nacionalistas do Czar, como a mudança do nome da capital de *São Petersburgo* para *Petrograd* para soar menos alemão podem quase ser chamados de infantis. Além disso, quando um dos seus antecessores mandou construir *Sankt-Piter-Boerch,* ele piscava o olho para as na altura ricas Províncias Unidas e não para um Império Romano da Nação Alemã dividida em trezentos e tal principados. A insatisfação entre a classe trabalhadora reflecte-se em partes do movimento socialista europeu. Esta guerra iniciada por razões imperialistas parece dividir o movimento em dois campos. Num encontram-se os internacionalistas opondo-se a qualquer guerra e no outro estão os 'defensistas'. Estes vêm como necessário de defender o o território da pátria quando atacada.

Lucien fica entretanto a saber da ferrovia logística construída pelo exército alemão entre Oostende e Dudzele, onde existem depósitos militares. Isso garante o abastecimento do lado alemão da frente do *Ijzer* ocorre em Zeebrugge e também em Oostende seguindo por ferrovia para Diksmuide.

O comando do exército alemão não dá qualquer sinal de considerar esta linha de frente de trincheira do *Ijzer* até aos *Vosgos* um impasse. Do outro lado, os governos franceses e britânicos atraem cada vez mais recrutas, voluntários ou não,

das colónias e dos territórios ultramarinos.
Em fevereiro, o cabo Lucien é afecto à quarta companhia do quinto batalhão do 3º regimento de linha. Ele sobrevive a mais um ataque seguido de contra-ataque para disputar alguns metros quadrados de terra de ninguém. Também traz o grupo sob o seu comando em segurança de volta para a paz relativa da zona. A sua promoção a sargento em 1 de março não é surpresa. Ele é enviado para um *Curso de Instrução* em Gaillon.
De volta à frente no dia 10 de março, ele assume o comando de uma seção tendo entre outras tarefas a incumbência de melhorar os alojamentos de soldados na linha de apoio. Os locais para os postos de guarda nas trincheiras de ligação entre a primeira linha e a linha de apoio também precisam de ser melhoradas. Muitas vezes enchem-se de água por cima de uma espessa camada de sujidade. Os soldados de guarda nestes postos sofrem rapidamente do mal de pés de trincheira, inchados e infecciosos, especialmente se não conseguirem a tempo suficientes meias secas. O clima imprevisível e os constantes ataques destruindo corredores recém-melhorados obrigam constantemente refazer trabalho já feito.

Em 24 de junho de 1916 o governo faz aprovar um decreto ao favor dos homens a lutar nas primeiras linhas. Quem demonstrou coragem e não sofreu medidas disciplinares, receberá uma recompensa adicional ao soldo por meio de *chevrons* de frente. Lucien descobre ter recebido um primeiro *chevron* com data de 1º de agosto de 1915, e um segundo com data de 1º de fevereiro de 1916. Ele aprecie a recompensa, mas melhor seria ele nem ninguém ser obrigado a viver nas

condições nas quais estão hoje metidos. Se não for baleado ou morrer de alguma doença, pensa com amargura, irá receber mais *chevrons*, pois parece não haver fim à vista para a miséria dos soldados entrincheirados a atacar ou defender-se de ataques com intervalos regulares.

Em meados de julho, Lucien é novamente enviado para instrução. Ela termina em Paris, tendo ele o dia 15 de julho permissão até a meia noite. No dia seguinte é oficialmente promovido a ajudante.

Naquela altura começara a batalha do Somme e Lucien ouve histórias horríveis acerca daquela ofensiva em curso durante a sua licença de um dia em Paris. Os comandos dos exércitos francês e britânico não querem admitir como impossível os objectivos definidos para a primeira fase. Não se consegue romper as linhas alemãs e em Paris fala-se de mais de 50.000 soldados mortos num só dia naquela terrível terra de ninguém entre os dois complexos de trincheiras.

Preocupado, Lucien volta para a Frente Belga no Rio Ijzer, onde é enviado para a 6ª companhia do 23º Regimento de linha. Mas aqui no *Ijzer* não há indícios de preparação para alguma grande ofensiva. O comando do exército Belga sabe não dispor de homens nem equipamento para tal e o Rei Alberto tem muitas dúvidas em relação a ofensivas suicidarias. Limita-se a defender a linha ocupada até agora. Mesmo havendo escaramuças quase diárias, o custo em vidas humanas é muito baixo em comparação com o massacre do Somme. Lucien passa a ter o comando de um

pelotão composto principalmente de soldados de língua flamenga e da região. Muitas vezes ele traduz as ordens recebidas em francês para se dirigir aos soldados no seu próprio dialecto. Mesmo se algumas ordens não pareçam muito lógicas do ponto de vista de quem está na trincheira, Lucien está ciente do perigo se o exército alemão conseguir uma brecha no *Ijzer*. Não seria boa coisa para o desenvolvimento das operações no vale do Somme. Ele procura encorajar os recém-chegados na frente. Lucien ganha alguma popularidade entre estes simples filhos de agricultores e operários integrados no exército mal atingem a idade de serem recrutados. A sua presença contínua na frente traduz-se na obtenção do 3º *chevron* de frente em 13 de agosto deste ano. Faz agora quase dois anos, pensa, que a maior parte dos seus dias consiste em deslocar-se penosamente por este pedaço de polders da Flandres Ocidental, onde têm estado sob o fogo uma e outra vez, não só durante as saídas sob ordem superior, mas também durante os trabalhos normais de manutenção das trincheiras. Ele fica surpreendido por ter pensado na palavra 'normais'. Como pode essa palavra entrar-lhe na cabeça quando se refere a manter secas e livres de pragas, as cicatrizes profundas da paisagem, nas quais homens ansiosos e chorosos passam a maior parte do seu tempo. Ficaram embrutecidos por um tédio só interrompido por ordens para tarefas impossíveis, às vezes até sem sentido, fazendo só ansiar a maioria dos soldados pelo próximo período de tédio estupidificante. Alguns quase preferem ser

mortos, por sentir de tal forma a insensatez, se morrer na frente não fosse tão assustador em muitos casos.

Na véspera do terceiro inverno da guerra, Lucien é transferido novamente. Apresenta-se na 11ª companhia do 3º Regimento de linha, após a desduplicação do 23º Regimento de linha em maio deste ano. Há quem não gosta de o ver partir. Ele próprio pergunta-se qual será agora a estratégia do comando Belga para encorajar mais homens para mais ações nessa ponta na extremidade da longa linha sendo para as tropas alemães a frente ocidental. Mas é informado da suspensão da ofensiva do Somme pelos comandos dos exércitos aliados em meados de novembro. Conquistou-se não mais do que algumas centenas de quilómetros quadrados. A ofensiva custou mais de 600 mil vidas. Depois da guerra, ele ficará a saber que do lado alemão mais de 400 mil morreram. Foram um milhão de mortos para criar um novo impasse.

Este ano, Lucien passa o período de Natal e Ano Novo nas trincheiras junto com os homens sob o seu comando. Os 3º e 23º Regimentos de linha receberam as ordens de continuar a defender os sectores *Steenstraete* e *Diksmuide*. Tendo o pelotão sob comando de Lucien a perspectiva de ficar estacionado no mesmo local por um período de tempo mais prolongado existe subitamente uma espécie de vontade para se esforçar mais na melhoria dos abrigos. Faz-se de tudo para manter as áreas de descanso mais secas e arrumadas, e criam-se áreas mais isoladas para depositar lixo e excrementos. Mas não se consegue evitar a presença das ratazanas. Assim, os cães continuam permitidos na linha de frente. Durante os longos dias húmidos, escuros e

muito frio deste fim de ano a chegar ao fim, é melhor procurar manter-se aquecido com trabalhos de escavação e escoramento, ou treinando um cão. O exercício até convida. A alternativa é de jogar com cartas amolecidas ou feitas à mão perto de uma fogueira fumegante. Para o próprio Lucien, treinar o cão é mais atraente do que ficar quieto e sentado ouvindo as piadas grosseiras de soldados, cheias de palavrões e obscenidades, ou ouvir histórias de façanhas sexuais parcialmente verdadeiras e frequentemente inventadas.

Em janeiro de 1917, um novo decreto-lei altera ligeiramente a lei determinando a obtenção dos *chevrons*. Em 13 de fevereiro de 1917, Lucien já coleciona quatro. Com alguma ironia pensa como 13 passou a ser o seu número da sorte; mais um *chevron* da frente do *Ijzer* significa mais seis meses sem ter morrido e ele pergunta-se se vai chegar em vida ao quinto. Talvez o exército alemão enfraqueça a tal ponto que o imperador desista da luta... Afinal, o exército do Imperador deve lidar com duas frentes e, se os rumores forem verdadeiros, a pressão dos aliados sobre o frente oriental está a aumentar mais uma vez.
Porém, durante um curto período de descanso um mês mais tarde, Lucien consegue actualizar-se. Afinal, a frente oriental pode estar a enfraquecer em benefício das Potências Centrais lideradas pelo Imperador alemão. O Czar Russo terá sido obrigado a abdicar do trono em 15 de março. É difícil para Lucien imaginar o sofrimento da guerra na Rússia. Ai, os invernos são incomparavelmente mais frios do que no *Ijzer*. Ele está-se ciente do enorme número de prisioneiros de guerra russos. Aparentemente, a situação terá levado a uma enorme

revolta popular alguns dias antes, não só em Petrograd, mas também em outras partes do enorme país. Insistentes rumores colocam Lenin em Petrograd.

Entre os socialistas russos há quem se une em torno de Lenin e acredita apenas ter interesse travar a luta de classes. Contestam por isso a guerra em curso porque esta desvia as forças da luta de classes para as mobilizar em apoio aos poderosos lutando entre si. Lenin argumenta não haver lugar para defensistas no seu movimento bolchevique. Os líderes do movimento revolucionário com uma atitude mais nacionalista, incluindo um dos seus braços direitos tendo assumido o nome de Stalin, mudam sem hesitação de opinião para não serem excluídos na ascensão ao poder, quando o líder apresenta a sua posição em quatro pontos: todas as terras para os camponeses, todo o poder para os sovietes, todas as fábricas nas mãos dos trabalhadores e paz imediata com a Alemanha. O Imperador alemão certamente leva em conta as declarações públicas de Lenin contra a guerra. Vê nelas uma oportunidade de firmar uma paz vantajosa com a Rússia e, assim, enviar todas as suas tropas para a Frente Ocidental.

Lucien tomara conhecimento de alguns pormenores só depois da guerra. O governo alemão apoiara a viagem de Lenine e do seu estado-maior a Petrograd, disponibilizando um comboio fechado a atravessar a Alemanha, para a Suécia neutra e a Finlândia, quando o Czar decidiu entregar o trono ao irmão que prontamente recusou. Na altura a secção bolchevique dos socialistas liderada por Lenin terá tentado um golpe de estado, mas este falhou. Quando alguns dos líderes do movimento

foram capturados, Lenin fugiu para a Finlândia. O acontecimento adiou um possível acordo de paz entre o Imperador alemão e um novo governo Russo a vir.

Ainda no rio *Ijzer*, Lucien é promovido de suboficial a oficial com o grau de subtenente no dia 7 de julho de 1917 na 11ª companhia do 3º Regimento de linha. A primavera passa a verão alternando dias chuvosos com dias secos. A temperatura aproxima-se de vinte graus, mas o sol fica muitas vezes escondido atrás das nuvens. O solo não chega a secar verdadeiramente.

Após um teste inicial, as tropas alemãs lançam 125 toneladas de gás mostarda com granadas *Gelbkreuz* nos sectores de *Noordschote* e *Boezinge* durante a noite de 12 para 13 de julho. A companhia de Lucien não é afetada. Mas Lucien apercebe-se rapidamente como este gás é perigoso, muito mais dos que foram utilizados até agora.

No Hospital da Cruz Vermelha de *De Panne*, a enfermeira Jane de Launoy e seus colegas veem as consequências. Ela fala dos homens deitados na cama completamente vestidos. Ficam de cor azul alternando movimentos bruscos com momentos sem mexer. Não conseguem respirar sem cerrar os punhos convulsivamente. Ela escreve indignada: '*Se não morrerem, muitos permanecerão cegos. Por que não são aqueles a querer e a preparar-se para a guerra que são sufocados até a morte com a mais cruel das torturas?*' Outras enfermeiras não se atrevem a contar suas experiências aos soldados quando se encontram com eles: veem homens com os pulmões queimados, com rostos arrasados, e mesmo quase sem têm fôlego a gritar com a dor.

Outros já só conseguem sussurrar. Sabem como a garganta gaseada os irá sufocar.

Lucien tem ainda outras preocupações: no início de agosto chove imenso e as trincheiras ficam pantanosas como em outros anos acontecera com as tempestades de outono. Mantê-los em mínimo estado de uso é quase impossível. Surpreendido por continuar vivo, recebe um pouco perturbado o quinto *chevron* exatamente seis meses depois ter recebido o quarto em 13 de agosto de 1917. Também é o caso para alguns outros homens do seu pelotão. Fazem comentários de quantos mais chevrons da frente haverá até o final da guerra se a lei entretanto não mudar. Serão quando a guerra terminar, as mangas longas o suficiente para costurar todas as listras?

Com o final do verão e o outono a trazer mais mau tempo, os pelotões são outra vez postos a trabalhar para tornar o mais utilizável possível as ligações logísticas entre o interior e as primeiras linhas da frente. Os 130 km de ferrovia colocados pelo exército ao longo dos anos para rapidamente abastecer os soldados de munições e alimentos devem ser monitorados. Suboficiais e oficiais subalternos especulam acerca de uma nova grande ofensiva a vir. Circulam rumores acerca de Lenin. Terá conseguido o seu golpe de estado e surgem informações perturbadores. O Imperador alemão estará a pressionar negociações de paz com a Rússia dando-lhe assim a oportunidade de mover as tropas estacionadas na frente oriental para o ocidente. Os Comandos dos exércitos belga, francês e britânico parecem reagir com nervosismo, apesar da declaração de guerra dos Estados Unidos da América à

Alemanha.

Lucien Souris recebe a mensagem da sua promoção a tenente no dia 7 de novembro. Ele será encaminhado para um curso de formação de oficiais no dia 12 de dezembro. Entretanto ele é elegível para a decoração em bronze instituído em 25 de outubro de 1915 e concedido aos soldados por ato de coragem contra o inimigo. No seu caso a decoração destaca os cinco *chevrons*, certificando 3 anos de serviço nas linhas de frente. A fita da decoração tem de uma palma de bronze com a letra *A* (do Rei *Albert I*).

Durante o treino de oficial resultante da promoção a tenente, Lucien Souris ouve como o desvio obrigatório da frota pesqueira de Oostende para Milford Haven originou alguns desenvolvimentos inesperados. Os pescadores britânicos já há algum tempo tinham criado sindicatos de pescadores, inspirados nos sindicatos dos operários na metalurgia. O capitão Arseen Blondé terá-se certamente lembrado de sua juventude, quando ouviu Edward Anseele a discursar em Oostende na altura de uma revolta dos pescadores. Em Milford, pescadores e mecânicos dos barcos a vapor belgas iniciaram uma greve à qual o pai de Lucien se juntou. O capitão Arseen, sempre do lado de sua tripulação, actuou espontaneamente como orador deixando claro as demandas dos mecânicos e dos pescadores aos armadores. Não só os maquinistas conseguiram obter melhores condições de trabalho pelas quais tinham entrado em greve como os pescadores de Oostende permanecendo em Milford decidiram estabelecer o *Sindicato dos Marinheiros Belgas,* assistidos pelo

secretário do *Sindicato dos Marinheiros e Bombeiros* de Milford Haven. Os armadores não ficaram nada satisfeitos com este desenvolvimento, percebe Lucien. Para se defender da mobilização colectiva dos pescadores, fundaram a *Union des Armateurs – Redersvereniging*. É quase surreal, pensa Lucien, ter notícias do pai envolvido numa disputa laboral, enquanto de momento o seu próprio objetivo é de simplesmente conseguir sobreviver à guerra.

Durante este inverno, Oostende e a sua população sofrem mais com os ataques britânicos do que com toda a ocupação alemão. Na verdade, os ataques resultam da rápida retirada dos defensores da cidade quando do início da guerra. Na altura não se conseguiu desativar o porto. O exército ocupante adquiriu logo um porto importante e bem equipado, ideal para a sua frota de submarinos e contratorpedeiros. Hoje toda a zona, incluindo os bairros vizinhos está sob ataque. Muitas casas naquela parte da cidade foram destruídas e pelo menos 300 pessoas foram mortas entre a população civil que permaneceu na cidade.

Tenente Lucien Souris volta para a frente no final de janeiro de 1918 onde muitos sos seus homens sai gente da região. Ele só consegue comunicar-lhes que partes de Oostende estão hoje certamente inabitáveis.

Lucien recebe o seu sexto *chevron* de frente em 13 de fevereiro, pouco antes de recomeçar em força as hostilidades, com o exército alemão de volta à ofensiva. No 1º de março de 1918 a intenção do Comando do Exército Alemão implica claramente cruzar o *Ijzer*. Quer chegar a Dunquerque e Calais

para tornar estes portos inutilizáveis por parte do exército britânico. A opinião geral coloca Diksmuide como o ponto de partida. Ou trata-se apenas de uma distração para manter os soldados belgas ocupados? Utilizam-se vários tipos de gás, tanto o gás lacrimogéneo relativamente benigno como os mortais fosgênio e cloro.

Mas então subitamente o exército alemão muda os seus ataques mais para sudeste. Ocupa *La Bassée* e *Armentières*, para depois seguir para o norte. Em 10 de abril, o Comando belga percebe a intenção. Do outro lado, procura-se endireitar a curva em torno de Ypres, mas por enquanto as tropas alemãs não passam de *Mesen*, entre *Wijtschate* e *Ploegsteert*. Em 15 de abril, o exército belga ainda controla firmemente a frente ao norte de Ypres, apesar dos contínuos ataques alemães. Mas ocorre um verdadeiro massacre ao sul da cidade. Mais de 5.000 soldados perdem a vida perto de *Kemmelberg*. A colina inteira é destruída, nem uma única árvore permanece de pé. Mesmo assim, as tropas alemãs não conseguem chegar à costa e o progresso em direção a Ypres é lento. Apesar do grande número de mortes, as tropas aliadas conseguem resistir e dia 1 de maio o comando do exército alemão interrompe a ofensiva de primavera no noroeste da linha da frente. Ao todo mais uma vez 1 milhão de pessoas morreram contando ambos os lados.

Dunquerque e Calais estão fora do alcance do exército alemão, logo, os portos de Oostende e Zeebrugge continuam a ser portos estratégicos. O Comando do exército

britânico procura bloquear pela segunda vez o porto de Oostende depois de uma primeira tentativa fracassada e de um bloqueio parcial de Zeebrugge. No dia 10 de maio mais uma vez não se consegue. O obsoleto cruzador *Vindictive* cheio de blocos de cimento levado até a entrada do porto é afundado pela artilharia alemã, mas fora do local pretendido, e oito pessoas morrem. Os submarinos conseguem continuar a utilizar ambos os portos.

No início de agosto de 1918, os comandos francês, britânico, americano, australiano e canadense planejam novas ofensivas ao longo de toda a frente ocidental. Solicita-se o comando belga em manter em defesa a extremidade oeste da linha de trincheiras em Nieuwpoort ao longo do Ijzer até Diksmuide, do do canal Ypres-*Ijzer* e do arco Ypres até *Wijtschate* para apoiar a ofensiva de libertação. No dia 13 do mês Lucien recebe o sétimo *chevron*. Ele começa a pensar que a bala que o deveria matar não foi forjada. Assustam-o as minas e as baionetas. Durante os longos anos na Frente, ele tantas vezes viu se obrigado a dizer aos camaradas desmembrados que os maqueiros não existentes estavam a caminho. Ele segurou tantas mãos de soldados moribundos e viu outros apagar-se devido a doenças ou em resultado de feridas sem cura. Ele também tem gravado na memória o que viu e ouviu no hospital em De Panne após o primeiro grande ataque com gás mostarda, há pouco mais de um ano. Vê miséria em todos os lugares. Até fica surpreendido ao ver como o desejo de viver faz uma pessoa seguir em frente, colocando automaticamente a máscara de gás avistando a menor névoa. As imagens de terror na cabeça às vezes deixam-

no enjoado, mas na maioria das vezes essas imagens fazem-no dizer mentalmente: *'Não vou deixar isso acontecer comigo'*, como se alguém tivesse a opção de ser ou não atingido por um granada ou pelo gás infiltrando-se numa máscara defeituosa...
Em meados de Setembro, uma grande parte do exército belga está pronta para participar na anunciada ofensiva de libertação. E finalmente, em 28 de setembro de 1918 mobiliza-se sob intensa chuva dez das doze divisões para a Batalha das Colinas Flamengas. São apoiadas na ala direita pelo 2.º Exército Britânico e alguns destacamentos de reserva franceses. Sob o comando do Rei a ofensiva ocorre em duas fases. O ataque principal faz os soldados alemães abandonar a floresta de Houthulst e os cumes das localidades de *Houthulst*, *Stadenberg, Westroosebeke*, *Passchendaele* e *Broodseinde*.
O ataque à Floresta Houthulst é feito pela 7ª Divisão de Infantaria Belga, apoiada por 4 Regimentos de linha, incluindo aquele do qual faz parte o pelotão de Lucien mais o 7º Regimento de Artilharia e o 7º Engenharia. Apesar de perdas significativas, os soldados belgas assumem o controlo da floresta na noite do dia 28. Dois dias depois termina esta fase da Ofensiva de Libertação. O 3º Regimento de linha, incluindo o pelotão comandado por Lucien consegue desocupar o *Riegel* de Klerken.
Mas a guerra ainda não acabou. A perda de homens força ao reagrupamento e o Lucien junta-se à 9ª companhia do 3º Regimento de linha em 29 de setembro. Nos primeiros dias de outubro, mais ao sul, *Poelkapelle*, *Langemark* e *Rumbeke* são

libertos e as tropas chegam aos subúrbios de *Iseghem* e *Lendelede*. Aproveitando esse avanço, e apercebendo-se da retirada do exército alemão, as tropas belgas estacionadas perto da zona inundada entre Diksmuide e Nieuwpoort, chegam ao rio *Ijzer*. Em meados de Outubro, as tropas alemãs deslocam-se para Leste. Em 17 de outubro de 1918, soldados belgas entram em Oostende e nos subúrbios de Bruges.
O Rei e a Rainha avaliam pessoalmente o estado de '*Oostende libertada*'. Partes do porto e os bairros ao redor do porto estão destruídos, mas a ferrovia para o centro da cidade, o Kursaal e o hipódromo sobreviveram à guerra. O porto estará em breve totalmente operacional. Aparentemente, as tropas alemãs não tiveram tempo de empregar a tática de terra queimada na altura da retirado como fizeram em algumas outras regiões deixadas para trás.

Em 11 de novembro de 1918, o Imperador da Alemanha rende-se e o armistício entra em vigor. Quatorze dias depois, o Tenente Lucien Souris é designado para o Estado-Maior da Costa. É hora de fazer um balanço desta guerra. A partir dos números disponíveis, pode-se concluir terem sido envolvido 70 milhões de soldados em apenas quatro anos, dos quais 60 milhões europeus. De acordo com os dados iniciais, acredita-se terem morrido mais de 9 milhões de homens no campo de batalha ou em consequência de ferimentos e doenças sofridas como soldados. Uma média de pouco mais de 6100 pessoas por dia.
Mais de 21.000 soldados belgas foram mortos no campo de batalha durante a guerra aprende Lucien. Se somar os feridos e

os doentes que morreram posteriormente, o número de mortes quase duplica. E no entanto o Rei dos Belgas apenas quis manter a neutralidade à qual a Bélgica era obrigada desde 1831... incluindo pela então Prússia, para além das outras potências europeias da época, nomeadamente o Reino Unido, a França, a Áustria e a Rússia. O artigo 9.º do *Tratado dos XVIII Artigos,* imposto por essas potências, diz: '*A Bélgica, dentro das fronteiras que serão demarcadas de acordo com os princípios estabelecidos nestas disposições provisórias, constituirá um Estado perpetuamente neutro. As cinco potências, sem quererem interferir no regime interno da Bélgica, garantem-lhe esta neutralidade perpétua, bem como a integridade e inviolabilidade do seu território dentro das fronteiras indicadas neste artigo.*' Um bom exemplo, pensa o nosso convivial anarquista sobre como os tratados estão cheios de promessas vazias por parte de quem se arroga o poder.

Não é só Lucien a observar a fragilidade dos tratados internacionais. Se o seu concidadão August Beernaert ainda estivesse vivo, ficaria bastante chocado com a forma como as regras dos tratados no contexto da Segunda Conferência Mundial de Paz em Haia foram simplesmente ignoradas durante esta guerra: a invasão alemã do Luxemburgo e da Bélgica neutra em agosto de 1914 para contornar a França foi uma violação da Convenção de 1907, estipulando que as partes em conflito não podem violar território neutro ou mover tropas sobre essa área. O gás venenoso foi utilizado por todos os principais beligerantes durante a guerra, em

violação da Declaração IV-2 da Conferência de 1899 e da Declaração da conferência de 1907 explicitamente proibindo o uso de veneno ou armas envenenadas.

Primeiros anos depois da guerra

Em 18 de janeiro de 1919, começam em Paris as negociações sobre as compensações e as indemnizações de guerra. Essas negociações provavelmente se arrastarão por algum tempo. Moresnet não obterá um estatuto independente após a ocupação alemã, claro, mas será permanentemente adicionado à Bélgica, bem como algumas terras alemães daí para diante referidas como os Cantões de Leste. Como resultado, a área de exploração da empresa de zinco *Vieille-Montagne* em Kelmis regressa ao território belga.

No mesmo dia, pouco mais de dois meses após o armistício, reabre a linha Oostende-Dover. O turismo a partir de Inglaterra é de novo possível e há quem aproveita. Mas o serviço do *ferry* é especialmente importante para trazer para o continente familiares de soldados britânicos desaparecidos. Demasiadas vezes faltam informações precisas, especialmente em relação aos feridos graves e aos muitos soldados deixados para trás nos campos de batalha durante as ofensivas de 1918 e de quem muitas vezes não foi possível uma identificação precisa.
Lucien ainda trabalha no Estado-Maior da Costa. Ele teve a oportunidade de visitar a casa de seus pais na *rua de Cairo*. A casa não sofreu muito com os bombardeamentos do porto. Ele informa os pais. Estes ainda estão em Milford Haven e por

enquanto não voltam a Oostende.
Em 31 de março, Lucien aprende ter-lhe sido atribuído a Medalha do *Ijzer* junto com um oitavo *chevron* dois dias antes. Por decisão ministerial de Janeiro todos os soldados sobreviventes tendo estado na frente durante a guerra toda desde agosto 1914 até novembro 1918 receberam este *chevron*. A medida visa principalmente fornecer uma compensação financeira àqueles obrigados a desistir de tudo quando a guerra eclodiu. Lucien tem hoje 26 anos e não sabe se e quando poderá retomar os seus estudos interrompidos há seis anos. Ele espera voltar em breve à vida civil como oficial da reserva, tendo deixado claro não estar interessado numa carreira militar. Mas a dispensa não chega tão depressa. No entanto, ele é otimista e em 30 de maio escreve aos seus pais ainda em Milford Haven: *'Tout va bien ici, seulement encore rien de décidé pour le départ. Je ne désespere pas encore de ver la dispense annoncée. Bien le bonjour à tous et de gros bisous à la grande fille de son parrain.'*
Lucien finalmente é chamado a comparecer perante o seu comandante no início de julho. Ele está convencido que receberá os documentos para a sua dispensa. Mas não é o caso. Lucien é informado isso sim, do seu estatuto de oficial da reserva com o grau de tenente desde de 26 de junho. Contudo não tem autorização para terminar as suas obrigações militares. O exército precisa de ser reorganizado no rescaldo da guerra e há falta de oficiais. A nação precisa dos oficiais da reserva, assim é-lhe anunciado. Ele acata o facto, mas espera acabar em breve a necessidade de oficiais da reserva. Mas fica bastante desapontado quando é informado da sua integração no Estado-

Maior do Governo Militar da Flandres Oriental. É obrigado a deixar a costa.

Ao todo, serão mais quatro anos até Lucien finalmente ficar liberto das suas obrigações. Mas a deslocação para o interior dará à sua vida um rumo completamente novo.

Em 19 de julho de 1919, o Tenente de Reserva Lucien Souris com duas estrelas na gola, Cruz de Guerra e Medalha do *Ijzer* no peito e oito *chevrons* na manga esquerda, sai da estação ferroviária de Dendermonde para se apresentar no Estado-Maior da Flandres Oriental.

Pouco depois ele ficará com mais duas medalhas no uniforme. Em 15 de julho, a *Medalha da Vitória Inter-Aliada* foi alargada à Bélgica e concedida a todos que serviram no exército belga mobilizado entre 1 de agosto de 1914 e 11 de novembro de 1918. Esta medalha de bronze foi inicialmente proposta pelo marechal de campo francês Foch. A medalha é pendurada numa fita arco-íris igual para todos os Aliados. O anverso da medalha representa a deusa da vitória com asas abertas, de pé sobre um globo com uma coroa de louros na mão esquerda e uma espada e uma coroa de louros na direita. O reverso mostra o brasão belga dentro de uma coroa de louros com o texto '*La grande guerre pour la civilisation. De grote oorlog tot de beschaving*' gravado. Uma semana depois, a *Medalha em Memória da Guerra de 1914-1918* é instituída e concedida a todos que serviram nas fileiras das forças armadas belgas durante a Guerra Mundial e abrangidos pelos critérios para a *Medalha da Vitória*. Esta medalha de bronze ligeiramente triangular pode ser fornecida com vários emblemas, incluindo uma barra de

prata por cada Chevron de Frente e uma barra folheada a ouro para substituir 5 barras de prata.

Poucas semanas após a sua chegada a Dendermonde, Lucien Souris conhece Charlotte Hofstadter quando investiga com o responsável da cantina os talhos locais para fornecimento regular à cantina do quartel. Ela é uma das filhas de um dos talhantes suburbanos a ser contratado pelo exército. Charlotte, de dezesseis anos, acha interessante esse tenente com o aspecto de ter tido muitas aventuras. Ele é muito afável. Ela descobre algumas semanas mais tarde que o seu charme distintamente francês tem a ver com as suas origens. Em casa dele fala-se francês, fica ela a saber. Contudo o pai ensinou Lucien desde cedo de sempre se dirigir aos subordinados na sua língua materna. O pai de Lucien fale o dialecto de Oostende com os pescadores, mas Lucien adotou um neerlandês menos marcado pelo dialecto. Charlotte fala com um ajudante de Lucien. Este passou as últimas semanas da guerra com ele e conta como ele comandava os soldados sob suas ordens em flamengo com sotaque de Oostende porque muitos eram originários da zona. Chegou a ouvir comentários venenosos a este respeito por parte de graduados francófonos que quase não dominavam o neerlandês. Ele invariavelmente respondia: *'Estamos a enviar alguns desses homens para a morte. Podem eles pelo menos receber ordens pelo Rei e pela Pátria na sua própria língua?'*.

O Rei Alberto I é recebido com grande esplendor pelo presidente americano em Outubro daquele ano. A recepção é profusamente celebrado pelos soldados com permissão de

saída em Dendermonde. Lucien fica de olho aberto. Ele visita alguns dos lugares onde se pode beber e dançar. Ele também entra no talho do pai Hofstadter. Aos domingos a loja funciona como taberna e há música para dançar. Naquele dia, Charlotte vê-lo em uniforme solene pela primeira vez. O casaco traz, por ordem, a cruz de guerra, a medalha do Ijzer, a medalha comemorativa e a medalha da vitória. Mais tarde ela virá a saber como ele achava desnecessárias as barras da medalha comemorativa. Afinal, os *chevrons* a que se referem estão costuradas na manga.

Em 10 de janeiro de 1920, quase um ano após o início das negociações, entra em vigor o Tratado de Versalhes. Moresnet deixa definitivamente de ser *condomínio*. Todos os residentes passam a ter a nacionalidade belga. Quem prefere manter a nacionalidade alemã deverá deixar o país num espaço de dois anos.

Entretanto, a popularidade do casal real continua a crescer em muitas partes do mundo. Embora o próprio Alberto não aprecia muito a alcunha de *Rei-Soldado*, ele é elogiado em quase todo lado pela sua decisão de liderar pessoalmente os seus homens como Rei dos Belgas durante os anos de guerra.

Por entre as propostas de ofensiva e ofensivas efectivas, dirigidas pelos comandos do exército francês e britânico, houve algumas criticadas pelo Rei e o Estado-Maior, sabe Lucien hoje. O Rei tinha conhecimento o suficiente acerca da vida na Frente e da dificuldade de sair das trincheiras para não participar nas ações que considerava serem suicidas.

Contudo, com o passar do tempo a servir no exército como

oficial da reserva, ele tem cada vez mais perguntas em relação a toda essa guerra e o subsequente tratado de paz. Esse tratado não irá, em última instância, provocar revolta entre os 'conquistados'? Não o *Kaiser* que simplesmente ignorou a neutralidade da Bélgica. Este vive hoje impunemente e imperturbado nos Países Baixos. Muitos oficiais que arrogantemente incitaram soldados a cometer crimes de guerra continuam com um papel de relevo na Alemanha do pós-guerra. Os vencedores aliados gritam vitória com muita frequência e de forma muito humilhante esquecendo-se facilmente também terem usado armas químicas não autorizadas. Não se esquece demasiado facilmente viverem também na Alemanha muitos pais, viúvas e crianças a chorar a morte de jovens soldados? Não foram as pessoas comuns levadas por falsa propaganda? Não foi o colapso do exército alemão devido à exaustão e más decisões estratégicas? Não se está a semear um novo descontentamento? Deve uma nação inteira suportar as consequências das decisões insanas de uma elite a busca de território e poder, e hoje gradualmente a recuperar o controlo?

E o que dizer daqueles líderes da *Internacional dos trabalhadores* tão surpreendidos pouco antes da guerra e a dizer não conseguir compreender quão facilmente uma propaganda cheia de sentimentos nacionalistas transcende a solidariedade internacional de trabalhadores e agricultores? Não fizeram os novos líderes russos, logo que tiveram a oportunidade para o fazer exatamente o mesmo procurando a todo custo um acordo de paz, indirectamente aumentando o sofrimento dos filhos de

trabalhadores na Frente Ocidental? Onde ficou a tal apregoada solidariedade internacional, não com líderes que desprezam e pelos quais são desprezados, mas com os filhos da classe trabalhadora francesa, britânica, belga, alemã lutando e morrendo na lama? Não poderiam ter sido mais criativo para impedir mais matança?

Com o Tratado de Versalhes em vigor, nada impede o regresso da frota pesqueira de Oostende para o seu próprio porto. Com o seu entusiasmo que o caracteriza o armador John Bauwens cria uma nova S.A., a *Pêcheries à Vapeur du Congo belge*, com a qual retoma o seu projecto de investigação das possibilidades de pesca ao largo da costa do Congo. Arseen Blondé, a sua tripulação e as respectivas famílias chegam ao porto de Oostende no início de 1920 com uma traineira cheia de peixe para distribuir à população de Oostende. Imediatamente Bauwens pede Blondé de preparar uma nova viagem ao Congo retomando o trabalho interrompido pela guerra. Logo Arseen Blondé vai à Inglaterra em nome da companhia em busca de um navio adequado para aquela expedição. No dia 24 de junho está de volta com o '*Boula Matari*'. Mas ao entrar no porto apercebe-se haver uma greve de pescadores. Lucien sabe pelo seu pai que toda a tripulação de Arseen se declara logo solidário com os pescadores em greve. John Bauwens exige a saída imediata do *Boula Matari* para o Congo, mas Arseen só quer iniciar a viagem com tripulação sindicalizada e apenas depois de terminar a greve. Então os armadores mostram seu poder. Arseen é demitido e impedido de se empregar para qualquer outro armador. O mesmo acontece com o capitão Louis Zonnekeyn.

No início de novembro, Lucien acompanha as notícias sobre mais uma viagem no estrangeiro do casal real, quando atraca em Zeebrugge de volta de uma visita de Estado ao Brasil. Ele ouve como ali também o rei foi considerado um verdadeiro herói de guerra e recebido com entusiasmo. Mas satisfaz-lhe muito mais outra notícia. Alguns militantes sindicais do mundo pesqueiro de Oostende, liderados por Arseen, vão a Gent para discutir a situação insustentável relativamente às condições de trabalho e aos baixos salários impostos pelas companhias marítimas com os seus camaradas e com Edward Anseele. O líder socialista sonha há muito tempo com uma cooperativa de produção entre a população piscatória. Já em 1900, durante um debate com o industrial e filantropo Ernest Solvay, ele apresentou essa ideia, em parte como resultado da sua visita a Oostende durante outra greve de pescadores, quando proferiu aquele discurso ouvido por Arseen Blondé enquanto criança. Durante o debate com Solvay, Anseele argumentou: *'Que belo trabalho poderia ser alcançado e com recursos relativamente limitados. Se apenas algumas chalupas pudessem ser lançadas no Mar do Norte pertencentes a uma companhia cooperante de pescadores de Oostende, que propaganda não seria essa? Todos os pescadores belgas, franceses, holandeses, alemães, dinamarqueses e noruegueses falariam nisso, veriam-nos no trabalho e a educação cooperativa em breve chegaria a dezenas de milhares de famílias da classe trabalhadora*. Hoje talvez existem condições para dar forma a essa ideia quando ouvir a delegação de pesca de Oostende. A reação é imediata. Ao saber-se no mundo das pescas que os socialistas, actualmente dispondo da instituição

bancária *Banco do Trabalho*, estão a pensar em criar uma empresa de pesca, toda a influência política é usada para frustrar os tomadores da iniciativa de todas as formas possíveis. Contudo, o grupo consegue fundar o *N.V. Oostendsche Reederij* em 1º de outubro de 1921, não com as chalupas do antigo sonho de há 20 anos mas com uma frota de navios do *Sindicato dos Marinheiros* do qual o agora Capitão em Terra Arseen Blondé é presidente e gerente. Pouco depois, cria-se também a empresa de serviços de refrigeração *Les Frigorifères du Litoral* e as duas empresas socialistas em Oostende ganham logo o apelido de *Frota Vermelha*.
Entretanto, os habitantes de Oostende menos ligados à pesca falam de outra novidade de há já vários meses. Em julho, o Aeródromo Oostende-Stene foi oficialmente posto em funcionamento no *Steense Dijk*, principalmente para fins militares e para transporte de correio aéreo. Avistar aviões e talvez testemunhar um acidente torna-se rapidamente uma passa-tempo popular.

Dendermonde fica entre Gent e Bruxelas. Lucien Souris tem a boa e fácil conexão ferroviária entre as duas cidades para visitar amigos em fins-de-semana de dispensa. Muitos dos seus camaradas movem-se em círculos socialistas-anarquistas. Ele simpatiza com as ideias anarquistas promovidas pelas cooperativas e mutualidades e ocasionalmente mostra-o em serviço. Durante uma visita a Gent em casa de amigos do tempo do seu único ano universitário, ele ouve falar dos movimentos pacifistas retomando em parte as ideias dos internacionalistas e do grupo Esperanto de antes da guerra, em parte as dos

anarquistas socialistas e cristãos. Uma noite, eles falam de Beatrice Cadbury, herdeira da Cadbury Chocolate, e o marido Kees Boeke. Ambos fazem parte da comunidade não-dogmática cristã de Quakers. No final da guerra, foram deportados para os Países Baixos pelo governo britânico devido ao seu pacifismo activo e os protestos públicos contra o recrutamento. Beatrice e o marido desistiram também das ações e dos dividendos da indústria Cadbury devido às suas ideias anti-capitalistas. Mas amigos deles, juntamente com o conselho de funcionários da fábrica Cadbury, decidiram de continuar a apoiar o casal. Foi criado um fundo com as ações por eles cedidas para financiar as suas atividades. A atitude pacifista do casal torna-lo anfitrião da conferência internacional pela paz, durante a qual é fundada a *War Resisters International*. Lucien pensa na declaração de princípios publicada pela associação: *'A guerra é um crime contra a humanidade. Estou, portanto, determinado a não apoiar qualquer forma de guerra e a trabalhar para a eliminação de todas as suas causas'*. No rescaldo da guerra de trincheiras e dos seus horrores, ele compreende bem essa declaração de princípios. Colocá-la em prática parece-lhe quase impossível. Que opções teve ele de não se envolver na guerra de 1914? Ele teria tido outras além da deserção? Os maqueiros voluntários apoiaram ou não a guerra quando entraram em serviço não armado? Ele aprecia o simbolismo da espingarda quebrada. Ele mesmo quebraria a sua? Pela experiência que teve, equivaleria cometer suicídio. Serão a prisão, a deportação ou a fuga as únicas possibilidades dum pacifista no mundo controlado pelo capital, onde hoje todos clamam por nunca mais guerra, mas

entretanto todos os exércitos nacionais se reorganizam? *Bellum* e não *pacem* continua a ser o problema, com todas as teorias malucas por aí...

Bellum e não *pacem*… em abril deste ano, as conferências Solvay foram ressuscitadas e a terceira conferência de física tem *átomos e electrões* como assunto em debate. Dadas as tensões do pós-guerra, os académicos alemães não estão autorizados a participar na conferência. Albert Einstein já tinha renunciado à nacionalidade alemã em 1901 e optada pela suíça. Em protesto, ele não aceita o convite para participar. Ao mesmo tempo, confirma mais uma vez publicamente ter renunciado à nacionalidade alemã. Lucien fica a pensar como o internacionalismo está em baixa, mesmo nos meios científicos. Mais uma vez, os sentimentos de nacionalidade superam os sentimentos de pertencer à humanidade em busca de respostas científicas para questões comuns. Muitos argumentos militares devem ter sido utilizados nos bastidores, especialmente porque se tornou claro durante esta última guerra como os estrategistas militares desprezam os acordos internacionais e abusam do progresso científico para criar armas cada vez mais mortíferas. Átomos e electrões sim, mas estudados em compartimentos divididos, parece ser a mensagem. Os ingredientes para futuras desconfianças e sentimentos de ódio já estão presentes. Não deveriam pelo menos os investigadores científicos com o nível de participantes convidados numa Conferência Solvay serem capazes de aceitar discutir com a espingarda quebrada na lapela?

Aparentemente não é possível.

Mais um ano passa e em 1922 o tenente de reserva Lucien Souris continua em Dendermonde. Os pais e os amigos de Oostende falam da água potável de qualidade a chegar a toda a cidade até ao final do ano. Estão em construção novas torres de água. Quem não tiver o luxo de obter água vindo do Rio Bocq na torneira em casa, poderá obtê-la nas fontes previstas para o efeito pelo preço de 5 cêntimos por cada 20 litros.
Lucien ouve também como quase toda a região costeira e dos campos de batalha do *Westhoek* se estão a tornar uma espécie de atração turística mórbida. O que pensar sobre isso? As pessoas visitam esses lugares para lembrar parentes falecidos? Ou eles estão apenas famintos por alguma emoção? Querem os camaradas de armas, como ele sobreviventes do inferno, visitar estes campos de novo? Talvez haja quem queira, mas ele sabe de si próprio não querer visitar *Houthulst*, *Schoorbakke* ou *Diksmuide* pelo menos para já. Interessa-lhe mais a notícia do projecto para um instituto hidrotermal em Oostende. É grande o seu desejo de regressar finalmente à vida civil. Ele espera ir morar no litoral assim que for liberto. Volta a ter interesse pela engenharia, sobretudo a engenharia química ao serviço da construção. Ele pensa em como melhorar materiais. Lê artigos, estuda sozinho descobertas químicas e acompanha a reconstrução em andamento.
Lucien sente dentro de si próprio como aos poucos a vida civil já está assumir o controle sobre a vida militar. Charlotte Hofstadter está agora com dezenove anos e hoje ele ousa expressar o seu interesse por ela. Ele sabe ha muito como ela gosta também

muito dele. Isso só foi ficando cada vez mais claro desde daquela primeira visita ao pai dela com o mestre forrageiro. Será a altura para dar o passo e perguntar-lhe se quer ficar noiva dele?

O cardápio da refeição do casamento de um velho amigo, impresso em tecido, ajuda. Ele gera uma imagem mental da sua própria refeição de casamento, com Charlotte sentada ao lado dele. Entretanto, a festa dá-lhe grande prazer. É maravilhoso desfrutar novamente de uma copiosa refeição em paz e alegria. Depois da *Sopa de Veludo* há petiscos de queijo e ovo. Segue-se o *Pregado em molho mousseline* e depois um *Rosbife com ervilhas jovens*. As *Molejas com molho de cogumelo silvestre* são seguidos de *Couve-flor 'en bellevue'*. O menu termina com sobremesas, bolo e fruta. Não faltam vinhos e licores e café.

Na semana seguinte, Lucien convida Charlotte para um passeio e faz a pergunta que o ocupa a mente há algum tempo. Ela poderia imaginar..., ela pode sim. Um tanto tímida, Charlotte responde que sim, pode chamá-la de *Lotje*. Mas diz ela, juntos terão trabalho para convencer os seus pais querer casar-se mal ele seja dispensado do exército e a sua situação financeira o permitir. Lucien fica radiante quando Charlotte conta já algum tempo ter estado à espera da pergunta. Até ficou preocupada com a possibilidade de nunca a ouvir.

Em Oostende foi criado um comité com a tarefa de fazer erguer um memorial para os caídos dos 3º e 23º regimentos de linha. Muitos dos soldados eram da região. A bandeira do 3º regimento de linha lembra os feitos mais relevantes durante a última guerra: '*Antuérpia, Grimde, Ijzer, Steenstraat, Klerken,*

campanha 1914-1918'. Lucien esteve presente nalguns desses locais e participou em outras ofensivas não referidas na bandeira, mas igualmente assassinas. Mais de mil soldados do 3º e do 23º regimento, por duas vezes repartido, foram mortos durante essas façanhas. Foi feito um edital para um concurso de propostos em fevereiro. Ganhou a proposta do escultor Marcel Rau e o arquiteto Georges Hendrickx. O projeto consiste de uma estátua em bronze representando a deusa da vitória anteriormente tendo inspirado a medalha inter-aliada. Ela é colocada num suporte em pedra. A figura feminina alada segura uma coroa de louros. Os feitos referidos no estandarte serão colocadas no monumento. *Ijzer-Houthulst-Steenstraat* está gravada na placa de bronze e *Ijzer-Steenstraat-Klerken* no pedestal de pedra. O pedestal remete para a lista de nomes de 1.096 oficiais, suboficiais e soldados tombados. No início de setembro o memorial é inaugurado na presença do coronel Moulin, comandante do regimento durante a guerra. Está acompanhado por representantes do Rei e do Comando do Exército. Durante um fim-de-semana em Oostende, Lucien visita o memorial. Situa-se perto do porto, junto às pontes sob as quais brincava às escondidas ou com os berlindes, quando era criança.

Quando regressa ao quartel, há quem tenta envolvê-lo numa discussão sobre a decisão da Câmara Municipal de Lille de atribuir a uma das principais avenidas da cidade o nome de *Avenue du Peuple Belge*. Lille tem um conselho municipal socialista e, segundo alguns oficiais colegas, o nome é uma provocação. Eles sabem, é claro, das simpatias socialistas de

Lucien, mas também do seu apreço pelo rei. Ora, argumentam alguns deles, não podia ser apenas *Avenue Albert I* em homenagem aos Belgas, como fazem outras cidades? Não é o Rei a personificação da resistência belga à invasão alemã? Outros consideram que *Peuple Belge* invoca toda a população e, em última análise, houve na população belga quem beneficiou da ocupação alemã. Lucien não comenta, mas ri-se um pouco por dentro ao pensar como um nome do tipo *Avenue du Soldat Belge* abrangeria vários tipos de soldados. Ele aprecia a escolha do conselho municipal de Lille. Lembra-se dos contactos com os franceses durante os períodos de descanso e quando foi ferido. Trata-se não só da resistência do Rei ao Imperador alemão quando a neutralidade da Bélgica foi violada, ou da defesa da Frente do *Ijzer*. É também o reconhecimento de uma série de intervenções de soldados e civis voluntários belgas em território francês, inclusive na proteção de trincheiras ou no enfraquecimento de posições alemãs. Contudo trata-se, obviamente, do reconhecimento de ações durante tempos de guerra, e essas podem não promover uma paz duradoura.

Em abril de 1923, irrompe uma greve entre os estivadores de Oostende. Ela durará até junho, 13 longas semanas. O *Sindicato dos Marinheiros*, liderado por Arseen Blondé, e o N.V. *Oostendse Rederij* expressam imediatamente a sua solidariedade com os grevistas. Enquanto dura a greve, a companhia de pescas distribui até duas vezes por semana gratuitamente peixe a todos os 1.400 grevistas. Na prática, a companhia compra o seu próprio pescado para o distribuir depois. A oferta de peixe é um grande apoio e torna a *Frota Vermelha* ainda mais popular entre

os trabalhadores e pescadores de Oostende.
Devido à greve e à solidariedade que a rodeia, mais uma vez uma notícia relativa ao aeródromo passa um pouco despercebido. No dia 23 de maio, a companhia aérea nacional belga SABENA começa a operar com a pequena frota de aviões retomada do prévio *Syndicat d'Etude*. O DH.9, realizando o voo inaugural entre os aeródromo de Haren, perto de Bruxelas, e o aeroporto de Lympne, no Reino Unido, faz escala em Oostende-Stene.

Em meados de agosto de 1923, Lucien está fartíssimo da vida no quartel. Dendermonde oferece-lhe só uma única felicidade: o namoro com Charlotte Hofstadter. O noivado é quase oficial. Quase, porque a família de Charlotte continua um tanto resistente a ver a jovem namorar um homem dez anos mais velho e que além do mais já era soldado em serviço quando ela tinha apenas 11 anos. Mas aos domingos continuam a passar muitos soldados pela taberna do pai Hofstadter. Lucien acompanha quase sempre com a desculpa oficial de ficar de olho. Ele fez 30 anos e tem um salário mensal de 582 francos.
As saudades de Lucien têm sobretudo a ver com peixe fresco. No interior, não é fácil, para não dizer impossível comprar bom peixe. Como ele não consegue resistir ao seu desejo e ele mesmo providencia o abastecimento. Para conseguir verdadeiro peixe fresco argumenta com um dos soldados sob o seu comando e também de Oostende, é preciso ir à mina logo pela manhã. Então, de vez em quando envia o soldado para a costa depois do meio-dia, com a incumbência de passar a noite em casa da sua família. No dia seguinte vai à mina ainda de

madrugada, compra o peixe o mais fresco possível e leva-o imediatamente para Dendermonde. Não demora muito até o assunto chamar a atenção do seu superior. Mesmo pensando erradamente ter-se tratado de uma única viagem não consegue rir-se dela. É afirmado com veemência ao tenente da reserva, farto da vida militar, que o exército não se destina a satisfazer vontades pessoais. No entanto, o superior toma em conta o histórico militar de Lucien. Limitará, explica ele, a sanção a uma repreensão verbal. Mas ao mesmo tempo avisa-o claramente. Se de futuro não aplicar as regras militares com rigor, nem que seja uma vez, mesmo em tempos de paz, ele poderá não contar com mais boa vontade. Lucien não deixa chegar a situação a tal ponto e o fornecimento de peixe fresco termina.

A partir de 1º de janeiro de 1924, Lucien ganha 679 francos mensais. No dia 1º de abril de 1924, após dez anos e seis meses no exército, pode finalmente transitar para a vida civil como tenente da reserva.

Durante toda a sua vida continuará a expressar o seu respeito pelo Rei Albert I por ter permanecido com as suas tropas no *Westhoek*, enquanto o que ele chama de *governo conservador* se refugiou em segurança em *Le Havre*. Ele está convencido que mesmo tendo havido muitos mortes, a perda de vidas no exército belga relativamente menor em comparação com os números dos franceses e britânicos deve-se à obstinada decisão do Rei Albert de não permitir a retirada do exército do território belga para a França. Deu-lhe a margem de manobra necessária como comandante-em-chefe independente, podendo decidir como e quando

mobilizar os seus homens em apoio aos planos por vezes surrealistas dos comandantes do exército francês e britânico, por ventura menos bem informados acerca das condições concretas de vida na Frente de trincheiras.

Lucien também lembrará em conversas sempre a gratidão recebida dos seus superiores diretos. Ele aprecia os *chevrons,* no seu caso por ter lutado nas primeiras linhas, datando de antes da lei de 25 de agosto de 1919 ter redefinido as zonas de combate como toda a área ao alcance de tiro da artilharia. Aos seus olhos, a medalha comemorativa do *Ijzer* é a sua mais valiosa homenagem pessoal. Mas depois de seis anos de serviço militar em tempos de paz, ele está feliz em deixar a vida monótona do quartel. Ele não sente o respeito tão absoluto pelos oficiais de carreira muitas vezes exclusivamente francófonos. Para Lucien, muitos deles adotam uma atitude de auto-elogio e relatam feitos aos quais só assistiram à distância. Na sua última tarde no *mess* dos oficiais, com os papéis de dispensa de serviço seguros no bolso, as conversas incomodam-no mais uma vez e ele pede licença para contar a seguinte história no seu francês sem sotaque: "*Um caçador tem estado a tentar apanhar alguma presa o dia todo e não consegui nada. No final da tarde ele volta para casa de mau humor e encontra um pardal indefeso na rua. Em fúria, pega o pardal, mete-o no bolso e pensa: 'pelo menos cacei algo'. Continua a caminhar e num cruzamento vê uma enorme bosta de cavalo no chão. Lembra-se do pardal, tira o pássaro do bolso e enfia-o na bosta continuando caminho. O pardal começa a bicar, encontra alguns sementes, alimenta-se, cavando cada vez mais a pilha de estrume. As asas*

ficam presas. Duas crianças passam por aí e libertam o pássaro para brincar com ele mas o pardal escapa-lhes das mãos. Ele senta-se numa sarjeta e começa a chilrear de alegria, tão alto que um gato sorrateiramente se lança sobre ele e o engole. Moral da história: 1. Quem te enfia na merda não é necessariamente o teu inimigo. 2. Quem te tira da merda não é necessariamente o teu amigo. 3. Se alguma vez ficaste na merda, melhor é não gritá-lo muito alto dos telhados. Boa tarde senhores", finaliza. Ele sai da *mess* e da vida no quartel em tempos de paz.

Em tempos de paz...

As indemnizações exigidas à Alemanha são claramente demasiado elevadas para poderem ser suportadas pela sua economia. Já houve problemas no passado, em parte devido à hiperinflação que daí resultou entre os vizinhos à Leste. E agora, após a ocupação irracional da região do Ruhr que resultou do incumprimento, foi elaborado um novo esquema que parece igualmente impossível para Lucien. O resultado final roça o absurdo. Os Estados Unidos vão financiar a Alemanha para a Alemanha pagar as indemnizações à França e ao Reino Unido que precisam do dinheiro para pagar os seus empréstimos de guerra aos Estados Unidos. Tudo isto parece-lhe um circuito de dinheiro bastante improvável a menos que a economia americana continue a crescer indefinidamente, em parte graças à indústria de armamento. E as indemnizações continuam ao longo dos próximos sessenta e cinco anos…

Poucos dias depois, Lucien Souris visita a família de Charlotte em civil. Eles têm uma longa conversa durante a qual se limam algumas arrestas. Ele explica os seus planos: tem à disposição

um pequeno capital proveniente do investimento das remunerações recebidas pelos *chevrons* e claro, ainda pode contar com algum apoio dos pais. Charlotte concorda plenamente em mudar-se para o litoral e estão a ser tomadas providências para um emprego adequado para Lucien. Se for na atividade pesqueira, certamente será em terra. Sobre isso ele falará com o pai e os seus amigos socialistas.

É com uma sensação de liberdade que Lucien sai em civil do comboio em Oostende e caminha até a *rua de Cairo*, sem necessitar de nenhuma permissão de nenhuma hierarquia. Contudo confronta-se de imediato com o *Panorama de l'Yser.* No interior de uma grande construção circular erigida de acordo com os planos do arquitecto Brenta perto da estação de comboios *Oostende Cidade*, uma enorme tela de Alfred Bastien retrata a Batalha do *Ijzer*. A pintura tem nada menos que 115 metros de comprimento e 15 de altura. Será um sinal, pensa Lucien, de uma nova '*atração turística*' da Câmara Municipal e os comerciantes de Oostende? Já não se dirigem apenas à aristocracia e à classe média alta, como faziam antes da guerra e especialmente durante o reinado de Leopoldo II? Não há turistas termais suficientes? Acena-se agora a quem chega em busca dos campos de batalha? Será uma forma de fazer com que as pessoas com menos dinheiro ocupem a praia de Oostende e a não as outras, mais longe, depois de visitarem Nieuwpoort?

Entretanto, os concessionários da fonte de água mineral do Pavilhão do Parque Leopoldo procuram atrair clientes regulares. A partir desse verão o preço do banho subirá para

3 francos, é verdade, mas por 30 francos pode-se tomar doze banhos. E quem reside em Oostende só paga 2 francos. O Instituto Hidrotermal começara a funcionar e oferece tratamentos termais completos. O instituto está localizado fora do centro mais elegante de Oostende. Lucien não sabe se assim o uso das termas fica acessível aos turistas menos abastados.

Mas de momento Lucien não está muito interessado no turismo. Ele informa-se acerca da *Frota Vermelha*. Ele fica a saber que na N.V. *Oostendse Rederij* um capitão ganha hoje cerca de 2.500 francos, um engenheiro 1.200, um timoneiro 1.100 e um marinheiro 600 a 700 francos. Esses salários são inegavelmente mais altos em comparação com os de qualquer outra empresa de pesca. O *Sindicato dos Marinheiros* assegura a tripulação contra acidentes de trabalho e também cuida da sua formação. Está a tornar-se a maior empresa de pesca, empregando cerca de 300 pescadores em 20 navios.

Mas Lucien manifesta o seu interesse para trabalhar em terra. Ele espera colocar em prática o auto-estudo como engenheiro e o seu conhecimento prático de química. E essa combinação é difícil no âmbito da actividade piscatória. Arseen Blondé sugere Lucien de viajar no final de julho com o *Sindicato* para Gent, onde se vai realizar uma exposição internacional de dois dias pondo em relevo as Cooperativas e a organização mutualista. Lucien concorda imediatamente e oferece os seus serviços para a organização da viagem dos navios que participarão na exposição. Toda a organização é

liderada pelo próprio Arseen. Os armadores concorrentes procuram dificultar a saída festiva com a ajuda dos políticos conservadores de Oostende. No entanto, a *frota vermelha* inicia a sua viagem para Gent, no dia 26 de julho, sob uma chuva torrencial. Após a saída do *Louis Bertrand*, seguem cinco traineiras com tripulação e familiares, incluindo a família Souris. Em seguida, partem três traineiras a vapor, acolhendo passageiros e convidados para quem foram montadas tendas no convés para os abrigar da chuva. O *Edward Anseele* fecha a procissão e sai do porto enquanto a banda toca *A Internacional*.

Durante a viagem, Lucien conversa com vários companheiros de viagem. Ele fala sobre o seu desejo de trabalhar em Oostende como engenheiro, talvez até como engenheiro químico. Fala-se também da quarta conferência Solvay dedicada à física. Desta vez, sabe Lucien, o tema diz respeito à condutividade elétrica dos metais e tópicos relacionados. Pessoalmente, ele estava mais interessado no conteúdo da conferência anterior, cujos anais leu assim que foram disponibilizados ao público. Ele afirma acompanhar atentamente todas as publicações destacando a pesquisa química, algumas das quais discutidas nas conferências da Solvay. Mas ele também conhece a *petite histoire*. Tal como em 1921, o mundo científico alemão e austríaco é mais uma vez não desejado. Resulta novamente na ausência de Planck, Einstein, Sommerfeld e Born, para só falar de alguns nomes. Manifesta a sua preocupação com a miopia associada à organização deste tipo de conferências e admite já se ter perguntado anteriormente até que ponto tais opções não são

sugeridas por um sector militar preciso. Em última análise corresponde a uma interferência nacionalista num projecto filantrópica e científico, talvez devido às suas implicações económicas. Lucien mostra agora como ele usou as suas horas livres no quartel para estudar matemática e química por iniciativa própria, concluindo uma espécie de auto-estudo de engenharia. Um dos passageiros com ligações com o *Banco do Trabalho* ouve com atenção e as conversas informais durante a viagem têm uma consequência inesperada: amigos socialistas sugerem-lhe de se candidatar ao cargo de diretor de uma fábrica de tijolos em Koksijde. A empresa foi fundada logo após o fim da guerra e produz tijolos sílica-calcários principalmente para exportação para a Grã-Bretanha. O Banco do Trabalho investiu na empresa depois de esta ter recebido autorização para se instalar numa zona de dunas onde já ocorria a extracção de areia durante a guerra para fornecer à frente os sacos de areia necessários para as trincheiras. Lucien não só tem experiência prática de liderança, útil para gerir uma empresa com aproximadamente 25 trabalhadores, mas os seus conhecimentos químicos podem ajudar a introduzir o material de construção no mercado belga. Além disso, ele pode realizar testes para melhorar esse tipo de material. O salário de director de fábrica é bem superior ao que ele ganhava no exército.

Lucien não hesita muito. Ele candidata-se ao emprego e consegue o cargo. Com o contrato no bolso, ele viaja para Dendermonde para pedir Lotje oficialmente em casamento. De seguida, volta para a costa acompanhado de sua futura esposa e da sua mãe. Juntos visitam algumas habitações em Koksijde e

decidem alugar uma casa confortavelmente grande em Oostduinkerke, começando depois os preparativos para o casamento.

25 de setembro de 1925, chegou a hora. Lucien e Charlotte casam-se na Câmara Municipal de Dendermonde. O menu da refeição festiva parece bem bom: depois dos *aperitivos variados* segue-se o *Consommé de la Reine* e a indispensável *Sole à la Normande*. Segue um *Filé de Boeuf Jardiniere*. O menu continua com um *Vol au Vent Toulouse,* seguido do *Poulet de Bruxelles et Salade.* A refeição termina com *Glaces, Gateaux, Frutas e Sobremesas*.

No dia a seguir ao casamento, o jovem casal parte para Oostduinkerke. A casa deles não fica longe da fábrica onde Lucien assume o cargo de diretor. Ambos esperam passar momentos despreocupados, com noites festivas sempre que possível. O foxtrot e o Charleston são danças populares e o jazz está cada vez mais presente.

Lucien pensa pouco nas suas aventuras de guerra nos anos anteriores a conhecer Lotje. Quando não está na fábrica ouve com Lotje, no gramofone que instalou em casa, discos de jazz alternando com *chanson* francesa. Lotje gradualmente aprende francês. Um dos discos evoca-lhe imagens mentais da guerra. Embora pessoalmente nunca tenha pensado em desertar, Lucien gosta de ouvir *La chanson de Craonne* na versão de Raymond Lefebre:

Quando depois de oito dias acabar o descanso
Vamos voltar às trincheiras,
O nosso lugar é tão útil
Que sem nós é pilhado

Mas acabou, já chega
Ninguém quer mais marchar
E de coração bem grande, como num soluço
Dizemos adeus aos civis
Mesmo sem tambores, mesmo sem trombetas
Subimos lá de cabeça baixa

Refrão: Adeus à vida, adeus ao amor,
Adeus a todas as mulheres
Acabou, é para sempre
Dessa guerra infame
É em Craonne na planície
Que devemos deixar a nossa pele
Porque estamos todos condenados
Somos os sacrificados

Oito dias na trincheira,
oito dias de sofrimento
Mas temos a esperança
Que esta noite o alívio virá
Que esperamos sem descanso
De repente na noite e no silêncio
Vemos alguém que avança
É um oficial de caçadores a pé
Que nos vem substituir
Suavemente nas sombras sob a chuva que cai
Os pequenos caçadores vão à procura de seus túmulos

Refrão

É uma pena ver nas grandes avenidas
Todos esses marmanjos que fazem a festa
Se para eles a vida é cor de rosa
Para nós não é a mesma coisa
Em vez de todos esses espectadores se esconder
Seria melhor subir nas trincheiras
Para defender suas propriedades, porque nos não temos nada
Nós os pobres miseráveis

Todos os camaradas estão enterrados aí
Para defender a propriedade daqueles senhores

Refrão

Quem tem guito, esses vão voltar
Porque é por eles que estamos a morrer
Mas acabou, porque os praças
Vão todos entrar em greve
Vai ser a vossa vez, senhores marmanjos
De subir ao palco
Porque se querem fazer a guerra
Paguem com a vossa própria pele

Para Lucien o poema expressa bem o que ele próprio pensa sobre aquela guerra. Tornou-se o enorme massacre de um número incrível de filhos de pessoas comuns, ao serviço de figuras arrogantes tendo iniciado a guerra principalmente por interesse próprio ou de classe. *Para bellum si vis bellum* parece mais apropriado do que o adagio *si vis pacem para bellum* atribuído a Publius Renatus, pensa Lucien Souris que enquanto jovem foi obrigado a deixar a sua vida algo boémia para se tornar soldado.

Os anos daquela época deram também algo ao convivial anarquista: *Le canard enchaîné*. Este jornal foi fundado ainda durante a guerra e Lucien tornou-se logo leitor regular e assim permanecerá pelo resto da sua vida. O jornal determinou imediatamente a sua posição. Os editores dizem lutar sem tréguas contra a censura e a '*enganação cerebral*'. Tende uma atitude pacifista e antimilitarista, o jornal fala criticamente contra todos que procuram fortuna.
O anarquista convivencial é agora um gestor crítico de uma

fábrica de tijolos. Muitas vezes trabalha diretamente com os trabalhadores e envolve-os quando se trata de ajustar as condições de trabalho ou de discutir a produção. A fábrica não é uma cooperativa de trabalhadores, mas ele tem esse modelo em mente para a política de gestão que implementa.

Nos passos da mãe

Em Tienen, Jeanne não viverá as tentativas do filho para realizar o seu sonho. Mas ela também não verá a nova loucura que ressurgirá menos de vinte anos depois. Ela sucumbe à gripe virulenta que atingiu grande parte do mundo dois anos seguidos no final da guerra. Falece no final da primavera de 1919 na herdade dos primos distantes de Lodewijk.
Aos dezesseis anos, Louis é órfão de guerra. Em agosto confia o irmão de 14 e as duas irmãs de 10 e 8 anos, aos cuidados do primo Armand e de sua esposa e parte para Lier, onde inicia a sua formação como professor primário no edifício provisório de madeira na *Boomlaarstraat* que alberga a Escola Normal, depois de ter desocupado o orfanato do Beguinage.

O formando Louis torna-se rapidamente bastante popular entre seus professores. O seu grande conhecimento resultante das conversas com a mãe durante os últimos dois anos da sua vida, leva-o frequentemente a fazer perguntas adicionais ou aprofundar mais as suas leituras. Ele sente-se reforçado pelo modo como a Escola Normal do Estado dá atenção à competência profissional e ao conhecimento metodológico para pôr em prática modelos educacionais condizentes com as

liberdades constitucionais. Durante o último ano da sua formação, ainda participa em duas viagens de estudo aos Países Baixos, onde aprende mais acerca da pedagogia da *Lebensreform*. Durante a visita à Universidade de Amsterdam ele conhece o trabalho de Professor Kohnstamm. Este fornece em nome da *Maatschappij tot Nut van 't Algemeen (Sociedade para o Benefício do Geral)*, uma base científica para o curso *Personalidade em Formação* ensinado na Escola Normal nos Países Baixos. Kohnstamm é responsável pelo *Nuts-seminarie voor Pedagogie (Seminário da 'Nut' para Pedagogia)*, que se compromete com a inovação do ensino na escola primária. É por exemplo introduzida o tema da compreensão leitora ou da leitura silenciosa, enfatizando ainda mais que ler é mais do que decifrar um código. Afinal, os métodos puramente sintéticos baseados em sessões exaustivas de soletração ainda são tentação para muitos educadores e tirá-los dessa abordagem continua difícil. Louis também ouve falar de Kees Boeke já antes do pedagogo fundar a sua *comunidade oficinal para crianças*.

Na sua própria Escola Normal do Estado fala-se da Dra. Montessori mas também do trabalho da Sra. Helen Parkhurst. Louis está muito interessado em aprender as propostas dessa acerca do trabalho com crianças com ligeira deficiência física. Parkhurst conheceu o trabalho de Maria Montessori em Roma quando estava a estudar. Começou por adotar muitas sugestões da médica italiana. Mas quando segue o seu próprio caminho na cidade de Dalton, ela presta atenção à cooperação entre os alunos e constata como esta cooperação torne o trabalho individual mais eficiente. Já no último ano da sua formação, Louis lê uma

intervenção de Helen Parkhurst na qual ela diz considerar a escola um laboratório sociológico. Alguns de seus professores consideram a palavra '*laboratório*' pouco feliz no mundo da educação. Faz lembrar o local onde investigadores realizam experiências clínicas, neste caso em crianças. Mas tanto quanto Louis entende, a Sra. Parkhurst simplesmente diz valorizar o trabalho dos alunos a trabalhar individualmente e em grupos recorrendo à experimentação e assumindo a responsabilidade pela tarefa que escolham iniciar. Segundo ela, as crianças não devem ser vítimas de um complicado e cristalizado sistema implementado sem para ela ter contribuído. Ela escreve: '*Vejamos a escola como um lugar que funciona como uma comunidade, tal como a própria vida*'. Para Louis a afirmação enquadra-se bem na visão deixada pela mãe e a avó dela.

Uma das razões pelas quais a Escola Normal do Estado dá atenção ao chamado plano Parkhurst, embora a própria Helen Parkhurst prefere chamá-lo o plano Dalton é o modo de interpretar o conceito de liberdade. Ficar liberto de trabalho com horário imposto não significa que tudo é possível. A liberdade tem a ver com a possibilidade de assumir um trabalho da sua própria escolha. Aumenta a satisfação no trabalho de aprendizagem e leva a acordos com o resto da comunidade educativa. Não se trata portanto de uma educação de orientação individual como é o caso com a Dra. Montessori. Faz vagamente lembrar a Louis o trabalho do preceptor. No plano Dalton o aconselhamento conjunto é necessária para cruzar os trabalhos escolhidos individualmente com novos assuntos a aprender através de tarefas semanais ou mensais ou com o

trabalho de grupo para tratamento de erros.
Investigando Helen Parkhurst, Louis revisita John Dewey e procura saber mais textos do jovem psicólogo Jean Piaget. Este debruça-se sobre a evolução das crianças no seu desenvolvimento passando do egocentrismo para o sociocentrismo. Logo, pensa Louis, as propostas da Dra Montessori de abordagens individuais podem ser úteis para quem trabalha com crianças em idade pré-escolar, enquanto para educadores encarregues de trabalhar com crianças mais velhas o laboratório sociológico de Helen Parkhurst faz mais sentido.

A primeira década do pós-guerra é rica em ideias pedagógicas e de inovação. Em quase toda a Europa ouve-se desde o armistício a palavra de ordem '*guerra nunca mais*'. Até alguns círculos conservadores parecem ter-se comovidos com as histórias do horror da guerra de trincheiras pouco a pouco conhecidas por quem lá não esteve. Governos conservadores cedem com relutância às exigências por mais e melhor ensino. Estas exigências vêm principalmente de sindicatos e associações progressistas e de orientação internacional. Revivem-se os velhos sonhos pacifistas internacionais. Lendo Parkhurst, Dewey, e Piaget, Louis decide contactar Edward Peeters por escrito. É um choque saber do falecimento de Jeanne. Mas Edward mostra-se feliz por saber que Louis optou por ser professor do ensino primário. Quando regressou a Oostende depois da guerra, escreve ele, encontrou a sua casa num estado lamentável. Foi completamente saqueada. Decidiu reiniciar o trabalho de professor pirmário numa das escolas municipais de Oostende. Ele tinha esperança de conseguir trabalhar da mesma

forma progressista como fez em Oostburg com os filhos dos refugiados belgas, mas o conselho municipal no qual o peso dos políticos locais católicos é grande não lhe concede esta liberdade. Localmente, diz ele, simpatiza-se pouco com a ideia de dar às crianças maior liberdade no seu trabalho. Continua a ser dado prioridade aquela educação dogmática considerada escravizante pelo Edward. Logo ele está muito empenhado em reconstruir a rede de contactos nacionais e internacionais de antes da guerra. Ele fundou a *Schoolblad voor Vlaanderen* (*Revista Escolar para Flandres*) no final do ano passado e que está empenhado em expandir a *Vlaamse Opvoedkundige Bibliotheek* (Biblioteca Educacional Flamenga), assim termina a sua carta.

Na França, Célestin Freinet foi dispensado do serviço militar e regressa ao trabalho na escola, contudo não sem ultrapassar alguns obstáculos. Pouco depois de sua primeira contratação como substituto no início da guerra, ele foi também recrutado no dia 10 de abril de 1915 e enviado para a infantaria. Em 16 de abril de 1917, enquanto no norte da França ainda estava a nevar, o seu batalhão fez parte da Ofensiva de *Chemin des Dames*. Naquele dia, esperava-se da infantaria que ela acabasse com as primeiras linhas da frente alemã logo depois da artilharia abrir uma fenda na linha de trincheiras alemãs. Faria chegar o exército francês na mesma noite a Laon. Os regulamentos de infantaria definiam que os soldados de atacassem com equipamento de assalto. Segundo o mesmo regulamento, este equipamento consistia na manta enrolada numa lona de tenda, à volta do pescoço, uma ferramenta

individual, o saco de comida, o saco de granadas com cinco granadas, duas das quais sendo cartuchos *Viven-Bessières* a ser disparados com a espingarda, cada um com um peso de meio quilo. Porém, não era raro cada soldado levar até 16 granadas. Além disso, cada um devia carregar uma lata de dois litros de água, uma lata extra de um litro, uma ou se possível duas máscaras de gás, sacos de terra, uma tabuleta ou fogo de Bengala, bandagens, provisões para o dia e 120 cartuchos de munição. Nalgumas unidades os soldados atacavam com isso tudo nas costas, noutras até levavam mantimentos para uma semana inteira. Neste caso de *Chemin des Dames*, a ofensiva não durou um dia, mas passou a várias semanas e depois a alguns meses. Em 23 de outubro de 1917, véspera do assalto final ao topo, na *Floresta Gobineaux,* Célestin Freinet é gravemente ferido por uma bala no pulmão direito. Durante o longo período de recuperação, o próprio Freinet descrevera no seu diário o que sentiu quando foi deixado com o ferimento numa cratera de granada, até um médico de campo lhe afixar o rótulo permitindo ser levado ao hospital. Durante a ofensiva de *Chemins les Dames*, perto de 180.000 jovens franceses e 165.000 jovens alemães foram mortos ou gravemente feridos.

Depois da guerra, Freinet correra o risco de ser reconhecido herói e mutilado de guerra. Ele recusara o reconhecimento, por medo de ser declarado inapto ao serviço ativo de professor primário como mutilado e de ser desviado para trabalhos administrativos leves. Ele afirmara querer testemunhar contra o que qualificava ser o horror assassino só beneficiando os ricos. Queria erguer a voz contra o condicionamento e a instrução já

em idade precoce na escola, preparando as mentes para a agressão bélica e inflamando sentimentos nacionalistas. Em 1 de janeiro de 1920, Freinet é professor assistente em *Bar-Sur-Loup*. Escreve na revista *l'École Émancipée* e procura contactos com o *Mouvement d'Éducation Nouvelle*, tornado *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* (LIEN) em 1921. Ele lê Dewey e ouve falar da obra de Decroly. Na sala de aula ele procura tornar o ensino mais atrativa, levando frequentemente as crianças a fazer passeios de observação na natureza. Quando lhe é oferecido um lugar como professor primário em Brignoles, em 1922, ele prefere ficar em *Bar-Sur-Loup* e continuar a sua experiência com a 'turma caminhante'.

Em Waldorf-Astoria, Emil Molt, proprietário da fábrica de cigarros do sítio, pretende criar uma escola para todos os filhos de trabalhadores e empregados. Ele tem como objetivo de aproximar filhos de operários, chefes e diretores. Sem nenhuma relação com a *Éducation Nouvelle*, Rudolf Steiner é solicitado a assumir a organização da escola recebendo a designação *Escola Waldorf Livre*. Assim os tomadores da iniciativa deixar claro não haver interferência do governo no modo de ensino da escola. A mistura de classes sociais e o significado da palavra *livre* parecem a primeira vista um tanto semelhantes aos ideais da *Escuela Moderna* de Francisco Ferrer na Barcelona pré-guerra. Mas só aparentemente. A mente deve desenvolver-se livre de qualquer coerção, isso sim, defende Rudolf Steiner. Mas enquanto a *Escuela Moderna* insistia fortemente na cooperação entre crianças de diferentes idades na elaboração de projetos de trabalho, Rudolf Steiner confia mais nas suas próprias opiniões

relativo à psicologia infantil. O material e o conteúdo de aprendizagem é determinado pelo adulto, dependendo da fase de desenvolvimento no qual o grupo de crianças se encontra. Steiner define como ciência humana antroposófica a sua abordagem de construção de conceitos, havendo um mundo espiritual superior a organizar o mundo físico. Experimentar a arte e trabalhar para o pleno desenvolvimento da vida da alma é essencial. Rudolf Steiner assume uma visão quádrupla da humanidade: o corpo físico corresponde ao reino mineral, o corpo etéreo ao reino vegetal, o corpo astral ao reino animal e o *eu*-corpo ao reino humano. Só é possível perceber estes corpos de forma transcendental, com excepção do corpo físico. Além disso, os quatro corpos não nascem completo, nem no mesmo momento mas desenvolvem-se em períodos de sete anos, terminando aos 21 anos. Quando Louis ouve falar desse modelo, ele aprecia a ideia de mistura de classes sociais. Mas, sendo ele convicto e não-dogmático liberal, é lhe difícil considerar aquele aspecto antroposófico da proposta de Steiner.

No sul da Europa, os líderes da jovem república portuguesa lambem as feridas depois da aventura imprudente de ter enviado tropas para as trincheiras do norte de França já no final da guerra. Como no resto da Europa, também aqui o Comando Militar claramente não estava preparado para este tipo de guerra de trincheiras resultando também para as famílias portugueses numa elevada perda de vidas de muitos jovens. Depois do armistício, voltam a sair da gaveta projetos congelados, entre as quais propostas de António Sérgio. Durante a guerra, Sérgio estudou no Instituto Jean Jacques

Rousseau em Genebra e familiarizou-se com as ideias da *Educação Nova* ou *Escola Nova,* tornando-se mais tarde a LIEN. O governo emite um novo decreto para definir detalhadamente as normas de funcionamento das escolas, bem como os critérios para instalações e respetivos equipamentos. A ênfase é colocada na educação infantil. Os materiais do jardim-de-infância aconselhados têm uma referência clara aos métodos de trabalho de Maria Montessori e Friedrich Fröbel. As diretrizes para o ensino primário são caracterizadas pelos métodos pedagógicos de que fala Sérgio. A orientação geral é continuar a manter as fases existentes em co-educação.
Os intelectuais de vários quadrantes fazem notar o elevado número de decretos publicados pelo governo sem nunca disponibilizar recursos para os pôr em prática. Também os professores sindicalizados e republicanos são críticos. Pela primeira vez na sua história sindical não fizeram greve contra os conselhos escolares ou contra a orientação laboral, mas contra a generalizada falta de meios para garantir a sua própria subsistência. Integram-se assim numa onda geral de greves de todos os funcionários do estado. A imprensa conservadora lança uma campanha de ódio contra os professores do ensino primário das escolas públicas. Com o propósito de intimidar, os termos '*anarquistas*', '*bando de terroristas revolucionários*', '*bolcheviques*', '*loucos*' e '*incompetentes*' aparecem frequentemente em artigos de opinião.

Louis não põe quase nenhum pensamento em papel acerca de todas essas iniciativas na Europa. Ele parece saber da morte em final de 1921 de Henrietta Swan Levitt, cuja história de vida foi

frequentemente referido pela mãe dele quando falava em defesa do direito ao ensino e a estudos para todos, inclusive os surdos e cegos. Embora considerada hoje uma mente brilhante pelos astrónomos, ela nunca teve a possibilidade de determinar sozinha o seu trabalho de investigação. Annie Jump Cannon, membro da equipa de Henrietta Swan Levitt e também surda, continua o trabalho de classificação das estrelas. Ele tem um vencimento inferior ao dos seus colegas homens apesar do reconhecimento geral da sua competência. Tal como outras astrónomas ouve frequentemente que, como mulher, deveria estar em casa, por a cozinha ser o seu lugar. Só durante a guerra, especialmente depois de muitos jovens terem alistado nas forças armadas, o trabalho das mulheres foi dado como de valor, até no mundo científico. Mas esta apreciação desapareceu novamente. Durante a sua viagem aos Países Baixos enquanto formando, Louis ouviu ter sido concedido a Annie Cannon o grau de doutor *honoris causa* em matemática e astronomia pela Universidade de Groningen. Ele pergunta-se se o trabalho dela teria sido tão conhecido na Europa se os Estados Unidos não tivessem participado da guerra... De qualquer forma, é bom lembrar como desde de tempos antigos, no mundo da matemática e da astronomia, as mulheres persistem a reivindicar o seu lugar. Infelizmente, continuam a ser uma minoria e muitas vezes provêm de famílias mais abastadas pensa Louis, antes de ouvir falar de Cecília Payne, cujo pai morreu quando ela tinha apenas quatro anos. Há dois anos Cecília ganhou uma bolsa para estudar no *Newnham College*, Universidade de Cambridge graças à sua inteligência. Conta-se

que Cecília Payne estaria principalmente interessada em física e química. Como muitos ela ouviu com grande expectativa a palestra de Arthur Eddington acerca da sua expedição à ilha do Príncipe, conseguindo depois fornecer provas fotográficas da teoria da relatividade geral de Einstein durante um eclipse solar. Mais tarde Cecília dirá como a palestra tinha sido um choque tão grande para a sua visão do mundo e ela ter tido a sensação de um colapso nervoso.
Louis emociona-se e pensa na mãe. Quanto ele gostaria de conversar com ela sobre isso hoje, e também sobre tudo o mais das suas duas visitas aos Países Baixos.

Dez anos após o início da guerra e seis anos após o fim, as consequências ainda se fazem sentir. Presumivelmente, deve-se à guerra o rápido desenvolvimento dos sistemas educativos europeus, com muitos pedagogos e professores a tentar livrar-se de sistemas de rotinas de sala de aula levando à submissão seguindo modelos de Lancaster ou La Salle.

Na Bélgica, a lei Poullet entra agora em vigor. A intenção é de reduzir o trabalho infantil, e de lançar bases para um melhor ensino e uma melhor formação dos trabalhadores de quem precisa a indústria. Como todas as crianças dos 6 aos 14 anos estão agora sujeitas obrigatoriamente a serem ensinadas, poder-se-ia dizer que a lei contribui indirectamente para uma espécie de democratização do ensino. Um Decreto Real de setembro de 1924 publica os novos regulamentos orgânicos para os Ateneus Reais do Estado. As escolas secundárias têm agora três ramos: as humanidades greco-latinas, as humanidades latinas e as

novas humanidades. Nos ramos clássicos, o número de horas de grego e latim diminui para dar espaço a mais aulas de língua materna e de ciências. No entanto, pensa Louis, ao manter esses três vias no ensino secundário, ainda há um acesso desigual ao conhecimento na fase em que todo o conhecimento deveria estar acessível a todos. Além disso, os Athenea destinam-se principalmente a quem estuda mais anos dos exigidos por lei. Com a instalação da quarta fase do ensino primário elevando o numero de anos de ensino primário a oito muitos nunca frequentarão o ensino secundário. As raparigas são autorizadas a frequentar aulas no Athenea, mas unicamente porque não existem instituições secundárias do Estado disponíveis apenas para raparigas. As condições sociais gerais do país significam que muitas crianças, rapazes e raparigas, da classe trabalhadora, nunca chegam ao Ateneu, claro.

Louis lê na *Schoolblad voor Vlaanderen* acerca de duas novas iniciativas de Edward: a *Vlaamse Opvoedkundige Vereniging (Associação Educacional Flamenga),* e a *Biblioteca Educacional Flamenga*. Edward é o primeiro presidente da nova associação. Anuncia não ser favorável a um único modelo de ensino ideal, mas querer dar a todos os seus leitores a consciência pedagógica necessária para pensarem por si próprios acerca da 'educação ideal'. Ele afirma o ensino ser uma questão de experimentação, intuição e bom senso. Louis pode estar de acordo com essa afirmação e pensa mais uma vez na Escola-Celeiro de sua bisavó. Da Escola no *Keizerskaai* de há cerca de cento e cinquenta anos ele não tem conhecimento. Edward Peeters tem dúvidas, especialmente no que diz ser à formação científica de

hoje. Os professores são frequentemente forçados a trabalhar de acordo com um padrão fixo de aulas parecendo lhe contra-natural, tomando em conta o ambiente pessoal de cada criança. Segundo Edward, ter esse ambiente em mente é o verdadeiro significado de '*colocar a criança em primeiro lugar*'. Para ele, a co-educação, o trabalho independente e o processamento de informações vindo de ambientes e visões diferentes fazem parte do processo de aprendizagem preparando para a vida. Dessa forma as crianças conseguem ter mais conhecimento interiorizado. Apesar de suas dúvidas em relação aos pedagogos académicos, Edward recomenda a quem trabalhe no mundo académico de ler Maria Montessori e Jan Ligthart. Ele parece pensar mais na matética e menos na didática. Edward vê a expansão dos anos de ensino obrigatórios como uma oportunidade para dar mais forma às suas ideias. Mas a oposição dos círculos religiosos conservadores continua forte, mesmo nas escolas municipais onde trabalha. De acordo com esses círculos, os ideais pedagógicos de co-educação, liberdade e outras sugestões da *Reform*-pedagogia não se conciliam com os ideais eclesiásticos. O muito católico Eduardo até é acusado de heresia. Ele mesmo diz só ter em mente uma melhor educação popular, uma educação para ajudar a evitar guerras insanas. Quando posteriormente e por várias vezes é-lhe recusado o cargo de diretor de uma escola primária em Oostende, ele abandona o ensino e começa a escrever histórias infantis e contos de fadas sob o pseudónimo de Paul Kiroul.

Louis conhece bem o trabalho de Montessori. Depois de ler Edward, ele procura os ensaios de Jan Ligthart *Over Opvoeding*

(Acerca da educação) na biblioteca da Escola Normal. Louis aprecia a ironia de Ligthart quando fala dos exames e dos examinadores em *Van een zegen en van een vloek (Acerca de uma bênção e uma maldição)*. Neste capítulo do livre ele reflete acerca do conhecimento imediato e o uso de obras de referência. Louis concorda plenamente com a passagem: *'Haverá pessoas acreditando que uma 'pessoa civilizada' deve saber de cor todo o tipo de coisas. Agora, eu quero dizer isso também; A questão é o que significa 'todo o tipo?'* Ele ri ao ler a descrição de uma noite de debate, durante a qual Ligthart é questionado por académicos sobre a importância do exame de geografia fazendo ao questionador a contra-pergunta: *'O senhor pode, por favor, nomear-me todos os afluentes do Danúbio?'*, começando outros a gritar *'Pare, pare.'* Ligthart conclui: *'O apelo ao exame foi rapidamente vencido desta forma. Os senhores não se atreveram a fazer um exame que querem ver aplicado aos seus filhos*.' Louis lê atentamente as ideias de Ligthart acerca do significado da memória e do conhecimento imediato. Para Ligthart é diferente para cada pessoa. O conhecimento imediato é o resultado do uso da experiência em conjunto com a aprendizagem em como usar corretamente a informação escrita. A experiência a adquirir por um futuro médico, pensa Louis, é diferente da experiência de um pianista, dum engenheiro ou um professor. Louis está menos interessado na integração que Ligthart faz da confissão de fé no capítulo *Illusie en ervaring (Ilusão e experiência)*.

Na Suíça, os pedagogos da *Ligue pour l'Éducation Nouvelle* não estiveram parados. A neutralidade da Suíça não foi violada como a da Bélgica. O Instituto Jean Jacques Rousseau e

iniciativas como *La maison des petits* puderam continuar a se desenvolver durante os anos de guerra. Uma vez a guerra terminada e em parte devido ao trabalho de Adolphe Ferrière, a *Liga* recuperou rapidamente o carácter internacional de antes da guerra. A associação não conta apenas com professores primários a trabalhar na Suíça, como Claparède e o próprio Ferrière, mas também com Ovide Decroly, Maria Montessori, António Faria de Vasconcelos, Alexandre Neill e Paul Geheeb. Quando Edward Peeters se retira do ensino o amigo de longa data Adolphe Ferrière assume a gestão do BIDE e a sede muda-se para Genebra. Em 1925, BIDE é renomeado BIE, *Bureau Internacional de Educação*. Embora o próprio Edward tenha considerado um duro golpe deixar de estar pessoalmente envolvido no Gabinete quando o secretariado se mudou para a Suíça, ele compreende que tal estrutura já não pode ser gerido por um homem só, perdido algures na Flandres Ocidental.

Na França, por enquanto as ideias educativas inovadoras são menos atacadas do que na Bélgica. Célestin Freinet consegue continuar a desenvolver a sua experiência escolar. Em 1922 ele tem a oportunidade de viajar para a Alemanha, onde visita as escolas libertárias de Hamburgo. Freinet tem as suas dúvidas. Ele considera o ensino nessas escolas libertárias como demasiado individualista. Pergunta-se quanto tempo é preciso para as crianças cooperarem espontaneamente e se é útil ter pouco ou nada em consideração a experiência dos adultos. Ele escreve sobre isso nas revistas *École Émancipée* e *Clarté,* a segunda sendo a revista dos estudantes comunistas franceses. Em 1923 participa no congresso da *Liga Internacional para a*

Educação Nova, a LIEN, onde conhece pessoalmente Ferrière, além de Roger Cousinet e Ovide Decroly. O convicto ateu Freinet e o muito religioso Ferrière desenvolvem uma estreita amizade e nos anos seguintes Freinet terá sempre a mão o livro *l'École Active* do seu novo amigo. Durante o congresso, Freinet ouve Paul Geheeb a falar da *Odenwaldschule*. Porém ele está mais interessado na escola do povo, a escola na qual ele pode educar as crianças para o pacifismo e a cooperação e, assim, contribuir para a erradicação da violência da guerra nacionalista. Para ele, a escola de Paul Geheeb é a escola da burguesia. Mais tarde, Freinet vai afirmar ter em Ovide Decroly e John Dewey as suas duas principais referências.
Durante o verão de 1924, Freinet adquire o utensílio dando à sua prática educacional a direção que a define. Em outubro ele traz para a sala de aula uma imprensa tipográfica adaptada. A partir daí ele propõe às crianças que escrevam e imprimam os seus próprios textos. O sucesso é grande e rapidamente ele estabelece a correspondência entre aulas, aproveitando ao máximo os seus conhecimentos de Esperanto.

O vento republicano continua a soprar em Portugal apesar da feroz oposição da ala conservadora da Igreja Católica. O ministro João Camoesas tem uma proposta de reforma educacional refletindo, segundo o próprio, o objetivo republicano: só com uma sociedade bem formada constrói-se um país melhor. Segundo o ministro, o ensino infantil deve ser contínuo e gratuito. A proposta inclui três categorias de ensino: geral, especial e superior. O ensino geral envolve três graus. O primeiro grau inclui quatro anos de pré-escolar gratuito sem

caráter obrigatório em jardins-de-infância, para crianças dos três aos seis anos. A rede de jardins-de-infância será ampliada quando as condições económicas do país o permitam. A formação pedagógica refere a escola ativa e discute as ideias difundidas pela LIEN, contando com contribuições de Faria de Vasconcelos e de António Sérgio. Mas uma reforma tão ousada precisa de mais recursos. Estes são escassos em parte ainda devido às dividas deixadas pela guerra. Cerca de um terço dos professores está desempregado. Há greves gerais para exigir melhores salários e uma semana de trabalho de cinco dias perfazendo 25 horas lectivas, repondo quinta-feira como dia de folga. Este privilégio do tempo da monarquia foi retirado pelos governos da República. No entanto, em 1923, o *Congresso Nacional dos Professores* dá a sua aprovação de princípio aos fundamentos da reforma. Estão presentes o ministro e os funcionários indicados para a implementação. Mas quando o Congresso se reúne um ano mais tarde, o clima mudou completamente. João Camoesas já não é ministro e a sua reforma nem sequer foi discutida no parlamento. O fosso entre os progressistas republicanos e a minoria conservadora em matéria de reformas está a aumentar.

O Plano Dalton tornou-se mais conhecido em Inglaterra em 1920 graças a um artigo no *suplemento pedagógico* do *Times.* Hoje, quatro anos depois, está a ser introduzido em muitas escolas primárias e secundárias. Nos Países Baixos a *Maatschappij tot Nut van 't Algemeen (Sociedade para o Benefício do Geral)* está interessada. Envia-se um comité para a Inglaterra para observar como este Plano Dalton funciona na prática nas

escolas que o adotam. Após um extenso artigo, publicado sob o título *Scholen in Losser Klasverband (Escolas com contexto de aulas mais livres),* passa a ser legalmente possível implementar as propostas da Sra. Parkhurst na escola primária na Holanda.
Em 1924, Alexander Neill, de 41 anos, abre a escola particular Summerhill em Lyme Regis. Antes, Neill trabalhou vários anos numa escola libertária em Dresden. Ele participou no congresso da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* em 1921 mas não se vê a pertencer ao grupo de educadores libertários progressistas. Segundo ele, eles são apologistas de uma autoridade gentil, mais oculta, na educação de crianças. Considera tratar-se de uma forma de autoridade mais traiçoeira comparada com uma abertamente afirmada. Mas, continua, ambas as formas de autoridade são desnecessárias. Para ele, a autoridade imposta, por mais bem intencionada que seja, não é justificável. Os adultos só reivindicam autoridade devido à sua necessidade de exercer poder originando uma forma especifica de repressão, diz Neill. A sua filosofia visa preservar a felicidade evitando os hábitos repressivos da sociedade. Ao contrário de Fröbel, diz, ele não venera as crianças com inocência romântica. As crianças têm qualidades animais que '*elas costumam superar com o tempo e em liberdade*'. Neill estabelece um sistema de autogoverno entre as crianças da sua escola. Ele fá-lo porque entende a liberdade não como sendo a liberdade individual completa, mas como a liberdade de agir, sem permissão para afectar a liberdade de outra pessoa como resultado dessa acção. Os adultos podem e devem proteger as crianças do perigo sem atropelar a sua capacidade de auto-regulação. Segundo Neill,

enquanto seres humanos, adultos e crianças têm direitos iguais. Quando estes direitos não estão bem equilibrados entre pais e filhos, surgem famílias ou com crianças 'disciplinadas' ou com crianças 'mimadas'. Os jovens não devem ter todos os seus desejos realizados, diz Neill, admitindo sentir grande desprezo pelas crianças mimadas.

Na Alemanha, as ideias libertárias e de *Reform-pedagogia* são principalmente assunto do ensino privada.
Os pedagogos de Hamburgo levam ao extremo o postulado de '*começar tudo a partir da criança'*. Eles rejeitam não apenas a possibilidade do Estado ou da Igreja decidir o que as crianças devem aprender, mas também o conceito de objectivo educativo específico. Segundo eles, a escola não é o meio através do qual se prepara alguém para a vida, mas um lugar na própria vida. Escrevem, por exemplo: '*Recusamo-nos a ser guiados no nosso trabalho escolar pelas exigências da profissão, da vida económica, da luta pela existência. Por isso não temos nenhum plano, nenhuma meta instrucional definida. Para nós, a tarefa da escola é oferecer à criança um lugar onde ela possa estar, jovem e feliz, sem ter em conta objectivos a atingir, um lugar onde a criança desenvolve um sentido de responsabilidade para com as pessoas com quem interage*'. Portanto, o conteúdo do processo de aprendizagem depende inteiramente do que as crianças querem aprender. A ausência de um programa é acompanhada pela ausência de regras e castigos. Os *camaradas-mestres* recusam-se a exercer qualquer autoridade sobre o grupo. Depois de um começo caótico, dizem, os próprios alunos tomam a iniciativa de criar um mínimo de ordem para que o trabalho possa ser

realizado.

A República de Weimar é, em última análise, o terreno fértil para Paulo Geheeb expandir a *Odenwaldshule* em comparação com o Regime Imperial antes e durante a guerra. Paulo sempre se recusou de celebrar vitórias alemãs ou o aniversário do Imperador, mas celebra os aniversários de quem ele considera heróis da educação. A sua indiferença para com os símbolos do Poder Alemão e a sua frieza pública para com qualquer entusiasmo nacionalista levaram muitas vezes a atritos com as autoridades e com amigos patrióticos. Em 1918 pairava no ar a ameaça de fecho da escola. Depois da guerra Geheeb demonstrou algum pesar pelo desaparecimento dos pequenos principados alemães autónomos. Ele temia um certo empobrecimento cultural. Mas entretanto Geheeb e a sua esposa divulgam a escola enquanto membro da *União de Escolas Livres e Internatos da Alemanha Rural*. Como já referido, eles participam nos congressos da LIEN onde são acolhidos com muito interesse. Estão ativamente envolvidos na criação da secção alemã da Liga. Sobre a escola, Paulo costuma dizer: *'Devemos formar jovens para a coragem e a militância, pessoas que não se adaptem covardemente ao mundo podre sob muitos pontos de vista; pessoas que terão aprendido a remar contra a corrente, a resistir de forma independente às modas e convenções impostas externamente, também no domínio da fé e em tudo que hoje se chama 'moderno'. No internato rural, meninos e meninas aprendem como membros responsáveis de uma pequena comunidade para depois trabalharem como cidadãos com todas as suas forças pelo bem-estar da nação. É assim que os novos jovens*

poderão trabalhar, muito para além dos limites do próprio lar, por uma reforma completa da sociedade humana.'

Também na Alemanha, Rudolf Steiner continua a expandir o modelo da escola de Waldorf. Até vai além das fronteiras alemãs. Ele dá uma forma definitiva à espiritualidade antroposófica e à pedagogia de cura. Ele presta muita atenção à construção de um novo *Goetheanum*, uma espécie de local de meditação, depois do primeiro prédio do género, construído em madeira, ter sido completamente destruído por um incendio em finais de 1922. Segundo Steiner, tratou-se de fogo posto. Afinal, não muito antes ele escapou por pouco a um atentado sobre a sua pessoa em Munique. Ele aponta como os instigadores os desordeiros que em breve se autodenominarão de fascistas. Steiner decide parar de dar palestras públicas na Alemanha mas funda a *Comunidade dos Cristãos*. Em nome dessa comunidade passa a discursar em vários locais da Europa Central, em Londres e e em Haia. De seguida, Steiner funda a *Sociedade Antroposófica Universal,* da qual é presidente. Ele inicia a *Livre Escola para Ciências Espirituais*. Em 1 de janeiro de 1924, dois anos após o incêndio *do Goetheanum*, Steiner afirma haver quem procura envenená-lo. Ele completa as plantas para o segundo *Goetheanum* enquanto *A pedagogia curativa* nasce em Jena. Em julho organiza-se a *conferência antroposófica e educacional* em Arnhem. Ficando acamado no final do ano, Steiner conclui as diretrizes respeitando a construção do *Goetheanum* e trabalha no conceito de medicina antroposófica. Ele falece no dia 1 de outubro de 1925.

Pouco antes, no verão de 1925, Célestin Freinet visita a União Soviética integrado numa delegação da LIEN. A delegação irá visitar várias escolas e haverá reuniões com dirigentes do sindicato dos professores. A delegação leu, entre outros textos, um artigo traduzido de Nadezhda Krupskaya, viúva de Vladimir Lenin, escrito para a Escola Politécnica e intitulado *A Preparação do Professor*. Nadezhda é actualmente Comissária do Povo para a Educação. Tem profundo conhecimento das obras de Comenius, Jean-Jacques Rousseau, Johann Pestalozzi, Constantin Ouchinsky, Tolstoy e John Dewey. Ela estudou vários sistemas de educação aplicada, especialmente durante as suas viagens a Londres, Paris, Bruxelas, Berlim e Genebra. Na mesma altura em que Dewey escreveu *Democracia e Educação*, ela estava a concluir *Educação Pública e Democracia*, com a qual estrutura a evolução futura da pedagogia marxista. O grupo sabe das ideias claras mas frequentemente controversas de Nadezhda. Os membros da delegação lembram-se como, entre todos os revolucionários no Congresso Soviético, ela foi a única a protestar contra o embalsamamento do cadáver de Lenin e a construção de um mausoléu. Naquela ocasião ela disse: *'Não deixem que o vosso luto por Illitch tome formas de respeito externo pela sua pessoa. Não erguem monumentos, não dêem o seu nome a palácios, não realizem cerimónias em memória dele; ele dava tão pouca importância a isso, tudo isso pesava muito sobre ele. Pensem na pobreza que ainda existe no país. Se querem honrar a memória de Vladimir Illitch então construam creches, jardins-de-infância, casas, escolas, bibliotecas, centros médicos, hospitais, alojamentos para convalescentes e, sobretudo, coloquemos em*

prática os princípios que ele defendia.'

Durante a visita da delegação, discute-se a rápida alfabetização do país e como foram construídas escolas um pouco em todo o lado. Quando alguém a confronta com a observação ouvida na própria Russia Soviética que as crianças do proletariado dispõem do melhor e as crianças da burguesia são tratadas menos bem, Nadezhda diz não ser a única a ter expressado sem parar fortes objecções à discriminação entre certas crianças, mas admite o problema continuar a existir.

Ao falar da glorificação do progresso, alguém observa ter ouvido dizer já não haver livros de contos de fadas nas lojas porque os contos de fadas são considerados mentiras. Célestin Freinet escreve então no seu caderno que isto também está a mudar, em parte por recomendação da Comissária do Povo para a Educação. A conversa continua tendo sobretudo a pedagogia como assunto, porque essa é, em última análise, a paixão da comissária do povo. Ela diz estar convencida de que uma sociedade socialista deve dar um lugar de destaque aos próprios alunos no sistema escolar. É da sua opinião que a autogestão na escola deve criar nas crianças o hábito de resolver problemas em conjunto, através de esforços comuns. Ela refere Anton Makarenko trabalhando em circunstâncias muito especiais. Célestin Freinet está entusiasmado com a visita e não pode deixar de apreciar a forma simples como alguém com o estatuto de Nadezhda Krupskaya recebe um grupo de jovens professores estrangeiros. Ele compara esta conversa com outra com Maria Montessori no LIEN, de quem diz: *'ela teme enfrentar os grandes do nosso tempo, os que mantêm os bairros de lata e a miséria; ela*

limita-se ao papel de pedagoga, negando em si todas essas influências decisivas que denunciara. Espiritualidade, claro! Não somos inimigos. Mas ainda é preciso saber de onde vem essa espiritualidade e se é muito útil ter libertado a criança dos adultos para sobrecarregá-la novamente com a tirania das palavras e das visões filosóficas dos quais podemos pelo menos dizer que já tiveram o seu momento.'

Nesse mesmo verão de 1925, o psicólogo russo Lev Vigotsky faz a sua única viagem para fora da Rússia. Ele encontra-se com colegas alemães a caminho para Londres, onde participa num congresso dedicado ao trabalho com crianças surdas e cegas ou com deficiência física. O tema em discussão é o direito ao ensino de todas as crianças e a forma como os professores devem ser preparados para essa tarefa. Embora Jean Piaget não esteja presente, Lev Vigotsky pretende ler uma série de artigos do seu colega suíço.

Três anos antes daquele Congresso em Londres, a *União Astronómica Internacional* aprovara em 9 de maio a resolução relativo à adoção do Sistema de Classificação das Estrelas de Annie Jump Cannon. No mesmo ano, Annie Cannon tem a possibilidade de passar seis meses em Arequipa, no Peru, para fotografar estrelas do Hemisfério Sul. A sua trajetória académica como mulher surda seria uma boa ilustração para o congresso sobre o direito à educação de todas as crianças.

No mesmo Reino Unido, Cecília Payne, sendo mulher, não tem direito ao diploma apesar de ter terminada os seus estudos. A Universidade de Cambridge deste país conservador não administra diplomas às mulheres. Cecília só é autorizada de

trabalhar como professora. Para fazer pesquisas, percebe ela, deverá emigrar para os Estados Unidos. Ela procura financiamento. Em 1923 é apresentada ao diretor do Harvard College Observatory. O observatório acabou de lançar uma pós-graduação em astronomia. Ela obtém uma bolsa incentivando mulheres a trabalhar no Observatório e deixa a Grã-Bretanha.

Em 1920, Georges Barnich e Georges Hostelet são co-diretores do *Instituto Solvay de Sociologia*. Sob a sua direcção, o Instituto não parece estar imune às ideias do movimento eugénico que recentemente incendiou as mentes um pouco em todo o mundo. No início de outubro de 1922, a *Comissão Internacional de Eugenia* reúne-se em Bruxelas. No Instituto, o presidente da comissão, Major Leonard Darwin, faz um discurso com o título *'L'Eugénique'*. O Professor Doutor Wimmer, de Copenhagen, recebe aí também o palco como orador para o discurso *'Hereditariedade mental'*. A *Câmara de Eugenia* do Instituto será inaugurada no dia 10 de outubro com uma reunião no salão principal do Instituto Solvay.
Na verdade esta câmara constitui o *Escritório Nacional Belga de Eugenia,* fica Luís a perceber. Ele está surpreendido e preocupado; é melhor os tópicos sobre eugenia não levantarem voo.
Louis nunca irá ouvir falar do trabalho de Lev Vigotsky, mas segue os compromissos falados e escritos de Hellen Keller, que goza hoje de fama mundial. Ela mobiliza-se em defesa das pessoas com deficiência. É um bom contraponto às propostas por vezes perturbadoras dos eugenistas, pensa Louis. No entanto ela já fez discursos motivadoras em mais de vinte países

acerca das circunstâncias de vida de pessoas surdas. Ela é sufragista, pacifista e socialista radical. De resto, também é a favor da contracepção. Louis também sabe que Helen Keller fundou com George Kessler a organização *Helen Keller International* durante a guerra. Esta organização está envolvida em pesquisas nas áreas de visão, saúde e nutrição. Em 1916 ela apoiara a *National Association for the Advancement of Coloured People* (NAACP). Ela então afirmou ter vergonha do tratamento anticristão dado às 'pessoas de cor' nos Estados do Sul.

Em 1925, o jovem Louis Demeester trabalha com sua turma numa escola municipal perto de Tienen. Cheio de ideias, formara-se em julho de 1922. Em setembro do mesmo ano já fora nomeado naquela escola. Montessori e Ligthart, mas especialmente Dewey e Decroly, são fontes de inspiração. Ele tenta tornar as suas aulas visualmente agradáveis e ele mesmo fabrica algumas ferramentas para ajudar as crianças mais novas na aritmética, com base no que sabe de Fröbel e Montessori. Ele não sabe que Louise Lafendel e Mina Audemars desenvolvem material semelhante em *La Maison des Petits* em Genebra.

Entre Tienen e Koksijde

Estamos na segunda metade dos anos vinte do século XX no calendário cristão (119º hectano). Louis Demeester continua solteiro e vive numa casa alugada em Tienen.
Lucien Souris e Charlotte Hofstadter estão casados há quase um ano e moram em Oostduinkerke. De visita aos pais de Lucien em Oostende, o jovem casal caminha até o centro da cidade. Algumas ruas mudaram de nome desde a juventude de Lucien: *Comedieplein* tornou-se *Marie-Joséplein* em homenagem a umas das filhas do Rei e a *Weststraat* chama-se *Adolph Buylstraat* em honra de um político local. Eles caminham por aquela rua olhando para as montras das lojas. Uma nova loja parece ter surgido no pátio de entrada da redação da revista liberal francófona *Le Carillon*. Mathieu Corman tem uma pequena variedade de livros à venda, alguns dos quais chamam a atenção de Lucien.

Em Tienen, Louis Demeester recebe através da Escola Normal onde estudou as novidades pedagógicas que lhe interessam. A editora Gebroeders Kluitman em Alkmaar publica a coleção *Os meus próprios livros de leitura (Mijn eigen leesboekjes)* de Wilhelmina Blokker. A coleção é composta por quatro livros ilustrados por Sijtje Aafjes e dirige-se as crianças do primeiro ano de escolaridade que começaram a ler há pouco tempo. Intitulam-se *Apenas na escola*, *Um passo adiante*, *Um grande passo em frente* e *Já um longo caminho percorrido*. Os pequenos livros são escritos no estilo e com o vocabulário dos livros de leitura do método de leitura Hoogeveen, hoje usado em muitas

escolas do estado e municipais, tanto nos Países Baixos como na Flandres. Louis compra imediatamente os quatro livros e espera ver em breve publicações semelhantes para as crianças do segundo e terceiro ano.

Entretanto, Louis lê *De gelukkige klas (A turma feliz)* de Theo Thijssen com sentimentos contraditórios. A história do pequeno Louis van Rijn, o aluno cuja saúde se deteriora gradualmente e é finalmente internado no hospital com as pernas paralisadas, onde provavelmente morrerá, comove-o. Ele lê com atenção a história, escrita em forma de diário, do professor e a sua relação com as crianças da turma. Regularmente fica surpreso com a atitude do adulto, considerando-o muito severo. Faz-lhe refletir a sua própria prática. Será ele às vezes muito rígido com os alunos?

Louis continua em contacto com Edward Peeters, ou Paul Kiroul, nome com o qual ele se apresenta hoje em dia. Quando Louis trabalha com crianças mais velhas, acontece-lhe ler alguns dos contos de fadas de Kiroul, como *Fikke Spring in 't veld*, *Princes Zonnestraal en Tierlafijntje* e *O que contou o elfo do jardim encantado*. O BIDE ja se mudou para Genebra e já se tornou BIE. Louis lembra-se a mãe lhe falar de Adolphe Ferrière e por isso lê às vezes publicações da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle*. Ele fica a saber como o professor francês Célestin Freinet incentiva as crianças de sua turma no sul da França a manter uma correspondência com os alunos da turma de um colega na Bretanha também na França. Louis ouve também falar da Cooperativa de Ajuda Pedagógica Mútua fundada pelo mesmo professor, cuja revista se chama

L'imprimerie à l'école. Fica profundamente intrigado.

Em 1927, o aeródromo Oostende-Stene torna-se mais movimentado. O transporte de bens e mercadorias facilita o quase diário abastecimento de jornais ingleses, especialmente durante os meses de verão. Hoje também existe uma ligação aérea regular Bruxelas - Oostende - Londres para passageiros. Este tipo de viagem só está reservado a quem tem recursos financeiros para o fazer, claro. Quem quer ir para a Inglaterra de modo mais económico usa a linha do barco postal para Dover. Até é possível fazer a travessia como passageiro de convés. Os passageiros vindo de comboio do interior também podem utilizar esta ligação para cruzar o Mar do Norte e contar com instalações de cabine se assim desejam. Depois de muito insistir, Lucien convence Charlotte de o acompanhar numa viagem de negócios à Inglaterra com o *mailboat*. Eles passam alguns dias em *Canterbury* e *Whitstable*. A vista sobre as falésias de calcário branco lembra naturalmente o engenheiro e diretor Lucien do tijolo sílica-calcário produzido na *Briqueterie de Coxyde.* Ele está a fazer experiências para usar o arenito celular à base de hidrosilicato de cálcio como pedra de acabamento e não apenas para a construção de paredes ásperas. A *Briqueterie Silico-calcaire* em breve irá começar a fazer entregas a empresas de construção nacionais devido ao atual *boom* na construção, responsável por muitas novas moradias em Koksijde, Oostduinkerke e Oostende. De certa forma, a pequena empresa por ele dirigido contribui modestamente para responder ao apelo do Rei Albert no seu discurso a líderes empresariais e investidores em Seraing. Aí o Rei referiu: '*para enfrentar a crise*

nas instituições e nos laboratórios científicos belgas, nas iniciativas dos nossos industriais e financiadores, nas competências dos nossos engenheiros, nas competências dos nossos trabalhadores, todos os obstáculos devem ser removidos.'

O prestígio das instituições científicas belgas a nível internacional tem muito a ver com as conferências Solvay. A quinta conferência de física tendo como tema electrões e protões realiza-se na última semana de outubro. Desta vez reúnem-se todos os grandes cientistas, incluindo os físicos debatendo-se com a recém-lançada teoria quântica. As principais figuras são Albert Einstein, Niels Bohr e Marie Curie. Ela ganhou o Prémio Nobel em duas disciplinas distintas. Werner Heisenberg, Paul Dirac e Erwin Schrödinger ficam também na fotografia de grupo. Aparentemente desapareceu o preconceito anti-alemão levando Einstein a declinar convites e impedindo outros de participarem nas duas conferências Solvay anteriores. De facto todos aqueles tendo contribuído para o recente desenvolvimento da teoria quântica estão presentes, fazendo Heisenberg observar publicamente: '*Devido à oportunidade de intercâmbio entre representantes de diferentes linhas de pesquisa, esta conferência deu uma contribuição extraordinária para o esclarecimento dos fundamentos físicos da teoria quântica. Constitui, por assim dizer, a conclusão exterior da teoria quântica*.'

Ha quem destaca nesta conferência como nota pessoal a relação de amizade entre a Rainha Elisabeth e Albert Einstein. O cientista é recebido no palácio enquanto membro da comissão científica do conselho Solvay. Confirmam-se os rumores em

como a rainha e o cientista teriam tocado violino juntos. A amizade será importante para Albert Einstein e a sua família alguns anos mais tarde quando o físico se encontrará mais uma vez numa situação perigosa por razões políticos.
Sem saberem um do outro, Lucien e Louis leem ambos documentos saídos da conferência Solvay, cada um na sua área de interesse. Louis espera ver na confluência do discurso do Rei no início daquele mês e o entusiasmo científico de alta qualidade da conferência mais investimento na educação, disseminação e aquisição de conhecimento. Mas logo a seguir fica um tanto decepcionado com as reações ao novo sistema linguístico estabelecido por Camille Huysmans nos Athenea na Flandres, segundo o qual apenas um terço das aulas serão ministradas em francês. Em vez de verem nisso mais um sinal favorável ao desenvolvimento da disseminação do conhecimento, tanto os defensores do francês como os do flamengo apenas discutem se esta medida vai longe demais ou não o suficiente do ponto de vista político. Não continuam somente com a eterna disputa política acerca de privilégios? Não foi Ratke, há 300 anos a defender o ensino na própria língua, fazendo todos também aprender a linguagem da ciência? E não se pode dizer hoje que a linguagem da ciência é a matemática? pensa Louis para consigo. Não seria melhor os defensores do francês e do flamengo se concentrarem na melhoria geral da acessibilidade e do conteúdo do ensino secundário?

Lucien Souris e Charlotte Hofstadter ficam radiantes quando Charlotte dá à luz a uma filha na primavera de 1928. O pai de Lucien sugere o nome Jacqueline, em homenagem ao barco

com o qual ele teve tantas aventuras sob as ordens de Arseen Blondé. Entretanto o professor de ensino primário Louis Demeester continua solteiro. Ele tem 25 anos, embora ninguém diria. Às vezes ele parece um rapaz crescido e esguio, imitando até algumas das partidas pregadas pelos seus alunos. Gosta de brincar com amigos e conhecidos e quando não está a trabalhar para a escola tem sempre tempo para conversar. As visitas à sua livraria favorita por exemplo prolongam-se frequentemente. Ele gosta de visitar o jovem casal de livreiros. As conversas acerca das leituras recentes e em curso alternam-se com comentários irónicos com outros clientes acerca de acontecimentos locais ou notícias no jornal. Durante a visita à loja para comprar um presente para si próprio para o seu aniversário, encontra o livreiro não com a esposa dele, muito grávida, mas assistido por uma jovem. Ela é-lhe apresentada como a irmã mais velha de dois anos da proprietária da loja. Veio para Tienen para ajudar a irmã e o cunhado até depois do nascimento do bebé. Louis acaba de conhecer Graciete Decoster, com quem inicia logo uma longa conversa. Graciete alterna o francês com um pronunciado sotaque de Gent com o dialecto flamengo da mesma cidade. Às vezes os dois até têm mesmo que recorrer ao francês. O dialecto de Gent é muito diferentes do dialecto de Tienen. Muitas vezes soltam uma gargalhada quando se apercebem do significado diferente de uma ou outra palavra. Pouco tempo depois de a conhecer, Louis convida Graciete para visitar a fazenda dos primos, onde ela conhece os seus irmãos. A citadina Graciete fica muito surpreendida com a vida numa herdade. Ela imaginava muito diferente a vida no campo. A sala de visitas

entre o rés-do-chão e o primeiro andar pode facilmente ser comparado com o salão de belle étage da casa burguês dos seus pais em Gent confidencia a Louis. Entretanto, Graciete fica em casa da irmã e do cunhado por mais tempo do que era previsto. Perto do fim do ano, ninguém está muito surpreendido com o casamento de Louis e Graciete, depois de um curto noivado. O liberal e agnóstico Louis concorda com um casamento na igreja. Graciete insiste muito. O pai é sacristão da igreja de uma das principais paróquias de Gent. Cerca de um ano depois, Louis é pai de um filho. Ele quer lhe dar o nome de John, e depois de alguma deliberação com a família de Graciete cuja irmão é padrinho do bebé, o nome inglês é aceito. Afinal, explica Graciete, é o nome de João Batista, mas eles gostam mais do inglês *John* em vez do neerlandês *Johannes*. Louis tem obviamente o nome do pedagogo John Dewey em mente, cujo trabalho conheceu através da sua mãe e de quem devorou a primeira edição de *School and Society*. Durante os seus estudos leu também *Democracia e Educação: uma introdução à filosofia da educação*. Amigos e colegas sabem de sua admiração pelo filósofo. Quando tomam conhecimento do nome do filho de Graciete e Louis, oferecem à pequena família lindos talheres infantis de prata com o nome John gravado. Mas há um presente extra para o pai: ele recebe um exemplar de *John Dewey – School en Maatschappij,* acabado de sair em neerlandês na serie *Pedagogos bem conhecidos* da Editora Wolters. É a primeira tradução da décima edição da segunda versão inglesa de *School and Society* de 1927. Na introdução, o tradutor T.J. De Boer destaca a evolução do pensamento do filósofo e pedagogo

caracterizando esta edição. Louis passa aquelas noites sem dormir após o nascimento de um bebé a ler o livro, muitas vezes fazendo anotações nas margens. Ele sublinha *'Aprender? Certamente, mas primeiro na vida e depois aprende-se através e em relação a esta vivência. Quando entendemos a relação com a escola desta forma, descobrimos que a criança não é em primeiro lugar um ser ouvinte: muito pelo contrário*.' É a *escola ativa*, mas também a escola da imprensa de Célestin Freinet com as aulas durante as caminhadas e são as crianças ativas de Fröbel, Montessori e Decroly. Louis escreve outro comentário citando Wilhelmina Blokker falando dos seus livros: *'As crianças aprendem a ler na escola e ficam orgulhosas quando progrediram tanto que têm o primeiro livro nas mãos gostando de o deixar em casa para mostrar o quão crescidos eles já são':* é quase a afirmação de um *fait-divers* escreve ele. Ele mesmo observa-o junto dos leitores iniciantes de sua turma atual. Levam diariamente para casa os livrinhos da biblioteca da turma para mostrar o seu talento de leitura a quem quiser ouvir.

Quando Louis fala cautelosamente acerca de Freinet com alguns dos seus colegas, eles comentam a iniciativa de Kees Boeke, o *Atelier Comunitário para Crianças (Werkplaats Kindergemeenschap)* em Bilthoven. Há quem observa imediatamente não se poder falar de escola neste caso. Louis discorda, ou presume o colega que a palavra escola se refere apenas à instituição na qual se instrui crianças destinadas a só ouvir? É a linguagem de Lancaster, observa ele ironicamente. Não é a instituição convidando as crianças a participar naquilo que está a acontecer e da qual elas assumem parcialmente a

liderança, a verdadeira escola de aprendizagem preparando para a vida em sociedade? Kees Boeke é um idealista, nisso Louis está de acordo, mas revolucionário? Não deve todo educador assumir ser o seu objetivo de apoiar as crianças na sua busca de conhecimento e sabedoria? E não é exatamente isso que Kees Boeke também almeja, pergunta ainda?

Conhecimento, ciência, sabedoria. Louis pensa estar a viver tempos áureos, cheios de novas descobertas. Mas mesmo na ciência existem espécies de dogmas. Quem faz novas observações não tira necessariamente conclusões no sentido de alterar ou adaptar a visão geral do mundo. A tese de doutoramento de Cecilia Payne em 1915 é um bom exemplo. Payne relacionara com precisão a classe espectral das estrelas à sua temperatura real aplicando a teoria da ionização do físico indiano Meghnad Saha. Ela mostrara a grande variação nas linhas de absorção das estrelas, resultado da ionização a diferentes temperaturas de determinados elementos e não de diferentes quantidades desses elementos. Não seria verdade as estrelas terem aproximadamente a mesma composição elementar como a Terra. Logo, calculara Cecilia Payne, o hélio e principalmente o hidrogénio são muito mais abundantes nas estrelas do que na Terra. O hidrogénio até passava a ser o elemento mais abundante no universo. Essa parecera ser a sua conclusão em 1915, mas um texto do conceituado astrónomo Henry Norris Russel reteve Payne para rever a composição do Sol como consistindo principalmente em hidrogénio. Não tinha Russel escrito em 1914: *'A semelhança entre as tabelas solar e terrestre é tal que confirma fortemente a opinião de Rowland de*

que, se a crosta terrestre fosse elevada à temperatura da atmosfera do Sol, isso produz um espectro de absorção muito comparável. Os espectros do Sol e de outras estrelas são semelhantes, por isso parece que a abundância relativa de elementos no universo deva ser semelhante à da crosta terrestre'? As descobertas de Payne contradiziam por completo o consenso científico em relação à similitude entre a composição elementar do Sol e da Terra. Assim, ela descreveu os seus resultados como sendo 'falsos'. Hoje, menos de 15 anos depois, outro astrónomo, Otto Struve, afirma o trabalho de Payne ter sido *'a tese mais brilhante alguma vez escrita em astronomia'*. Também Russel afirma hoje Payne ter estado certo. Ele obteve os mesmos resultados por outra via. O artigo publicado e assinado por Russel no presente ano, reconhecendo ao de leve o trabalho muito anterior de Payne e a sua descoberta. Mas essa referência muito discreta a Payne, pensa Louis, permitiu a Russel, e não a Payne, de ser creditado pelas conclusões por ela tirada. A mãe e a avó veriam nisso mais um certeiro exemplo da misoginia no mundo científico, ainda hoje.

A anedota sobre a correspondência entre Shapley e Hubble em 1925 é mais divertida. Shapley opôs-se na altura feroz- e veementemente às observações de Edwin Hubble afirmando existir outras galáxias no universo além da Via Láctea. Ele até acusou Hubble de produzir lixo e pseudociência. Hubble limitou-se a enviar Shapley uma carta na qual ele demonstrou a curva de luz observada de uma estrela variável Cefeida no sistema de Andromeda. De seguida, Shapley não só retirou as suas críticas mas terá dito aos seus colegas: '*Aqui está a carta que destruiu o*

meu universo'. Ele próprio ainda incentivou Hubble a escrever um artigo mais detalhado sobre as suas observações. No pensamento científico ainda há espaço para a autocrítica e para deitar fora velhas ideias medita Louis. Nas ciências sociais de hoje parece ser bem mais difícil, constata. A crença, ou a fé, de estar certo é mais persistente, em questões ligadas à economia, religião, psicologia ou sociologia. Por que não pensar numa abordagem fenomenológica como a de Edmund Husserl quando entrar no campo das ciências sociais?

Lucien fica satisfeito com o progresso da venda dos tijolos sílica-calcários. Hoje a fábrica quase não consegue atender a todas as solicitações e as ordens de encomenda garantem três anos de produção. No entanto, o frenesim da construção chegará ao fim um dia, ele está-se ciente disso. Não acredita em crescimento ilimitado. Para já, as dunas parceladas para exploração são finitas; há prospecções de reserva de areia nas Dunas Galoper até finais da década de 1950. Muita coisa pode acontecer em, digamos, trinta anos, obviamente… tanto coisa boa como ruim. A curto prazo assusta-o aquele líder daquele partido radical na Alemanha. Tentou levar a cabo um golpe de Estado há alguns anos. Hoje conseguiu legalizar novamente o seu partido e ele está a ganhar cada vez mais popularidade entre a população operária. A adaptação das indemnizações de guerra previstas no Plano Dawes para o Plano Young não é estranha a tudo isso. *Le Canard Enchaîné* alerta para o perigo, é há razões para ficar alarmado. Devido aos seus contactos comerciais, Lucien conhece a indústria alemã. Esta não consegue arcar com os impostos necessários para contribuir aos

fundos de recuperação. Logo, a Alemanha voltará a contrair empréstimos junto dos Estados Unidos. Embora a construção vai bem em toda a Europa, ela deve-se em grande parte aos fundos de recuperação. O carrossel do dinheiro continua a ser o mesmo: os Estados Unidos emprestam à Alemanha, esta indemniza os países aliados que vencerem, para esses países pagarem a sua dívida de guerra aos Estados Unidos, tudo com o mesmo dinheiro. E de acordo com *Le Canard*, a América está actualmente a investir com força na indústria de armas e no aço… alemão.

Lucien não fica surpreendido portanto quando alguns meses depois irrompe uma grande crise no mundo financeiro. Os especuladores no mercado de ações americano estão a viver uma espécie de episódio de *bulbo de tulipa* neerlandesa ou *Law* francesa: as acções de uma indústria produzindo mais do que consegue vender perdem subitamente grande parte do seu valor e o pânico toma conta do resto. Bancos estão a falir e chega menos dinheiro à Alemanha fazendo enfraquecer o *plano Young*. No país a insatisfação cresce. Este sentimento joga mais uma vez a favor daquele partido radical autodenominando-se nacional-socialista e cujo líder cada vez mais parece o ditador italiano. Este deixa-se apoiar em primeiro lugar por um grupo de veteranos descontentes, o *Fasci di Combattimento* cujos membros se autodenominam de *fascista*. Tal como na Itália, o clima na Alemanha é mais nacionalista do que socialista. É necessário apontar um inimigo claro: interno é a comunidade judaica identificada como sendo a dos grandes banqueiros, externo é a França, claro. Em 1918 os seus líderes só queriam

humilhar a Alemanha com aquelas condições impossíveis.

Mas a pequena família encontra-se bem. No início de 1930, muda para uma vivenda em Koksijde, propriedade de um empreiteiro de Bruxelas que é um grande cliente da *Briquerie de Coxyde*. Ele explicara a Lucien ser a sua intenção de se mudar com a família para aquela vivenda quando deixar de trabalhar daqui a cerca de vinte anos. Lucien perguntara quais eram os planos para a vivenda entretanto. Chegaram rapidamente a um acordo: Lucien e a família mudam-se para lá, mantêm a casa e o jardim em boas condições, contra um aluguer quase simbólico, acordando desocupar a vivenda quando o proprietário a querer ocupar.
Durante os dias de mudança Lucien e Charlotte estão em Oostende. Aproveitam para assistir pela primeira vez a um filme falado. *La mort de Vénus* de Henri Storck está no programa da noite de cinema. Quando saem da sala, Lucien ouve amigos a falar de como tem sido o sucesso da livraria no pátio de entrada de *Le Carillon.* O dono Mathieu Corman até se atreveu a abrir a sua própria loja. Ele comprou um espaço na mesma rua, perto da esquina da *Marie-Joséplein*. Poucos dias depois, Lucien visita Mathieu Corman na sua nova livraria. Encontra alguns livros testemunhando a história das condições de trabalho na região mineira de Liège e o surgimento de associações cooperativas entre os trabalhadores. Ele fala com o livreiro das suas raizes em Flémalle. O pai era engenheiro de uma das minas de carvão da região de Liège. Mathieu Corman conta então também

ser da região. Ele poderia até ter nascido belga ou sem nacionalidade. A sua cidade natal fica entre Kelmis e Herbesthal e foi alemã até 1919. Os dois falam das grandes empresas da região, incluindo da fábrica de zinco Kelmis *Vieille-Montagne* e da sua história à qual estão associados grandes nomes do início da indústria e da atividade bancária belga. Quando Lucien fala da sua infância em Oostende, ele refere o professor que o ajudou a aprender flamengo. Certo dia, eles receberam na turma a visita de uma jovem professora vindo lhes falar da região mineira em francês. Ele lembra-se vagamente também ter falado do seu pai. Sim, de repente também se lembra do nome da professora. Era Jeanne. Lotje está grávida e o nascimento do segundo bebé é para qualquer momento. E quando a sua segunda filha é colocada nos braços de Lotje em 3 de abril, Lucien imediatamente sugere o nome de Jeanne.

Entretanto, Mathieu Corman cuida dum próprio bebé intelectual. Com o pintor francês Felix Labisse e mais dois amigos, ele lança a revista *Tribord*. Trata-se duma revista de vanguarda para a qual participam quase todos os artistas do litoral. Há contribuições de James Ensor, de Constant Permeke, de Leon Spilliaert e do próprio Labisse. Contribuem também escritores e o cineasta e fotógrafo Henri Storck. A revista terá menos de dois anos de existência, mas nesse curto espaço de tempo ganha fama internacional. As edições são temáticas, incluindo '*A mulher*', '*Primavera*' e '*Oostende*'. Lucien aprecia o caráter vanguardista da revista, comprando um exemplar de quase

cada novo número.
Em meados de maio a família participa na festa de comunhão conjunta de primos de Charlotte. O menu bem parece o de uma refeição de casamento: depois do *Hors d'oeuvres variés* segue o *Bisques d'écrevisse*. De seguida há um *Bouchée à la Reine* e o *Turbot au beurre et Pommes Nouvelles*. Segue um *Selle d'agneau, primeurs et Pommes rissolés* e o *Poulet Rôti de Bruxelles avec compote de pommes*, após o qual uma *Salade de Homard* encerra a refeição antes de apresentar o *Gâteau, Fruits et café*. Todo o menu é cuidadosamente elaborado em francês, a língua com a qual a burguesia da região flamenga da Bélgica ainda se distingue das pessoas comuns. Lucien, hoje perfeitamente bilíngue, não pronuncia uma única palavra em francês durante toda a refeição, mesmo quando é abordado naquela língua. O pai de Charlotte realmente aprecia e, embora receba uma piscadela aqui e ali, a maioria dos comensais reage zangada. De facto! Convida-se um diretor de fábrica, tenente de reserva, dominando um francês perfeito e o homem decide apenas falar flamengo...

Tienen fica a aproximadamente 80 quilómetros de Thuin. Lá mora Georges Cuisenaire, colega Valão de Louis e doze anos mais velho. Também ele inspira-se de Fröbel, Montessori e Decroly. Ele experimenta com pequenas réguas primeiro feitas em papelão e depois em madeira para ajudar os seus alunos na aritmética. Muitos anos depois, Louis mostra ao neto Paulo as réguas que ele mesmo tinha inventado para ajudar os seus alunos em Tienen. Mas isso fica para mais tarde. Hoje ele

segura o seu filho de um ano nos braços. O menino adormeceu nos braços da mãe depois de mamar. Louis substituiu Graciete e depois de manter um rapazito a dormir na cova dos braços algum tempo, coloca-o no berço. Graciete adormece pouco depois e Louis volta à leitura. Ele lê um artigo no qual Paul Geheeb evoca Hermann Lietz no décimo aniversário da fundação com o nome do último: '*Uma amizade interior e incomparavelmente fecunda desenvolveu-se rapidamente entre nos os dois; juntos aprofundamo-nos na filosofia de Fichte e desenvolvemos as nossas ideias educacionais. Vivemos muito tempo na cidade e passámos parte do nosso tempo de estudo em Berlim. A pobreza social da grande cidade enchia-nos de horror. E imbuído da crença de que dentro de cem anos o mundo estaria mais do que podre, tornamo-nos discípulos entusiasmados de Fichte. Sentimos muito claramente a contradição entre a verdadeira humanidade e o mal da civilização. Na verdade, não estávamos apenas preocupados com a enxurrada de questões em torno da reforma escolar. Estávamos bastante interessados na humanidade como um todo. Seguimos o então cada vez mais poderoso movimento social-democrata e estivemos em contacto com Bebel e outros líderes socialistas. Foi sobretudo a sua insaciável agitação político-partidária que nos impediu de nos juntarmos a eles. O problema central para nós era elaborar toda a vida das pessoas numa base mais saudável e inteiramente nova. Isto tinha que acontecer através de uma nova educação, como Fichte já tinha defendido nos seus* Discursos dirigidos à Nação Alemã.'

Louis tem grandes interrogações a este respeito. Quando

Lietz e Geheeb idealizaram as suas escolas no meio rural, o livro com os *Discursos dirigidos à Nação Alemã* já tinha cem anos. Estes discursos observavam um tom claramente nacionalista. O socialista Bebel por outro lado tornara-se membro da *Internacional dos Trabalhadores* juntamente com Liebknecht e fundara posteriormente o *Partido dos Trabalhadores Alemães*. Também defendia publicamente o diálogo entre diferentes culturas. Autodenominou-se revolucionário até ao fim da vida, posicionando o partido por ele presidido entre a marxista Rosa Luxemburg e o reformista Edward Bernstein. Embora Louis continua a considerar-se um liberal não doutrinário, para ele Bebel e muitos dos primeiros socialistas fizeram muito pela compreensão entre as pessoas e contra a podridão do mundo. De Fichte ele vê apenas um panfleto nacionalista. Ele pergunta-se como as posições de Geheeb são tratados na *Ligue Internationale de l'Éducation Nouvelle*. Uma associação do género pode optar por restringir-se aos modelos educacionais, mas, de acordo com Louis, esses modelos devem sempre ser vistos num contexto mais amplo. Para Louis, o debate liderado por Paul Geheeb difere em muitos aspectos do que ele ouve e vê no emergente *Movimento Cooperativo Laico* iniciado por Célestin Freinet. Como professor primário de uma cidade pequena, Louis revê-se melhor na apologia de Freinet pela escola para o povo. E isto apesar das claras simpatias do mestre-escola francês pela Rússia Soviética, ou pela União Soviética, como é chamada hoje. Louis leu a crónica *Mes impressions de*

pedagogue en Russie soviétique, em *L'École émancipée.* Ele questiona-se como reagiria Freinet à lei belga incentivando os municípios a criarem turmas separadas para '*alunos ficando para trás*'. Se as crianças aprendem com base nos seus próprios interesses e experiência, é difícil falar de 'atrasados'. Alguma vez existem 'atrasados', pensa Louis, se o professor primário entende a artificialidade da escola simultânea? Se o professor articula de forma continuada as suas aulas com as crianças tendo em conta circunstâncias individuais? E é exatamente isso que o professor de Saint-Paul-de-Vence pretende, percebe-o Louis pelas suas leituras.
Será aquela almejada segregação algo inerente ao pensamento conservador? Aqui, num país governado por estruturas católicas conservadoras, a lei determina o ensino obrigatório. Uma das forma de cumprir a lei é de por as crianças na escola, onde a pressão para classes de ensino simultâneo ameaça colocar muitas crianças num segundo plano. Em Portugal, onde, bem se vê, o espírito republicano se foi perdendo gradualmente, 80% da população rural continua analfabeta e na cidade os números não são muito melhores. Por muito que Adolphe Ferrière pode ter elogiado a curta experiência de António Faria de Vasconcelos em Bièrges, pensa Louis, o pedagogo aparentemente não conseguiu concretizar as suas ideias quando regressou a Portugal. A reforma Camoesas continua letra morta. Não se fala de escolas rurais, nem como internato para os filhos da burguesia da cidade, nem como escola para os filhos da classe trabalhadora da região. Talvez aqui também a pressão católica conservadora tenha sido demasiado grande. Portugal é-lhe

apresentado como um país onde a hierarquia social continua a ser considerada eterna e imutável por quem pertence às classes mais elevadas. E fica bem patente ainda existe uma segregação profunda entre classes quando se vê o conteúdo dos jornais locais das cooperativas e seguros mútuos de trabalhadores. A religião legitima relações materiais de dependência. No interior isolado, a diversidade cultural entre a população é extremamente baixa. A palavra escrita pertence unicamente àqueles com poder, principalmente ao pastor e aos fazendeiros mais prósperos, por vezes ao mestre-escola, se houver uma escola.

Pouco antes de ir dormir, Louis dá uma olhada no livrinho mais recente de Wilhelmina Blokker. É outra edição para crianças no primeiro ano, com o título *Vou ler e* com número de série *1a*, portanto um livro para leitores iniciantes. A autora justifica: '*Como se tornou evidente existir uma necessidade real de material de leitura para crianças que estão a começar a ler, este volume* 'Vou ler' *foi adicionado à série* 'Mijn Eigen Leesboekjes'. *Impresso em letras grandes e claras, este livrinho é, por assim dizer, um precursor de outros livros de leitura nesta série*.' Entre o ensino laico centralizador na França e a desesperante escassez de ensino ainda por cima controlado pelos conservadores em Portugal, não me posso queixar muito, pensa Louis troçando um pouco de si próprio. Em última análise, aqui nesta parte rural do Brabante, posso e consigo oferecer aos meus alunos livros de leitura e incentivá-los a saber mais do que apenas o que acontece em casa e no caminho de casa para a escola.

Os anos de infância de John e Jeanne

John e Jeanne crescem até a pré-puberdade durante os anos trinta na Bélgica flamenga.
John passa os seus primeiros anos em Tienen, em Brabant, e muda-se aos cinco anos com os seus pais para Gent, na Flandres Oriental.
Jeanne passa toda a sua infância em Koksijde na Flandres Ocidental, e visita regularmente os avós em Oostende.
Devido à lei de 1932 regulando os assuntos linguísticos nas escolas nesta parte da Bélgica, todo o ensino pré-escolar e primário é hoje administrado em flamengo, enquanto no secundário ensina-se pelo menos quatro horas em francês. John e Jeanne irão, portanto, frequentar a escola primária em flamengo. Mas o francês continua muito falado em casa em ambos.

Jeanne domina o francês tão depressa quanto o flamengo. Afinal, é a língua materna do pai. Os seus avós falam unicamente francês entre si e com a família. Lucien adora os *chansonniers* franceses. Ele tem um novo rádio-gramofone e a coleção de discos de 78 rotações cresce depressa, não só com jazz, mas também com canções de Charles Trenet, Jean Sablon, Mireille, Maurice Chevalier, Tino Rossi, Mistinguett e Josephine Baker. Há jornais franceses em casa e a biblioteca contém muitos livros franceses recentes, graças às visitas regulares à Livraria Corman. Desde outubro de 1932 Mathieu Corman iniciou uma série de encontros na livraria muito apreciados pelo Lucien: artistas vêm apresentar os seus trabalhos com uma

conversa na livraria. A primeira convidada é Blanche Houvenaghel para falar do seu trabalho *Impressions de la Mer*.

Tienen está localizada quase encima da fronteira linguística neerlandês-francês atravessando a Bélgica e o pequeno John ouve francês sempre que acompanha o pai ao mercado. Descendendo da burguesia francófona de Gent, Graciete também gosta de falar francês com o filho intercalando com expressões no dialecto de Gent.
Também há um rádio em casa depois do *Instituto Nacional de Radiodifusão* passar a emitir regularmente desde fevereiro de 1931. Graciete ouve com frequência os concertos transmitidos no início da noite. Por influência da mãe, John já ouvia desde criança as obras clássicas agora executadas ao vivo na radiofonia. Ele vê a mãe a tocar músicas de Schubert e peças de Chopin no piano de parede da sala da frente. Rapidamente toca pequenas peças musicais sozinho.

A Europa do início dos anos 1930 atravessa tempos bastante turbulentos e muitos dos ideais de paz de há pouco mais de dez anos ficam esquecidos. As classes dirigentes continuam a considerar o mundo como um tabuleiro de xadrez no qual se querem posicionar para ganhar o máximo de propriedade e poder possível. Entre o resto da população há quem espera nunca mais haver guerra, com ou sem espingarda quebrada na lapela, mas a desinformação e a baixa escolaridade rapidamente e de modo generalizado reacendem os sentimentos nacionalistas. Outras nações ou grupos populacionais dentro das próprias fronteiras são facilmente apontados como inimigos.

Célestin Freinet bem o sabe. Na noite de 2 para 3 de dezembro de 1932, uma série de cópias de dois cartazes aparecem nas muralhas de Saint-Paul-de-Vence. O primeiro retrata a história de um sonho, escrito pelas crianças da turma de Freinet. Fora do contexto a história parece ser uma apologia ao assassinato. O segundo cartaz é mais venenoso e acusa o professor de transformar os seus alunos em bolcheviques. O conselho municipal liderado pela *União Republicana e Democrática* e a associação local de veteranos de guerra apresentam uma queixa contra Freinet. O governo departamental inicia uma investigação, enquanto aumenta a tensão entre apoiantes e opositores de Freinet. O burgomestre apela à greve escolar. Em breve não só a imprensa local, mas também a imprensa conservadora nacional relata o conflito. O assunto até é discutido no parlamento. O governador departamental convoca Freinet para apresentar-se frente ao Conselho Departamental do Ensino Primário onde ele é censurado. Célestin Freinet recorre da decisão no Conselho de Estado. Entretanto circula pela cidade uma petição do inspetor, assinada por pais acusando Freinet de violar o seu dever de neutralidade como professor por elogiar a Revolução Russa. Seguem uma série de cartas contra Freinet, bem como cartas expressando-lhe apoio. O próprio Freinet escreve ao Ministro da Educação Pública Anatole de Monzie e contrapõe as críticas que lhe são feitas a ele e à *Éducation Nouvelle* em geral. A resposta do ministro demora e o apelo ao fecho da escola continua a ter muitos adeptos. Em 23 de abril de 1933, uma multidão reúne-se em frente à escola, partindo janelas. As crianças ficam

assustadas, claro, e temendo pela segurança delas, Freinet mostra um revólver. Após desse episódio é-lhe recomendado aceitar uma transferência de posto. Ele só concorda em tirar três meses de licença até as férias de verão. No dia 21 de junho, o governador departamental informa Freinet da sua transferência para Bar-sur-Loup 'no interesse da escola laica'. Freinet recusa e pede licença de longa duração por motivo de doença, que lhe é imediatamente acordada. Ele decide dedicar-se à *Cooperative de l'Enseignement Laique,* enquanto procura como iniciar uma escola cooperativa independente. No mesmo ano o professor Valão belga Jean Mawet começa a trabalhar com as técnicas propostas por Freinet. Apropriou-se delas durante a sua participação no congresso da LIEN em Nice.

Em Moscou, Lev Vigotsky estabelece o seu próprio programa de pesquisa. Nunca se encontrou pessoalmente com Jean Piaget, mas tem lido e anotado os artigos deste último desde a sua participação no congresso de Londres. Ele concorda amplamente com as perspectivas de Piaget sobre o processo de aprendizagem das crianças.

Para o seu principal programa de pesquisa iniciado em 1926, Vigotsky reúne um grupo de colaboradores, incluindo Alexander Luria, Boris Varshava, Alexei Liontiev, Leonid Zankov. Este grupo investiga o desenvolvimento identifica das funções psicológicas superiores, como são identificadas por Vigotsky. O termo refere-se a funções psicológicas culturalmente controladas, incluindo a atenção voluntária, a memória seletiva e a ação orientada por objectos seguida da tomada de decisão. Lev Vigotsky orienta os seus alunos na investigação a partir de

três perspectivas diferentes:
- Uma abordagem instrumental, para compreender as formas como as pessoas utilizam os objectos como mediadores da memória e do raciocínio;
- Uma abordagem desenvolvimental, visando compreender como as crianças adquirem funções cognitivas superiores durante o seu desenvolvimento ;
- Uma abordagem histórico-cultural, para examinar como os padrões de interacção social e cultural dão origem a vias específicas de mediação e desenvolvimento.

Vigotsky observa que as crianças têm um nível real de desenvolvimento quando trabalham individualmente numa situação problemática e um nível potencial de desenvolvimento quando são orientadas por adultos ou pares mais avançados. Ele define a distância entre esses dois níveis como a zona de desenvolvimento proximal.

Vigotsky acredita poder desenvolver ainda mais a formulação do processo de aprendizagem de Piaget. No início da década de 1930, ele pensa em como abordar de modo diferente a forma como Piaget conceptualiza o desenvolvimento interior e a aprendizagem. Ele assume uma posição teórica sobre o discurso interior que difere da posição de Piaget. Para Vigotsky, Piaget considera que a fala egocêntrica surge da fala interior e se 'dissolve' à medida que as crianças crescem. Mas, de acordo com as suas observações, Vigotsky considera o discurso egocêntrico como evoluindo para o discurso interior para depois se tornar aquilo geralmente entendido como os 'pensamentos'.

Lev Vigotsky, já hospitalizado antes, morre de tuberculose em

junho de 1934, aos 37 anos. Ele constata numa das suas últimas anotações: *'Esta foi a última coisa que fiz em psicologia - e irei, como Moisés, morrer no cume, depois de vislumbrar a terra prometida, sem pisar nela. Adeus, queridas criações, o resto é silêncio*.'

O silêncio é bem mais profundo do que o Lev Vigotsky poderia ter pensado. O arrogante Governo da União Soviética é liderado por Stalin, apresentando, sinais dos tempos, cada vez mais traços ditatoriais. Restringe-se toda a investigação relacionada com o autogoverno, o desenvolvimento do conhecimento geral como se faz com toda a ciência escapando ao estrito controlo central. Até Nadezhda Krupskaya, admirada por Célestin Freinet alguns anos antes, adopta frequentemente uma atitude ambivalente na década de 1930 quando se trata de ensino, psicologia ou arte. Com a sua morte a obra de Lev Vigotsky quase desaparece de circulação na União Soviética e é completamente desconhecida fora dela.

Em Portugal, a repressão contra os professores aumenta. A vida cooperativa e associativa torna-se muito difícil com o Decreto 23.048, de setembro de 1933, proibindo a associação de funcionários públicos. Os sindicatos de professores existentes são dissolvidos. Por outro lado, os professores trabalhando no ensino privado são obrigados a inscrever-se numa estrutura nacional para terem a autorização de exercer a sua profissão. Esta estrutura é dirigida por um conselho sujeito à aprovação do Ministério competente.

Em geral, a vida na República de Weimar é mais difícil em

comparação com a França. O *Partido dos Trabalhadores Alemães*, agora liderado por Adolf Hitler, apresenta-se doravante com o nome de *Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães* (NSDAP em alemão) e ganha amplo apoio. A palavra Socialista é simples oportunismo, pois a liderança do partido não quer saber nada do socialismo ou da luta de classes. Para a liderança muito nacional e nada socialista, o único efeito da luta de classes é de colocar os alemães uns contra os outros. O partido tem com o partido comunista apenas em comum o facto de considerar o governo social-democrata da República de Weimar como a principal causa da propagação da pobreza e da miséria. Mas a liderança do partido tornando-se em breve partido do governo através das eleições olha com grande desaprovação para tudo que lembre o socialismo ou o comunismo. No início de 1933, a vitória mais se assemelha a um golpe. Perplexo, Louis ouve como o incêndio do edifício do parlamento em Berlim está a ser usado para silenciar todos os oponentes dos nacional-socialistas. Em última análise a chegada ao poder desse partido significa o fim da República de Weimar.

O acontecimento é também fatal para a *Odenwaldshule* do casal Geheeb. O círculo de amigos e conhecidos do casal da filial alemã da LIEN inclui intelectuais como Hermann Hesse, Romain Rolland, Martin Buber, Georg Kerschensteiner, Elisabeth Rotten, Adolphe Ferrière, Pierre Bovet, Peter Petersen, Eduard Springer, Alexander Neill e Beatrice Ensor. Mas dentro do NSDAP, a *Sturmabteilung* (SA) é constituída principalmente de jovens com

pouca ou nenhuma educação. Eles são facilmente convencidos pela retórica dos líderes do partido. Depois de ganhar as eleições, eles agem logo e cada vez mais contra o que é considerado o *espírito não-alemão*. Esse espírito não-alemão deve-se, naturalmente, aos intelectuais, incluindo os amigos de Paul Geheeb. A *Odenwaldschule* é também atingida. Livros da sua biblioteca são queimados. Um professor judeu é abusado e preso. Após a sua libertação, ele foge para a Suíça com a família. Paul Geheeb pensa inicialmente que as coisas não serão tão más com os nacional-socialistas no poder, mas rapidamente percebe não ser o caso. Junto com a esposa descendente de judeus, funcionários e um grupo de estudantes, também ele parte para a Suíça, onde funda a *École d'Humanité*.

Não apenas as escolas estão a ser atacadas pelos agitados apoiantes do Partido Nacional Socialista. O mundo científico é duramente atingido quando são feitos esforços para purgar a Academia de Ciências. Como muitos, Lucien interpreta a presença de Albert Einstein e da sua família na cidade costeira de Den Haan, perto de Oostende, como uma indicação séria do alastramento da ignorância e da arrogância nacionalista, ganhando mais uma vez vantagem sobre a disseminação do conhecimento e o cosmopolitismo. A família Einstein mudara-se para *Villa Savoyarde* em abril de 1933, acompanhada dum assistente do cientista. Pessoalmente ele pensa que as coisas na Alemanha se vão acalmar. Mas os moradores da vivenda têm permanentemente dois Guardas da *Gendarmerie* a cuidar da sua segurança por insistência da família real belga. Mesmo assim, a família tenta de ver a estadia no litoral como uma espécie de

férias enquanto Albert aguarda o despacho do processo administrativo para ocupar um lugar de professor a tempo parcial em Princeton, nos Estados Unidos. Já tinha aceite a proposta no ano passado. Entretanto, a família recebe políticos e artistas em Den Haan e visita Ensor em Oostende.
O assassínio na Checoslováquia do filósofo judeu-alemão e amigo da família Theodoor Lessing, executado por agentes do NSDAP é mais uma alerta. O cargo de professor a tempo parcial de Albert poderá bem ser a tempo inteiro e significar a emigração definitiva para todos. O risco de viver perto da Alemanha é demasiado grande.

No início de novembro Lucien está em Oostende e passa, como sempre, pela Livraria Corman. Não só relatam-lhe a visita à loja de Albert Einstein como também o informam da saída da família Einstein para o Reino Unido de onde seguem para Princeton. O proprietário Corman não está, ele parece estar em viagem, de moto, em Marrocos. Quando volta pouco depois, ele testemunha de ações empreendidas pelos exércitos colonizadores da França e da Espanha e relata o que viu no seu livro *Sous le sable marrocain (Sob a areia de Marrocos)*. Lucien discute com amigos as constantes tensões resultantes dos arrogantes grandes investidores, grandes industriais e os seus confidentes políticos que continuam a colonizar e, portanto, provocar novos conflitos armados. Ele chega ao ponto de chamar as indemnizações exigidas à Alemanha como uma espécie de colonização moderna, tanto pelas potências europeias em relação à Alemanha como pelos Estados Unidos em relação a esses

países europeus. Hoje em dia, a grande riqueza já não está exclusivamente ligada à propriedade de terras e matérias-primas, diz ele, mas também, e talvez especialmente, à propriedade de participações em créditos de dívida e vendas futuras. E observa como o pequeno Reino Belga não desiste da sua colónia rica em recursos na África tropical.

Lucien fica um tanto surpreso quando o comando militar o contacta com a sugestão de participar num campo de treino para reservistas com a intenção de obter um grau de oficial mais alto. Benefícios financeiros adicionais seriam associados. Ele repete o que disse quando se tornou tenente de reserva: não tem interesse na vida militar, nem mesmo como reservista. Solicita apenas a indemnização e a pensão às quais tem direito enquanto antigo soldado e nos termos da lei belga. Além disso, ele está bastante ocupado com a fábrica.

No entanto, a conversa com o Comando Militar em Oostende continua a ressoar na sua cabeça. Numa das suas próximas visitas à livraria Corman, ele encontra Mathieu, de quem compra imediatamente a aventura de viagem. Refere-se casualmente à proposta de formação militar adicional e manifesta a sua preocupação com o nacionalismo e o conservadorismo a emergir por toda a parte. Ele não fica surpreendido quando o livreiro diz partilhar essas suas preocupações. Uma ditadura governa a Alemanha, outra a Itália. Lucien observa estar intrigado ao ver como um professor socialista com ideias marxistas gradualmente se transformara em ditador. Não estará a acontecer o mesmo com o filho de um sapateiro mais a Leste, ironiza. Corman não comenta a

provocação. A intolerância agressiva está a emergir na França, e atitudes semelhantes encontram-se na Grã-Bretanha. Em Espanha, os avanços conseguidos pelo governo progressista da jovem república correm o risco de serem desfeitos pelo actual governo apoiado pela igreja conservadora e pelos círculos pequeno-burgueses. Além disso, da Itália parece haver quem apoia. Sinais já foram vistos quando o General José Sanjurjo tentou o seu golpe.

Durante o verão de 1934, Louis Demeester e Graciete Decoster mudam-se para Gent por insistência dela. Graciete sente muitas saudades do ambiente citadino de Gent e convence Louis a aceitar um cargo na Escola Normal do Estado. O pequeno John está encantado com a mudança. Os seus pais vão ocupar a residência de serviço. Esta dispõe de uma verdadeira torre com uma pequena sala. Ele vê-se como se estivesse num castelo cheio de cavaleiros, enquanto o jardim que liga a casa à escola se torna o seu espaço de recreio particular.

Obviamente Louis leva consigo a biblioteca com o pequeno legado da mãe que não se perdeu quando a família fugiu de Moresnet para Tienen mas também com grande parte da produção pós-guerra de Edward Peeters, as edições da Associação Educacional Flamenga e as muitas brochuras da BIE e da LIEN. Em Gent contacta o Inspector-Chefe Verbrugge solicitando para ser incluído no círculo de estudos organizado pelo secretariado local da Associação Educacional Flamenga. Ele passa a conhecer pessoalmente Paul van Oye numa reunião geral, durante a qual Van Oye discute a importância do ensino

ao vivo das ciências naturais na escola primária. Mais tarde, os dois conversam sobre a escola IBIS e Louis traça paralelos entre a formação prática de pescadores e a formação prática de professores.

No primeiro ano de trabalho, durante conversas com professores, tutores e funcionários administrativos, Louis cita frequentemente um texto de Karel Ceurremans, diretor da Escola Normal de Blankenberge e publicado no ano passado em *De Opvoedkundige Beweging in Vlaanderen na de Oorlog (O movimento educacional na Flandres depois da Guerra)*, uma brochura da *Associação Educacional Flamenga*. Ceurremans destaca as importantes mudanças pelas quais passaram as Escolas Normais provinciais e do estado, não só a nível de conteúdo, mas também a nível organizacional. Louis experimentou-o logo a seguir à guerra, enquanto formando. Ele tem uma lembrança muito mais positiva de seus tempos de estudante quando comparado com Ceurremans. Este conta com algum humor anedotas sobre o regime de quartel ao qual foi submetido quando era estudante. Louis enfatiza a parte do texto de Ceurremans quando diz hoje encontrar apoio nos regulamentos e nos programas oficiais para pôr em prática o princípio de Dewey: *'A comunidade escolar deve ser um estado em miniatura'*. Louis costuma utilizar o parágrafo final do texto quando se discute onde devem ser formados os professores, na universidade em vez de na Escola Normal. Ceurremans diz sobre a formação na universidade: *'Inicialmente estava a favor por razões que expliquei em outro sítio. Entretanto conheci melhor a universidade e, por outro lado, conheci melhor a Escola Normal*

Reformada. Parece-me que o espírito que ainda prevalece nas nossas universidades certamente não é a que defende essa reforma; antes pelo contrário. Por outro lado, os resultados já alcançados na Escola Normal reformada encorajam para avançar ainda mais na mesma direcção'. As razões têm principalmente a ver com o programa educativo e a sua implementação prática na Escola Normal reformada. Ela preconiza um estudante mais activo e não o aluno memorizando o discurso do professor debitado *ex cátedra*.
Louis fica interessado na iniciativa de Jean Mawet com a fundação da *Coopérative de l'Enseignement* na Valónia, Bélgica. De Freinet Mawet cita as palavras: *'Queremos uma educação pelo trabalho, uma cultura resultante da atividade laboriosa das próprias crianças, uma ciência nascida da experiência, um pensamento constantemente esclarecido através da matéria e da ação.'*

Na França, Célestin Freinet consegue terminar a construção da sua própria escola em Le Pioulier, perto de Vence, depois de toda a agitação que rodeou a sua pessoa. Embora ainda não tenha autorização oficial, a escola abre em outubro. É um pequeno internato para meninas e meninos com o nome *La Réserve d'Enfants*. Abrir esta escola foi a única solução que lhe restava para continuar o trabalho da sua vida, afirma Freinet.

John Dewey e a filha Jane vão para a África do Sul em julho de 1934, como convidados da *Ligue Internationale de l'Éducation Nouvelle*. A organização realiza ali o seu congresso mundial. As autoridades brancas presentes na abertura do congresso não tem necessariamente uma visão humanista da humanidade. Os

Dewey visitam escolas em Durban, Pretória e Victoria Falls e conversam com estudantes, administradores e professores. Em agosto de 1934, John Dewey aceita um doutoramento honorário da Universidade de Witwatersrand. Os governadores brancos não aceitam as ideias de Dewey mas a população intelectual negra e os seus apoiantes brancos são receptivos às suas propostas.

No mesmo período, Louis encontra a tabela ignarométrica da sua bisavó num dos cadernos da mãe. Aquela tabela e as notas procurando explicar a relação entre a ignorância e a arrogância nas atitudes humanas fascinam-no. Existem dois aspectos fundamentais, pensa ele, e deveriam ser melhor expressos numa matriz. Por um lado, é necessário realçar a relação entre os dois aspectos variáveis e, por outro lado, verificam-se espaços com definições tipo e outras (ainda?) vazias. O primeiro e mais importante aspecto é a relação proposta entre a arrogância crescente e a ignorância crescente. Ele imagina uma matriz com um eixo X representando o aumento da ignorância e um eixo Y representando o aumento da arrogância (*ver reprodução da matriz fim do livro*).

Uma matriz desse género torna mais fácil ver rapidamente o tipo de atitude humana surgindo da variação simultaneamente da arrogância e da ignorância. Metade dos tipos de posturas humanas propostas por sua avó estão na diagonal *duas vezes menos* para *duas vezes mais*, constata ele. Cerca de um quarto dos tipos propostos estão na outra diagonal *menos/mais* para *mais/menos*. Também as caixas sem nome tornam-se fáceis de visualizar. As mudanças podem ser entendidas não apenas nas

diagonais, mas em cada linha horizontal e vertical, identificando-se assim certas sub-áreas na matriz definida por ambos os eixos.
Louis pensa nos elementos necessários para constituir uma comunidade harmoniosa e sustentável. No canto inferior esquerdo estão os tipos de atitudes humanos que tornam tal comunidade possível, no canto superior direito aqueles que tornam tal comunidade impossível. O canto superior esquerdo e o canto inferior direito mostram os tipos que dificultam a manutenção de uma comunidade harmoniosa e sustentável. Ele pensa na correlação que considera ver entre as formas de educação e ensino e o desenvolvimento de tipologias de relações humanas que transfere da tabela da bisavó para esta matriz. Mais uma vez o seu pensamento vai para a diferença entre as ciências naturais e as ciências humanas. Afinal, não se procura uma lei geral de causa e efeito, mas um instrumento que facilite a interpretação de fenómenos para os quais se possa chamar a atenção, numa relação de aprendizagem por exemplo.

Em fevereiro do mesmo ano, Lucien Souris é informado do seu direito à Cruz de Fogo. A medalha é atribuída a todos os soldados que obtiveram a Carta de Fogo provando pelo menos 18 meses de serviço na linha da frente. É colocada logo a seguir à Medalha do *Ijzer*.
Pouco depois chega a notícia chocando-o profundamente: o Rei Albert morreu após uma queda durante uma escalada em *Marches-Les-Dames*. Imediatamente espalharam-se rumores dignos de uma história de espionagem. Mas Lucien não acredita em todas essas teorias e especialmente naquela sugerindo o

assassinato do rei pelos serviços secretos franceses por ele querer desistir dos acordos militares com a França e lembrar novamente o estatuto de Estado Neutro da Bélgica.
Lucien não tem oportunidade de discutir a política belga após a morte do rei Albert com Mathieu Corman. Este está novamente de viagem de moto, agora para Espanha. No final do ano o aventureiro presencia as revoltas na região mineira das Astúrias contra os ministros do governo com fortes laços com o ditador italiano e por isso considerados fascistas. Sobre a revolta e a sangrenta intervenção do exército sob o comando de general Franco, Mathieu Corman escreve *Brûleurs d'idoles. Deux vagabonds dans les Asturies en révolte. (Ídolos na fogueira. Dois vagabundos nas Astúrias rebeldes.)* Quando o livro é publicado no início de 1935, Lucien é um dos primeiros a lê-lo. Ele sabe das ideias radicais de Mathieu e fica um tanto surpreendido com a só moderada simpatia manifestada pelos rebeldes. Será para fazer mais credíveis as suas histórias de aventura, ao mesmo tempo uma espécie de crónica sobre as tensões contemporâneas surgindo por todo o lado? Lucien fica ainda mais convencido ser mesmo a estratégia de Mathieu quando lê *Terres de Trouble* no final do mesmo ano. Para este livro, Corman utiliza as suas notas de viagem através da Europa Central, e descreve detalhadamente o campo de concentração que descobre existir na Alemanha.

Nem todos viajam de moto e na Bélgica a rede ferroviária está a ser modernizada. A primeira ligação eléctrica está pronta em Maio entre Bruxelas e Antuérpia. Quem apanha o comboio fica

surpreendido com a velocidade de até 120 km por hora. Quando a linha Gent-Antuérpia também tiver energia elétrica, nem haverá tempo entre início e fim da viagem para sentar-se confortavelmente, brinca Louis. Menos divertido é que, devido ao aumento da velocidade dos transportes, cada vez mais produtos frescos são importados de outros países. E esses produtos frescos trazem novos problemas. Começou já algum tempo, mas hoje com a importação em grande escala de tomate e beringela, o *Besouro de Colorado* colonizou o país. As larvas destroem maciçamente as folhas de todas as plantas da família das *solanaceae*. Uma proibição de importação já não tem efeito. Colheitas inteiras de batatas estão em risco de se perder. E além do pão, a batata continua a ser um alimento básico, especialmente para as famílias numerosas e menos abastadas. A escassez de batatas e o consequente aumento do preço podem levar a uma situação de fome. Nas áreas rurais, juntamente com o exército, classes inteiras de crianças são mobilizadas para apanhar Besouros do Colorado nos campos de batata.

Mas Louis tem outras coisas a ocupar a mente. Depois de algumas tentativas bem difíceis, Graciete está outra vez grávida e agora parece correr bem. O tão esperado segundo bebé vem a caminho. Porém, por precaução, o médico recomenda descanso absoluto e ela permanece de cama nos últimos meses antes do parto. Louis faz apelo à cantina da Escola Normal para as refeições e a sua irmã mais nova vem morar com eles para ajudar nas lidas da casa. Finalmente, na primavera de 1936, nasce o pequeno Hans. Graciete fica primeiro um pouco triste porque queria tanto ter uma menina. Mas rapidamente cresce

um vínculo forte entre mãe e filho, deixando John às vezes um pouco ciumenta. Supera os ciúmes quando percebe como já consegue ler alguns dos livrinhos de Wilhelmina Blokker, algo que o bebé não sabe de maneira nenhuma, diz ele orgulhosamente ao pai. Então quer ler histórias para o irmão mais novo assim quando este estiver disposto a ouvir.

Louis recebe o livro recentemente publicado por J. R Smid *Le maitre-Camarade et la pedagogie libertaire. Étude historique et critique*. O estudo de Smid confirma as suas próprias reticências em relação a permitir as crianças para evoluir com total liberdade. Provavelmente, nem sequer foi o caso nas escolas de Hamburgo. Ele aprova a afirmação de Smid falando de um certo infantilismo por parte do adulto atendendo integralmente aos desejos e orientações das crianças, com a intenção de não lhes impor uma visão pré-concebida. Ele sublinha a passagem em que Smid explica existir alguma confusão acerca do conceito de *autogoverno*. Com Decroly ou Montessori verifica-se como o autogoverno pode ser interessante. Mas, tal como Louis também pensa, isso não tem a ver apenas com uma pedagogia centrada na criança, na qual o adulto se infantilize um pouco, ou pior, se deixe incluir no grupo como igual. Mesmo sem nunca ter ouvido falar de Vigotsky, Louis acredita a criatividade infantil por si só não ser suficiente para formar um ser humano. Tornar-se humano requer interação com a experiência dos outros. Louis pensa nas palavras de Cousinet, citadas por Smid: '*As crianças não querem que o mestre interfira nos seus assuntos; consideram que uma amizade privada entre um mestre e uma criança constitui uma verdadeira traição por parte da criança e,*

por parte do mestre, uma tentativa de invadir a sua comunidade e partilhar os segredos da sua organização'. Então, continua a pensar Louis, as crianças querem o seu próprio pedaço de território privado, mas também querem interagir com os adultos. Em contrapartida, o adulto apresentando-se como uma criança grande, na verdade demonstra a arrogância infantil de quem ainda quer aninhar-se no domínio privado infantil. As comunidades de aprendizagem nas quais os adultos não escondem terem um Saber vivido e, por isso mesmo, se distinguem dos seus pequenos companheiros, parecem ter bem melhor desempenho. Um educador de adultos atacando ou rejeitando uma autoridade imposta de fora devido a sua convicção ideológica, não deve esquecer-se estar a instituir outra autoridade, precisamente porque age como adulto. Esconder essa autoridade não ajuda em nada a construir um relacionamento amigável com as crianças. As crianças entendem rapidamente que aí algures há uma nota falsa.

Louis sente-se reforçado na sua opinião acerca da relação entre educadores profissionais e crianças com uma frase de Paul Geheeb: '*Prefiro não usar mais as palavras 'educação' e 'ensino', e prefiro falar de desenvolvimento humano*.' Geheeb continua e explica o processo educacional como sendo um processo de desenvolvimento no qual cada pessoa se encontra desde o nascimento até a morte. Inicialmente o processo é inconsciente tornando-se gradualmente consciente quando a pessoa se sabe em confronto constante com o meio ambiente, com as pessoas e as coisas, com a natureza e a cultura, com as impressões recebidas. Para construir a própria individualidade, cada pessoa

assimila certas impressões, enquanto outras são rejeitadas. De forma um tanto curiosa, ele envia para o museu educativo a distinção entre mestres e alunos tal como se fez com a vara. As suas críticas ao professor podem causar confusão, pensa Louis. Afinal, Geheeb diz: *'Nós realmente temos que viver juntos; os adultos não podem apenas brincar, trabalhar, passear com as crianças e compartilhar as suas pequenas e grandes alegrias e tristezas. Devemos permitir que as crianças participem nas nossas próprias experiências e ações, dependendo da sua maturidade, para que as relações pessoais sejam mais ou menos internalizadas. E os adultos nunca deveriam agir como legisladores ou guias superiores'*. Aqui ele está falar do trabalho com adolescentes e não com crianças pequenas. Um adulto pode então ajudar os jovens a encontrar o seu próprio caminho. Talvez seja por estas razões que Paul Geheeb propõe *'transformar as escolas em comunidades vivas, nas quais pessoas das mais diversas idades convivam naturalmente e sem restrições'*. Para Louis a opinião de Geheeb difere das propostas do *mestre-camarada*. Este provavelmente nunca ouviu falar de Decroly, Montessori e Geheeb, continua a pensar Louis. Ou pior ainda, talvez entende de modo completamente diferente o conceito de *autogoverno* das crianças podendo originar um efeito adversos. A observação de crianças brincando ou trabalhando juntas sem assistência de regulação por parte dum adulto responsável resulta muitas vezes em comportamentos agressivos e difíceis de controlar. A liberdade individual não pode abrir a porta aberta ao individualismo egoísta, considera Louis.

O círculo de livre-pensadores socialistas frequentado por

Lucien discute regularmente a intolerância das forças conservadoras. Mais uma vez encontram entre eles quem adota sem hesitação posições nacionalistas usando o autoritarismo para silenciar os seus oponentes. Na Alemanha e na Itália não se trata tanto de uma opressão religiosa, mas sim de reprimir quem critica o fascismo nacional-socialista e de maltratar, prender ou matar quem recebe dos líderes o rótulo de '*os outros*'. É especialmente o caso na Alemanha relativo às comunidades judaica e cigana. As pessoas com orientação homossexual são atacadas, isso ficou bem claro quando o esquadrão de proteção SS, o *SchutzStaffel*, eliminou a divisão de assalto SA, a *SturmAbteilung* do Partido Nacional Socialista, com prisões e assassinatos. Segundo Mathieu Corman, fecharam-se entretanto os campos de prisão onde qualquer pessoa considerada uma ameaça potencial para a nação alemã ou para o NSDAP ficava enclausurada. Todos os detidos e todo o poder de detenção ficou concentrado num só campo em Dachau.

Fala-se também frequentemente da Península Ibérica. Em Espanha, a liderança militar, o clero conservador e os falangistas estão a fazer tudo para desestabilizar o governo eleito da Frente Popular em Fevereiro de 1936. Um golpe de Estado está a transformar-se numa verdadeira guerra civil. Mathieu Corman integra um grupo de jornalistas internacionais do qual fazem também parte Antoine de Saint-Exupéry e Ernest Hemmingway, para relatar a situação. Há alguns rumores acerca de um possível envolvimento da *Frota Vermelha*. Fala-se de transporte de armas para os republicanos da Frente Popular. Mas não há qualquer prova. Por outro lado alguns barcos da *Frota Vermelha*

evacuem ocasionalmente pessoas de zonas de conflito, isso sim. Em 26 de abril de 1937, Mathieu Corman testemunha o bombardeamento da cidade Basca de Guernica por uma formação de aviões de combate alemães. Tanto na Bélgica como em outros países da Europa Ocidental, os governos duvidam do envolvimento do comando militar alemão. Muitos não acreditam ter-se chegado ao ponto de uma participação activa na guerra civil, considerada assunto interna de Espanha. Algumas semanas depois do bombardeamento, um furioso Mathieu Corman entra no posto de polícia de Oostende. Nas mãos tem uma bomba incendiária não detonada na qual consta uma suástica. Ele diz tê-la trazido de Guernica. Mandam-no embora com a bomba. Desde então Mathieu deixa-a na sua mesa de trabalho na livraria, mostrando-a sempre quando ouve alguém dizem duvidar da identidade dos autores do bombardeamento de Guernica.

No vizinho Portugal, os conservadores também governa-se com atitudes cada vez mais ditatoriais após um golpe militar acabando com a 1ª república. De início a violência fora menos letal, mas as disputas levaram a mudanças drásticas, inclusive no ensino. A escola primária sonhada pelos republicanos estagnara e o projecto de criação de creches fora abandonado. Para os novos governantes, a escola primária deve se limitar a um local de instrução e de socialização levando à passividade política, obediência e a aceitação da ordem e da hierarquização numa sociedade promovendo apenas valores e tradições nacionais. As mulheres são consideradas cidadãs de segunda classe. Os líderes resumem a sua ideia de sociedade portuguesa

com a divisa *Deus, Pátria, Família*.
De acordo com muitos dos amigos anarquistas de Lucien, a repressão levada a cabo pelo poder na União Soviética não é muito diferente quando comparado com os governos da Itália, da Alemanha e agora aparentemente também da Espanha. Oponentes são mortos ou presos e enviados para campos de trabalho onde sobreviver é difícil. Não é nenhuma ditadura do proletariado mas um ditadura do aparelho instalado, pensa Lucien.
De modo geral as relações internacionais na esfera política europeia estão claramente a tornar-se cada vez mais difíceis. Em vários países as relações internas ficam gradualmente mais violentas. Aqui e ali sussurra-se estar a chegar uma nova guerra.

As irmãs Jacqueline, Jeanne e Nora Souris, tem hoje oito, seis e quatro anos e nada sabem acerca disso tudo. Vivem em Koksijde e aproveitam-se do jardim da casa, das dunas e da praia para brincar com a Charlotte sempre por perto.
Apesar de tudo, pensa Lucien na Bélgica a vida parece simplesmente continuar. A agressão é só verbal. Os padres mais conservadores não vão muito além de invocar o fogo do inferno sobre aqueles pais de família educandos os filhos fora da estrita fé católica, ou seja, quando não os envia para escolas católicas. Por enquanto, nenhum indivíduo ou grupo intolerante anda por aí com facas ou revólveres para ferir ou matar quem pensa diferente do que os membros do seu grupo. Os líderes dos partidos ocupam o tempo com agressões internas entre fracções e não tanto com possíveis ataques uns aos outros. Os socialistas e os liberais progressistas continuam a impulsionar instituições

livres da influência da Igreja. Fundações, fundos e bibliotecas públicas são criadas com o intuito de educar o povo. O Movimento Flamengo tenta manter um rumo não muito radical, observa Lucien. Existem algumas exceções. O liberal conservador Maurice Lippens foi ministro da educação pública durante algum tempo e nunca mostrou interesse para a promessa de maior democratização do país com uma melhor educação popular. A sua simpatia pelo Nacional-Socialismo é do conhecimento público. Ele é membro da *Deutsch-Belgische Gesellschaft* e convidado nas celebrações em dias festivos dos nacional-socialistas alemães. Por outro lado, François Bovesse, ministro da Educação até o ano passado apenas procurou tornar mais flamenga o ensino em território flamengo. Contudo, as diretrizes juntas à *Cartilha de Mobilização Civil* são uma clara indicação para Lucien. O folheto lista os deveres dos funcionários públicos belgas em caso de guerra e ocupação. O simples facto de hoje considerar necessário o tal livreto de mobilização com directrizes é obviamente significativo e preocupa Lucien.

A viúva do Rei Albert, a rainha-mãe Elisabeth bem parece querer dar uma ênfase diferente. É do conhecimento de todos a sua adoração pela arte. Como muitas pessoas sabem ela própria é violinista. Já em 1912 ela deu ao seu professor Eugène Ysaÿe o título de *Maître de Chapelle de la Cour*. E agora, 25 anos mais tarde, ela organiza pela primeira vez o *Concurso Internacional Eugène Ysaÿe* em sua memória. É um concurso international para jovens intérpretes de música erudita. Pretende-se uma prova anual.

O mundo científico também continua aberto a iniciativas mais pacíficas. O atual ministro da educação pública, Julius Hoste cria a *Real Academia Flamenga de Ciências, Letras e Belas Artes da Bélgica*. E graças à Solvay, Bruxelas continua sob holofotes internacionais. Não houve nenhum encontro de física depois de 1933, mas no ano em curso volta a ser organizada a conferência internacional de química, sob a presidência do professor universitário de Gent, Frédéric Swarts, para debater *as vitaminas e as hormonas*.

No dia 27 de setembro de 1938, Lucien é chamado para se apresentar em Oostende na 1ª companhia 3ª brigada dos *Guardiões das Estradas e das Instituições*, abreviada como *GVCE* da designação francesa *Gardes des Voies de Communications et Établissements*. A mobilização dos reservistas é resultado das tensões sentidas em várias fronteiras alemãs. Lucien recebe ordens para comandar um pelotão de reservistas. A mobilização é de pouca dura e parece ser mais uma espécie de exercício vigoroso. No dia 3 de outubro ele está de volta ao cargo de diretor na fábrica. Os reservistas presumem ter se tratado de não mais do que um falso alarme e voltam para casa relativamente descansados. No final de outubro, Lucien até recebe uma carta de agradecimento de um deles, músico na vida civil:

Caro senhor,
Venho por este meio enviar-lhe as minhas sinceras saudações e muito obrigado pela sua boa vontade para comigo durante o nosso breve convívio como soldado em Oostende. Felizmente para todos nós e para os entes queridos que

tivemos que deixar para trás, tudo correu bem. Esperemos que continue assim e que nós, como cidadãos, possamos ajudar-nos uns aos outros. Se chegar o momento em que o possa ajudar, saiba onde me encontrar.
Entretanto, saúdo-o calorosamente, JF

Lucien responde:

Koksijde 28 10 1938
Caro senhor
Tenho o prazer de deduzir da sua carta ter lhe deixado uma lembrança nada ruim dos poucos dias que passamos juntos em Oostende, brincando ao soldadinho. Felizmente, como você diz, a situação não se tornou mais grave e esperemos que nunca mais nos revemos... em uniforme de combate.
Pelo contrário, será sempre um prazer reencontrá-lo com roupas civis.
Muito obrigado pela sua gentil oferta de assistência. Caso surja o evento em que o Artista F me possa ajudar, não hesitarei em contactá-lo.
Com sinceros cumprimentos.

No entanto, Lucien não está tão tranquilo como o seu interlocutor e não consegue deixar de pensar em como a loucura interveio repentinamente há 25 anos, quase sem aviso prévio. Lembra-se bem das sucessivas campanhas de recrutamento contribuindo para enviar milhares de jovens para a Frente. Sem qualquer experiência de fogo, os rapazes foram mobilizados para ataques organizadas a partir de antigas táticas de campo de batalha não levando suficientemente em conta a guerra de trincheiras e o poder de fogo das armas modernas. Como resultado, um número excessivo de rapazes perderam a

vida de ambos os lados ao tentar ocupar pedaços destruídos de terra de ninguém facilmente reocupados no dia seguinte pelo outro lado, com igual absurdo número de mortos.
Há notícias perturbadoras relativo à interferência alemã na guerra civil em Espanha. Hoje já não é apenas Mathieu Corman a falar. Lucien não quer atribuir a nenhum dos lados dessa guerra civil a designação de portador do mal absoluto ou do bom absoluto, mas é claro para onde vai a interferência alemã. O poder alemão apoia quem derruba um governo eleito com um golpe de Estado. Isto não é um bom presságio para o governo belga continuando a se debater com o estatuto de neutralidade do país tão difícil de defender. O exército alemão apoia de facto o aparelho militar de General Franco. Corman, Peurquaert, líder socialista de Oostende, Arseen Blondé, capitão em terra da *frota vermelha* e muitos outros mobilizam para a solidariedade com os republicanos espanhóis. Por volta do dia 1 de maio de 1938 organiza-se uma Feira Vermelha no velódromo de Oostende em benefício dos socialistas espanhóis. Pouco depois, muitos antigos e actuais tripulantes do N.V. *Oostendse Reederij* oferecem abrigo temporário a crianças espanholas evacuadas de áreas de conflito. Begónia Pereda, de Bilbao, no País Basco passa assim algum tempo com a família Souris. Ela melhora rapidamente o francês e passa a maior parte do tempo com os avós de Jeanne em Oostende.

No dia 1 de abril de 1939, dois dias antes do nono aniversário de Jeanne Souris, termina a guerra civil na Espanha. Nos últimos meses, Lucien aprendeu mais sobre os acontecimentos em Espanha, não só através dos socialistas e anarquistas locais,

mas também com as reportagens do *Canard Enchainé*. A guerra civil parecia inicialmente ser consequência da defesa de uma aliança republicana de esquerda legalmente eleita contra a aliança entre a estrutura militar conservadora e a Igreja Católica muito conservadora. Ela terá degenerado para uma batalha entre comunistas ortodoxos apoiados pelo Soviético Stalin e falangistas apoiados pelos alemães e italianos. Muitos socialistas republicanos, anarquistas e comunistas não ortodoxos ficaram entalados no meio desse fogo cruzado. Lucien não é o único a questionar a interferência soviética. Em última análise terá feito mais mal do que bem aos republicanos. A repentina retirada das brigadas internacionais ordenada por Stalin, depois de antes ter minado alianças republicanas locais, só pude resultar na vitória do exército do general Franco.

Terminada a guerra civil, Begónia Pereda volta para casa. Antes de partir, ela conta a Jeanne e Jacqueline Souris como ficara muito assustada na primeira semana de sua estadia quando elas gentilmente lhe disseram: '*Viens, nous allons manger des gateaux*'. Ela já entendia *Viens* e *manger*, mas será que os belgas comeriam *gato*?? Naquele dia ela estava em pânico até ver os bolos e a pastelaria na montra.

O Verão parecia anunciar-se relativamente calma, apesar das tensões políticas palpáveis a nível internacional, quando o ditador alemão Hitler ordenara a ocupação da Áustria e da Checoslováquia. Depois ameaçara invadir a Polónia. Lucien já não está surpreendido no dia 25 de agosto, quando um quarto para as dez da noite, recebe um telegrama enviado uma hora antes de Oostende, com a mensagem: *'A fase de mobilização A*

foi declarada. Junte-se imediatamente ao seu centro de reuniões'. Ele é instruído em Oostende para tomar o comando da 3ª brigada *GVCE* e seis dias depois é enviado para casa mantendo-se em alerta máxima. Apesar da garantia do governo alemão de de vigorar o princípio da neutralidade em relação à Bélgica, o comando militar não esqueceu os acontecimentos de 1914. O exército belga tem neste preciso momento em curso a sua modernização com encomendas em fábricas alemãs e registam se constantes dificuldades com a entrega das encomendas. Algumas são simplesmente canceladas pelo fornecedor, o que não é um bom presságio... E em Setembro, o Reino Unido e a França declaram formalmente guerra à Alemanha depois das tropas alemãs invadirem a Polónia.

No entanto, em Koksijde a vida parece continuar normalmente. No dia 21 de outubro, toda a família Souris participa num banquete no Hotel Damberd, por ocasião do casamento de amigos de Lucien e Charlotte. O cardápio é composto por *Sopa de Rabada* seguida de *Pregado Cozido com batatas com Molho de Natas*. Depois, há *Molejas de vitela com molho de cogumelo silvestre*, uma *Perna de cordeiro em guirlanda de legumes* e *Frango assado com alface*. Das sobremesas constam *sorvetes, frutas finas, doces e café mokka*. Os vinhos incluem *Sauternes, Chateau Puisseguin 1929, Coupe de France 1928, Beaujolais 1929* e *Veuve Testulat*.

Em dezembro, a família Souris recebe de Begónia e dos seus pais uma foto do porto de Bilbao como postal de Natal. Diz a mensagem que tudo está tranquilo na Espanha.

Em 13 de janeiro de 1940, o Tenente da Reserva Souris está

mais uma vez ao serviço do Exército, e desta vez por tempo indeterminado. Em Veurne é-lhe atribuído o comando da 3ª brigada da 2ª companhia do IIIº batalhão GVCE. Comum a todos os batalhões do GVCE, o equipamento da sua brigada consiste principalmente em armas obsoletas e espólios de guerra da guerra anterior. Há um vaivém de reservistas. Devido à sua situação pessoal, muitos entre eles têm o direito de regressar a casa até que seja declarada a mobilização geral. Os poucos reservistas valões integrando a sua brigada são desmobilizados um mês depois. No dia 4 de março, Lucien recebe mais uma carta de agradecimento:

Mon comandant¸

Voltei em segurança e retomei as minhas atividades habituais. Durante os primeiros dias fiquei um pouco desorientado (Não se perde imediatamente os hábitos de dolce fare niente *da vida militar). Espero que¸ quando estiver totalmente de volta aos meus afazeres¸ não precisarei de vestir o uniforme novamente.*

Presumo que ainda esteja em Veurne e espero que a liquidação da nossa desmobilização parcial não lhe cause muitos problemas.

Envio uma ampliação da foto do pelotão¸ da qual lhe mostrei a original. Cada homem recebeu uma semelhante. Aguardo a revelação de outras fotos para também as enviar.

Não quero terminar sem lhe afirmar novamente as boas lembranças que guardei das poucas semanas passado sob as suas ordens na 3ª da 2ª do III.

Espero que os acontecimentos me permitam ter tempo para visitá-los um dia¸ em breve¸ em civil.

Por favor¸ aceite¸ Comandante¸ a garantia dos meus

melhores sentimentos.

Dessa vez Lucien não tem tempo de responder, mas pensa no *dolce far niente*. Ele espera sinceramente de não ver este '*far niente*' se transformar num outro derramamento de sangue no canto oeste do país.

Lucien tem a sensação de estar numa guerra sem estar em guerra. Não é um pensamento reconfortante. Ele lembra-se muito bem da rapidez com a qual o aparelho militar alemão ocupou a Bélgica quase por completo em 1914 e hoje o comando militar do vizinho de leste tem aparentemente o mesmo poder de ataque à sua disposição. Não acha nada engraçada a expressão *Drôle de Guerre* lançada pelo semanário francês *Gringoire*. Com o passar do tempo, ele fica cada vez mais convencido em como os seus contatos comerciais ingleses com quem ainda corresponde estão errados quando dizem falar duma guerra que não existe. Não existe na Inglaterra, por enquanto, mas é muito real noutros lugares da Europa e fora da Europa…

A carta que Lucien recebe no dia 20 de março poderia ser considerado engraçado se não tivesse o contorno de uma intervenção política:

Caro membro do Partido.

Escrevo-lhe esta carta a pedido de um dos seus antigos subordinados, nomeadamente o soldado HM do segundo pelotão, primeiro destacado em Veurne e agora em Oudenburg. Ele afirma que lá está muito mal e que há só homens de uma área que ele não conhece.

Mais adiante ele diz que a comida é muito ruim, enquanto a

sua era muito boa.
Talvez você possa trazê-lo novamente, se estiver de acordo com sua bondade e se lhe for permitido fazê-lo, por favor. Entretanto, melhores cumprimentos JF.

Melhor é responder o mais rápido possível, pensa Lucien. Então escreve no dia 23 de março:

Caro membro do partido,
Eu recebi sua carta do dia 20 sobre HM.
Presumo que o interessado também lhe tenha informado o motivo do seu afastamento, devendo então admitir que a medida disciplinar tomada não é sequer proporcional à gravidade do erro cometido. De resto, é minha opinião, no melhor interesse de H, ele ficar longe de Veurne.
Lamento, portanto, não poder proporcionar satisfação imediata neste caso e espero fazer melhor em qualquer caso subsequente.

Já passaram mais de dois meses desde que as unidades do exército foram notificadas com a mensagem '*Attaque ennemie quasi certaine*'. Enquanto Lucien Souris continua a perguntar-se se e quando a guerra irá finalmente eclodir na Bélgica, Louis Demeester lê as directrizes de 29 de Março sobre a criação do *Conselho de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário*. Esse conselho aconselhará sobre os currículos e todo o mais relativamente ao ensino secundário. O Conselho fornecerá orientações aos inspetores e tomará nota dos relatórios de inspeção, e aconselhará sobre todos os tipos de isenções. Cada município passa a ser responsável pelos livros escolares, livros de prémio, materiais didáticos e livros para a biblioteca.
John tem agora dez anos e meio. Para ele, essa lista deveria

incluir todos os livros de Karl May com Winnetou, bem como *As Aventuras de Dik Trom* e a série de *Pietje Bell*. Ele leu várias vezes os títulos disponíveis na biblioteca da escola. Louis por sua vez anotou para a lista de compras *O Livro para a Juventude*, compilado por Age Scheffers, mas de momento não está disponível.
Louis deixa as diretrizes de lado e concentra-se em questões mais práticas. Ainda só estamos em março, mas com todas as ordens, contra-ordens e restrições em curso, ele deve pensar em como resolver o fornecimento de carvão para o internato e a escola, em preparação do próximo inverno. E também será útil armazenar alimentos de longa conservação. Nunca se sabe.

O comando militar belga recolha os comunicados feitos aos militares e reservistas por ocasião do Dia do Rei. Em 9 de abril de 1940, o comandante de reserva, Tenente Souris, da 3ª brigada da 2ª companhia reporta ao comandante do III batalhão em Oostende:

Objeto: Dia do Rei.
A inspeção de armas foi realizada no dia 8 de abril de 1940, às 11h, frente ao acantonamento.
Participaram: 1 oficial, 2 suboficiais, 3 cabos, 24 militares.
Na minha intervenção expliquei brevemente os seguintes pontos: significado da inspeção de armas; memória do rei-soldado Albert I; o sábio governo de Sua Majestade Leopoldo III destinado a manter a paz no nosso país; a sua preocupação com o bem-estar material e moral dos nossos militares (incluindo 5 dias de licença concedida por sua ordem expressa, etc.). Durante a apresentação das armas, a bandeira nacional foi hasteada no mastro do edifício do

acantonamento e 'à bandeira' foi tocado pelo clarim da brigada. A missa de domingo foi à tarde. Foi fornecido um menu especial para as três refeições do dia.

O relatório não dá pormenores acerca do conteúdo dessas três refeições. Charlotte por outro lado guarda, como sempre, o cardápio da refeição do dia 5 de maio por ocasião da primeira comunhão de uma das sobrinhas. O menu é inteiramente em francês, mas escrito à mão. Houve dúvidas até ao último momento se a refeição iria acontecer e, assim, pouparam-se custos de impressão do menu. Apenas uma pequena parte da família participa. Há quem prefira não viajar para Dendermonde nestes tempos de incerteza, e há quem simplesmente não consegue ou não está autorizado a viajar. Mas a refeição não é menos festiva: *Crême cressonnière; Delicieuses aux truffes; Chateaubriand, asperges, croquetes de pommes; ananás avec Kirsch; croûte de champignon à la crème; Poulets de Bruxelles Salada de coeur de laitue; Agneau Glacé; Gateaux; Frutas - Sobremesas*.

Charlotte não participará em eventos festivos do género nos próximos tempos. No dia 10 de maio por volta das cinco da manhã tropas alemãs atravessam a fronteira Belga e são ouvidos e avistados bombardeios aéreos.

A revista de uma organização fascista belga *Pays Réel* noticia no dia seguinte sobre a invasão das tropas alemãs na Bélgica. O jornal monarquista condena a invasão, pois o rei declarou neutralidade, tendo sido aceite pelo governo alemão. Lucien lê com atenção a troca de declarações entre o Ministro das Relações Exteriores Spaak e o Embaixador alemão, Sr. Von Bulow-Swante. Segundo o jornal, tudo aconteceu pelas 8h30 da

manhã do dia anterior, mais de 3 horas depois da invasão.

O ministro belga terá declarado:

Senhor Embaixador,

O exército alemão acaba de atacar o nosso país. Esta é a segunda vez em vinte e cinco anos que a Alemanha comete uma agressão criminosa contra a neutra e leal Bélgica.

O que acaba de ser realizado é talvez ainda mais odioso do que o acto de 1914.

Nenhum ultimato, nenhuma nota, nenhum protesto foi alguma vez apresentado ao governo belga.

Foi através do próprio ataque que o governo soube Alemanha estar a violar os compromissos por ela assumidos em 13 de outubro de 1937, espontaneamente, renovados no início da guerra.

A agressão da Alemanha, desprovida de qualquer justificação, chocará violentamente a consciência universal. O Reich assumirá por isto a responsabilidade perante a História.

A Bélgica está determinada a defender-se.

A sua causa, que se confunde com a do Direito, não pode ser derrotada.

Segundo o jornal, o embaixador alemão entregou então ao ministro a seguinte declaração:

O Governo do Reich instruiu-me a declarar-lhe o seguinte:

A fim de antecipar a planeada invasão da Bélgica, Holanda e Luxemburgo por parte da Inglaterra e França, dirigida claramente contra a Alemanha, o governo do Reich vê-se obrigado a garantir pelas armas a neutralidade dos três países acima mencionados.

Para este efeito, o governo do Reich mobilizará uma força armada da maior importância, pelo que qualquer

resistência será inútil.

O governo do Reich garante o território europeu e colonial da Bélgica, bem como a sua dinastia, desde que não exista oposição.

Caso contrário, a Bélgica arriscará a destruição do seu país e de parte da sua independência.

É, portanto, do próprio interesse da Bélgica dirigir um apelo à sua população e ao seu exército, com vista a pôr fim a todas as resistências e a dar as instruções necessárias às autoridades, para que contactem o comando militar alemão.

Segundo o jornal, o embaixador alemão recebeu resposta negativa do ministro Spaak.

E durante os próximos dezoito dias, Lucien, entretanto comandante da 3ª companhia do IIIº batalhão GVCE, será responsável pela proteção de estradas e edifícios na região de Veurne.

No domingo, 12 de maio, ele recebe a lista de senhas e de *mots d'approche* da semana de 11 a 20 de maio.

No dia 14 relata ao comandante do IIIº batalhão ter encontrado uma cabeça de cabo desprotegida em De Panne, sem soldados franceses na área, e por isso colocou ali um guarda. Como não sabia se tratar dum posto não tripulado até o momento, tomou ele próprio a iniciativa, ao contrário de Veurne e Koksijde.

No dia 17 de maio, o Tenente Lucien recebe a seguinte mensagem: '*Ordem da província. Ordem de Sua Majestade o Rei. A partir deste dia 17, às 8h, até domingo, 19, às 8h, será proibido o trânsito civil a pé, de bicicleta e de carro nas ruas. Os militares*

do GVCE ajudarão a respeitar esta ordem. Os infratores serão presos e o seu automóvel, bicicleta ou qualquer outro meio de transporte serão apreendidos.
Os oficiais do GVCE permanecerão entre os seus homens. O despacho será divulgado esta noite por meio de circulares nos municípios.
Lucien presume que as estradas devem ficar desobstruídas para facilitar a passagem das tropas em retirada rápida e segura. Ele informa Charlotte de se preparar para fugir para a França com as filhas e um casal amigo da família, conforme planearam há algum tempo. E de facto, no dia 18 de maio, o 45º batalhão recebe a ordem de seguir para Rouen e aí montar um destacamento para soldados de bicicleta e a pé. Esta ordem é repassada pelo comandante do 46º batalhão. Naquele dia, falece a mãe de Charlotte, segundo vizinhos, em consequência do choque de reviver o barulho das armas de 1914. Charlotte só saberá da morte da mãe mais tarde. As irmãs e cunhados dela saem da zona de Dendermonde à tarde, depois de terem organizado o funeral.
Lucien apercebe-se como a angústia é grande com a rápida aproximação do exército alemão. Ele informa Lotje e o casal amigo para partirem imediatamente para Rouen assim que as estradas reabrem. Entretanto, o GVCE é encarregado de novas tarefas. Comandante Souris recebe a confirmação de uma mensagem telefónica às 9h20 do Comandante da Flandres Ocidental para transferir um pelotão para Oostduinkerke e colocá-lo se à disposição do Tenente D para a guarda de prisioneiros políticos. Existem ordens secretas para a criação de

pontos de encontro para receber para reintegração soldados isolados. Na noite de 19 de maio, ele recebe uma mensagem pessoal: *'Lotje e as crianças atravessaram a fronteira de Ghyvelde às 8h15.'*

No dia 20 de maio, as companhias de Gent e Beverlo chegam a Veurne, também a caminho de Rouen. Fica assim claro para Lucien: todo o exército está em retirada.

No dia 21 de maio ele recebe a seguinte mensagem:

> *Nota de praça*
> *Na manhã de 21 de maio, o Coronel Schmidt assumiu o cargo de Comandante de Armas do lugar de Veurne, o comandante de Esquadrão Prinee o de Major da Guarnição. Os escritórios estão localizados na Rue de Dunkerque, 14, no Comando de Etapa. Solicita-se às autoridades civis e militares interessados prestar assistência ao Cdt. de Armas e ao seu representante, o Major da Guarnição e para fazer a ligação com ele.*

Entretanto, uma das irmãs de Charlotte chega a Koksijde com o seu marido Roger. Recebem a notícia da saída para França de Lotje no dia 19. Quando Roger quer ir ao encontro da cunhada, Lucien informa que Lotje e as crianças passaram aquela noite em *Le Wast,* perto de Boulogne-sur-Mer, e estão a tentar chegar a Rouen. Roger sairá para a França no dia seguinte. Dois dias depois, Lucien recebe uma nova notícia. Lotje e as crianças e seus amigos chegaram a *Mers-les-Bains* em boa saúde na noite do dia 21, depois de ter conseguido atravessar o rio Somme em *Saint Valéry*. Entretanto chega outra irmã de Charlotte ao litoral com seu marido Eduard. E mais uma mensagem chega da França. Os refugiados de Koksijde passaram a noite em *Pavilly*.

Lucien pergunta-se se eles procuram chegar a Rouen ou de seguir ainda mais para o sul.

No dia 26 de maio, os comandantes das companhias do III batalhão GVCE recebem ordem de deixar a região. No dia seguinte, o Comandante Souris é instruído de não permitir aglomerações em pontes e cruzamentos, nem a circulação de refugiados fora das aglomerações de acolhimento e de proibir toda circulação fora dos limites da cidade, exceto para autoridades civis, médicos e enfermeiros com autorização por escrito para o efeito. O Comandante Souris traduz as instruções dadas de francês para neerlandês e manda distribui-las entre as sentinelas. Nesse mesmo dia, o Estado-Maior da província toma conhecimento em como a Guarda Nacional está a montar uma barreira ao longo da linha ferroviária Oostende-Torhout-Boesinghe. Recomenda-se ter cuidado com conversas telefónicas. Sobre pára-quedistas é dada a instrução: *'Assim que descem, disparar, a menos que tenham certeza de que são nossos. Caso contrário, desarmar e enviar sob escolta para o posto da Guarda Nacional mais próximo.'* Esta mensagem é transferida ao Comandante Souris para imediata execução.

No dia 28 de maio, às 10h15, Lucien Souris recebe uma mensagem secreta do seu superior informando-o continuar a comandar a guarda das pontes e estradas de Veurne. Seis horas depois, ele recebe a seguinte mensagem de um de seus homens: *'Duas sentinelas de Roozebrug vêm declarar que um Gendarme veio ter com eles, dizendo que eles tinham que largar as armas e munições e deixar a ponte. Quatro homens e um sargento ficaram lá. O cabo de plantão pergunta então o que deve ser feito. Os*

homens na ponte de Nieuwpoort não viram ninguém, segundo a declaração das sentinelas.

O Comandante Souris responde então que: *'Não recebemos nenhuma ordem de homens de polícia isolados. As instruções virão oportunamente do General M'.*

Quarenta e cinco minutos depois, Comandante Lucien Souris envia a seguinte mensagem:

> *GVCE III batalhão, 3ª Companhia*
> *Aos comandantes do 1º, 2º, 3º e 4º pelotões*
> *A partir deste momento as nossas tropas não participam mais em nenhuma operação. Removerão imediatamente todos os guardas das pontes. Os homens serão reunidos nos acantonamentos para aguardar instruções. Farão os homens devolver as munições para as depositar no acantonamento onde fica a cozinha da Companhia (fazenda Vandecasteele)*
> *Tenente LS, Comandante de Companhia*

Ele manda uma mensagem ao sargento furriel para recolher as munições, enterra-las e cobri-las com uma lona para as proteger de qualquer chuva.

29 de maio é um dia confuso. Embora todas as hostilidades devam cessar, não está claro o que fazer com as unidades do exército ou com o grande número de refugiados concentrando-se na costa francesa. O Tenente Souris recebe uma mensagem escrita do Tenente General superior informando que mensagens destinadas ao exército podem chegar ao GVCE por telegrafia sem fio. Como o próprio tenente-general não tem acesso à electricidade, diz: *'Peço-lhe que faça o que considerar adequado para me comunicar, à medida que as receber, as comunicações*

relativas ao exército belga revestidas de caracter oficial'.

O país é, portanto, mais uma vez ocupado pelas tropas alemãs. E já em 5 de Junho, os ocupantes emitam instruções para libertar os *gendarmes* e o pessoal da alfândega belgas. Há também disposições para todos os soldados belgas trabalhando na agricultura ou na indústria na vida civil.

Dia 7 de junho, Lucien Souris recebe na sua residência uma mensagem do Comandante da Praça de Oostende para se apresentar naquele dia por volta das 11 horas para receber instruções em relação a 3ª companhia do III batalhão GVCE. Lucien Souris responde estar convocado para comparecer perante o Comandante Alemão de Koksijde no mesmo dia às 10h também para receber instruções, prevendo ser difícil estar em Oostende às 11h. Ele diz conseguir dispor dum carro, mas neste caso precisará ser munido dum salvo-conduto para as autoridades alemãs e pergunta se podem lhe fazer chegar tal documento. Assim consegue chegar a Oostende no mesmo dia, só para receber a mensagem não haver ainda certezas se reservistas serão ou não considerados prisioneiros de guerra.

Na sua agenda Lucien anota: *'Lotje, Roger e crianças em Neuvy. Carros escondidos para evitar requisição'*. Aparentemente cruzaram o Sena e continuaram a descer a França por Alençon, Le Mans e Tours. Ele espera.

No dia seguinte, Lucien recebe uma circular traduzida do alemão com o seguinte conteúdo:

Comando militar na Bélgica e na França.

O Fürher decidiu em 5-6-40 que todos os prisioneiros das províncias de Flandres Ocidental, Flandres Oriental,

Antuérpia, Brabante (excluindo a cidade de Bruxelas e o distrito de Nivelles) sejam imediatamente libertados. Os prisioneiros de outras províncias (ou seja, regiões da Valónia) serão transportados para a Alemanha. No entanto, os prisioneiros destas regiões exercendo diversas profissões ou podendo ser identificados como flamengos, são libertados imediatamente.

No dia 12 de junho, Lucien Souris recebe o seu certificado de libertação. No mesmo dia, um Ford 78 em nome de Lucien Souris é provido de matrícula francesa em Moulins tendo endereço na *Avenue de Renaissance* em Neuvy. O comprovativo da matrícula é entregue ao condutor no dia seguinte, após o qual os refugiados prosseguem a viagem. Mesmo a tempo, porque no dia 18 de junho Lucien escreve na agenda: '*Alençon tomado! Rennes e Cherbourg ocupados*'.

Lucien perde agora o rastro de Lotje e dos amigos. Só no dia 30 de junho recebe uma mensagem de um colega que regressou a Koksijde de bicicleta. A família deixou Moulins no dia 14 de junho com a intenção continuar a viajar para sul. Finalmente, dia 11 de julho, Lucien recebe uma carta de Georges Felix, diretor da *Santé Publique* em Cahors, informando-o do paradeiro da sua família. Ela está alojada numa quinta perto de Cahors. Lucien contacta imediatamente a Cruz Vermelha da Bélgica e a prefeitura de Cahors. No dia 17 de julho, Lucien recebe a seguinte carta da Cruz Vermelha da Bélgica:

O Sr. LS, Diretor de Fábrica, avenue de la Dune em Coxsyde, é encarregado de receber refugiados belgas dos departamentos franceses de Allier, Puy de Dôme, Haute Garonne e outros departamentos no sul da França,

incluindo crianças pequenas e em particular bebés. As autoridades francesas são instadas a prestar ajuda e assistência ao Sr. LS.
Veurne, 17 de julho de 1940

Lucien viaja para Cahors com seu amigo Gerard. Eles dispõem de um Chevrolet Station 1939 com capacidade para 8 pessoas, com atrelado. Quando chegam a Cahors dois dias depois, o salvo-conduto em nome de Gerard D, *motorista de viatura municipal*, esta pronto. É autorizado para realizar uma viagem só de ida entre 16 e 25 de julho, com partida de Cahors, acompanhado por 7 pessoas, funcionários e seus familiares com o intuito de retomar o seu posto de trabalho na Bélgica. Depois de uma noite de descanso na quinta da família anfitriã, a família Souris parte com os amigos e Gerard, enquanto Roger, também ele com autorização enquanto motorista, se encarrega do carro de Lucien, tendo a bordo um casal com dois filhos bebé. No dia 24 de julho, a pequena comitiva chega em segurança a Koksijde. Pouco depois, Lucien descobre que grande parte do conselho administrativa da empresa N.V. *Oostendse Reederij* emigrou para Fleetwood enquanto vários dos seus barcos de pesca e tripulações seguiram para os portos do sul da Inglaterra, onde recebem armamento leve para servirem de obstáculo, principalmente aos submarinos no Canal da Mancha.

* * *

Por volta da tarde de sábado, 11 de maio de 1940, Luís e Graciete recebem a visita do irmão de Graciete. Por norma Louis prefere antes vê-lo partir do que chegar. O mesmo acontece

hoje, quando vê o cunhado agitando a edição de sábado do *Le Pays Réel*. Louis sempre suspeitou o cunhado de simpatizar com o movimento fascista Rex, e parece ter acertado. Mas depois vê os títulos do jornal: *'L'Allemagne attaque la Belgique, la Hollande e le Luxembourg. Les trois pays attaqués se défendent et font appel à l'aide des alliés'*. Por baixo do título em letras gordas, há um retrato do rei Leopoldo III no centro. À esquerda está um artigo intitulado *Rex au service de la Belgique* e à direita lê-se *'Des avions allemands au-dessus du pays. Nombreux civils tués'*. No fim da página figura uma pequena caixa de texto com *'Vive la Belgique, vive le Roi, vive Leon Degrelle'*. Segue-se uma mensagem condenando o ataque. O jornal escreve como pela segunda vez num quarto de século, a atitude neutra não produzira o resultado desejado. Não existe portanto outra opção senão pegar nas armas e defender o país e o rei. A unidade faz a força, assim lembra o jornal a divisa nacional. Todas as disputas de ontem não têm importância hoje, conclui o artigo.

Louis lembra-se sobretudo as suas vivências enquanto criança, quando o pai e o avô foram mortos a tiros e a mãe se viu obrigada de fugir com o resto da família. Ele também sabe que as escolas e outros edifícios do estado terão de alojar soldados. Ele aconselha portanto imediatamente o diretor da Escola Normal de mandar para casa o maior número possível de alunos do internato enquanto os comboios ainda circularem. Ele próprio quer poupar a sua família de possíveis violências de guerra. Graciete já colocou algumas roupas numa mala para Hans de quatro anos e para ela própria. Louis diz ao John de escolher rapidamente duas coisas para levar enquanto ele

prepara uma mala para ele e filho mais velho. John decide levar um ursinho de peluche e um livro. O urso é para confortar Hans se não consegue dormir e o livro é para ler histórias para ele, explica John. Partem para Lille com a intenção de viajar até a costa francesa e tentar atravessar a Mancha para a Inglaterra. No dia 15 de maio, encontram abrigo numa pensão em Lille, superlotada com refugiados belgas de Gent, Deinze e da região de Kortrijk. Ficam a saber como Dunquerque está cheia de soldados e refugiados da Flandres Ocidental. Mas em quase todos os portos entre Calais e Le Crotoy, há barcos de pesca a levar refugiados a bordo para para Inglaterra. Louis e Graciete viajam em direção à costa. Depois de várias tentativas fracassadas de embarque acabam por chegar a *Berck-sur-Mer* no dia 22 de maio. Aqui há menos gente do que em locais anteriores mas eles continuam a não conseguir a travessia para a Inglaterra. Alguns dias depois todos os barcos disponíveis são requisitados para levar soldados do exército britânico para Inglaterra. Quando Louis ouve esta notícia, a família desiste das tentativas de fazer a travessia. E no dia 28 o Rei belga capitula. Tem como consequência inesperada de fazer desvanecer a simpatia dos franceses com quem se cruzaram e até então. E enquanto as tropas alemãs começam a ocupar a França e o abastecimento de alimentos se torna mais difícil, as relações ficam mais tensas. Louis e Graciete conheceram nesse curto espaço de tempo alguns conterrâneos com quem decidem voltar para casa. Como fez a prefeitura de Cahors para Lucien e os seus, a prefeitura da zona emite um salvo-conduto para Louis retornar à cidade de proveniência acompanhado da família para

reassumir o seu posto de trabalho. Em finais de agosto, a família está de volta em Gent. A Escola Normal está parcialmente ocupada para acomodar soldados alemães e a residência de serviço é reclamada como residência para oficiais. Após alguma mediação, a família Demeester tem acesso à parte da sua própria casa.

Mais uma vez, os contactos internacionais no mundo científico e educativo ficaram reduzidos a pouco ou nada para quem vive na Bélgica. O país está ocupado por um exército estrangeiro governado por um ditador com um aparelho de repressão bem desenvolvido.

Durante os anos de 1941 e 1942, Louis praticamente não tem noticias dos pedagogos da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle,* ou dos professores trabalhando com Célestin Freinet. Ele nem sabe que Freinet foi feito prisioneiro e que a sua escola está fechada. Os edifícios são alugados a uma obra cristã de caridade para acolher crianças checas.

Não há notícias também não das instituições a incentivar o autogoverno das crianças. Desde a invasão da Polónia pela Alemanha, Louis não ouviu mais nada das repúblicas infantis *Dom Sierot* e *Nas Dom*, as duas instituições para órfãos fundadas por Janusz Korczak, membro do LIEN, nem das suas emissões para crianças na rádio nacional.

Ele também não tem registo dos novos apelos de Paul Geheeb para a *Escola da Humanidade* nos bordos do Lago Leman promovendo-a junto à burguesia europeia abastada. Gradualmente a escola só matricula crianças alemãs e judias alemãs, de quem fugira da Alemanha. Por um lado, a situação

financeira de potenciais interessadas tornara-se francamente má e as transferências internacionais são difíceis.

Lucien retomou as suas atividades na fábrica. A família está junta em Koksijde. Durante a viagem a França ao encontro dela, ele também procurou obter informações acerca de quem servira sob seu comando ou de jovens soldados com quem entrou em contacto em maio de 1940, muitas vezes a pedido de parentes preocupados. Ele guarda muitas cartas e cartões postais na sua correspondência pessoal do género:

Prezado Comandante e Senhora,
Por ocasião da véspera de Ano Novo, é com grande prazer que vos envio os melhores votos de minha esposa e meus. Que 1941 traga a realização dos vossos desejos mais profundos!
Gostaria também de lhe expressar mais uma vez a minha sincera gratidão por tudo o que esteve disposto a fazer por nós, tanto em dolorosas circunstâncias de guerra como durante o regresso da sua mulher e dos seus filhos de França. Eu mesmo guardo as mais maravilhosas lembranças do meu comandante, que era querido por toda a companhia. Com meu maior respeito e profunda gratidão.

Muitas famílias belgas são forçadas a adaptar-se para viverem sob a ocupação sem contudo colaborar com a potência ocupante.
Mathieu Corman já havia retirado as edições russas de sua livraria. Mas em julho de 1941 a loja é invadida, pilhada e fechada. Ele decide esconder-se antes de se mudar para a Inglaterra onde se quer juntar à Resistência. A livraria reabre alguns meses mais tarde, administrada pela esposa de Mathieu e o amigo-escritor Henri Vandeputte.

Os ferroviários belgas tem razão para estarem muito perturbados. O regime alemão não fornece maquinistas para ligações internacionais, e os maquinistas belgas são assim forçados a conduzir comboios de carga alemães. Alguns entre eles sabem estar a deportar prisioneiros para campos fechados. Muitos sentem-se divididos entre o medo de serem eles próprios e a sua família deportados, o desejo de não pôr em perigo o abastecimento da população belga e o de não colaborar com as forças de ocupação. É uma das razões pela qual uma grande parte do pessoal ferroviário se junta à Resistência local um pouco por todo o país.

Jeanne não sabe muito de tudo isso. Ela fica feliz por aos doze anos se '*libertar*' das aulas na escola católica da aldeia, a única escola primária perto de casa possível de frequentar desde o início da guerra. Agora ela está autorizada a ingressar o ensino secundário e tem um livre conduto para idas e voltas de elétrico para e de Oostende durante os dias letivos onde frequenta a *Rijksatheneum 'neutra'*. Rapidamente cria aí o seu círculo de amigas e amigos. Cada vez mais ela passa a noite em Oostende em casa da sua nova grande amiga, cujo pai é contabilista na SEO. As meninas não entendem bem o desaparecimento de alguns novos amigos após um curto período de tempo. Depois ouvem como foi emitido um decreto pelo ocupante alemão determinando que as escolas oficiais não estão autorizadas a aceitar crianças judias. Ela refere-o ao pai e quer saber do porque do decreto. Ele explica de momento ser melhor ter certas conversas unicamente na sala de estar da família, e esta é uma delas. Fala do ódio cultivado contra determinados grupos de

pessoas e alerta-a de não fazer comentários precipitados ou emocionadas na escola, na rua ou em espaços públicos em geral. Adverte a Jeanne de estar preparada para ver pessoas de seu círculo de amigos detidas e encarceradas, simplesmente porque são judeus, divulgam ideias comunistas ou possivelmente por estarem envolvidas em atos contra o ocupante e sobre os quais o ocupante obteve informações. E acrescenta: "Deixa o protesto e a resistência aos adultos com sabedoria em como agir". Ela fica bastante irritada com este conselho. Quando, alguns dias depois, um soldado alemão passa de bicicleta perto de casa, ela e a irmã mais velha abrem a janela do quarto e gritam obscenidades em voz alta. Fecham imediatamente a janela, mas por trás da cortina veem o homem a descer da bicicleta, olhando furiosamente em redor. Quando, alguns dias depois, dois homens uniformizados batem à porta, ambas tremem de medo. Contudo aparentemente a visita não tem nada a ver com elas mas trata-se só de uma verificação de rotina por parte do Comandante da praça.

Apesar da ocupação e das restrições por ela causadas, a administração belga está a investigar quaisquer irregularidades financeiras ocorridas durante o mês de maio de 1940. Em 14 de agosto de 1942, Lucien recebeu a seguinte carta:

Senhor LS,

Deixe-me solicitar-lhe uma pequena informação. Tive de reembolsar cerca de 1.300 francos pagos a mais em 1940 em Koksijde. Declarei ter recebido da vossa parte 5.000 francos. Mas o Sr. N afirma que só recebemos 4.000 francos. Tendo os documentos comprovativos o senhor possa dizer-me quem está certo? Desde já, obrigado.

Eu já teria vindo cumprimentá-lo se a estrada estivesse livre, mas só tenho livre conduto para Bruges pela estrada principal. Acredite, ainda me lembro dos dias de maio de 1940 e da sua boa hospitalidade... Naquela época, principalmente depois do 28 de maio, quando tudo se tornou inútil, eu era um verdadeiro 'cavista', mas desde então, e sobretudo desde os tais 'bombardeamentos sobre os invasores do porto de Oostende', sinto-me tão seguro no 1º andar como na cave.

Apesar de tudo, gostaria de escapar às bombas para testemunhar o fim desta estranha guerra.

Por favor, acredite, Sr. LS, em meus devotados sentimentos e apresente minha respeitosa homenagem a Madame.

Lucien responde:

Koksijde, 19 de agosto,

Prezado Sr. B,

Aqui estão as informações solicitadas.

Procurando uma distribuição justa dos fundos recebidos, adiantei-lhe 5.000 francos, visto que esteve ao serviço durante todo o mês de maio. Os camaradas VN e N, que entraram apenas no dia 10 de maio, receberam 4.500 francos.

As nossas contas foram examinadas, pela primeira vez, por um departamento do Ministério das Finanças; Também tive que reembolsar cerca de 1.300 francos (será este valor uma taxa uniforme?).

Uma segunda auditoria está em curso no gabinete da administração do GVCE em Bruges. Podemos, portanto, esperar ter que fazer uma nova restituição. Esperemos ser a última e que o imposto seja inferior ao do Ministério.

Folga-me saber que o senhor não é mais um 'cavista' como em maio de 40… no entanto, vejo pela sua carta que ainda está em contato com o camarada N; Também terá ele evoluído?
Tal como o amigo, espero ver o fim desta estranha guerra para poder oferecer-lhe um bom whisky por ocasião do que será um feliz acontecimento.
Por favor, acredite, caro Sr. B, em meus melhores sentimentos.

Lucien recebe ainda recebe uma resposta falando do camarada comum. Ele apanha todas as noites o comboio para Bruges ou Gent para lá passar a noite, pois não confia nos abrigos antiaéreos de Oostende. No seu caso apenas um acidente de comboio poderá impedi-lo de ver o fim da guerra.

John frequenta o Ateneu Real de Gent. Ele ainda devora todas as histórias de aventura. Ele recebera um novo livro de presente do pai. Louis conseguiu finalmente comprar um exemplar do *Livro para a Juventude* quando foi reimpresso. Tem quase 800 páginas e John mergulha num mundo de histórias que lhes são praticamente desconhecidas até agora. Anos depois continuará a citar trechos de Max Havelaar, cuja história de *Saida e Adinda* o comoveu profundamente.
No início de 1943, Graciete acolhe um padre português em casa, ao pedido do pai. Oficialmente, o sacerdote está em Gent para estudar os Primitivos Flamengos e a arte religiosa. Ele contactara o pai de Graciete, para o ajudar a ser providenciado das permissões necessárias. Como a casa da sua filha é espaçosa, apesar de parte dela ter sido atribuída ao ocupante,

ele pode alojar-se lá. O Padre Alfredo fala muito bem francês e Graciete fica encantada por ter a oportunidade de discutir com ele a história da igreja e o mistério de Fátima. O padre aprecia muito. Na prática, e quase nas barbas da potência ocupante, ele de facto integra uma rede de assistência a pilotos ingleses e combatentes da resistência em perigo procurando escapar para Portugal 'neutro' ou para a França livre, de onde podem facilmente regressar a Inglaterra. As conversas religiosas dão uma boa cobertura.

De resto, o Padre Alfredo parece estar mais interessado na *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* e na obra de Ferrer, Korczak e Decroly do que no Mistério de Fátima. Procura saber mais sobre a fase belga de António Faria de Vasconcelos, falecido pouco antes do ditador alemão expandir a guerra para a Europa Ocidental. Com Louis, ele revê as anotações de Jeanne Teacher. Confirma o que Luís já sabia acerca da influência de Faria de Vasconcelos e António Sérgio sobre as tentativas de modernização da educação em Portugal logo após a implantação da República. Padre Alfredo conta a Luís Demeester o que sabe de Álvaro Viana de Lemos e de Adolfo Lima. Este diretor da Escola Normal de Lisboa esteve brevemente associado aquela instituição aparecendo nas anotações de Jeanne, a *Voz do Operário*. Em 1929 a instituição contava com 612 crianças em escolas próprias e outras 3 mil em escolas sob contrato com a instituição. Adolfo Lima disse ter encontrado uma administração e um quadro pedagógico mal organizado e pensava poder interessar os professores e a direção pelo seu projeto pedagógico. O Padre Alfredo refere a

desilusão de Adolfo Lima. Demitiu-se no ano lectivo de 1930-1931, dizendo estar cansado das velhas rotinas difíceis de adaptar. Até escreve numa carta ao amigo Vianda de Lemos: *'O nosso bom camarada que se tornou mandão é cem vezes mais autoritário e rude que o grande burguês'*. Naquela altura os dois tinham uma correspondência farta relacionada com a compilação de uma enciclopédia pedagógica pela qual padre Alfredo se interessou quando vivia em Coimbra.

Uma conversa leva facilmente a outra, sobre ideologia, mas também sobre Igreja e Estado. Uma noite, Luís e Graciete introduzem novamente o Mistério de Fátima e ouvem um padre Alfredo bastante crítico. "Sem querer ofender Graciete de forma alguma", começa ele com cuidado, "sugiro que as visões dos três pastores em 1916 e 1917 podem ter sido muito diferentes do que foi publicado recentemente. Os pastorinhos viram primeiro o Anjo da Paz, também conhecido como o Anjo de Portugal, aparecer na *Cova da Iria,* conta-se, e no ano seguinte a própria *Virgem Santíssima*. Duas das três crianças analfabetas morreram pouco depois. Apenas Lúcia dos Santos ainda está viva. Depois do golpe militar de 1926 e do subsequente estabelecimento de um governo conservador autoritário a hierarquia da Igreja portuguesa começou a mostrar interesse nos testemunhos de Lúcia. Esta tinha sido colocada num colégio interno aos 14 anos. Segundo o Bispo de Leiria, era a melhor forma de a proteger dos muitos peregrinos que vinham à *Cova da Iria* e queriam falar com ela. Uma vez interna, tornou-se obviamente mais difícil chegar a ela. Decidira-se mais tarde publicar uma primeira versão das suas memórias, mas só em

1937. Graciete e Louis já devem ter ouvido falar das publicações subsequentes. Só na última versão ela fala do triplo segredo que lhe foi anunciado. A primeira parte do anúncio consiste numa descrição do inferno para onde vão parar as almas dos pecadores. A descrição que ela faz corresponde muito bem ao estilo de pregação estrondosa dos padres conservadores praticavam nas aldeias povoadas de analfabetas, na sua infância. Na época e até muitos anos depois e pode ter citado de memória o que ouviu no catecismo ela não sabia ler nem escrever. Lúcia relata a segunda parte do segredo mais ou menos da seguinte maneira: *'Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para salvá-los, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. Se fizerdes o que eu digo, muitas almas serão salvas e terás paz. A guerra terminará. Mas se não deixarem de ofender a Deus, uma guerra pior começará durante o reinado de Pio XI. Quando virdes uma noite iluminada por uma luz desconhecida, sabeis que este é o grande sinal que Deus dá de que punirá o mundo pelos seus crimes, através da guerra, da fome e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre. Para acabar com isso, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora nos Primeiros Sábados. Se os meus pedidos forem atendidos, a Rússia se converterá e ficará em paz. Caso contrário, espalhará os seus erros pelo mundo, promoverá guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre sofrerá muito, várias nações serão destruídas, mas no final o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre me consagrará a Rússia, que se converterá, e ao mundo será concedido algum tempo de paz'*. A

publicação destas memórias, a pedido das autoridades eclesiásticas portuguesas, data de apenas dois anos. Não posso impedir-me de duvidar. Não são os Nacional-Socialistas da Alemanha, mas sim os Comunistas da Rússia, a fonte do mal de hoje. A luz nocturna desconhecida pode ter sido uma Aurora Boreal excepcionalmente deslocada para sul e registrada em janeiro de 1938. Não há como saber se esta luz foi mesmo anunciada a Lúcia em 1917, assim como não há como saber se o nome de Pio XI lhe foi anunciado antes de 1922. A Igreja Católica portuguesa parece querer sobretudo alertar contra um Estado laico que limita o poder da Igreja, considerando ser isso o perigo recorrente. Da Irmã Lúcia como ela é conhecida hoje, diz-se nada querer revelar da terceira parte do segredo porque a Santíssima Virgem terá proibido de o fazer. Não posso deixar de sentir como todo este registo é vago. É uma reminiscência de uma prática de outrora quando se elaborava documentos escritos baseados em transmissões orais muito anteriores à fé em geral e da fé cristã em particular. Para receber uma clara mensagem de Deus, havia em 1917 muito mais receptores qualificados disponíveis do que três pequenos analfabetos no Portugal rural."

Louis e Graciete ouviram com atenção e agora Graciete diz: "O Alfredo pode ter razão, claro. Mas o misticismo tem o seu caracter místico, passa a redundância. Talvez a Santíssima Virgem e o Todo-Poderoso preferem aparecer frente a crianças imaculadas em vez de frente a teólogos ou intelectuais intérpretes."

Louis acrescenta: "Ou talvez a igreja ainda precisa deste tipo de

histórias porque continua a haver muitos dos seus líderes a não encontrar outra forma de apoiar e orientar quem acredita e valoriza essa fé em particular".

Louis não sabe das relações com as as Esferas Celestiais, do Padre Alfredo mas os contactos com nas Esferas Térreas parecem seguros. Ele sabe por exemplo da libertação de Célestin Freinet no final de 1941, embora obrigado à prisão domiciliária fora do seu departamento. Ele e a sua família estão em casa da mãe de Élise. Louis por sua vez fala dos contactos de Jean Mawet com Adolphe Ferrière. Graças a estes contactos, ele consegue publicar *Conseils aux Parents de Freinet* em capítulos na revista belga *Le Service Social*, da qual a Escola Normal é assinante.

As notícias acerca de Janusz Korczak não são nada boas. Há relatos bastante credíveis de logo no início da ocupação da Polónia, sabe o Padre Alfredo. Ele e todas as crianças dos seus orfanatos terão sido levados para o gueto de Varsóvia, para onde o ocupante alemão transferira coercivamente todos os polacos com ascendência judaica. Desde agosto de 1942, perdeu-se por completo o seu rastro, bem como das aproximadamente duzentas crianças e alguns de seus companheiros de trabalho mais próximos. Teme-se que todos terão sido levados para um campo de prisioneiros.

John fez 14 anos. Ele divide o tempo entre o *Atheneum* e as conversas de tarde no pátio da Escola Normal. De vez em quando jovens soldados alemães vêm arejar naquele pátio e com esses contatos ocasionais John aprendeu um pouco de

alemão, o suficiente para conversas simples. Alguns dos rapazes têm apenas mais cinco ou seis anos que John e um dos assuntos de conversa são os livros de Karl May. Um dos praças alemães recém-chegados refere ter sido obrigado a interromper os estudos para ser professor devido ao serviço militar obrigatório. Ele fala com John do tempo em que era aluno de Paul Geheeb. Ele também confidencia como o moral do exército alemão está baixo. Mesmo entre os oficiais, muitos estão fartos do ditador. Quando John repete essa conversa com o pai, Louis diz restar pouco das primeiras visões eufóricas em como a Alemanha se tornaria grande novamente graças aos seus líderes. Ouvindo as entrelinhas fica claro todos simplesmente quererem voltar para casa. Mesmo os oficiais de carreira falam das esposas e dos filhos e não da futura grande nação alemã, na qual já não conseguem acreditar.

A noite seguinte parece um momento surreal, Louis nunca soube como ou por quê. Aparentemente, o oficial residente não é de forma alguma um adepto do Nacional-Socialismo. Terá ele ouvido algumas palavras da conversa entre John e o ex-aluno de Paul Geheeb? O oficial diz a Louis também não ser soldado de carreira. Na vida civil era professor de línguas numa escola secundária. Ele conta como foi aos poucos persuadido durante a sua formação a participar nas atividades organizadas pelo *Sindicato Nacional Socialista dos Professores*, fundado e liderado por Hans Schemm. A revista *Nationalsozialistische Lehrerzeitung* discursava na altura sobre a visão nacional-socialista do mundo. Adquirir esta visão exigiria um desenvolvimento contínuo e apropriado, no qual as experiências tivessem que ser discutidas. O

interlocutor de Louis explica ter participado em duas excursões nas montanhas para frequentar um *Campo Nacional de Intercâmbio*. Este tipo de actividades, escrevia o *Lehrerzeitung,* iria perfilar a ação do Sindicato dos Professores como '*o esforço conjunto de todas as pessoas que se consideram ou querem ser consideradas professores ou educadores, independentemente da origem ou formação e tipo de instituição de ensino*'. Nos últimos dois anos dos seus estudos, o NSDAP designou este sindicato de professores como a única organização de professores do Estado. Estavam em tempos de plena euforia da Grande Alemanha e a maioria das pessoas nem sabia como por trás da hostilidade provocada contra certos grupos populacionais, incluindo judeus alemães, havia uma intenção de iniciar uma perseguição sem tréguas, resultando em trabalho forçado e morte. Não, aos olhos de muitos professores, os ideais nacional-socialistas pareciam ser uma boa base para melhores as condições de vida de todos, de acordo com o próprio sindicato, nove em cada dez professores alemães tornaram-se membros. Durante o seu primeiro ano como professor, lembra o oficial alemão, o sindicato então liderado pelo professor e oficial do partido NSDAP Fritz Wächtler foi absorvido no *Nationalsozialistischer Deutscher Dozentenbund* ainda ativo, assim sabe.

Poucos dias depois, Luís relata a conversa ao Padre Alfredo. Apenas na Áustria a associação teve menos adeptos, responde o padre. Aí um grupo de professores, incluindo o padre Heinrich Maier, fundou mesmo um núcleo de resistência contra o sistema social imposto pelo NSDAP. A origem do protesto residiu no facto de as questões de fé serem afectadas pelo Nacional-

Socialismo. As escolas católicas foram fechadas e os eventos religiosos proibidos em todas as escolas em geral. O programa passou a incluir treino político e físico, incluindo treino desportivo e paramilitar.

No início de setembro de 1944 tudo muda repentinamente. Os soldados alemães deixam Gent e a Escola Normal é parcialmente requisitada por sucessivos grupos de soldados canadenses. O exército alemão desaparece também de Koksijde. O jornal *Vooruit* do Partido Socialista publica, como o próprio jornal anuncia, a sua primeira edição livre no dia 7 de setembro. Os editores proprietários lembram terem parado de publicar no início da ocupação. A decisão não impediu um grupo de colaboradores com a ocupação alemã de usar o título *Vooruit* para a sua propaganda. No entanto, nesta edição, o Partido Socialista apela às pessoas para não cometer actos de destruição ou violência sem sentido em relação a traidores e colaboradores.

John troca alemão para inglês. Ele compreende logo que a vida no interior na América já nada tem a ver com as descrições de Karl May, se teve alguma vez. Um dos soldados canadenses confirma que Karl May nunca visitou as áreas onde localiza as histórias de Old Shatterhand e Winnetou. Hoje sabe-se do gosto do ditador Adolf Hitler de ler Karl May conta o mesmo soldado. Esta breve conversa fará pensar John mais tarde acerca das histórias heróicas e a sua influência na educação das crianças e dos jovens. Mas para já John coleciona nomes e endereços. Ele diz querer mais tarde corresponder com o mundo inteiro.

Louis é entretanto chamado para se apresentar em tribunal onde para justificar o fornecimento de carvão e alimentos à Escola Normal durante a ocupação podendo o acto ter beneficiado o ocupante alemão. Ele facilmente demonstra como para manter a Escola Normal a funcionar para os estudantes belgas ele precisava de carvão e de alimentos. Quando o fornecimento foi ameaçado, ele obteve carvão quase gratuito vindo da Alemanha para o aquecimento e os fornos de cozinha através de um estratagema. Ele tinha mandado desligar todas as caldeiras, cortando também o fornecimento de energia à parte da escola requisitada pelo ocupante alemão. O abastecimento de alimentos foi obtido nas mesmas condições, quase de graça, não beneficiando assim o ocupante mas de certa forma utilizando recursos previstos para o inimigo em benefício de jovens belgas.

Pelas mesmas razões, em 26 de janeiro de 1945, Lucien Souris é solicitado de fornecer informações sobre todas as suas ações contra o inimigo em maio de 1940 e sua atividade entre 28 de maio de 1940 e 1 de outubro de 1944.
Ele declara não ter participado em nenhuma actividade militar contra o ocupante após o 28 de Maio de 1940, mas ter tomado medidas civis e escreve: *'Tendo aceite a ordem de capitulação considerei, portanto, ter assumido o compromisso de cessar todas as actividades militares contra o inimigo até que uma autoridade regular decida o contrário, dando-me a ordem de pegar em armas novamente. Se, no entanto, a questão colocada também diz respeito à minha atitude na vida civil, posso responder afirmativamente. Nunca, desde 1940, duvidei da vitória final dos*

Aliados. Sempre proclamei em voz alta esta convicção e lutei contra a propaganda alemã. Insisti entre aqueles que me rodeavam para uma maior cautela quando eles, convencidos da vitória alemã, estavam muito dispostos a colaborar, especialmente a nível económico.
Nunca escondi o meu desprezo pelos colaboradores do inimigo, em particular pelos usurpadores de mandatos públicos (substitutos do burgomestre e dos vereadores da minha região). No domínio económico, não hesitei em sabotar a fábrica que dirigia, para evitar que produzisse a plena capacidade para o inimigo.'
Afirma ainda não ter enquanto soldado antecedentes criminais. No entanto, o seu registo criminal revela a reprimenda de 1923, quando designou um soldado sob o seu comando para passar a noite com a família em Oostende, comprar peixe fresco de manhã cedo na mina e levá-lo para Dendermonde. Quando o questionam sobre o assunto, ele responde não saber do seu arquivo pessoal nem possuir cópia do registo criminal. No entanto, afirma lembrar-se o seu superior ter falado com ele em 1923 e informar-lhe de uma reprimenda verbal, devido ao seu histórico de serviço. Não sabia, diz Lucien, que esta reprimenda estava registrado na sua ficha criminal. Com isso, o assunto parece estar resolvido.

Em 2 de maio, a edição parisiense da revista da defesa Americana *Stars and Stripes* informa do anuncio oficial da Rádio Hamburgo acerca da morte de Hitler. Lucien espera esta morte significar o fim efetivo da guerra. Espera também algum juízo dos Aliados. Terão aprendido o suficiente da guerra anterior para não exigirem indemnizações ultrajantes? A reconstrução

do pós-guerra pode ser organizada de uma forma mais construtiva? Talvez os investimentos anteriores à guerra desempenhem o seu papel, pensa ele.

Em 18 de julho, Lucien é convocado para se apresentar perante uma comissão militar de inquérito. É informado existir uma queixa contra ele devido às atividades das *Nouvelles Briqueteries Silico-calcaires de Coxyde* entre maio de 1940 e outubro de 1944. Ele pergunta de que crimes está a ser acusado. Aparentemente a queixa diz respeito a uma verificação adicional de uma investigação classificada sem consequências pelo promotor militar de Veurne.
A denúncia diz respeito aos resultados financeiros das *Briqueteries*. Lucien esclarece em 13 de agosto:

> *Referindo-me à minha declaração, durante a sua investigação do dia 5 deste ano, tenho a honra de enviar em anexo os balanços da S.A. Nouvelles Briqueteries Silico-Calcaires de Coxyde relativos aos anos de 1940 a 1945. Os anexos do Moniteur dos anos de 1944 e 1945 não me tendo ainda chegado, envio, relativamente a estes dois anos, os balanços de atividade em papel comum.*
>
> *Como na altura declarei, os lucros de 1942 vieram de operações imobiliárias, principalmente da venda de 6 hectares de terreno.*
>
> *A partir de 1943, o sector civil quase não recebeu materiais de construção, reservando o ocupante tudo para as suas próprias necessidades. Eu então, por iniciativa própria, decidi parar com a produção de tijolo; o perigo de bombardeamentos aéreos foi invocado para fazer ratificar a decisão pelo nosso Conselho de Administração.*

Envio também os resultados de 1945. Os resultados desfavoráveis deste ano, bem como os de 1944, resultam da minha gestão dos anos de guerra. Com efeito, durante a ocupação negligenciei propositadamente a realização de reparações e manutenção normal das máquinas, com o intuito de colocar as nossas instalações fora de pleno funcionamento para o ocupante caso houver requisição de fornecimentos.

Um mês e meio depois, Lucien é informado não haver motivo para sanções ou processos, pois conseguiu que durante toda a ocupação a fábrica produzisse apenas um décimo da sua capacidade em resultado das ações por ele tomadas. A sua principal preocupação durante a guerra foi os recursos para pagar aos trabalhadores sem haver produção.

Pouco depois, Lucien aceita incluir a lista supra-partidária *Interesses Municipais* para as eleições municipais de setembro de 1945. O programa inclui um grande número de obras de melhoria pós-guerra na área do urbanismo e do turismo. Prevê-se a criação de uma creche infantil, uma Caixa de Seguros a cargo do município e maior desenvolvimento do ensino municipal. Os eleitores são também avisados para não votarem numa especifica lista concorrente encabeçada por um candidato não autorizado para participar nas eleições por ter ficado privado dos seus direitos civis. A pessoa visada semeia então dúvidas na imprensa local fazendo distinção entre o direito de votar e o de ser candidato. Posteriormente o auditor militar explica ao presidente cessante que o homem em questão não está autorizado a participar nem como candidato nem como

eleitor devido às suas actividades de colaboração em tempo de guerra. A informação da lista *Interesses Municipais* está portanto correto. No entanto, a campanha contra esta lista não partidária continua com a intenção de difamar aos olhos da população qualquer pessoa com simpatias socialistas ou comunistas. Aparentemente funciona: o colaborador em questão é eleito. As eleições municipais são anuladas pelas autoridades superiores. Conservadores locais e ex-colaboradores mobilizam-se para reverter a anulação. Mas são obrigados a aceitar novas eleições e assim a lista *Interesses Municipais* ganha representação no Conselho Municipal. Como Lucien nunca pretendeu envolver-se activamente na política municipal, ele optara por ficar numa posição não elegível. Ele tem 54 anos e só quer concentrar-se no relançamento da fabrica depois de recuperar os edifícios parcialmente bombardeados no fim da guerra, agora sob o nome *N.V. Batiforvit Le Grès Cellulaire*.

Em 31 de dezembro, ele é finalmente dispensado de todas as obrigações militares com a patente de capitão-comandante.

Desenvolvimentos pós-guerra

No final da guerra, Jeanne tem 15 anos. A escola recomenda-a de se inscrever no departamento de línguas do ensino secundário superior do Ateneu. Ela teria preferido o departamento de matemática porque sonha em ser engenheira, mas é-lhe fortemente desaconselhada. Este tipo de profissão é menos adequado para mulheres, dizem os professores.
Em maio de 1945, ela sabe a história do desaparecimento do seu anterior professor de matemática, Honoré Houvenaghel durante a guerra. Ele trabalhava para a Resistência contra o ocupante. A polícia secreta descobriu-o. Ele foi preso e deportado para um campo de concentração onde morreu. Através do obituário ela descobre que o professor foi também vice-presidente da *Ligue de L'Enseignement*. Mais tarde falará sobre isso com John e o seu pai, quando surge Edward Peeters e a *Maatschappij tot 't Nut van 't Algemeen* numa conversa acerca da Escola Nova em Oostende.
No mesmo período, Louis sabe da morte de Janusz Korczak, desaparecido em 1942. Ele foi deportado para o campo de extermínio de Treblinka juntamente com as 200 crianças pelas quais se sentia responsável. Na chegada, todas as crianças e os seus supervisores foram imediatamente assassinados.

Lucien gradualmente volta a ter atenção para os progressos científicos. Ele mostra Jeanne uma declaração de Edwin Hubble. O cientista diz como a descoberta de Leavitt para medir distâncias com precisão a escala intergaláctica abriu caminho para a astronomia moderna e para a compreensão da estrutura e da escala do universo. A verificação da hipótese do universo

estar em expansão é resultado da pesquisa inovadora de Leavitt. Portanto, continua Hubble, Leavitt mereceria o Prémio Nobel por seu trabalho.

Jeanne e o pai também lêem as notícias acerca de Cécilia Payne-Gaposchkin. O trabalho dela é discutido em revistas académicas agora que ela está em Harvard, embora sendo mulher ela é durante muito tempo não autorizada a assumir o cargo de professora. Apenas pode continuar a fazer pesquisas mal remuneradas. Mas ela tornou-se notícia com a publicação de *The Stars of High Luminosity* em 1939 e *Variable Stars* um ano antes. Graças aos esforços de seu mentor Harlow Shapley, ela recebe o título de *Astrónoma* naquele ano. Payne então solicita a mudança de seu título para *Astrónoma Phillips*, posição permitindo-lhe ser *Oficial da Universidade*. Houve muita oposição masculina. Para obter a aprovação do título, Shapley envolveu-se novamente: o título não equivalia Payne-Gaposchkin ao estatuto de professor. Só mais tarde Shapley insiste em criar uma cátedra explícita para a *Professora Phillips de Astronomia* o que ela finalmente obtém. No entanto, os cursos por ela administrados só foram incluídos no catálogo da Universidade de Harvard depois de 1945.

Jeanne suspira. O mundo da ciência continua a ser um mundo muito fechado às mulheres. Correlaciona-se com a falta de ensino secundário completo tanto para rapazes como para raparigas. Fará o governo belga, agora menos católico, mais liberal e socialista, localmente algo em relação a esta situação? Aparentemente, os políticos estão mais preocupados em restaurar o equilíbrio entre o ensino católica e o laico. Em 1947,

o ministro Camille Huysmans é acusado na Câmara dos Representantes de criar escolas desnecessariamente. O ataque visa a rede laica de escolas do estado gratuitas para as famílias, e considerada concorrência desleal com o ensino não estatal, diga-se católico onde muitas vezes são cobradas elevadas taxas de inscrição. O governo católico que segue resolve a disputa concedendo às escolas não estatais um enorme aumento de subsídios tornando-as desta forma mais acessíveis a todos.
Em 1948 o governo belga ainda prevê reformas para garantir um melhor fluxo do ensino primário para o secundário e do secundário para o superior. Isto, diz-se, inclui também ensino mais adequado para as raparigas. Jeanne está a iniciar o último ano do ensino secundário e questiona o significado dessas palavras. Querem mais progressão de alunas para as ciências ou antes mais escolas secundárias separadas para as meninas? Para já ela própria continuará em línguas se passar a prova de ingresso para a universidade. Entretanto, ela aprecia muito as aulas de matemática do jovem professor Monstrey, bem como do seu humor algo sarcástico. Recentemente, quando discutiam as guerras e as descobertas científicas, ele disse: "*a primeira grande guerra deste século foi para a química, a segunda foi para a física, a terceira será para a biologia*".

Em 9 de maio de 1948, a família Hofstadter está na festa de comunhão solene de uma sobrinha em Dendermonde. É apenas uma boa oportunidade para juntar as famílias, porque, tal como Lucien e as filhas, Charlotte também cortou os seus laços com a igreja. Depois da guerra, os menus são mais simples do que

antes. Contudo, o cardápio continua a referir alguns pratos conhecidos: *Sopa de Condessa* (em vez de creme da Rainha), *Saveiros de prata* (em vez de hors d'oeuvres variadas), *Linguado* (em vez de pregado) com *Molho Normandia*, *Frango de Bruxelas com batatas fritas, alface e maionese*, Sorvete de amêndoa, fruta, sobremesa e café. O cardápio está inteiramente em flamengo.

Lucien pensa como a memória das pessoas é curta. Em 1949 parece que a guerra acabou há imenso muito tempo. Novos conflitos surgem. Os aparelhos militares justificam logo a formação de blocos de aliança, a começar pela NATO no ocidente, invocando o perigo vindo da União Soviética.

Entretanto foi informado há uns meses atrás de mais uma condecoração. Devido à antiguidade como oficial da reserva, recebe a Cruz de Oficial da Ordem da Coroa e da Ordem de Leopoldo com efeitos a partir de Novembro de 1940 e Abril de 1941 respectivamente. Os marinheiros que estiveram em conflitos de guerra reais contra os submarinos alemães com chalupas e barcos armados, tanto em 1914-1918 como em 1940-1944 solicitaram entretanto o estatuto de veteranos. Não recebem qualquer satisfação. A falácia é muita. Os pescadores nunca prestaram juramento, as leis militares nem nunca lhes foram lidas, eles não fizeram mais do que exercer a sua profissão, embora em circunstâncias mais difíceis do que o normal, etc.. Um pouco de reconhecimento seria apropriado, pensa o filho de um ex-maquinista de barcos.

Mathieu Corman reaparece em Oostende com novas provocações. Coloca na vitrine livros para causar mau humor tanto à esquerda quanto à direita. Durante a guerra, ele tentou

em vão tornar-se pára-quedista do exército inglês para ser largado na Bélgica. Ele próprio diz não ter conseguido porque os serviços secretos belga se opuseram à sua participação activa. Suspeitava-se ele ser membro do partido comunista e por isso passou a guerra em Londres fazendo trabalho de secretariado. Conhecendo um pouco da resistência durante os anos de guerra, Lucien ouve a história com um sorriso.

O que o faz sorrir menos é o rumo levado pelo N.V. *Oostendsche Rederij*. Cada vez menos parece uma empresa saída da ação socialista. Segundo afirmação público dos administradores a frota nunca teve vínculo com um partido. A atitude de muitos dirigentes do próprio partido socialista também o perturba. Para Lucien a política tornou-se um jogo oportunista e o partido está cada vez menos ao serviço de quem defende verdadeiramente o trabalho cooperativo e a ajuda mútua. As suas críticas levam a envergonhar sua filha Jeanne certo dia, durante um passeio no paredão ao longo do mar. Quando um líder do partido socialista local o cumprimenta com *'Ah Lucien, como vais?'*, ele vira-se para a filha e pergunta *'Tu sabes quem é o senhor que está a falar comigo?'* Ela não sabe como responder e depois de um pequeno aceno de cabeça para quem abordou o pai, eles afastam-se.

A Bélgica é reino sem rei há quase dez anos. O príncipe Karel, irmão de Leopold III, foi nomeado regente desde o fim da guerra. Entretanto o debate continua em torno da questão se o rei recuperará os seus direitos constitucionais. Quase cinco anos passaram com tentativas fracassadas para fazer um acordo entre o rei e os partidos políticos sobre as condições para o seu regresso. Discute-se as suas decisões tomadas no início da

guerra. Para Lucien, os políticos no poder querem semear a agitação e a divisão e o fim da história poderá bem ser a permanência do regente no cargo. Estará errado desta vez mas porque a divisão semeada quase conduze a um conflito armado.

Depois das conversas com Jeanne sobre o mundo da ciência misógina, Lucien lê mais acerca de Harlow Shapley quando o seu nome aparecer em jornais ou revistas. E não é difícil saber porque. Nos Estados Unidos cresce rapidamente a desconfiança em relação a qualquer pessoa criticando Presidente Truman. Veja-se o caso do *Comité de Cidadãos Independentes das Artes, Ciências e Profissões*, do qual muitos antigos apoiantes de Roosevelt são membros. Trata-se de um grupo muito diverso de indivíduos do mundo artístico e científico. Entre outras coisas eles defendem a paz sustentável e fazem perguntas críticas acerca da bomba atómica. Também ouvem-se observações em relação à implícita aceitação de Truman da discriminação racial e das políticas anti-sindicais. Em novembro de 1946, Harlow Shapley é convocado pelo *Comité de Atividades Anti-americanas da Câmara de Representantes* por ser membro do conselho do *Comité de Cidadãos* em Massachusetts. Ele acusa o *Comité da Câmara* de métodos de tortura lembrando a polícia militar alemã. Acusa o radicalismo político deste comité ameaçando assim transformar cidadãos em cobardes. Nos últimos meses, Harlow Shapley volta a aparecer nas notícias. Ele preside uma *Conferência para a Paz Mundial*, considerada uma atividade dominado pela Rússia.

Lucien tem a certeza que coisas más acontecem na Rússia de Stalin. Há pouca tolerância para quem pensa de forma diferente.

Ele lembra-se dos episódios dos comunistas não-ortodoxos marginalizados ou presos. Ele também sabe como nalguns partidos comunistas europeus os membros indesejados pela liderança são assediados, excluídos ou mortos.
Mas, de momento, Lucien não tem muito tempo para conversar com seus amigos acerca da arrogância pós-guerra de quem exerce o poder. Em 22 de julho de 1949, ele recebe uma patente nacional para uma invenção sua descrita como '*processo de fabricação de pedra leve com estrutura porosa e celular*'. Dedica todo o seu tempo a feiras de construção nacionais e internacionais em busca de expandir a patente para a união aduaneira entre a União Belga-Luxemburguesa e os Países Baixos, mas também para os países do Sul da Europa e do Norte de África, onde as propriedades isolantes da pedra oferecem grande benefícios.

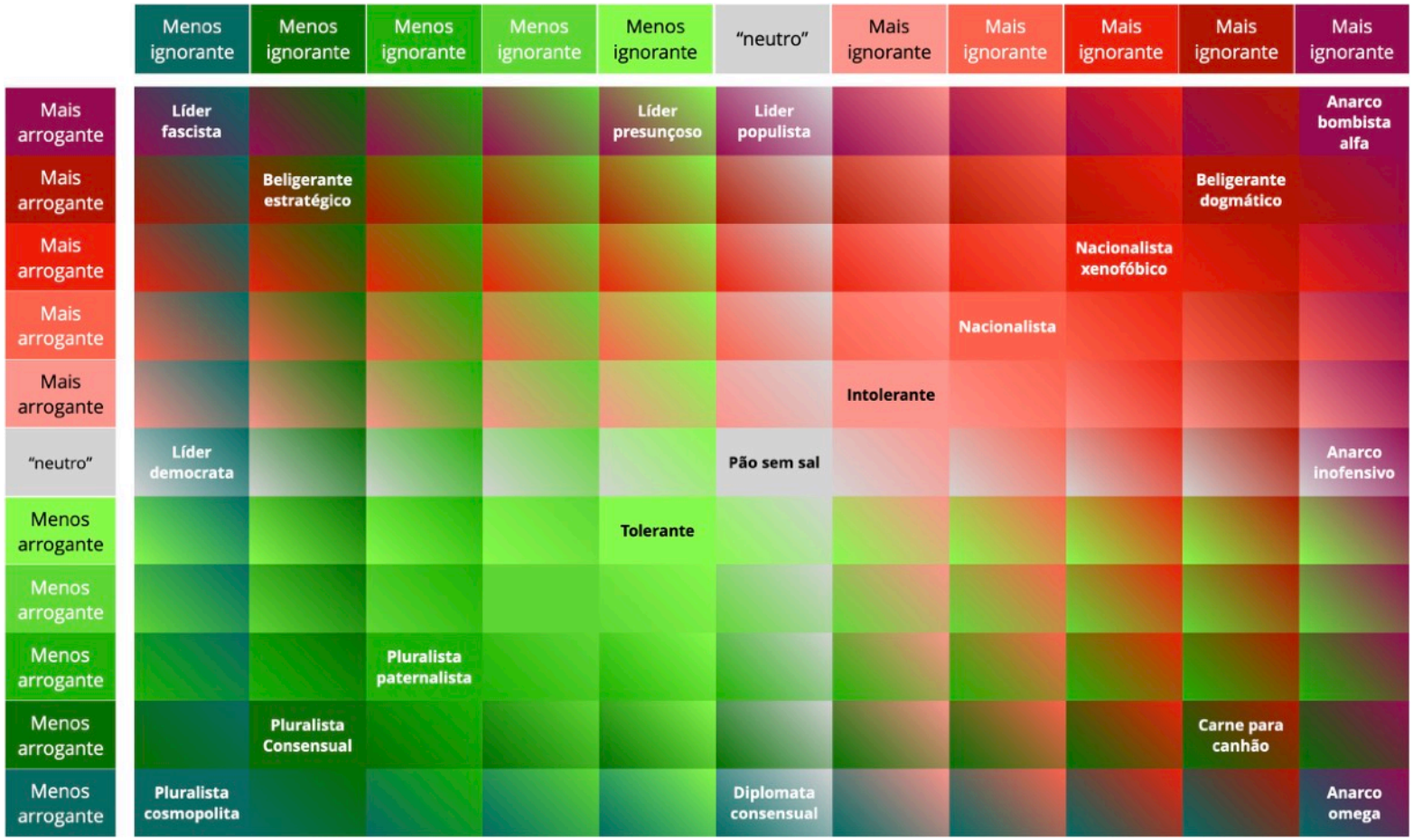
Segundo Louis a arrogância intolerante não é apenas uma característica de determinados líderes religiosos ou de governo, mas também de alguns líderes de estruturas partidárias tanto de direita como de esquerda, quando ouve falar dos últimos desenvolvimentos em França envolvendo Célestin Freinet. A filial francesa da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle*, o *Groupe Français d'Éducation Nouvelle*, é controlada por militantes comunistas. Já em 1943 aumentara a tensão entre o partido comunista e Freinet. Em 1946, Freinet deixa o grupo da *educação nova* acusando-o de ser demasiado académico e não prestar atenção suficiente ao que dizem os professores a partir da sua prática em sala de aula. Pouco depois ele é expulso do partido comunista. A sua escola recebe reconhecimento pelo

Estado e os professores estão inscritos na folha de pagamento de funcionários públicos. Freinet propõe aos membros da *Cooperativa de l'Enseignement Laique* de considerar a cooperativa como uma ampla plataforma de discussão fornecendo apoio logístico para a correspondência entre professores e entre turmas, para a obter impressoras e para a produção de materiais de apoio aos projetos infantis. Em 1948 decide renomear a *Cooperativa* primeiro para *Institut de l'École Moderne*, pouco depois para *Institut Cooperatif de l'École Moderne*. Louis lê com atenção o pequeno livro *Naissance d'une pedagogie popular,* escrito por Élise Freinet e agora publicado.
Perto de Paris, Fernand Oury estuda cuidadosamente o trabalho de Célestin Freinet depois de algumas tentativas frustradas de sobreviver primeiro como professor auxiliar de ensino primário e agora como professor de ensino primário nas escolas dos subúrbios da capital. Ele escreve uma carta entusiasmada para Célestin Freinet e inicia a sua própria prática cooperativa com os alunos.

Em outubro de 1949, Jeanne Souris vai para Gent. Ela inicia o primeiro ano de candidatura para línguas românicas. Pela segunda vez constrói-se um pequeno círculo de amigas e amigos com quem passa muito tempo. Logo ela tem rapidamente sítios onde passar a noite.
Entretanto John repete o primeiro ano de medicina. Continuará a não ter sucesso, tem quase a certeza. Mas permanecendo na universidade, ele pode concentrar-se no seu novo passa-tempo. Fez-se sócio do *aeroclube da universidade* e falta pouco para obter a licença para pilotar à vista aviões monomotores. O

aeroclube e os passeios de bicicleta com os amigos ocupam-lhe bem mais tempo do que as aulas no anfiteatro da faculdade de medicina.

Fim do livro 07


Menos ignorante
Menos ignorante
Menos ignorante
Menos ignorante
Menos ignorante
"neutro"
Mais ignorante
Mais ignorante
Mais ignorante
Mais ignorante
Mais ignorante
Mais arrogante
Líder fascista
Líder presunçoso
Lider populista
Anarco bombista alfa
Mais arrogante
Beligerante estratégico
Beligerante dogmático
Mais arrogante
Nacionalista xenofóbico
Mais arrogante
Nacionalista
Mais arrogante
Intolerante
"neutro"
Líder democrata
Pão sem sal
Anarco inofensivo
Menos arrogante
Tolerante
Menos arrogante
Menos arrogante
Pluralista paternalista
Menos arrogante
Pluralista Consensual
Carne para canhão
Menos arrogante
Pluralista cosmopolita
Diplomata consensual
Anarco omega

Uma carta estranha

Caro Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Tempos de chumbo foi escrito por quatro colaboradores da saga. O tema de pesquisa de Binh Pham é comunicação e desinformação de uma perspectiva histórica. Babitha estuda como historiadora a relação opressor-oprimido. O interesse de Sayen está na aprendizagem dialógica e na orientação dos processos de aprendizagem de crianças pequenas. Zanaibu investiga como a presença de formas de pensar xenófobas e fascistas na sociedade hierárquica e atua como um agente vinculativo para as comunidades locais .

Este sétimo episódio da saga conta as novas aventuras de Jeanne Teacher, o filho Louis Demeester e o neto John com a *Éducation Nouvelle* e a *Escuela Moderna* no fundo.

Estamos na primeira metade do hectano 119, que é dominado por duas grandes guerras, portanto são verdadeiros *Tempos de Chumbo*. Acompanhamos a influência dessas guerras na vida dos habitantes da antiga Bélgica e da Europa Ocidental através das aventuras de Lucien Souris, pai de Jeanne Souris.

Jeanne cresceu em Koksijde, John em Gent, duas cidades do Reino da Bélgica. Ambos passam a adolescência sob a ocupação de um exército estrangeiro, sem terem grande consciência do que está acontecendo ao seu redor.